

OFÍCIO • 02 JAN. 1942 • AHI 28/2/7

[Índice:] Mês político n. 1.

N. 3

Embaixada dos Estados Unidos do Brasil

Londres, 2 de janeiro de 1942.

A Sua Excelência o Senhor Secretário de Estado das Relações Exteriores, o embaixador do Brasil em Londres apresenta seus respeitosos cumprimentos e tem a honra de enviar de enviar, em anexo, o relatório político n. 1, relativo ao mês de dezembro de 1941.

[Anexo]

Mês Político n. 1

Afinal Hitler logrou alistar ao Eixo a assistência de um aliado possuidor de uma marinha poderosa. Para realizar o seu sonho de dominação mundial, ele precisava firmar sua supremacia não só em terra e no ar como, em face da superioridade marítima dos seus inimigos, no mar. Só com o Japão a seu lado poderia fazê-lo, uma vez que a pressão que vem exercendo sobre a França não lhe deu ainda a esquadra francesa. Para isso, Hitler teria oferecido ao Japão o controle da Oceania ou outro engodo equivalente. A entrada do Japão na guerra acarretou a dos Estados Unidos ao lado da Inglaterra e como o ato de declaração de guerra foi deliberado, evidentemente Hitler o fez em virtude de acordo com o Japão. De outro modo, ele teria induzido os japoneses a só agredirem a Inglaterra, na esperança de que os Estados Unidos continuassem à margem.

Terminou o ano de 1941. Apesar dos golpes rudes que os japoneses infringiram à marinha e às bases avançadas da Grã-Bretanha no oriente, a situação é, sem dúvida, mais favorável que há um ano atrás [*sic*], o novo ano foi acolhido com mais confiança que o precedente.

A Grã-Bretanha tem agora dois poderosos aliados na Rússia e nos Estados Unidos, quando o ano passado ela estava sozinha. Considerada a guerra globalmente, pode-se dizer que a resistência britânica em 1940 forçou a Alemanha a voltar-se para o oriente. A

resistência russa em 1941 obrigou a Alemanha a retroceder e a apelar para a Marinha e o Exército japoneses. A Inglaterra só pode ser batida no oceano. Para conquistar a colaboração do Japão ao Eixo, Hitler forçou Vichy a ceder-lhe a Indochina, o que colocou a península malaia dentro da esfera da ação japonesa. A 7 de dezembro, o Japão desferiu o golpe de surpresa, que lhes conferiu grandes vantagens iniciais. A diversão era necessária para desviar a atenção pública alemã dos recentes desastres na frente russa. A demissão do Brauchitsch visa atirar-lhe sobre os ombros a responsabilidade do fracasso. Hitler assumiu a direção suprema dos exércitos e ganha assim tempo. Ele manterá a defensiva durante o inverno, que aproveitará para refazer os seus quadros e repousar as suas tropas para uma futura operação, na primavera, quando atacará o Cáucaso, a Turquia ora quiçá a própria Inglaterra. Esta última alternativa dependendo do dano que o Japão possa infligir à esquadra e à marinha mercante britânicas.

A perda dos couraçados *Price of Wales* e *Repulse* demonstraram quão leviano e desprevenido foi o comando britânico ao expô-los sem proteção aérea.

Na Malásia, nem sequer os aeródromos estavam bem defendidos por forças terrestres, como se viu no ataque a Kota-Bahru. Hong Kong não era a fortaleza inexpugnável como a ela se referiram não só o alto comando como também a imprensa. Na verdade, esses encontros vieram demonstrar que as lições da guerra ainda não foram aprendidas pelos chefes responsáveis.

Churchill e em seguida Roosevelt confessaram francamente a gravidade da situação. Atribuíram-na à surpresa e à traição japonesas. Até agora as duas marinhas não puderam reagir ao golpe desferido em Pearl Harbour e na costa da Malásia. Hong Kong rendeu-se a 25. Os desembarques japoneses em Penang e nas Filipinas continuam desimpedidos e o avanço dessas tropas sobre os seus objetivos prossegue vitorioso enquanto se retiram os exércitos imperial e americano.

O governo será obrigado pelo país e pelo Parlamento a tomar mais a sério a guerra no oriente. É provável que agora se concretize o clamor pela formação de um Gabinete Imperial de Guerra. A Austrália e a Nova Zelândia, diretamente ameaçadas, deram vazão ao seu alarme. Daí o entendimento entre os governos da Austrália e dos Estados Unidos, que equivale a uma aproximação entre esses dois países, fora do quadro do Império. A 19 foi constituído um Conselho de Estado em Cingapura, como senhor Duff-Cooper, ministro-residente, representando o War Cabinet.

A 22 foi anunciada a chegada de Churchill a Washington, notícia mantida em segredo desde o dia 15, data em que efetivamente partiu. Ele foi tratar da unidade de ação entre os comandos aliados, coincidindo com a presença do secretário de Estado Eden em Moscou, para o mesmo objetivo.

Diz-se que a principal razão da viagem do primeiro-ministro foi assegurar à guerra na Europa a manutenção do esforço industrial-bélico dos Estados Unidos, tratar de convencer o presidente e governo americanos que o inimigo número um é e continuará a ser a Alemanha. Parece vitorioso o seu objetivo. Os Estados Unidos continuarão a suprir as necessidades dos Aliados na Europa, mantendo a sua promessa de ser o arsenal das democracias, a despeito das novas exigências que a agressão japonesa veio trazer à sua sobrecarregada capacidade industrial.

No dia 28 Churchill falou na Câmara dos Representantes, em Washington, uma quebra dos precedentes, e que marcará na história das relações anglo-americanas. Churchill lembrou com notável franqueza aos congressistas americanos que se a Inglaterra e os Estados Unidos tivessem agido de concerto e mantido uma frente única depois da guerra passada, a renovação da tragédia teria sido evitada agora, repetindo o que já dissera Roosevelt poucos dias antes ao povo americano, que nenhuma nação pode viver em isolamento. Comentando esse discurso, o *Times* disse que a Grã-Bretanha aprendera essa dura lição para não esquecer tão cedo e a Rússia fez a mesma experiência este ano. A paz não pode ser mantida, nem a prosperidade reconquistada, continua o editorialista, mediante ações isoladas. A colaboração, portanto, dos Estados Unidos, dos soviéticos e da Grã-Bretanha é a única garantia de que a ameaça do Eixo contra a civilização será desta vez contida, e a sua continuação, depois da guerra é a única esperança de sua reconstrução sobre bases de justiça e liberdade.

A batalha da Líbia está tendo afinal o êxito com que no princípio se contava. Não só o porta-voz militar no Cairo, como o primeiro-ministro, a 21 de novembro, fizeram declarações de um tal otimismo que se esperava aqui uma vitória sensacional e rápida, que eliminasse todas as forças do general Rommel e as italianas na Cirenaica, o que não aconteceu. Durante duas semanas feriram-se combates violentos e indecisos na região da fronteira. [Na] verdade esse otimismo não foi justificado pela qualidade dos *tanks* americanos, cujo armamento não era de ordem a enfrentar certos tipos de *tanks* alemães de armamento mais pesado. Foi substituído um dos Cunningham pelo general Ritchie e o general Auchinleck teve que intervir pessoalmente. Em todo o caso, uma grande parte das

três divisões com que começou a batalha foi destruída e é provável que o pouco que escape ao cerco dos britânicos não seja para inquietar.

A 11 de dezembro Churchill, no Parlamento, empregou linguagem mais sóbria ao fazer a sua declaração sobre o progresso dessa batalha.

A grande significação da vitória britânica é que veio ajudar a Rússia, pondo um fim à lenda da invencibilidade alemã.

A 7 de dezembro a Grã-Bretanha declarou guerra à Finlândia, à Hungria e a Romênia. O Foreign Office postergou o mais que pôde esse passo pedido pelos russos, na esperança de que os americanos conseguiram mediar entre a Finlândia e a Rússia. Tal política do Foreign Office dilatória tem sido objeto de censura na imprensa, que já se manifestara a propósito das legações alemã e italiana em Teerã, retiradas só depois de alguns dias de ocupação. Em consequência, está havendo maior vigilância por parte da Casa dos Comuns nas atividades do Foreign Office.

No seu discurso perante o Congresso, o senhor Salazar expôs sucintamente o que ocorreu no Timor português, por ocasião da ocupação preventiva de Dili por tropas australianas e holandesas.

Já em ofício tive ocasião de relatar as razões alegadas pelo governo britânico para tomar essa iniciativa que ele julgou indispensável ante às ameaças que se desenhavam de um eventual ataque japonês nesse ponto estratégico para uma invasão da Austrália. Já em novembro, o governo português havia concedido a uma companhia e navegação aérea japonesa o direito de estabelecer uma linha ligando essa ilha à rede japonesa do Pacífico. A guarnição portuguesa na ilha não passava de uns poucos oficiais e cerca de sessenta homens. A experiência anterior da Grã-Bretanha, respeitosa até agora da neutralidade dos pequenos países, só lhe ocasionara desastre sobre desastre, no norte da Europa como nos Balcãs; o governo português, por outro lado, estava em situação embaraçosa para ir mais longe do que assentara com os dois governos britânico e holandês – isto é, de apelar para a ajuda militar das forças destes países, quando esta já seria tardia, para a hipótese de verificar-se a agressão. Nestas condições é explicável que Londres não hesitasse em ultrapassar as bases do entendimento chegado com Lisboa a 12 de dezembro. A 17 de dezembro, portanto, procedeu ao desembarque de tropas, dando nessa ocasião a segurança de que as mesmas seriam evacuadas logo que o perigo desaparecesse.

O governo português não se conformou com essa decisão unilateral. Protestou com veemência contra o desrespeito à sua soberania e aos termos do acordo recém-

entabulado. Tal é o ressentimento demonstrado pelo governo, como pelo povo, que se teme que o embaixador português seja retirado de Londres.

Os alemães estão exercendo forte pressão para que Portugal rompa com a Grã-Bretanha, ao que o senhor Salazar estaria opondo resistência, esperando achar uma saída amigável que resolva o passo difícil.

Diz-se em Londres, e o pessoal da embaixada portuguesa confirma a versão, que se a Alemanha invadir a península ibérica, Portugal não podendo oferecer resistência, seu governo se refugiará nos Açores ou na África, caso os norte-americanos, do seu lado, decidam ocupar aquele arquipélago.

A estada do senhor Eden em Moscou coincidiu com as vitórias do Exército Vermelho sobre forças invasoras, numa ofensiva que prossegue animadora.

Não se sabe ao certo quais as medidas militares que foram assentadas em comum durante as conferências de Eden e seus peritos com Stalin, Molotov e outros membros do governo russo, mas não há dúvida que eles abordaram todos os problemas da guerra, consolidando a coalisão, de que falou Stalin há dois meses, dos Estados Unidos, Rússia e Grã-Bretanha. A principal preocupação desses homens de Estado deve ter sido a defesa eficaz do Cáucaso, não só pela importância dos poços de petróleo, como pela sua posição estratégica como porta de acesso para o médio oriente. Não é exato que a Rússia tenha feito exigências à Turquia a respeito dos Dardanelos. Tanto ela como a Grã-Bretanha aprovam a atitude diplomática que a Turquia vem adotando na guerra, respeitosa dos seus compromissos internacionais.

Tão pouco tem fundamento os boatos lançados pela mesma propaganda alemã de que os soviets venham exercendo pressão para que assine o tratado, em negociações, com aquele país de um lado e com a Grã-Bretanha do outro. Enquanto funcionam satisfatoriamente os presentes arranjos para a passagem de suprimentos à Rússia através da estrada de ferro transiraniana, nem um nem outro país precisam preocupar-se com a demora na assinatura do tratado de aliança.

Não há indicação de que os ingleses tenham procurado induzir o governo russo a dividir seus esforços para atacar o Japão. Entretanto, não é improvável que se a Rússia se sentir suficientemente forte na frente ocidental, ela se anime a atacar com a sua aviação as ilhas japonesas.

Evidentemente a Grã-Bretanha não contava com o ataque simultâneo japonês contra as suas possessões no Pacífico e as dos Estados Unidos. Há quem critique o sacrifício feito em Hong Kong, durante 18 dias, dos seis batalhões que constituíam a guarnição daquela ilha.

Foi um otimismo fácil o que predominava em certas rodas de que Hong Kong era uma segunda Tobruk. A situação era bem diferente. Não tinham os ingleses lá o comando dos mares para reforçar a defesa. O Japão tirou todo o partido das novas bases que conquistara previamente na Indochina e no Sião para invadir a Malásia, bem como da deficiência britânica no ar, de que resultou o desastre naval na costa malaia. Em face dessa inferioridade, já não se pode considerar a posição em Cingapura como inviolável, só porque a Marinha está ali em força suficiente. Será necessário que se a reforce imediatamente com aviões de caça, cuja falta tanto se tem feito sentir. O Japão há de efetuar um esforço supremo para conquistar essa chave da defesa britânica, pois, sem se apoderar dela e enquanto as bases navais holandesas, de onde submarinos e aviões têm eficazmente intervindo [*sic*] na ação, estiverem à disposição dos Aliados, todas as suas conquistas serão precárias.

Deu muito que falar aqui e nos Estados Unidos a ação do almirante Musellier ao apoderar-se das ilhas francesas de St. Pierre e Miquelon ao largo do Canadá.

Não é certo que para os ingleses tivesse sido uma surpresa. O general de Gaulle havia informado o governo britânico do que pretendia fazer, contando como contava com a maioria da população dessas ilhas, que o plebiscito veio confirmar. Parece que os ingleses desaconselharam-no a fazer, já visto terem os Estados Unidos obtido certas concessões do governo de Vichy quanto ao serviço meteorológico situado nessas ilhas.

De Gaulle, porém, não julgou que devesse sacrificar a sua decisão independente a esses escrúpulos.

Como não conviesse aos americanos expor as suas boas relações com Vichy, apoiando a ação dos franceses livres, relações que eles reputam vantajosas para ajudar os franceses a resistirem à pressão alemã, deram demonstrações de desagrado, mas que ficarão prudentemente nisso, aceitando o fato consumado. Ficou, aliás, provada, depois da ocupação, a participação da poderosa estação de rádio no serviço de informações aos submarinos alemães.

OFÍCIO • 02 JAN. 1942 • AHI 28/2/7

[Índice:] Mês econômico n. 2. Dezembro de 1941.

N. 4

Embaixada dos Estados Unidos do Brasil

Londres, 2 de janeiro de 1942.

A Sua Excelência o Senhor Ministro de Estado das Relações Exteriores do Brasil em Londres apresenta respeitosos cumprimentos e tem a honra de remeter, em anexo, o relatório econômico n. 12, relativo ao mês de dezembro de 1941, feito pelos Serviços Comerciais desta embaixada.

[Anexo]

N. 12

Mês econômico de dezembro de 1941.

(Pelos Serviços Comerciais da embaixada)

Um indício da repercussão dos acontecimentos bélicos do Extremo Oriente foi a proibição, determinada pelo ministro de Abastecimento, *lord* Baverbrook, da venda de pneumáticos novos, por dois meses, a partir de 13 de dezembro. Depois desse prazo, o artigo será submetido ao regime de licenças. Foram excetuados dessa proibição os pneumáticos para aeroplanos, para veículos do serviço público ou de transporte de mercadorias e para bicicletas, assim como os maciços (sem câmara de ar) e os destinados a carros especiais para inválidos. A partir do dia 12 de dezembro, foram subordinadas ao regime de licenças as vendas de borracha bruta, inclusive látex líquido.

2. O International Rubber Regulation Committee resolveu, em reunião do dia 2 de dezembro, que a quota de exportação de borracha, para o 1º trimestre de 1942, será de 120% da produção *standard*. Essa quota é a mesma fixada para o 4º trimestre de 1941. Durante os três trimestres terminados em 30 de setembro último, a quota foi de 100% da produção *standard*. A média em 1941 foi de 105%, contra 83 ¾% em 1940. Essa decisão,

já se vê, desde aquela data, tornou-se em grande parte sem efeito, em vista da ocupação pelos japoneses de extensas e importantes regiões produtoras de borracha da Malásia.

3. Segundo os jornais desta capital, o International Rubber Regulation Committee decidiu não permitir novas plantações de borracha, durante o resto da vigência do presente acordo regulando a produção dessa matéria, o qual expirará em fins de 1943. Essa medida não afastará, por muitos anos, a quantidade do artigo disponível, já que as árvores comuns só começam a produzir borracha cinco ou seis anos depois de plantadas. Com relação às árvores enxertadas, pelo menos oito anos devem transcorrer entre a época da plantação e a da produção. A providência adotada tem por fim regular o suprimento de borracha após a guerra, quando a procura será menor.

4. O Cotton Board anunciou a 5 de dezembro que ia ser adotada uma nova base para a compra de algodão dentro do país e a colocação das respectivas manufaturas do estrangeiro, de acordo com o esquema de defesa e orientação das exportações, para o período a começar em 1º de janeiro de 1942. Os interessados seriam notificados dos necessários detalhe até 29 de dezembro. As quotas relativas aos tecidos e fios para os mercados estrangeiros acessíveis seriam calculadas com base de 50% do volume naquele momento. Os restantes 50% seriam guardados em reserva, a fim de que as autoridades pudessem resolver sobre a conveniência de modificar, ou não, essa orientação, tendo em vista o desenvolvimento da situação.

5. Estando por findar o prazo de vigência do acordo internacional sobre estanho, o International Tin Committee, segundo a imprensa desta capital, submeteu aos delegados dos países interessados um projeto de novo ajuste regulando o controle do produto por mais cinco anos, a partir de 1º de janeiro de 1942, e determinando as respectivas tonelagens básicas. O Sião rejeitou a tonelagem que lhe foi atribuída, não aceitando também o texto proposto. Os seus delegados fizeram, por isso, propostas alternativas. Os outros países signatários, com exceção da Indochina, que está virtualmente sob o controle do Japão e não se faz representar, aceitaram as tonelagens sugeridas e os termos do projeto. O comitê recomendou a estes últimos países (Bolívia, Congo belga, Índias orientais neerlandesas, Nigéria e Malásia) que o controle seja feito de acordo com o novo ajuste, ainda mesmo que o Sião não possa definitivamente aceitá-lo. Também, com relação a esse produto, a entrada do Japão na guerra e os acontecimentos bélicos na Malásia, uma das regiões produtoras mais importantes do mundo, anularam em boa parte as decisões tomadas pela organização internacional.

6. O Board of Trade expediu uma ordem, que entrou em vigor a 3 de dezembro, estabelecendo o sistema de licenças de exportação para as mercadorias destinadas aos seguintes territórios: Bornéu setentrional britânico, Nova Guiné, Índias orientais neerlandesas, Filipinas, Timos português, Sarawak, Sião e as pequenas ilhas do Pacífico tropical.

7. O Ministério da Alimentação resolveu estabelecer um esquema para regular a importação e distribuição do café e manter os preços em vigor no comércio retalhista. De acordo com esse esquema, que entrou em vigor no dia 1º de janeiro de 1942, a distribuição será feita por intermédio dos importadores regulares, negociantes registrados e atacadista, de antes da guerra.

8. O custo de vida, em 1º de dezembro, foi calculado em 101% acima do nível de julho de 1914. Em relação ao mês de novembro, houve um aumento de um ponto, devido a ligeira elevação nos preços de roupas, carvão (em alguns distritos) e utensílios domésticos. No tocante aos gêneros alimentícios, o número índice de dezembro não sofreu alteração em relação ao de novembro, mantendo-se em 65% acima do nível de 1914.

v

TELEGRAMA • 05 JAN. 1942 • AHI 30/1/2

Índice: Proteção de interesses italianos. Assistência médica a prisioneiros na Grã-Bretanha.

Secretaria de Estado das Relações Exteriores
À Embaixada em Londres

02 – 5 JANEIRO 1942 – Governo italiano pede que as autoridades britânicas distribuam, de modo mais conveniente, os médicos italianos nos campos de concentração, de prisioneiros de guerra na Grã-Bretanha. Deseja também conseguir desse governo a formação de comissões mistas, compostas de médicos ingleses e italianos, para visitar os prisioneiros atacados de tuberculose. EXTERIORES

v

TELEGRAMA • 05 JAN. 1942 • AHI 30/1/2

Índice: Proteção de interesses italianos na Austrália e no Canadá.

RESERVADO

Secretaria de Estado das Relações Exteriores
À Embaixada em Londres

04 – 5 JANEIRO 1942 – Resposta ao seu telegrama n. 515. Com a instalação do consulado em Sydney, passamos automaticamente a zelar pelos interesses italianos na Austrália. Os no Canadá foram confiados à Argentina.¹ EXTERIORES

v

TELEGRAMA • 06 JAN. 1942 • AHI 29/5/5

Índice: Proteção de interesses italianos. Comissão médica na Índia.

Embaixada em Londres
À Secretaria de Estado das Relações Exteriores

2 – TERÇA-FEIRA – 11h.45 – Com referência ao meu telegrama n.527, o governo britânico insiste por uma resposta. Como se trata de interesse dos próprios prisioneiros italianos, o governo britânico, caso não venha resposta até meados do mês, considerará o silêncio do governo italiano como sua aprovação. MONIZ DE ARAGÃO

v

OFÍCIO • 06 JAN. 1942 • AHI 28/2/7

[Índice:] A França livre e os Estados Unidos.

¹ Intervenção à caneta final do parágrafo: “Nossa intenção é exonerarmo-nos breve daquele encargo”.

Embaixada dos Estados Unidos do Brasil

Londres, 6 de janeiro de 1942.

Senhor Ministro,

A questão das relações entre o governo dos Estados Unidos e o Comitê Nacional da França Livre foi examinada no decurso de uma reunião ontem realizada sob a presidência do general de Gaulle.

2. Por motivo desse fato, o senhor Dejean, comissário nacional dos Negócios Estrangeiros, forneceu à imprensa londrina um comunicado, declarando que o Comitê Nacional tinha recebido com simpatia a declaração feita em Washington pelas 26 potências relativa à cooperação para o desenvolvimento do esforço comum na atual guerra.

3. O general de Gaulle, em face dessa resolução, fez proceder a um estudo das condições em que a França Livre poderia eventualmente aderir à decisão tomada.

4. O convite feito pelo Departamento de Estado dos Estados Unidos às autoridades competentes estrangeiras, que, de fato, não constituem governos, de aceitarem os princípios adotados pela Conferência de Washington, parece ser dirigido especialmente aos franceses livres.

5. Esse convite foi considerado pelo general de Gaulle como elementar, apesar das dificuldades que apresentam os fatos da França Livre não ter ainda sido reconhecida pelos Estados Unidos como governo propriamente dito; por manter Washington relações diplomáticas com Vichy e pelo mal-estar criado pela questão de St. Pierre e Miquelon.

6. Seja qual for a importância prestada a essas considerações, não deve ser esquecido o valor estratégico que representam os territórios da França Livre dirigidos pelo general de Gaulle e que, sem dúvida, são de primordial interesse para a defesa dos Estados Unidos, mormente depois que o Pacífico se tornou um novo teatro da guerra.

7. A esse respeito devo ponderar que os americanos já enviaram uma missão para a África equatorial francesa, o que implica um reconhecimento de fato das autoridades francesas livres que ali exercem sua soberania e que também concederam as vantagens da lei do empréstimo e arrendamento ao general de Gaulle, além dos aviões americanos utilizarem os territórios da França Livre para assegurar a ligação com a África do nordeste

e, sem poderem dispor desses aeródromos, as comunicações aéreas dos Estados Unidos com o Egito e a Rússia por essa região seriam quase impossíveis.

8. Deve ser ainda notado que as possessões francesas livres do Pacífico, situadas no caminho direto entre os Estados Unidos e a Nova Zelândia ocupam posição estratégica de vital importância, o que certamente induzirá os dirigentes de Washington a manter boas relações com o general de Gaulle.

9. Nessas condições, os meios diplomáticos desta capital não acreditam que a França Livre faça um ato de adesão às decisões de Washington, senão quando for de fato reconhecida como governo, tal como foi feito pela Grã-Bretanha, China, Rússia e demais países aliados.

Aproveito o ensejo para reiterar a Vossa Excelência os protestos da minha respeitosa consideração.

Moniz de Aragão

A Sua Excelência o Senhor Embaixador Osvaldo Aranha
Ministro de Estado das Relações Exteriores

v

Projeto: LONDRES	
Notação do Arquivo: LON-1942-01-07	Localização do original: AHI 29-5-5
Salvo em: \\servidor\Transcrições\Londres\03 Telegramas\02.Transcrições\1942\Recebidos	
Transcrito por: Dominique Daria	Status: Transcrito Em: 03/2018

TELEGRAMA •07 JAN.1942 •AHI 29/5/5

Índice: Espionagem nazista na América do Sul.

CONFIDENCIAL

Embaixada em Londres
À Secretaria de Estado das Relações Exteriores

3 - QUARTA-FEIRA - 11h.15 - Fui informado, confidencialmente, de que agenciadores nazistas na América do Sul estão sendo instruídos e habilitados, financeiramente, por intermédio de Portugal e Espanha para provocarem agitações e, possivelmente, revoluções no nosso continente, criando dificuldades à colaboração com

os Estados Unidos da América e desorganizando a política de solidariedade americana, principalmente para impedir o prosseguimento das medidas que visam intensificar a nossa defesa. Instruções especiais teriam sido enviadas para perturbar a Conferência que se se deve reunir dentro em poucos dias. Informações aqui chegadas indicam que agentes alemães e italianos estão informando submarinos, por meio de emissoras clandestinas, dos movimentos dos navios aliados na América do Sul. As principais estações referidas estariam localizadas no Brasil, Argentina, Chile e Equador. MONIZ DE ARAGÃO

v

OFÍCIO • 07 JAN. 1942 • AHI 28/2/7

[Índice:] Reorganização ministerial.

N. 10

Embaixada dos Estados Unidos do Brasil

Londres, 7 de janeiro de 1942.

Senhor Ministro,

A representação da Austrália no Gabinete de Guerra, no caso de ser impossível a formação de um ministério imperial do qual participem representantes de outros domínios e a renovação do pedido da criação de um organismo central da produção para o abastecimento do país assim como para a produção aeronáutica e da marinha, volta a ser debatida e considerada de urgência imediata.

2. Esse projeto foi há tempos repellido pelo ministro Churchill, mas tudo indica que o governo deverá novamente considera-lo logo que o Parlamento volte a se reunir.

3. Esse assunto está compreendido no programa que está sendo organizado pelos meios políticos e assim o *Manchester Guardian*, importante órgão, estuda longamente a campanha movida pela imprensa australiana e observa que a criação de um Gabinete Imperial completo foi até agora impossível porque os senhores Mackenzie King e general Smuts, respectivamente primeiro-ministro do Canadá e da África do Sul, sempre se opuseram a uma tal decisão.

4. O mesmo jornal interpreta a campanha australiana como movida pela iminente ameaça do Japão, enquanto o Canadá e a África do Sul estão menos diretamente atingidos por um tal perigo e se preferem não participar do Gabinete de Guerra, isso não deve impedir que a Austrália seja representada por um ministro com igual direitos ao dos seus colegas britânicos e assim poder melhor defender os interesses daquele domínio.
 5. Isso seria naturalmente um grande progresso no sistema político atual.
 6. Quanto à produção de guerra é evidente que deve ser incrementada devido à participação dos Estados Unidos na guerra, pois uma grande parte dos materiais bélicos das usinas americanas devem ser destinada às necessidades propriamente ditas daquele país.
 7. Assim estaria iminente a criação de um ministério centralizando essa produção na Grã-Bretanha e tudo faz prever que este assunto assumirá uma importância primordial nas próximas reuniões das câmaras e se confundirá provavelmente com o propósito deliberado de vários partidos de ser operada a desejada reorganização do gabinete para a inclusão de eminentes personalidades suscetíveis de dirigir diversos departamentos técnicos com maior autonomia e autoridade.
 8. Várias outras autorizadas dizem que os trabalhistas apoiam a participação no governo de *sir* Strafford Cripps, apesar de teoricamente não mais fazer parte desse partido do qual foi há tempos excluído.
 9. Também está sendo cogitada a permanência de *lord* Beaverbrook em Washington como chefe do departamento encarregado do abastecimento enquanto que o marechal Dill se ocuparia das questões relativas à coordenação da estratégia militar entre a Grã-Bretanha e os Estados Unidos.
 10. É inegável que neste momento mais do que nunca o povo britânico exige que homens políticos de primeira ordem secundem o primeiro-ministro na sua grande obra para ser obtida eficazmente uma completa coordenação de todos os esforços tanto no interior do país quanto com os seus aliados.
 11. O assunto, porém, não será realmente ventilado antes do próximo regresso do ministro Churchill e quanto à participação dos domínios na direção de guerra, já estão sendo observados fatos que indicariam uma atitude mais favorável do atual governo e foram evidenciados no decurso das negociações entabuladas em Washington e Moscou.
- Aproveito o ensejo para reiterar a Vossa Excelência os protestos da minha respeitosa consideração.

Moniz de Aragão

A Sua Excelência o Senhor Embaixador Osvaldo Aranha
Ministro de Estado das Relações Exteriores

v

OFÍCIO • 07JAN. 1942 • AHI 28/2/7

[Índice:] Interesses italianos na Austrália e Canadá.

RESERVADO

N. 11

Embaixada dos Estados Unidos do Brasil
Londres, 7 de janeiro de 1942.

Senhor Ministro,

Com referência ao telegrama nº 515, em que Vossa Excelência informou, a meu pedido quais eram as Potências Protetoras dos interesses italianos na Austrália e no Canadá, permitou-me ponderar que não tenho segurança de haver bem interpretado a frase final do mesmo, quando Vossa Excelência declara "nossa intenção e exonerar-nos breve daquele encargo".

2. Caso o significado dessa frase seja de que o Brasil pretende exonerar-se do encargo de defender os interesses italianos no Império britânico e não simplesmente na Austrália, peço vênua para recordar a Vossa Excelência que ficarei sem verba da qual pagar as duas datilógrafas que fui autorizado a tomar por conta das despesas com esses interesses. Nessas condições, venho pedir a Vossa Excelência que, em tempo oportuno, seja destinada a esta Embaixada um reforço correspondente a £ 25 mensais cada uma. Não será de modo algum possível, sem esses auxiliares, dar conta do pesadíssimo expediente da Embaixada, mesmo no caso de ser aliviada do referido encargo. Uma delas, como Vossa Excelencia sabe, está trabalhando na Seção Comercial da Embaixada e a outra é indispensável para o serviço geral desta Chancelaria e das cinco Legações acreditadas junto aos Governos exilados em Londres, que vieram aumentar consideravelmente o serviço da mesma.

3. Acresce que como pedi a atenção desse Ministério o meu serviço ficou privado de um auxiliar, a Senhorinha Dona Maria Frias, que não teve substituta até a presente data e assim ouse insistir para o meu pedido constante do ofício nº789, de 28 de Outubro último.

4. Está claro que o pessoal constante de três auxiliares que propriamente só trabalham na Divisão Especial da Embaixada seriam no caso em questão automaticamente dispensado.

Aproveito o ensejo para reiterar a Vossa Excelência os protestos da minha respeitosa consideração.

Moniz de Aragão

A Sua Excelência o Senhor Embaixador Osvaldo Aranha
Ministro de Estado das Relações Exteriores

v

TELEGRAMA • 08 JAN.1942 • AHI 29/5/5

Índice: Repercurssão dos últimos acontecimentos. Comentários lisongeiros do South American Journal s/o Brasil.

Embaixada em Londres
À Secretaria de Estado das Relações Exteriores

19 – QUARTA-FEIRA – 23h.45 – A agravação da situação no Pacífico contribuiu para diminuir a satisfação provocada pelas derrotas ítalo-alemãs na Rússia e na África. As lições do ano findo foram demasiado graves para serem facilmente esquecidas. Assim o governo, a imprensa e as personalidades responsáveis de todas as seções da opinião pública buscam tudo fazer para evitar toda e qualquer negligência no preparo de defesas adequadas e na intensificação do esforço comum de guerra. Os meios militares competentes apoiam as declarações do primeiro-ministro Churchill sobre o perigo iminente de tentativa alemã de invasão e de novos bombardeios da Grã-Bretanha, exigindo toda a vigilância. O discurso do presidente Roosevelt produziu muita impressão. A próxima Conferência do Rio de Janeiro continua a inspirar o maior interesse. O South

America Journal publica extenso artigo em que elogia o trabalho e a prosperidade do Brasil e sua atitude nas atuais circunstâncias, enaltecendo o esforço inteligente e a hábil direção política do presidente Getúlio Vargas. MONIZ DE ARAGÃO

v

TELEGRAMA • 08 JAN. 1942 • AHI 30/1/2

Índice: Proteção de interesses italianos. Comissão médica na Índia.

Secretaria de Estado das Relações Exteriores
À Embaixada em Londres

07 – 8 JANEIRO 1942 – Resposta aos seus telegramas ns. 527 de 1941 e 2 deste ano. Governo italiano pede transmitir ao governo britânico o seguinte: “Segundo o governo italiano está informado, as condições de saúde e a idade avançada do doutor Garin desaconselham confiar-lhe o encargo proposto, principalmente pela distância e a incomodidade da viagem que deveria empreender para chegar à Índia. O governo italiano, portanto, manifesta a opinião de que o segundo membro neutro da Comissão seja escolhido entre os médicos das possessões portuguesas na Índia. O mesmo governo aproveita a ocasião para formular a hipótese de que o governo britânico, à semelhança do que se declarou disposto a fazer em relação aos prisioneiros de guerra inválidos no Oriente Médio, poderia proceder à repatriação, sem exame médico, dos prisioneiros de guerra gravemente feridos ou enfermos, limitando, porém, a repatriação aos casos sobre cuja repatriação imediata, pela sua extrema gravidade, a Comissão Mista se pronunciaria sem dúvida alguma”. EXTERIORES

v

OFÍCIO • 08 JAN. 1942 • AHI 28/2/7

[Índice:] Declaração de guerra da África do Sul a Bulgária.

N. 16

Embaixada dos Estados Unidos do Brasil
Londres, 8 de janeiro de 1942.

Senhor Ministro,

A pedido do Alto Comissário da África do Sul em Londres, tenho a honra de levar ao conhecimento da Vossa Excelência que a 13 de Dezembro último foi declarada guerra pela União Sul Africana a Bulgária.

Aproveito o ensejo para reiterar a Vossa Excelência os protestos da minha respeitosa consideração.

Moniz de Aragão

A Sua Excelência o Senhor Embaixador Osvaldo Aranha
Ministro de Estado das Relações Exteriores

v

OFÍCIO • 08 JAN. 1942 • AHI 28/2/7

[Índice:] Editorial do "Times" sobre a América do Sul

N. 17

Embaixada dos Estados Unidos do Brasil
Londres, 8 de janeiro de 1942.

Senhor Ministro,

Tenho a honra de passar às mãos, em anexo, o importante editorial do "Times" de hoje, intitulado "Sexto Continente", sobre a posição da América do Sul em face dos Estados Unidos da guerra e a propósito da próxima Conferência dos Ministros das Relações Exteriores no Rio de Janeiro.

2. O editorial alude à política do Presidente Vargas de entendimento com os Estados Unidos e aos problemas criados pelo considerável número de colonos japoneses, italianos e alemães.

Aproveito o ensejo para reiterar a Vossa Excelência os protestos da minha respeitosa consideração.

Moniz de Aragão

[*Anexo*]

"The Times"

The Sixth Continent

While the Prime Minister and Mr. Roosevelt are engaged in coordinating the strategy of campaigns involving five continents, the sixth continent is in the throes of defining its position. Elsewhere all the major countries have been drawn into the war as combatans. South America is still involved only as a benevolent neighbour of the northern continent, to which it is bound by Pan-American agreements and by a sense of common peril; and the significance of these agreements and the statesmanship of those who concluded them will shortly be put to the teste at a new conference of all the American States, due to assemble at Rio de Janeiro during this month. The small Republics of Central America, one after another, have already gone the full length of declaring war on Japan, on Germany, and Italy. Populous Cuba, where the Falange (with Hitler's approval) long angled for the support of a supposedly disaffected Latin people, has been notably strong and united behind a policy of war against all the aggressors. México, where commercial frictions have sometimes obscured the true aspect of policy, has expressed solidarity by breaking off diplomatic relations with all the aggressor Powers. Behind this resolution the contesting Mexican parties have closed their ranks. PRESIDENT CAMACHO has appointed his predecessor and rival, GENERAL CARDENAS, to command the forces on the exposed Pacific coast of the Republic. From Alaska to Panama, throughout North and Central America, the Germans, the Japanese, and the Italians have been sent packing from their official posts of intrigue. In South America Axis diplomatists remain in occupation of most of their embassies and consulates, through with the knowledge that their activities lie under the wide-eyed observation of the authorities.

South America has for two years suffered economic convulsions through the war in Europe and the Atlantic, and during this time peoples and more clearly where to put

the blame, and from which side to expect a restitution of commercial safety and order. They have also has opportunity to study Axis fifth column technique throughout the world. This has made the South Americans reflect that war is not what it was in the days when Garibaldi helped to spread freedom through their continent: every show of courtesy, every act of hospitality offered to the totalitarians is turned to account for the ruthless purposes of these deriders of faith and chivalry. When Japan consummated a long- prepared plot by the assault of December 7, President Roosevelt at once communicated the facts to all signatories of the Act of the Havana Conference of 1940 – that is, to the Governments of all the American Republics – and received from them a “heartening response”. All of them have affirmed relations of solidarity with the United States as the victim of aggression in accordance with the formula which had been agreed to at Havana. Some have taken more positive measures, freezing assets and seizing shipping of the aggressors. Indeed Bolivia, and inland State, has declared war on Japa; while first Colombia and now Venezuela have severed diplomatic relations with Berlin, Tokyo, and Rome.

Elsewhere Governments have been criticized for resting content with a simple fulfillment of obligations. The Government of Argentina was one of the first to answer the notification sent by the United States with a declaration of solidarity: the Argentine President sent a special message of sympathy to President Roosevelt. When, however, public opinion began to demand more energetic cooperation with the democracies, a state of siege was declared, and the Argentine Press has been admonished not to speak I’ll of anybody at all – a hard counsel in a wicked world. How can the organs of opinion in such a firmly established State, wich its jealously upheld constitutional principles, refrain from pointing out that the enemies of North America are plotting to destroy those principles everywhere in the world, and that they have long arrogated to themselves a special mission to overthrow any State wich lives by lawful trade and prizes free institutions? Most Argentinians are certainly as well aware as other citizens of the American continents how completely the programme which Nazi Germany preaches, and would translate into practice if she were victorious, is at variance with every ideal which Americans hold dear.

In neighbouring Brazil President Vargas has lately been moulding policy within the lines of a steady understanding with the United States, Brazil, with a large colony of Japanese in her midst, knows something of what it means to try to negotiate with the militarists of Tokyo, Brazil also gives the hospitality of her soil to large and concentrated groups of Italians and Germans who have for years been nursed by the Axis Governments

in the design of rendering them a potent fifth column on the day of need. The effects of this work cannot disappear in a month, yet the fact that a Japanese outrage has brought the United States fully into the war against Germany and Italy has brought it home to the wiser and warier Brazilian citizens and settlers of German and Italian race, as it has to their fellows in the United States, that Hitler and Mussolini have outlawed themselves from the community of peoples of European origin. The conditions have thus been given for clearer line of policy than once seemed possible. The other State directly acquainted with the Japanese (and, like Brazil, also with a drilled and self conscious German minority) is Chile, which shares chiefly with Peru the guardianship of an immense Pacific coastline. These and other States which have extended littorals a long one or other of the two great oceans are now faced with an urgent problem, of joint preparation in defense. The combined navies of Latin America would include five capital ships and a total weight of 200,000 tons. This force can exert an influence on the world situation, and its existence will be much in the minds of the deliberators at Rio de Janeiro this month.

In September, 1939, the ultimate scope of Axis policy was already clear. It was then that at the Panama conference the Foreign Ministers of all the American Republics agreed to a declaration of continental solidarity which was reinforced at the Havana conference of Jul, 1940. Under Article XV of the Act of the latter conference, any attempt on the part of a non-American State against the integrity of an American State is deemed an act of aggression against all of them. All the States are pledged to consultation on the circumstances of such an aggression, and may, according to the circumstances, negotiate a agreements for common defense. It is to such a consultative conference, to be held at Rio de Janeiro, that all the American States have been invited to send representatives in a fortnight's time

[Recorte de Jornal]

A Sua Excelência o Senhor Embaixador Osvaldo Aranha
Ministro de Estado das Relações Exteriores

OFÍCIO • 08 JAN. 1948 • AHI 28/2/7

[Índice:] Declaração do Sr. Eden, de regresso de Moscou.

N. 18

Embaixada dos Estados Unidos do Brasil

Londres, 8 de janeiro de 1942.

Senhor Ministro,

À título de informação, tenho a honra de passar às mãos de Vossa Excelência as interessantes declarações que fez pelo rádio ontem à noite sobre a sua viagem à Rússia, de que há pouco regressou.

2. O senhor Eden fez uma declaração das peripécias dessa viagem através do Oceano Ártico, a bordo de um contra-torpedeiro, nos dias mais curtos do ano, de viagem de estrada de ferro sob uma temperatura de 58 graus Fahrenheit abaixo de zero.

Referiu-se à unidade nacional russa, ao patriotismo, pronto a todos os sacrifícios do povo, cujo moral está mais alto que nunca.

Finalmente descreve a sua visita ao "front", e as suas entrevistas com Stalin.

Aproveito o ensejo para reiterar a Vossa Excelência os protestos da minha respeitosa consideração.

Moniz de Aragão

[Anexo]

Imperial and Foreign

Vital Talks in Moscow

[Recorte de Jornal]

A Sua Excelência o Senhor Embaixador Osvaldo Aranha

Ministro de Estado das Relações Exteriores

TELEGRAMA • 09 JAN. 1942 • AHI 30/1/2

Índice: RM (III) Pedido de informações sobre a ordem do dia da 3ª Reunião de Ministros.

Secretaria de Estado das Relações Exteriores
À Embaixada em Londres²

09 – 9 JANEIRO 1942 – Resposta ao telegrama n. 9. A Conferência tratará de assuntos ligados à proteção do hemisfério ocidental e à solidariedade econômica das repúblicas americanas. Na parte política serão estudadas as medidas que devam ser tomadas contra atividades prejudiciais à paz e à segurança de cada país e as que venham a integrar-se na reconstrução da ordem mundial. Na parte econômica procurar-se-á dar estrutura mais sólida à economia interamericana, abordando-se a fiscalização da economia doméstica de cada república e a vigilância das atividades de estrangeiros no campo da economia e do comércio. EXTERIORES

OFÍCIO • 09 JAN. 1942 • AHI 28/2/7

[Índice:] Alta dos títulos brasileiros.

N. 19

Embaixada dos Estados Unidos do Brasil
Londres, 9 de janeiro de 1942.

Senhor Ministro,

Ao reabrir-se o "Stock Exchange", no dia 2 de corrente, os títulos brasileiros apresentaram nova alta, de 1/2 a 1 ponto.

2. A imprensa desta capital, referindo-se a essa alta, disse que na conta do Brasil se estavam acumulando saldos em esterlinas, relativamente com mais rapidez que na conta da Argentina, e que esses saldos vinham sendo utilizados, de tempos em tempos, na compra, a baixos preços, de títulos cujos dividendos não haviam sido pagos integralmente. Os círculos interessados - acrescentaram os jornais- estavam, por isso

² Intervenção à caneta: "também Berlim e Roma".

aconselhando os portadores britânicos a que não vendessem os títulos brasileiros, mais sim os guardassem, afim de negociá-los mais tarde, a preços mais compensadores.

Aproveito o ensejo para reiterar a Vossa Excelência os protestos da minha respeitosa consideração.

Moniz de Aragão

A Sua Excelência o Senhor Embaixador Osvaldo Aranha
Ministro de Estado das Relações Exteriores

v

OFÍCIO • 09 JAN. 1942 • AHI 28/2/7

[Índice:] Artigo do "South American Journal" sobre o Brasil.

N. 22

Embaixada dos Estados Unidos do Brasil
Londres, 9 de janeiro de 1942.

Senhor Ministro,

Em adiantamento ao meu telegrama de 8 do corrente, tenho a honra de remeter a Vossa Excelência, nos inclusos recortes, o texto do artigo publicado pelo "South American Journal", de 3 deste mês, sobre o Brasil.

2. Trata-se, como Vossa Excelência verá, de uma recapitulação, em termos muito favoráveis, das atividades brasileiras, em todos domínios, durante o ano de 1941.

3. Diz o artigo, o qual foi intitulado "The Progress of Brazil", que a escolha do Rio de Janeiro para sede da reunião dos Ministros das Relações Exteriores das nações americanas, reunião essa determinada pela situação internacional, pode ser considerada como um gesto reconhecendo a posição tomada pelo Presidente Getúlio Vargas em favor da solidariedade continental.

4. Durante o ano de 1941, continua o artigo, o Brasil indicou progressivamente sua atitude, com relação à guerra. Das várias declarações oficiais a esse respeito, se destaca o

claro aviso dado aos países agressores pelo Presidente Getúlio Vargas, por ocasião da celebração do aniversário da independência brasileira, e o ponto culminante foi a declaração de solidariedade formulada logo após os últimos acontecimentos mundiais.

5. O jornal menciona a expansão brasileira, no tocante à aeronáutica e à construção de portos, como planejada de acordo com a defesa panamericana, salientando que a unidade brasileira, em face de uma eventual agressão exterior, foi tornada possível pela unidade interior e política nacionalista seguida pelo regime do Presidente Getúlio Vargas, sem interrupção durante o ano passado. Refere-se à criação do Ministério da Aeronáutica, que diz ter livrado o país da influência estrangeira, principalmente alemã, num setor importante das nossas atividades, aludindo ainda à instituição da Comissão da Marinha Mercante e do Departamento Nacional de Estradas de Ferro, como à interdição dos jornais e títulos em língua estrangeira, medidas - acrescenta - cuja sabedoria se torna evidente logo que se consideram as proporções da colônia alemã existente no Brasil, a qual desconhece o idioma do país e antes ali formava um forte grupo antinacionalista. Aliás, os acontecimentos dos anos passados forneceram completa justificação, se é que isso se tornava necessário, para a política seguida pelo Presidente Getúlio Vargas, criando o Estado Novo, no qual os interesses nacionais tiveram precedência sobre as necessidades de certos grupos ou do estrangeiro.

6. O "South American Journal" menciona, a seguir, o interesse do Brasil em entreter relações culturais e comerciais com os outros países latino-americanos, citando os acordos firmados com a Bolívia e o Paraguai, assim como os ajustes comerciais feitos com a Argentina. Nos pactos assinados com esta última república - diz - foram estabelecidas certas felicidades cambiais que representam o primeiro passo para uma união aduaneira brasileiro-argentina.

7. Finalmente, o jornal estampa alguns quadros estatísticos sobre o nosso comércio e finanças, nos últimos dez anos.

8. A propósito desse artigo, devo dizer a Vossa Excelência que fomos procurados, nesta Embaixada, pelo Senhor Douglas Organ, editor do jornal em questão, o qual perguntou se desejaríamos reservar uma ou duas colunas na sua revista anual, para reprodução do mesmo artigo. Essa revista tem grande circulação, custando cada coluna £ 8-8-0.

9. O "South American Journal", como algumas vezes, anteriormente, tivemos ocasião de dizer a Vossa Excelência, costumava referir-se ao nosso país de modo um tanto desagradável, devido, segundo parece, ao fato de não os termos subsidiado por meio

de um grande número de assinaturas. O seu artigo, acima comentado, evidencia assim a que ponto melhorou o conceito em que é tido o Brasil aqui e o interesse que agora existe na Inglaterra pelo nosso país. A vista disso seria talvez conveniente aproveitarmos esta oportunidade para satisfazer a revista, atendendo ao pedido do Senhor Organ. Assim, rogo a Vossa Excelência a bondade de mandar examinar o assunto e, se possível, autorizar-me a sacar o necessário (£ 16-16-0) para o mencionado fim.

Aproveito o ensejo para reiterar a Vossa Excelência os protestos da minha respeitosa consideração.

Moniz de Aragão

[*Anexo*]

The South American Journal

The Progress of Brazil

The choice of the Rio de Janeiro district for the meeting of the Foreign Ministers of the nations of the Americas in view of the extension of the war, may be taken as an appropriate gesture to acknowledge the stand in favour of continental solidarity made by President Vargas. Throughout 1941, Brazil has progressively made her position clearer. Of the several formal utterances in this regard, there stands out the blunt warning given to the aggressors by Dr. Vargas on the occasion of the celebration of the anniversary of Brazilian independence in September; and the culmination came with Brazil's speedy declaration of solidarity with the United States in the latest fateful development of the war. During the past year, the Brazilian Government has been engaged in large-scale construction and expansion of harbors and airports in the strategically-located north-eastern portion of Brazil. This construction is being undertaken at the Brazilian Government's own expense, apart from materials received under the United States Army and Pan-American Airways are co-operating in the work, and from the landing fields that have been and are being prepared, air forces can be moved swiftly in defense of the western hemisphere. Brazil's unity in the face of external aggression has been made possible by the internal unity and nationalist policy followed by the Vargas to counteract the foreign elements, mainly German, which had hitherto controlled the air services of Brazil. A mercantile marine commission was similarly appointed, and a national railways

department formed. Foreign languages was forbidden; these measures were taken in a constructive and not restrictive spirit, and it is sufficient to glance at the very large body of Germans in Brazil who disdain the language of the country, and who in past conditions have formed a strong anti-national element in the country, to see the wisdom of the decision. The events of the past year or wisdom of the decision. The events of the past year or two have provided complete justification, if any were needed, of Dr. Varga's policy in creating a New State in which national interests take precedence over sectional or foreign needs. At the same time, Brazil is carefully cultivating cultural and trade relations with the other states of Latin America, and the past year has seen far-reaching agreements with Bolivia, a treaty of friendship with Paraguay, and some particularly important trade agreements with Argentina. With the latter country, a certain measure of free trade has just been established and it is considered that this particular pact is the first step towards a customs union between the two nations.

Economically, Brazil during 1941 has made a tremendous recovery in her foreign trade. For the first nine months of the year, exports were valued at 4,828,494 contos, an increase of as much as 30 per cent. over the corresponding period of 1940, and imports at 3,917,644 contos showed an increase of one per cent. The first nine months of 1941, registered for Brazil a favorable trade balance of 910,850 contos, against an adverse balance of 241,495 contos in the corresponding months of previous year. Coffee, of course, remains the most important item in Brazilian trade, and though this year the quantity exported has been somewhat smaller, increased prices under the Pan-American Quota Agreement has given a higher yield in value. For the 1941-42 coffee crop, the small output of 13,000,000 bags is estimated, compared with about 21,000,000 bags produced in each of the past two seasons. Since considerable progress is being made in other directions, it is a cause for satisfaction rather than alarm that the tendency in Brazilian economy is to put less emphasis upon coffee. For example, the value of the exports of cotton, cotton textiles and linters in the first nine months of 1941 was well over a million contos, and not much less than the value of the coffee exports. Notable expansion in industrial development was made during the year, the most striking feature of all in this respect being the inauguration of the National Steel Company, whose great plant at Volta Redonda is expected to attain full production by 1943. Additional railway and other transport facilities for the development of the national industries, particularly in iron-ore and coal, have also been provided. It is significant that for the first half of 1941, the export

of manufactured articles increased in value by 23 per cent. over the corresponding period of the previous year. Comparative trade statistics for the past decade follow:

	Exports	Imports	Total	Balance
	Contos	Contos	Contos	Contos
1941*	4,828,494	3,917,644	8,746,138 +	910,850
1940	4,966,518	4,964,149	9,930,667 +	2,369
1939	5,615,518	4,983,632	10,599,150 +	631,886
1938	5,096,889	5,195,569	10,292,458 -	98,680
1937	5,092,059	5,314,551	10,406,610 -	222,492
1936	4,895,435	4,268,667	9,164,102 +	626,768
1935	4,104,008	3,855,917	7,959,925 +	248,091
1934	3,459,006	2,502,785	5,961,791 +	956,221
1933	2,820,271	2,165,254	4,985,525 +	654,917
1932	2,536,765	1,518,694	4,055,459 +	1,018,071

* First nine months

In financial affairs, 1941 has seen the continuation of the service of the foreign debt in accordance with the modified four-year plan which operates until March, 1944. In the middle of the year the Minister of Finance announced that the 1940 budget resulted in a deficit of 593,1736 contos, with expenditure at 4,629,636 contos, and revenue at 4,036,460 contos. The 1940 estimates had provided for expenditure of 4,421,842 contos and revenue of 4,209,417 contos, from which a deficit of 212,425 contos would have eventuated. These figures compare with 1939 results of 4,334,642 contos in expenditure 3,795,034 contos in revenue, and a deficit of 539,608 contos. The 1941 budget estimated expenditure at 4,881,197 contos and revenue at 4,124,546 contos, with a prospective deficit of 756,651 contos. Up to June 30th, 1941, revenue had fallen short of the estimates by 158,637 contos. Statistics of the national finances over a number of years are given below:

	Revenue	Expenditure	Deficit
	Contos	Contos	Contos
1941	4,124,546	4,881,197	756,651
1940	4,036,460	4,629,636	593,176
1939	3,795,034	4,334,642	539,608
1938	3,879,769	4,735,434	855,665

1937	3,462,476	4,143,958	681,482
1936	3,127,460	3,226,080	98,620
1935	2,722,693	2,872,001	149,308
1934	1,971,145	2,099,250	128,105
1933	2,626,859	3,342,749	715,890
1932	1,750,791	2,859,668	1,108,877
1931	1,732,665	2,046,620	293,955
1930	1,677,951	2,510,542	832,591
1929	2,158,395	2,348,271	189,876

[Recorte de Jornal]

A Sua Excelência o Senhor Embaixador Osvaldo Aranha
Ministro de Estado das Relações Exteriores

v

TELEGRAMA³ • 12 JAN. 1942 • AHI 30/1/2

Índice: Controle de exportação na Grã-Bretanha.

Secretaria de Estado das Relações Exteriores
À Embaixada em Londres

14 – 12 JANEIRO 42 – Muito agradeceria a Vossa Excelência procurar obter desse governo a revogação da recusa de licença de exportação para duzentas fieiras de aço, encomendadas pela Companhia Siderúrgica Belgo-Mineira à firma Morex Limited, Rainham, Essex, e destinadas à Usina de Montevade, para a fabricação de arames, material de interesse para a defesa nacional. EXTERIORES

Nota: Pago pela interessada Companhia Siderúrgica Belgo-Mineira.

Expedido em 10 de janeiro de 1942 via Western.⁴

³ Anotação na margem direita: “Campos. 10/01/42”.

⁴ Tachado no original; acima foi anotado “12”.

OFÍCIO • 13JAN. 1942 • AHI 28/2/7

[Índice:] Estanho e borracha. Editorial do "Financial News"

N. 27

Embaixada dos Estados Unidos do Brasil
Londres, 13 de janeiro de 1942.

Senhor Ministro,

Tenho a honra de enviar a Vossa Excelência, no incluso recorte, o editorial do "Financial News", de 6 do corrente, examinando a situação do abastecimento da Grã-Bretanha e dos Estados Unidos, relativamente à borracha e ao estanho, em vista da invasão da Maláia pelos japoneses.

2. Segundo esse editorial, mesmo na hipótese da perda total da península, esses países disporão de quantidades suficientes dos mencionados produtos. Essa afirmação parece, entretanto, um pouco otimista, considerando os dados sobre a produção da Maláia e a sua percentagem na produção mundial de borracha e estanho, citados pelo próprio jornal.

Aproveito o ensejo para reiterar a Vossa Excelência os protestos da minha respeitosa consideração.

Moniz de Aragão

A Sua Excelência o Senhor Embaixador Osvaldo Aranha
Ministro de Estado das Relações Exteriores

OFÍCIO • 13 JAN. 1942 • AHI 28/2/7

[Índice:] A Conferência do Rio de Janeiro

N. 28

Embaixada dos Estados Unidos do Brasil
Londres, 13 de janeiro de 1942.

Senhor Ministro,

Tenho a honra de passar às mãos de Vossa Excelência, o incluso editorial do "Manchester Guardian", do dia 10 do corrente, sobre a Conferência dos Ministros das Relações Exteriores americanos no Rio de Janeiro.

2. Diz o jornal que a principal função das repúblicas latino-americanas é a defesa das Américas e das suas costas, negando os seus portos ao Eixo e não a de contribuir com exércitos e marinhas. Elas poderão ajudar os Estados Unidos e a Grã-Bretanha, abrindo-lhes francamente os portos e permitindo-lhes o estabelecimento de bases nos respectivos territórios. Também economicamente poderão prestar um importante auxílio, substituindo temporariamente as fontes de suprimento que constituíam a Maláia e as Índias Neerlandesas.

Aproveito o ensejo para reiterar a Vossa Excelência os protestos da minha respeitosa consideração.

Moniz de Aragão

A Sua Excelência o Senhor Embaixador Osvaldo Aranha
Ministro de Estado das Relações Exteriores

v

OFÍCIO • 13JAN. 1942 • AHI 28/2/7

[Índice:] Situação Militar

N. 30

Embaixada dos Estados Unidos do Brasil

Londres, 13 de janeiro de 1942.

Senhor Ministro,

Os meios militar autorizados acreditam que enquanto os alemães não puderem conter os russos e estabilizar a linha de frente, será difícil que possam atacar em outro qualquer teatro da guerra.

2. Entre as numerosas conjecturas feitas sobre a próxima iniciativa de Hitler deve ser mencionada a que sugere hoje o correspondente militar do "Manchester Guardian" o qual depois de ter também julgado que os efeitos da ofensiva russa serão fatores determinantes para a futura situação, acredita que existe uma certa contradição no que se conhece sobre as operações militares da Alemanha.

3. As últimas notícias indicam que os russos tem uma grande superioridade aérea na presente campanha, mas entretanto os alemães estariam concentrando importantes forças aéreas no sul da Itália e na Grécia.

4. Os ataques insistentes e violentos ítalo-alemães sobre Malta verificados nos últimos dias demonstram que querem a qualquer preço manter um certo domínio no Mediterrâneo e nesse sentido os países do Eixo estariam fazendo grandes preparativos para restabelecer uma posição quase perdida a proporção que os ingleses avançam na Líbia e Cirenaica em direção à Tripoli.

5. Muitos aqui opinam que a Alemanha buscará dominar a extremidade ocidental do Mediterrâneo e se esforçará para proteger a retaguarda das posições italianas no norte da África.

6. Alguns observadores salientam que o Reich está em posição favorável para tentar essa ação mas o correspondente do "Manchester Guardian" chama a atenção dos seus leitores para o fato de que uma tal empresa seria impossível se, como acredita o Governo britânico, o Governo de Vichy não permitir que a sua frota coopere com os alemães e italianos.

7. Parece que a proporção que os russos ganham vitórias torna-se mais difícil à Alemanha obter a colaboração eficaz francesa no terreno militar e os ataques feitos pela imprensa de Paris fiscalizada pelos alemães contra a política de temporização de Vichy

indica que o Marechal Petain não estará disposto em tudo se submeter ao Fuehrer como tanto desejariam o Senhor Laval e o Almirante Darlan.

8. O articulista conclui dizendo que os meios competentes militares e políticos britânicos existe a convicção de que é improvável que o Reich encare a possibilidade de uma ação imediata através da Espanha como parecia iminente há bem pouco tempo e assim é levado a julgar considerando que uma invasão alemã da África do Norte, utilizando os portos de Marrocos e da Tunísia não seria no atual momento senão uma fraca contribuição para levantar a moral do povo alemão o qual continua a considerar que não poderá obter a vitória antes que a Grã-Bretanha e os Estados Unidos não forem dominados ou postos fora da luta.

9. Nessas condições as últimas notícias aqui recebidas indicam que a situação interna na Alemanha não é das mais favoráveis, mormente depois dos graves revezes que os russos estão infligindo aos exércitos do Fuehrer e devido aos sacrifícios de toda a classe que estão sendo exigidos do povo alemão.

Aproveito o ensejo para reiterar a Vossa Excelência os protestos da minha respeitosa consideração.

Moniz de Aragão

A Sua Excelência o Senhor Embaixador Osvaldo Aranha
Ministro de Estado das Relações Exteriores

v

OFÍCIO • 14 JAN. 1942 • AHI 28/2/7

[Índice:] Algodão. Reorganização da seção de matérias primas da respectiva indústria.

N. 31

Embaixada dos Estados Unidos do Brasil
Londres, 14 de janeiro de 1942.

Senhor Ministro,

A "Liverpool Cotton Association", com grande maioria, aprovou ontem as propostas feitas pelo Controlador de Algodão para a reorganização da seção de matérias primas da indústria algodoeira.

2. Devido à grande procura de tecidos de algodão para o fardamento de tropas britânicas e aliadas no Próximo e no Extremo Oriente, a indústria têxtil algodoeira, cuja atividade havia sido muito reduzida em 1940, pelo processo de "concentração" - isto é, a eliminação de um grande número de fábricas consideradas redundantes - gozará de maior atenção por parte das autoridades competentes.

3. Em consequência da guerra com o Japão, a Índia deixará de receber tecidos de algodão japoneses. O resultado dessas modificações na procura futura de tecidos ingleses é que a indústria têxtil foi considerada indústria "vital", tendo sido colocada no mesmo nível que a fabricação de munições, no tocante ao fornecimento de mão de obra.

4. Nas propostas acima aludidas o "Cotton Controller" manifestou a esperança de poder obter algodão de todos os países exportadores através da Comissão de Compras já em existência.

Aproveito o ensejo para reiterar a Vossa Excelência os protestos da minha respeitosa consideração.

Moniz de Aragão

A Sua Excelência o Senhor Embaixador Osvaldo Aranha
Ministro de Estado das Relações Exteriores

v

OFÍCIO • 14 JAN. 1942 • AHI 28/2/7

[Índice:] Títulos sul-americanos. Editorial do "Financial News"

N. 32

Embaixada dos Estados Unidos do Brasil

Londres, 14 de janeiro de 1942.

Senhor Ministro,

O "Financial News" publicou a 7 do corrente editorial, anexo ao presente ofício, intitulado "South American Investments", em que examina a atual posição dos títulos sul-americanos nesta praça, mostrando, com relação a alguns, a alta verificada nas cotações.

2. O editorial salienta o grande desenvolvimento, em 1941, do intercâmbio comercial entre os países da América do Sul e os Estados Unidos, lembrando que esse comércio já sofreu e sofrerá a atividade industrial sul-americana ficará, diz o "Financial News", prejudicada pela dificuldade em obter maquinaria, carvão e outros combustíveis.

3. Finalmente afirma não haver probabilidade de modificação, no interesse dos portadores dos respectivos títulos, dos esquemas atualmente em vigor para o serviço da dívida externa no Brasil e no Chile, sendo possível, contudo, aumente a amortização dessas dívidas.

Aproveito o ensejo para reiterar a Vossa Excelência os protestos da minha respeitosa consideração.

Moniz de Aragão

A Sua Excelência o Senhor Embaixador Osvaldo Aranha
Ministro de Estado das Relações Exteriores

v

OFÍCIO • 14 JAN. 1942 • AHI 28/2/7

[Índice:] Conferência Inter-Aliada para punir os crimes da guerra.

N. 34

Embaixada dos Estados Unidos do Brasil

Londres, 14 de janeiro de 1942.

Senhor Ministro,

Reuniu-se ontem no Palácio de St. James, em Londres, a Conferência Inter-Aliada para condenar e punir os culpados de atos de violência nazista contra a população civil nos territórios ocupados.

2. Tomaram parte os representantes de nove países aliados e associados, incluindo a França Livre. Como observadores tomaram parte a Grã-Bretanha e os Domínios, os Estados Unidos, a Rússia e a China.

3. O objetivo da Conferência era aprovar uma elaboração, protesto da humanidade civilizada, contra as barbaridades praticadas nos países sob ocupação inimiga.

4. Incluo o texto da declaração e o editorial do "Times", a respeito.

Tenho a honra de renovar a Vossa Excelência os protestos da minha respeitosa consideração.

Aproveito o ensejo para reiterar a Vossa Excelência os protestos da minha respeitosa consideração.

Moniz de Aragão

A Sua Excelência o Senhor Embaixador Osvaldo Aranha
Ministro de Estado das Relações Exteriores

v

TELEGRAMA • 15 JAN. 1942 • AHI 30/1/2

Índice: Proteção de interesses italianos. Prisioneiros de guerra na Índia e na Abissínia.

Secretaria de Estado das Relações Exteriores
À Embaixada em Londres

18 – 15 JANEIRO 1942 – Referência ao seu telegrama n. 526. Governo italiano deseja saber com que fim o governo britânico remeteu os nomes mencionados no aludido telegrama de Vossa Excelência para serem examinados pelas comissões médicas.
EXTERIORES

v

OFÍCIO • 15 JAN. 1942 • AHI 28/2/7

[Índice:] Chá. Abastecimento da Inglaterra

N. 35

Embaixada dos Estados Unidos do Brasil

Londres, 15 de janeiro de 1942.

Senhor Ministro,

Os círculos interessados acreditam que a guerra no Extremo Oriente, com a invasão e ocupação da maior parte da Maláia pelos japoneses, os quais também já tomaram pé em várias colônias holandesas, afetará o abastecimento em chá da Inglaterra. Consta que há grandes estoques desse artigo, tanto aqui quanto nos Estados Unidos e nos Domínios britânicos consumidores desse produto. A eventual carência de chá dos Estados Unidos poderá, na opinião de alguns, acarretar maiores importações de café naquele país, não sendo impossível que o mesmo aconteça também aqui se a guerra se prolongar e as comunicações marítimas com o Extremo Oriente se tornem mais difíceis.

Aproveito o ensejo para reiterar a Vossa Excelência os protestos da minha respeitosa consideração.

Moniz de Aragão

A Sua Excelência o Senhor Embaixador Osvaldo Aranha

Ministro de Estado das Relações Exteriores

v

TELEGRAMA • 16 JAN. 1942 • AHI 30/1/2

Índice: Constituição de uma Câmara de Comércio anglo-americana.

Secretaria de Estado das Relações Exteriores
À Embaixada em Londres

20 – 16 JANEIRO 1942 – Resposta ao telegrama de Vossa Excelência n. 25. Deve apoiar a iniciativa, desde que não acarrete despesas. EXTERIORES

Expedido em 16 de janeiro de 1942 via Western.

v

OFÍCIO • 17 JAN. 1942 • AHI 28/2/7

[Índice:] A 5a. Coluna no Brasil. Correspondência do "Times"

N. 45

Embaixada dos Estados Unidos do Brasil
Londres, 17 de janeiro de 1942.

Senhor Ministro,

A título de informação tenho a honra de passar às mãos de Vossa Excelência, no incluso recorte aparecido ontem, uma correspondência enviada ao "Times", do Brasil, intitulada a "Quinta Coluna no Brasil", que é um resumo do relatório apresentado pelo Secretário da Educação do Estado do Rio Grande do Sul.

2. Incluo igualmente o editorial do mesmo jornal, a propósito da Conferência Pan-americana do Rio de Janeiro, em que são feitos comentários à referida correspondência.

Aproveito o ensejo para reiterar a Vossa Excelência os protestos da minha respeitosa consideração.

Moniz de Aragão

A Sua Excelência o Senhor Embaixador Osvaldo Aranha
Ministro de Estado das Relações Exteriores

v

TELEGRAMA • 19 JAN 1942 • AHI 29/5/5

Índice: RM(III) Mensagem do general de Gaulle à III reunião de chancelers.

Embaixada em Londres
À Secretaria de Estado das Relações Exteriores

32 – SEXTA-FEIRA – 17h.45 – O general de Geulle antecipou-me para transmitir a Vossa Excelência a seguinte declaração que publicará amanhã: o comitê nacional francês não podia ficar insensível á imponente manifestação de solidariedade panamericana, que tem lugar no quadro magnífico do Rio de Janeiro. Os laços inúmeros, que unem a França à América latina, quando a pátria é incapaz de exprimir-se em alta voz, levam os franceses livres a demonstrar completa união de coração e espírito. De todas as nações do novo continente nos chegam mensagens de simpatia e encorajamento que tocam os nossos corações. No momento em que os representantes da América latina, ameaçada também pela política da agressão, deliberam em Comitê Nacional, expressa em nome da França inteira sua confiança na vitória. MONIZ DE ARAGÃO

v

OFÍCIO • 19 JAN. 1942 • AHI 28/2/7

[Índice:] O regresso do Ministro Churchill

Embaixada dos Estados Unidos do Brasil

Londres, 19 de janeiro de 1942.

Senhor Ministro,

O Primeiro Ministro regressou a Londres depois de uma permanência de mais de um mês nos Estados Unidos e Canadá.

2. Poucas viagens de chefes de Governo foram marcadas por acontecimentos mais importantes e por resultados mais decisivos tanto em relação ao efeito imediato quanto às consequências futuras.

3. A estada do Ministro Churchill na América coincidiu com a ofensiva russa, com os êxitos britânicos na Líbia e com a crise do Alto Comando Militar Alemão. Esse período foi igualmente marcado pelo avanço inicial japonês no Pacífico e pela inquietação que despertou nos países mais diretamente interessados.

4. O trabalho de maior importância executado durante essas semanas, foi a criação da grande aliança, a formação dos comandos inter-aliados no Pacífico e no Extremo Oriente e a elaboração de planos comuns para as operações militares e navais nos diferentes teatros da guerra.

5. Ficou assim provada a coalisão com todos seus planos, perfeitamente combinados e com um gigantesco programa de fabricação de material bélico a ser executado em todos os países em luta mormente nos Estados Unidos.

6. A declaração das nações livres ligadas por um preâmbulo à "Carta do Atlântico" constitui um verdadeiro programa de ação tanto para a guerra como para a paz.

7. Teríamos apenas registrado uma pequena parte dos benefícios auferidos pela viagem do Primeiro Ministro sem recordar o seu grande êxito pessoal e conseqüentemente o progresso realizado para uma maior aproximação com os Estados Unidos.

8. No decurso do ano de 1942 os resultados da ousada viagem do Primeiro Ministro reforçam a confiança do povo britânico nos seus dirigentes e lhe dá uma maior certeza da vitória pela ação comum e coordenada de todas as nações envolvidas na luta.

Aproveito o ensejo para reiterar a Vossa Excelência os protestos da minha respeitosa consideração.

Moniz de Aragão

A Sua Excelência o Senhor Embaixador Osvaldo Aranha
Ministro de Estado das Relações Exteriores

v

TELEGRAMA • 21 JAN.1942 • AHI 29/5/5

Índice: RM(III) Comentários da imprensa britânica.

Embaixada em Londres
À Secretaria de Estado das Relações Exteriores

36 – QUARTA-FEIRA – 14h.00 – A imprensa continua publicando longos comentários sobre os trabalhos da Conferência que aí está reunida, enaltecendo a ação do presidente Vargas e de Vossa Excelência no sentido de obter unanimidade nas deliberações que importam na defesa do nosso continente. Ofereci almoço hoje ao embaixador dos Estados Unidos e a todos os chefes de missão americanos aqui acreditados. MONIZ DE ARAGÃO

v

OFÍCIO • 22 JAN. 1942 • AHI 28/2/7

[Índice:] Situação na Etiópia

N. 54

Embaixada dos Estados Unidos do Brasil

Londres, 22 de janeiro de 1942.

Senhor Ministro,

Segundo informações colhidas em fontes autorizadas, o Governo britânico assinará proximamente um tratado com o Imperador Haile Salassie, restabelecendo finalmente a Abissínia como um Estado soberano.

2. O tratado fixará as modalidades da assistência indispensável que o Governo britânico se compromete a prestar à Etiópia para o seu funcionamento como nação livre, reorganizando todos os seus serviços administrativos e a sua economia.

3. O novo acordo incluirá certas cláusulas de caráter militar que terão valizes durante o período da atual guerra.

4. O assunto está despertando o mais vivo interesse, pois a Grã Bretanha poderá utilizar grandes reservas para a formação de um grande exército negro.

5. Atualmente o regime provisório estabelecido por Salassie já entabou conversações com o Governo de Londres, que estão sendo conduzidos com grande habilidade e que, segundo aqui acreditam, lograrão um favorável resultado.

6. A tarefa do Imperador etiópico não tem sido fácil, pois tem encontrado certas dificuldades por parte de certos "Ras" locais, sendo evidente que a ajuda europeia para colonizar o país é indispensável quando os italianos foram obrigados a abandonar a Abissínia onde tinham empreendido grandes trabalhos de progresso e de utilidade pública, construindo estradas, hospitais e desenvolvendo indústrias de imediata necessidade.

7. Nessas condições seria impossível deixar aquele país sem um apoio e entregue exclusivamente a um Governo indígena, principalmente porque Salassie dispõe presentemente de poucos homens cultos, capazes de assegurar o desenvolvimento e a ordem.

8. A ajuda europeia em todos os domínios deverá substituir o regime italiano, sendo certo que os interesses franceses de grande importância naquela região serão respeitados, mormente em Harrar, onde a ação civilizadora dos missionários franceses foi sempre de grande proveito.

9. O Governo britânico, aliás tem sempre presente o papel importante desempenhado pelas tropas da França Livre na campanha da Abissínia, mormente no assalto de Keren.

10. A perda do Império etiópico é deveras sensível para a Itália, que ali colocou grandes capitais e que jamais poderá esquecer que, se não tivesse participado da guerra ao lado da Alemanha, teria podido conservar aquela importante colônia, uma vez que o Governo britânico, como Vossa Excelência sabe, já tinha reconhecido definitivamente o Rei da Itália como Imperador da Abissínia.

11. Nestes próximos dias deverá ser feita a nomeação de um Ministro Plenipotenciário britânico para ser acreditado junto ao Governo Adis-Ababa

Aproveito o ensejo para reiterar a Vossa Excelência os protestos da minha respeitosa consideração.

Moniz de Aragão

A Sua Excelência o Senhor Embaixador Osvaldo Aranha
Ministro de Estado das Relações Exteriores

v

TELEGRAMA⁵ • 23 JAN. 1942 • AHI 30/1/2

Índice: Fórmula aprovada pela 3ª Reunião de Chanceleres para o rompimento de relações com os países do Eixo.

Secretaria de Estado das Relações Exteriores
Às Embaixadas em Londres, Vichy, Berlim, Lisboa, Roma, Madri e Tóquio

27 – 23 JANEIRO 1942 – Em reunião plenária dos ministros das Relações Exteriores das repúblicas americanas foi, esta noite aprovada a seguinte ~~declaração conjunta~~⁶: “I) Repúblicas americanas reafirmam considerar qualquer ato agressão dum [*sic*] Estado extracontinental contra uma delas como agressão contra todas, constituindo ameaça imediata à liberdade e independência América; II) Repúblicas americanas reafirmam completa solidariedade e sua determinação cooperar todas juntas para sua proteção recíproca até que efeitos presente agressão contra continente tenham desaparecido; III)

⁵ Anotação à caneta no verso: “Berlim, Roma, Tóquio, aguarde instruções que seguirão oportunamente”.

⁶ Tachado no original; acima anotado à caneta: “recomendação”.

Repúblicas americanas, seguindo processos estabelecidos em suas próprias leis e dentro posição e circunstâncias de cada país no atual conflito continental, recomendam ru[p]tura suas relações diplomáticas com Japão, Alemanha e Itália, tendo primeiro desses Estados agredido e outros dois declarado guerra a um país americano; e IV) Repúblicas americanas declaram último que antes restabelecimento relações a que se refere parágrafo anterior se consultarão entre si fim sua resolução tenha caráter solidário”. EXTERIORES

Expedido em 23 de janeiro de 1942 via [*não informado*].

v

TELEGRAMA • 27 JAN.1942 • AHI 29/5/5

Índice: Reunião do parlamento britânico. Declarações do sr. Churchill.

Embaixada em Londres
À Secretaria de Estado das Relações Exteriores

43 – TERÇA-FEIRA – 17h.00 – O primeiro-ministro abriu hoje os debates parlamentares fazendo uma exposição minuciosa da presente situação militar e do desenvolvimento que pretende dar à guerra, de comum acordo com os aliados, sendo vivamente aplaudido. Os debates deverão durar 3 dias, devendo terminar por um voto de confiança. É prevista uma ligeira reorganização ministerial, com tendência para a esquerda e inclusão dos representantes dos Domínios, principalmente da Austrália de Nova Zelândia no gabinete de guerra. Com exceção das operações na Rússia, a situação é difícil nas demais frentes, mas permanece o otimismo sobre o resultado final. A imprensa continua tratando com o máximo interesse da Conferência do Rio de Janeiro, enaltecendo o valor das deliberações tomadas e a perfeita união pan-americana revelada mais uma vez. Os jornais e o rádio hoje registram boatos sobre o rompimento das relações diplomáticas do Brasil e do Chile com as potências do Eixo. MONIZ DE ARAGÃO

TELEGRAMA • 28 JAN.1942 • AHI 29/5/5

Índice: Ruptura de relações do Brasil com o Eixo. Proteção de interesses italianos.

Embaixada em Londres
À Secretaria de Estado das Relações Exteriores

44 – QUARTA-FEIRA – 11h.30 – O rádio e os jornais de hoje noticiam e assinatura, ontem, do decreto de rompimento das relações diplomáticas do Brasil com o Eixo. Agradeceria confirmação, a fim de poder comunicar ao governo britânico, devido à proteção dos interesses italianos. Agradeceria saber a quem devemos transferir esse encargo. MONIZ DE ARAGÃO

v

OFÍCIO • 28 JAN. 1942 • AHI 28/2/7

[Índice:] A conferência do Rio de Janeiro.

N. 57

Embaixada dos Estados Unidos do Brasil
Londres, 28 de janeiro de 1942.

Senhor Ministro,

Tenho a honra de confirmar as informações que enviei a Vossa Excelência pelo telégrafo sobre o interesse aqui despertado pelos trabalhos da conferência dos ministros das relações exteriores americanos aí reunida.

2. A imprensa desta capital e de toda a Grã-Bretanha publicou um desenvolvido serviço telegráfico e as irradiações da British Broadcasting Corporation também trataram do assunto em forma excepcional.

3. As decisões tomadas são aqui consideradas no seu justo valor sendo devidamente apreciada a importância que representa o fato incontestável da existência de uma unidade continental formando um bloco indestrutível.
4. A resolução final deu ao mundo a exata impressão de que existe uma base comum de entendimento entre os povos das Américas mesmo nas circunstâncias mais difíceis apresentando uma união que infelizmente os países europeus não souberam manter nos momentos mais críticos em face dos seus agressores.
5. Da conferência foi também salientado que única reserva estabelecida na recomendação de ruptura de relação com as Potências do Eixo tenha sido precisamente uma ressalva de caráter essencialmente democrática, pois, se refere a consulta a organismos legislativos de certos países que ainda dependem dos seus Parlamentos para tais resoluções.
6. A propaganda inimiga está tentando explorar esse fato buscando fazer crer que se trata de uma temporização com os países do Eixo ou melhor como sendo um sinal de temor em face de suas ameaças de represálias.
7. A impressão geral dos debates do Rio de Janeiro é que as Américas estão intimamente intimamente solidarizadas mais do que nunca com os princípios e ideais preconizados pelos povos livres que lutam pela sua liberdade.
8. Para o europeu vítima da expansão do nazismo a sensação produzida pela conferência do rio é que os povos americanos compreenderam o real perigo representado pelo isolacionismo e pela infiltração das doutrinas extremistas em países liberais.
9. Todos se regozijam pelo fato de que o continente americano parece ter bem compreendido e aproveitado a lição dada pelos alemães e italianos na sua ânsia de domínio e agressão.
10. Muitos aqui temiam que Berlim e Roma, usando as suas armas traiçoeiras e preferidas da corrupção interna, da mistificação ideológica para obter a decomposição administrativa de países livres, constituísse um perigo dificilmente evitável.
11. A imprensa em geral e nos círculos políticos mais autorizados todos rendem justiça ao trabalho patriótico do senhor presidente Getúlio Vargas com a valiosa colaboração de Vossa Excelência que tem imprimido ao Brasil um progresso extraordinário aumentando as suas forças defensivas nos graves momentos que atravessamos.
12. As decisões tomadas impressionaram profundamente o governo britânico assim como a ação enérgica e patriótica do nosso governo, demonstrativas de que o Brasil,

confiado nos seus dirigentes, está disposto a lutar sem tréguas pela sua independência e a defender os demais países americanos no espírito de perfeita solidariedade continental sem ambições de qualquer natureza. Isso me foi dado ouvir de uma das mais altas personalidades políticas e com prazer informo a Vossa Excelência para os devidos efeitos.

13. Incluo uma coleção de recortes de jornais dos principais órgãos da imprensa britânica que se ocuparam sobre a reunião do Rio de Janeiro.

Aproveito o ensejo para reiterar a Vossa Excelência os protestos da minha respeitosa consideração.

Moniz de Aragão

v

OFÍCIO • 02 FEV. 1942 • AHI 28/2/7

[*Índice:*] Mês político n.2

N. 69

Embaixada dos Estados Unidos do Brasil

Londres, 2 de fevereiro de 1942.

Senhor Ministro,

A Sua Excelência o senhor secretário de Estado das Relações Exteriores, o embaixador do Brasil em Londres apresenta seus respeitosos cumprimentos e tem a honra de enviar, em anexo, o relatório político n.2, relativo ao mês de maio próximo passado.

[*Anexo*]

A visita do senhor Churchill aos Estados Unidos teve uma importância capital para a persecução da guerra. Duas semanas após o golpe de surpresa do Japão ele chegava a Washington para estudar com o presidente Roosevelt as linhas gerais das medidas

estratégicas a tomar e depois de quatro semanas de conferências chegaram a um perfeito entendimento e unidade de vistas.

Ficou assente que o controle estratégico da guerra, que abrange todo o Pacífico, tinha que ser dividido em diferentes teatros. A suprema direção na Rússia continua naturalmente nas mãos de Moscou. Chiang-Kai-Shek será generalíssimo de quaisquer forças aliadas que sejam empregadas na China. O general em Batavia, e o almeirante Hart (americano) terá o comando supremo das frotas no Pacífico Sul.

Houve também uma reorganização de comandos na Índia. O general Auchinleck sucede a Wavell no comando das forças que estão no Iraque e na Pérsia.

De volta a 15 de janeiro das suas conferências estratégicas em Washington, o senhor Churchill veio encontrar uma atmosfera de intranquilidade nos meios parlamentares de Westminster. Trata-se de uma crítica animada por uma vigorosa e saudável preocupação de vitória - não para pôr em cheque a sua liderança, mas para investigar se a sua direção como ministro da defesa estava suficientemente alerta às exigências, na guerra moderna, do poder aéreo e da necessidade de ser estabelecida superioridade local no ar.

O Parlamento insistiu em que esses debates fossem considerados como o exercício legítimo das suas funções e não como declarações endereçadas ao mundo. Por isso foi mal recebida a proposta do primeiro-ministro no sentido de que fosse irradiado o seu discurso inaugurando os três dias de discussões nos Comuns, após as quais ele pediu um voto de confiança. Inclinando-se perante o desejo da maioria, ele retirou no dia seguinte a sua moção, ditada aliás pelos inúmeros pedidos que lhe haviam sido dirigidos de todas as secções do país. O senhor Churchill, ao que dizem, obedece a um conselho de lord Beaverbrook, mas o Parlamento, vendo nessa defesa do primeiro-ministro perante a nação um subterfúgio para passar por cima do controle parlamentar e uma introdução de métodos americanos, desaprovou-a. Assim procedendo, bem como anunciando a criação do Ministério da Produção e a admissão de elementos novos no Gabinete, Churchill deu prova de prudência e habilidade, que lhe valeram a consagrada maioria de 464 contra um no voto de confiança. Era, aliás, tudo o que pediam seus críticos mais ardorosos. As queixas que têm sido feitas contra seu governo é de que é demasiado autoritário e pessoal, devendo o primeiro-ministro repartir um pouco da sua responsabilidade entre colegas de um gabinete capaz. composto de meros yes-men.

Sua defesa foi acolhida com geral satisfação, Churchill não respondeu às críticas com excusas ou negativas. Foi antes um apelo para que o passado fosse aceito com os

seus triunfos e com as suas falhas e um exame do futuro com todas as suas chances e perigos. Respondeu aos estrategistas amadores que clamavam por uma intervenção no Continente com a indicação do presente descalabro no Extremo-Oriente, devido a que os ingleses não dispõem de suficientes forças terrestres, navais ou aéreas para atacarem numa frente e defenderem-se noutra frente. A Grã-Bretanha simplesmente ainda não está em condições de distribuir as suas forças por todo o mundo, trágica realidade que os seus críticos tiveram que reconhecer.

A mais construtiva das críticas foi a de *sir* John Wardlaw-Milne, que melhor exprimiu o sentimento da casa. Esta concretizou-se em quatro pontos: completa confiança pessoal no primeiro-ministro; robustecimento do Gabinete; contraste entre os revezes no Pacífico e o otimismo anterior dos porta-vozes oficiais por ocasião da declaração de guerra pelo Japão e, finalmente, certa ansiedade quanto ao andamento da produção bélica.

O senhor Attlee respondeu por alto a essas observações e anunciou que importantes reforços tinham sido despachados para aquela frente, não sendo culpa deste governo se o país não estava suficientemente armado, no que foi apoiado por *lord* Chatfield que atribuiu a humilhação no Pacífico a uma velha incompreensão dos problemas de defesa do Império. No terceiro dia, Churchill encerrou os debates com o reconhecimento de que na renovada confiança que lhe estava sendo concedida, não deveria ver uma questão de lealdade partidária mas a convicção de que ele saberia executar uma política conforme aos desejos do Parlamento.

O senhor Churchill anunciou a criação de um posto análogo ao criado nos Estados Unidos, de presidente do conselho de produção de guerra, bem como o estabelecimento em Washington, por imposição da Austrália, de um Conselho do Pacífico, com poderes ministeriais, representando a Grã-Bretanha, a Austrália, a Nova Zêlandia e o governo holandês para cooperar com o Comitê anglo-americano de chefes de Estado-Maior, o qual por sua vez está submetido aos dois chefes de governo, Churchill e Roosevelt, em colaboração com Stalin, Chiang-Kai-Shek e os demais chefes de governos aliados. A unidade de vistas entre os países do Império será assegurada mediante consultas diretas pelos canais competentes e pela presença de ministros dos domínios num Gabinete de guerra.

O senhor Churchill explicou claramente que a tarefa do Conselho do Pacífico será a fixação das questões de estratégia geral, a direção das operações militares continuando nas mãos dos Supremos-Comandos, recentemente nomeados.

Nos últimos dias do mês procederam-se a contínuas e urgentes consultas entre os governos da Grã-Bretanha, da Austrália e dos Estados Unidos, a fim de prover à defesa eficaz daquele domínio contra a ameaça japonesa. A situação tinha-se tornado aguda ante o descontentamento australiano que acusara o Gabinete de guerra e as autoridades militares competentes no Pacífico de falta de providências para fazer face ao grave e iminente perigo, queixando-se de que a importância de Singapura, da Malaia e das Índias Neerlandesas não fora apreendida a tempo em Londres. Nem todas as críticas que se fizeram na Austrália são justificadas, como o próprio senhor Menzies, ex-primeiro-ministro, o reconheceu, numa recente irradiação. Em princípio, disse ele, a decisão de reforçar a Rússia e a Líbia era inatacável, mesmo do ponto de vista da segurança australiana. Também a criação do Gabinete Imperial de guerra, como vinha sendo apresentada, não é praticável, constitucionalmente, pois, os representantes dos Domínios não seriam responsáveis perante o primeiro-ministro, mas somente perante os seus respectivos governos, aos quais precisariam referir-se para as decisões importantes. O dilema está entre dar-se a esse representante autoridade para engajar o seu governo ou não passar de um mero observador.

Entretanto, a ameaça sobre Singapura desenvolveu-se assustadoramente. Começou o sítio da ilha, os japoneses já instalados na margem norte do Estreito de Johore. A luta pela defesa ponto vital anuncia-se temível, pois, a manutenção de Burma e o reabastecimento dos chineses por essa via, depende da conservação de Singapura, como ponto de apoio, já que como base naval tem agora pouca utilidade.

A 22 de janeiro foi publicada em Lisboa uma declaração do governo português, segundo a qual, de acordo com o britânico, forças portuguesas serão despachadas de Lourenço Marques para Timor, a fim de tomar a defesa da parte portuguesa da ilha.

Está declaração foi recebido com alívio e satisfação em Londres, pois, a decisão com que este governo teve que concordar, a contra gosto, fora, ao que parece, exigida pelos holandeses e australianos.

Consta que o Japão teria dado a segurança, a vista desse arranjo, de que observará rigorosamente a neutralidade não só de Timor como de Macau.

Depois de vários adiamentos, a Assembleia do Irã aprovou afinal o tratado da aliança assinado por seu governo com os da Grã-Bretanha e a Rússia.

Os termos desse acordo estatuem que a integridade territorial, a soberania e a independência política do Irã, serão defendidos por aqueles seus aliados, os quais se

comprometem, por sua vez, a retirar do país todas as suas forças militares, seis meses após a cessação de hostilidades com a Alemanha.

As autoridades britânicas e russas comprometem-se a consultar as do Irã nos assuntos concernentes à manutenção, tanto quanto possível, da vida econômica do povo do Irã contra quaisquer privações e dificuldades que possam surgir da presente guerra.

O governo do Irã assumiu, com esse pacto, a obrigação de cooperar com os aliados, permitindo-lhes o uso e controle dos meios de transporte do país, o que muito facilitará o movimento que se fizer necessário de tropas e fornecimentos militares.

Aproveito o ensejo para reiterar a Vossa Excelência os protestos da minha respeitosa consideração.

Moniz de Aragão

A Sua Excelência o Senhor Embaixador Osvaldo Aranha
Ministro de Estado das Relações Exteriores

v

OFÍCIO • 04 FEV. 1942 • AHI 28/2/7

[Índice:]

N. 79

Embaixada dos Estados Unidos do Brasil

Londres, 4 de fevereiro de 1942.

Senhor Ministro,

Os diretores da companhia Reuters me pediram, com o máximo interesse que solicitasse os bons ofícios de Vossa Excelência junto ao departamento de informação e

propaganda, no sentido de lhe serem estendidas todas as facilidades que o mesmo departamento outorga à *Associates* e à *United press*.

A Reuters mantém, com êxito para o Brasil, um serviço informativo completo e independente. Ela só pretende que lhe seja permitido compelir com as suas rivais norte-americanas, sem aspirar, aliás, ao benefício da transmissão gratuita de telegramas do Rio de Janeiro para os jornais dos estados, de que estas gozam, mas espera que, em vez de discriminar, lhe seja concedida igualdade de tratamento.

Permito-me ponderar a Vossa Excelência que é do interesse do Brasil conservar a boa vontade dessa importantíssima agência britânica de publicidade, que, ultimamente, e, sobretudo durante a conferência de ministros das relações exteriores americanos no Rio, forneceu amplo noticiário sempre simpático ao nosso governo e à nossa atitude.

Aproveito o ensejo para reiterar a Vossa Excelência os protestos da minha respeitosa consideração.

Moniz de Aragão

A Sua Excelência o Senhor Embaixador Osvaldo Aranha
Ministro de Estado das Relações Exteriores

v

TELEGRAMA • 06 FEV.1942 • AHI 29/5/5

Índice: RM(III) Mensagem do rei e do governo britânicos ao governo brasileiro.

Embaixada em Londres
À Secretaria de Estado das Relações Exteriores

56 – SEXTA-FEIRA – 17h.00 – Fui hoje convocado pelo ministro dos Negócios Estrangeiros, o qual em entrevista extremamente cordial pediu-me, em nome de Sua Majestade e do primeiro-ministro, manifestar ao presidente da República e a Vossa Excelência a grande satisfação com que o governo britânico teve conhecimento do êxito obtido na Conferência do Rio de Janeiro, que considera como devido, principalmente, ao esforço e ao prestígio pessoal do presidente do Brasil e da Vossa Excelência. O senhor Eden declarou-me ainda que considera a Conferência um dos maiores acontecimentos

políticos dos últimos tempos, acrescentando que podia assegurar ao governo brasileiro toda a colaboração da Grã-Bretanha, mormente referente à política de defesa do Brasil e do nosso continente em perfeita solidariedade com os Estados Unidos da América. MONIZ DE ARAGÃO

v

TELEGRAMA • 06 FEV. 1942 • AHI 30/1/2

Índice: Proteção de interesses italianos. Encerramento e prestação de contas.

Secretaria de Estado das Relações Exteriores
À Embaixada em Londres

39 – 6 FEVEREIRO 1942 – Havendo o Brasil interrompido as relações diplomáticas com a Itália a 28 de janeiro último, cessaram naquela data os serviços de proteção dos interesses italianos confiados a essa missão.⁷ Vossa Excelência deverá, portanto, encerrar aqueles serviços e a respectiva contabilidade, prestando deles conta detalhada à Secretaria de Estado. Como são frequentes os casos de demora na remessa de dinheiro, Vossa Excelência deverá transferir para a nova potência protetora, explicando-lhe a finalidade, qualquer quantia que depois daquela data lhe venha a ser entregue por conta do governo italiano. EXTERIORES

v

OFÍCIO • 06 FEV. 1942 • AHI 28/2/7

[Índice:]

N. 82

Embaixada dos Estados Unidos do Brasil
Londres, 6 de fevereiro de 1942.

⁷ Tachado no original; acima anotação à caneta: “repartição”.

Senhor Ministro,

Tenho a honra de remeter a Vossa Excelência, no incluso recorte, um artigo publicado pelo *South American Journal*, de 31 de janeiro último, sobre os capitais britânicos investidos no Brasil.

Trata-se, como Vossa Excelência verá, de um exame, em termos muito favoráveis, da posição desses capitais e da nossa situação econômica no Brasil.

Esse trabalho, que, antes de publicado, foi submetido à apresentação desta embaixada, saliente que o dinheiro inglês empregado no nosso país sempre produziu, antes da crise econômica mundial, lucros bastante razoáveis. Nos últimos anos, entretanto, o Brasil sofreu muitas críticas, no terreno financeiro; mas não havia razão para acusar um país, em particular, por condições que tinham um caráter geral, atendendo à referida crise. Além disso, a preferência que a Grã-Bretanha dera às mercadorias do seu império havia impedido o Brasil de vender-lhe os seus produtos e, portanto, de dar cumprimento às suas obrigações.

O jornal diz ainda, entre outras coisas, que as estatísticas desses capitais, em 31 de dezembro de 1941, revelam ter havido uma considerável melhora na situação financeira do nosso país.

Aproveito o ensejo para reiterar a Vossa Excelência os protestos da minha respeitosa consideração.

Moniz de Aragão

A Sua Excelência o Senhor Embaixador Osvaldo Aranha

Ministro de Estado das Relações Exteriores

OFÍCIO • 06 FEV. 1942 • AHI 28/2/7

[Índice:]

N. 84

Embaixada dos Estados Unidos do Brasil

Londres, 6 de fevereiro de 1942.

Senhor Ministro,

Tenho a honra de remeter a Vossa Excelência, em anexo, exemplares do 68º relatório do *council of the corporation of foreign bondholders*, relativo ao ano de 1941.

Esse relatório salienta a melhoria verificada na situação cambial da maioria dos países da América do Sul e da América Central, atribuindo-a a diferentes causas, muitas das quais decorrentes da guerra.

Os países produtores de café – continua – foram beneficiados pelo acordo firmado com os Estados Unidos em fins de 1940, o qual resultou em substancial e estável aumento dos preços desse produto. Grandes compras de outras mercadorias foram realizadas pelos governos britânico e americano, para fins de guerra, e a política de crédito dos Estados Unidos foi tornada mais ampla.

Com relação as suas dívidas externas, os países em questão atenderam regularmente aos respectivos serviços, durante o ano de 1941. No caso de alguns, porém, as apresentações feitas anteriormente pelo conselho, no sentido de serem negociados ajustes para a liquidação das suas dívidas, não lograram êxito.

Depois de algumas considerações mais, de ordem geral, sobre o estado, durante o ano de 1941, das dívidas externas dos vários países, de que os membros da corporação possuem títulos, o relatório se refere detalhadamente a cada uma delas, entre as quais o Brasil.

Aproveito o ensejo para reiterar a Vossa Excelência os protestos da minha respeitosa consideração.

Moniz de Aragão

A Sua Excelência o Senhor Embaixador Osvaldo Aranha
Ministro de Estado das Relações Exteriores

v

OFÍCIO • 10 FEV. 1942 • AHI 28/2/7

[Índice:]

N. 87

Embaixada dos Estados Unidos do Brasil

Londres, 10 de fevereiro de 1942.

Senhor Ministro,

A reorganização ministerial, já há tempos anunciada, que acaba de ser levada a efeito indica que uma parte da tarefa à qual ser consagrará o primeiro ministro, depois dos grandes debates parlamentares, foi resolvida mais rapidamente do que era lícito esperar.

Lord Beaverbrook no ministério da produção e *sir* Andrew Duncan, antigo presidente do *board of trade*, como ministro dos abastecimentos, são duas nomeações que vieram confirmar as suposições dos círculos políticos bem informados.

A reorganização ministerial também incluiu a designação do coronel Llewelin, antigo secretário parlamentar do transporte, para presidente do *board of trade* e a nomeação dos senhores Harold MacMillan para exercer as funções de secretário parlamentar do ministério das colônias; Ralph Assheton para secretário parlamentar do ministério dos abastecimentos; Phillip Noel-Baker, secretário parlamentar do ministério dos transportes.

O cargo de secretário parlamentar e financeiro do almirante foi dividido em dois secretariados e confiados respectivamente a *sir* Victor Warrender e *sir* George Henry Hall.

A parte referente à definição exata das funções que incubem presentemente a *lord* Beaverbrook foi objeto de uma grande exposição de fatos por parte do primeiro ministro, na Câmara dos Comuns, e dela resultou que o novo ministro da produção não terá o caráter de praticamente exercer prerrogativas de ditador mais propriamente agirá como administrador, coordenador e agente de ligação entre os ministérios da produção aeronáutica, do trabalho, transporte, abastecimento e produção de guerra e o grupo similar existente nos Estados Unidos.

Os partidários dessas medidas desejam que elas sejam ainda mais absolutas para melhor assegurar o esforço de guerra.

A nomeação de um verdadeiro ditador não pode ser feita de improviso sem ciar uma grande quantidade de conflitos administrativos e pessoais extremamente inoportunos.

Assim basta indicar que não deverá se ocupar somente com a atividade dos departamentos subordinados, tais como o de abastecimentos e de produção em geral, mas também com os grandes ministérios como o da guerra, trabalho, almirantado e *board of trade*.

Parece ser admissível que os motivos alegados foram determinantes na decisão do primeiro ministro para adotar a presente solução.

O princípio da coordenação e do desenvolvimento do trabalho de guerra poderá constituir uma medida transitória, preparando para o futuro mais ou menos próximo um sistema mais autoritário.

O êxito de uma missão depende geralmente da pessoa a quem foi confiada e a esse respeito pode ser dito que *lord* Beaverbrook inicia a sua tarefa sob uma passável impressão mormente por parte do público e de numerosos parlamentares.

Ele já reuniu os deputados conservadores que formam o comitê de 1922 para expor os principais problemas atuais relativos à produção e parece que esse comitê ficou satisfeito com o programa que lhe foi exposto.

Deve ser notado que a nomeação do novo ministro da produção coincide com as declarações feitas pelo chefe da delegação soviética sindicalista depois de uma visita de um mês aos principais centros industriais da Grã-Bretanha.

Com o mesmo tom de crítica amistosa já feita por outros delegados soviéticos o senhor Shvernik julga que a indústria britânica possui todos os elementos para aumentar sensivelmente sua produção, mormente de armamentos, mas que infelizmente reservas muito importantes estão sendo insuficientemente utilizadas por diversas razões.

Assim certo número de usinas aproveitam em pequena escala o equipamento e as máquinas de que dispõem; o afluxo reduzido de mulheres das indústrias apesar das decisões governamentais tomadas recentemente e que deverão ser mais severas; a pouca atenção dispensada pelos diretores de certas fábricas aos pedidos e sugestões dos operários especialmente os que se referem a providências visando melhorar o rendimento e enfim a limitação observada em certas usinas do nível de produção que sem dificuldade pode ser elevado.

Essas observações apenas repetem o que já se tem ouvido na Câmara dos Comuns e na imprensa desde algum tempo e indicam qual a grande obra que *lord* Beaverbrook deverá realizar mesmo não estando desde já munido de poderes discricionários para atuar em todos os ministérios interessados direta ou indiretamente com o problema da produção industrial de guerra.

Aproveito o ensejo para reiterar a Vossa Excelência os protestos da minha respeitosa consideração.

Moniz de Aragão

A Sua Excelência o Senhor Embaixador Osvaldo Aranha

Ministro de Estado das Relações Exteriores

TELEGRAMA • 11 FEV.1942 • AHI 29/5/5

Índice: Guerra. Situação nas diversas frentes de luta.

Embaixada em Londres
À Secretaria de Estado das Relações Exteriores

66 – QUARTA-FEIRA – 17h.00 – A situação no Extremo-Oriente é grave, sendo esperada uma batalha decisiva em Singapura dentro de 24 horas. O Gabinete de Guerra do pacífico está reunido quase permanentemente, em constante ligação com Londres e Washington, para deliberar sobre as medidas visando principalmente uma ação defensiva tão rápida quanto possível, e o estabelecimento da unidade de comando nos principais centros de luta. Apesar do desenvolvimento da guerra japonesa, a situação na África continua entre as principais preocupações, devido, principalmente, à concentração da aviação alemã no sul da Itália e ao controle assumido por Berlim da força aérea italiana. Tudo indica que os alemães desejam o completo domínio na África setentrional, ajudados por Vichy, para melhor hostilizar os aliados no Mediterrâneo e no Atlântico. A ação seria completada com a ameaça contra a Turquia para assegurar o domínio do próximo Oriente e resolver o problema do petróleo, abrindo nova frente russa mais vulnerável. Continua a confiança na resistência russa. A última reorganização ministerial causou em geral boa impressão, robustecendo a posição do primeiro-ministro. MONIZ DE ARAGÃO

v

TELEGRAMA • 11 FEV. 1942 • AHI 30/1/2

Índice: Controle de exportação na Grã-Bretanha.

Secretaria de Estado das Relações Exteriores
À Embaixada em Londres

42 – 11 FEVEREIRO 1942 – Muito agradeceria a Vossa Excelência procurar obter, desse governo, licença de exportação para máquinas usadas, encomendadas à firma Edward Elwell Ltd., Wednesbury, pela Fábrica de Artefatos de Aço Tupy Limitada, de São Paulo, e destinadas ao aumento da produção de enxadas e utensílios agrícolas necessários para a lavoura brasileira. EXTERIORES

Nota: Pago pela interessada Fábrica de Artefatos de Aço Tupy Limitada.

Exteriores

v

TELEGRAMA • 12 FEV. 1942 • AHI 30/1/2

Índice: “Navicert” para exportação de fumo brasileiro destinado à Suíça.

Secretaria de Estado das Relações Exteriores
À Embaixada em Londres

43 – 12 FEVEREIRO 1942 – Os exportadores brasileiros de fumo estão desejosos de manter os fornecedores para a Suíça. Assim, agradeceria a Vossa Excelência sondar esse governo sobre a possibilidade da concessão de “navicert” para as exportações destinadas àquele país, na mesma quantidade das remessas realizadas antes da guerra. Sendo viável, fica Vossa Excelência autorizado a fazer o pedido oficial. EXTERIORES

Expedido em 12 de fevereiro de 1942 via Western.

v

OFÍCIO • 12 FEV. 1942 • AHI 28/2/7

[Índice:]

N. 92

Embaixada dos Estados Unidos do Brasil
Londres, 12 de fevereiro de 1942.

Senhor Ministro,

A impressão dominante nos meios competentes de Londres em relação às recentes manifestações de Tanger e suas causas é que se trata evidentemente de um balão de ensaio

destinado a permitir a Berlim de avaliar exatamente as reações produzidas em Madrid, Londres e Vichy

Ao mesmo tempo poderá servir para a realização de ulteriores objetivos de mais importância e cuja execução é esperada em um próximo futuro

Os alemães quiseram sem dúvida conhecer as reações espanholas com a esperança de que as demonstrações anti-britânicas artificiais que organizaram em Tanger poderiam ecoar favoravelmente para eles em toda a Península e mostrar que contrariamente à impressão geral a Espanha deseja uma ocasião para entrar em franca beligerância.

Um fato incontestável é que os alemães não estão satisfeitos com a atitude da Espanha considerando que os êxitos do governo Rommel não modificaram de nenhuma forma, pelo menos até agora, a linha de conduta seguida pelo general Franco.

Acresce que os desejosos de obter esse resultado julgaram ser oportuno exercer uma pressão mas a isso o Caudilho respondeu com o ato de pagar a Itália a dívida contraída por motivo de civil. Esse gesto de independência é contrário aos desejos da Wilhelmstrasse tendentes a ligar todos os países europeus contra as democracias.

As primeiras reações espanholas não correspondem às esperanças de Berlim e assim as manifestações de Tanger não tiveram repercussão, sem dúvida porque em geral os espanhóis compreenderam imediatamente a manobra pífida para envenenar as relações entre Madrid e Londres.

A reação britânica foi também contrária foi também contrária aos desejos alemães, pois, a intervenção enérgica do cônsul inglês em Tanger não tomou absolutamente qualquer caráter agressivo embora insistisse sobre a necessidade do governo espanhol garantir a proteção desejada aos súditos britânicos nas regiões submetidas à jurisdição das autoridades espanholas.

Não foi maior o resultado obtido pelos alemães junto ao governo de Vichy quando argumentaram que é manifesto que em presença desse estado de coisas a Espanha deve reforçar a sua autoridade no Marrocos e que tal atitude necessitará que exerça uma certa fiscalização sobre o Marrocos francês; nesse caso os alemães, em vista do pouco progresso da política de colaboração, com o marechal Petain, nada fariam para impedir a ação espanhola no sentido indicado.

Isso aliás parece poder ser deduzido da declaração, visivelmente de caráter objetivo, recentemente feita pelo general Aranda.

Ninguém ignora a reação de Vichy mas aqui acreditam que o general Nagues, governador do Marrocos francês, compreendeu bem toda a manobra mas os centros diplomáticos londrinos julgam que os alemães continuarão a estender a sua rede de intrigas e de provocações.

Assim já se anuncia que o estado maior alemão espera brevemente encetar em larga escala novas operações na África que tanto a Rússia constitui a principal preocupação do *führer*.

Essa suposição é confirmada pela grande concentração de forças aéreas e motorizadas na Calábria e na Sicília assim como no sul dos Bálcãs.

Finalmente a forma pela qual os exércitos alemães procuram defender suas posições na frente russa comprova os preparativos para a sua futura ação na África e próximo oriente e assim as intrigas políticas postas em marcha constituem necessariamente para Berlim o prelúdio indispensável e um meio de justificar os seus novos planos de guerra.

Aproveito o ensejo para reiterar a Vossa Excelência os protestos da minha respeitosa consideração.

Moniz de Aragão

A Sua Excelência o Senhor Embaixador Osvaldo Aranha
Ministro de Estado das Relações Exteriores

v

OFÍCIO • 12 FEV. 1942 • AHI 28/2/7

[Índice:]

N. 93

Embaixada dos Estados Unidos do Brasil

Londres, 12 de fevereiro de 1942.

Senhor Ministro,

As últimas informação colhidas nos meios autorizados induzem a pensar que os alemães, jogando agora com a carta África, depois de terem praticamente eliminado a Itália do jogo, estão manobrando habilmente buscando explorar as ambições espanholas no Marrocos para vencer definitivamente o resto de resistência do governo de Vichy para que se submeta incondicionalmente à vontade de Hitler entregando-lhe o seu império colonial e possivelmente permita aos alemães uma adequada utilização de sua frota comercial e de guerra.

No caso do marechal Petain não ceder às exigências de Berlim os espanhóis serão incitados na África a empreender uma ação militar baseada nas suas velhas reivindicações sobre a grande Tunísia.

Os alemães apresentam em Vichy a alternativa de converter a Tunísia em base de resistência contra um eventual avanço britânico ou cede o protetorado às autoridades espanholas sob o pretexto capcioso de que a presença dessa potência, aparentemente

neutra em Tunis, serviria para paralisar uma possível progressão do exército britânico e também para impedir que elementos favoráveis ao general de Gaulle entreguem a Tunísia aos ingleses ou à França livre.

Os espanhóis que apesar dos seus serviços à política alemã não obtiveram outras recompensas além da ocupação precária de Tanger conseguiram assim despojar a França de um dos seus territórios africanos com o qual o nazismo contentaria os dirigentes da falange que já começaram a desconfiar e mesmo a se inquietar ao ver que os alemães exigem da Espanha pesados sacrifícios sem qualquer compensação.

A transferência do protetorado da Tunísia à Espanha está naturalmente condicionada às vantagens que Vichy se resolva definitivamente conceder a Berlim.

A Alemanha favorecerá a que melhor lhe servir e esse é o regateio que neste momento está empregado.

Seja qual for o resultado das batalhas em curso na Rússia e na Líbia é evidente que o interesse dos movimentos estratégicos e diplomáticos estão sendo deslocados para a zona ocidental do Mediterrâneo e para a costa do norte da África onde os alemães pretendem logicamente buscar compensações contra a série de fracassos que têm tido na frente russa.

No caso pouco provável da campanha contra os soviéticos poder ficar paralisada e terem podido obter um resultado decisivo e se a luta na Líbia chegar a comprometer o futuro da ação militar nazi na África a única solução que resta a Berlim para manter a sua iniciativa no ponto morto a que chegou a guerra seria ampliar ainda mais a zona bélica estendendo a luta no largo da costa africana de Tunis ao Marrocos tanto francês como espanhol.

Esse é o trunfo que Hitler teria reservado para seu proveito no momento oportuno.

As tropas alemãs se forem batidas na Líbia e em tal circunstância obrigadas a se retirar para a fronteira tunisiana e se por outro lado não houver esperança de uma solução favorável para Berlim na Rússia chegará a ocasião acima citada em que o *führer* julgará dever usar o seu trunfo e os elementos principais desse ato são constituídos pelos governos de Vichy e de Madrid sobre os quais ele exerce neste momento a sua máxima pressão.

Para confirmar essa suposição deve ser notada a desusada atividade diplomática e política que vem sendo observada nos últimos dias entre Berlim, Vichy e Madrid e que se estende mesmo até Lisboa, pois, as últimas notícias indicam que se estaria realizando uma conferência entre o senhor Salazar e o general Franco perto da fronteira portuguesa.

Em geral aqui confiam que apesar de tudo a atitude espanhola está agora mais orientada para uma real neutralidade enquanto Portugal depois de liquidado o caso de Timor está mais inclinado a evitar complicações com os países anglo-saxões.

O embaixador português recentemente chegado de Lisboa, disse-me ontem diante do ministro Anthony Eden, ter sido enorme a impressão causada em Portugal pela atitude do Brasil e pelas decisões tomadas na conferência do Rio de Janeiro e que isso estava

também influenciando poderosamente o governo espanhol para robustecer a sua posição de potência neutra.

Aproveito o ensejo para reiterar a Vossa Excelência os protestos da minha respeitosa consideração.

Moniz de Aragão

A Sua Excelência o Senhor Embaixador Osvaldo Aranha
Ministro de Estado das Relações Exteriores

v

OFÍCIO • 12 FEV. 1942 • AHI 28/2/7

[Índice:]

N. 94

Embaixada dos Estados Unidos do Brasil
Londres, 12 de fevereiro de 1942.

Senhor Ministro,

As numerosas preocupações de caráter militar, que os países aliados estão tendo, estão subordinadas, segundo acreditam em Londres, ao desenvolvimento da situação no extremo oriente.

O fato dos australianos terem considerado o assunto em forma errônea, demasiadamente confiante, é talvez devido a que durante muito tempo os meios militares britânicos julgavam como coisa possível impedir o avanço japonês na província de Malaca e assim defender Singapura, pela parte de terra, isto é pelo seu ponto vulnerável.

Os homens de Estado britânico e australianos devem ter agora as mesmas preocupações em face das dificuldades existentes e considerando o sentido geral de que o terreno perdido agrava tanto mais a situação devido às repercussões econômicas e estratégicas que se farão sentir simultaneamente com efeitos mais rápidos.

Geralmente é aqui admitido que a questão essencial está concentrada na necessidade dos britânicos e americanos readquirirem a supremacia naval no Pacífico mas que o problema se agrava cada dia, pois, será necessário que essa supremacia seja extremamente marcada uma vez que os japoneses dispõem agora de excelentes bases e poderão obter um número maior de matérias primas o que lhes permitirá reduzir a importância dos seus comboios provenientes do Japão uma vez que poderão alimentar suas tropas de ocupação com recursos de produção local.

É necessário ponderar que apesar da urgência de uma solução para o problema do extremo oriente é difícil examina-la separadamente sem ter em conta a possível evolução dos acontecimentos nos demais teatros das operações em curso.

Isso quer dizer que deve sempre ser considerada as repercussões na China, do regresso japonês na Birmânia e examinar as possibilidades de uma intensificação da expansão alemã para o oriente em direção aos petróleos do Cáucaso.

Á medida que a primavera se aproxima parece que os alemães vão tendo mais probabilidade de evitar que a campanha da Rússia se transforma para eles em uma derrota de tal importância que os impeça de retomar a contraofensiva depois do degelo russo.

Os soviéticos já admitem essa eventualidade declarando que já estão se preparando para uma tal situação e o assunto é tão grave que não pode ser descuidado a menos precaução e nenhuma pode ser considerada como supérflua.

Assim, pois, é indispensável que a coordenação nas operações do Pacífico sejam completadas pela cooperação dos estados maiores que dirigem a guerra nos diferentes centros da luta e que uma ajuda mútua, rápida e tão completa quanto possível não seja uma simples promessa e uma expressão de bons desejos.

O problema parece que está sendo seriamente encarado desde algum tempo e segundo as últimas notícias estaria sendo objetivo de estudos aprofundados para que se demora seja aplicado e constituiria durante a recente visita do senhor Churchill aos Estados Unidos.

Aproveito o ensejo para reiterar a Vossa Excelência os protestos da minha respeitosa consideração.

Moniz de Aragão

A Sua Excelência o Senhor Embaixador Osvaldo Aranha
Ministro de Estado das Relações Exteriores

OFÍCIO • 16 FEV. 1942 • AHI 28/2/7

[Índice:]

N. 100

Embaixada dos Estados Unidos do Brasil
Londres, 16 de fevereiro de 1942.

Senhor Ministro,

De acordo com as instruções contidas na circular telegráfica de Vossa Excelência nº 1587, de 28 de janeiro último, dei-me pressa em passar nota a este governo informando sobre a ruptura das relações diplomáticas do Brasil com a Alemanha, Itália e Japão.

Entreguei pessoalmente a referida nota, de que junto uma cópia, e logo informei a Vossa Excelência pelo meu telegrama nº 50, de 29 de janeiro último, sobre a forma altamente cordial com que foi recebida essa notícia.

No dia 6 do corrente, fui convocado pelo ministro dos negócios estrangeiros para ser informado de que sua majestade o rei, assim como o governo britânico, muito tinham apreciado a nossa decisão e que consideravam um triunfo pessoal do senhor presidente da república e de vossa excelência o legítimo êxito obtido pela conferência aí realizada.

Desse fato também logo dei notícia pelo meu telegrama nº 56, de 6 de fevereiro.

Nessa data recebi uma nota do *foreign office*, que junto em cópia, pela qual foi respondida a minha acima referida, confirmando as declarações a que fiz referência nos meus telegramas.

Devo ponderar que as declarações contidas no parágrafo 3 da aludida nota não foram determinadas por qualquer comunicação minha escrita ou verbal, mesmo porque ignoro o assunto, e suponho que sejam oriundas de informação recebida pelo governo britânico de sua embaixada no Rio de Janeiro.

Aproveito o ensejo para reiterar a Vossa Excelência os protestos da minha respeitosa consideração.

Moniz de Aragão

A Sua Excelência o Senhor Embaixador Osvaldo Aranha
Ministro de Estado das Relações Exteriores

v

[*anexo*]

Embaixada dos Estados Unidos do Brasil

Londres, em 29 de janeiro de 1942.

Nº 15

Senhor secretário de estado,

Tenho a honra de levar ao conhecimento de Vossa Excelência, para os devidos efeitos, que a terceira reunião consultiva dos ministros das relações exteriores das repúblicas americanas, reunida no Rio de Janeiro, resolveu por unanimidade reafirmar a declaração de que considera qualquer ato de agressão de um Estado extra continental contra uma delas como praticado contra todas, por constituírem ameaça imediata à liberdade e à independência da América, e, em consequência, recomendou a ruptura das relações diplomáticas das repúblicas americanas com o Japão, a Alemanha e a Itália, por ter o primeiro desses Estados agredido um Estado americano e lhe terem os dois outros declarado guerra.

O governo do Brasil, considerando a resolução acima referida e, fiel à sua tradição pan-americana, nunca tendo deixado de dar cumprimento imediato às decisões continentais, tal como a presente, que foi adotada pelas repúblicas americanas por forma solene e histórica naquela reunião, resolveu romper ontem suas relações diplomáticas e econômicas com o Japão, a Alemanha e a Itália.

Aproveito o ensejo para reiterar a Vossa Excelência os protestos da minha respeitosa consideração.

Moniz de Aragão

A Sua Excelência *the right honourable* Anthony Eden, M.P., M.C.,
Principal secretário de Estado de sua majestade britânica dos negócios estrangeiros.

v

TELEGRAMA • 16 FEV.1942 • AHI 29/5/5

Índice: Discurso do primeiro-ministro britânico sobre a situação militar.

Embaixada em Londres
À Secretaria de Estado das Relações Exteriores

72 – SEGUNDA-FEIRA – 19h.45 – O primeiro-ministro, ontem, no rádio, invocou a perfeita união nacional em face da maior derrota militar até hoje sofrida pelo Império britânico, pois a divergência de opiniões, neste momento, seria crime mortal. Foram severas as críticas da imprensa em face da rendição de Singapura e da passagem da esquadra alemã pela Mancha, determinando interpelações na Câmara dos Comuns, onde o primeiro-ministro fará, dentro de poucos dias, declarações completas sobre os últimos graves acontecimentos. Recrudescer o desejo da opinião pública de que seja reforçada a coordenação dos três serviços de guerra com maior energia e ação, mesmo sob a orientação reduzida de um Gabinete de Guerra, composto de um ministro, independente de encargo administrativo, ideia essa a que o senhor Churchill tem resistido até agora, mas que parece inadiável nas atuais circunstâncias. O governo procura tranquilizar a opinião pública quanto ao futuro desenvolvimento da guerra, mormente quanto à possibilidade da invasão das Ilhas britânicas. Os próximos debates serão acalorados, mas a confiança permanece intacta no primeiro-ministro, embora abalada em relação a alguns dos seus principais colaboradores, sendo exigida a formação de um governo com elementos mais jovens e enérgicos. MONIZ DE ARAGÃO

OFÍCIO • 16 FEV. 1942 • AHI 28/2/7

[Índice:]

N. 103

Embaixada dos Estados Unidos do Brasil
Londres, 16 de fevereiro de 1942.

Senhor Ministro,

O senhor Churchill falou ontem pelo rádio aos povos do império britânico e no decorrer da sua oração cheia de um vigor extraordinário, não ocultou que a perda da base de Singapura constitui uma pesada derrota, talvez sem precedente na história militar deste país.

No momento em que a Grã-Bretanha sofre sério revezes o primeiro ministro, como bom timoneiro que avalia bem os perigos que está enfrentando, quis sem hesitar tomar altura e definir o seu rumo que não é, neste momento, orientado para vigorar corações que não podem enfraquecer nem criar um péssimo exagero.

Ele quis, porém, evitar erros de julgamento e dissipar a confusão reinante em certos círculos com um exame claro e completo da situação, colocando-a na sua justa proporção em relação à gravidade do momento.

Durante todo um ano depois que o governo de Bordeaux abandonou a luta a Grã-Bretanha e o império enfrentaram em toda a parte o poderoso inimigo, no mar, nos ares e em terra. Não desanimaram nem sucumbiram causando ao adversário em muitos casos pesadas perdas determinando e ruína do segundo Império Romano, mas desde oito meses foram apoiados pela Rússia e mais recentemente pelos Estados Unidos sem contar a China que já se acha empenhada na luta há mais de quatro anos.

A guerra tornou-se universal e os impérios os mais poderosos do mundo, os mais povoados e os mais ricos combatem os países do Eixo.

Durante longo tempo a Alemanha teve sobre sua adversária britânica a superioridade numérica de material de que beneficiou devido aos muitos anos em que se preparou para a guerra e agora o Japão também goza dessa vantagem sobre seus inimigos

que lhe permitiu, auxiliado pela sua traiçoeira agressão, obter uma série de êxitos apreciáveis.

A Alemanha vai perdendo essa vantagem e pela primeira vez encontrou no continente um adversário cuja preparação militar iguala a sua, pois, o exército russo, auxiliado pelas usinas americanas e inglesas, deve bater o exército alemão.

O Japão pode triunfar provisoriamente mas a força indomável dos Estados Unidos e da Grã-Bretanha deverá finalmente abater os seus ferozes inimigos.

Junto remeto a Vossa Excelência o texto do aludido discurso que em geral foi bem recebido pela opinião pública.

Aproveito o ensejo para reiterar a Vossa Excelência os protestos da minha respeitosa consideração.

Moniz de Aragão

A Sua Excelência o Senhor Embaixador Osvaldo Aranha
Ministro de Estado das Relações Exteriores

v

OFÍCIO • 18 FEV. 1942 • AHI 28/2/7

[Índice:]

N. 109

Embaixada dos Estados Unidos do Brasil
Londres, 18 de fevereiro de 1942.

Senhor Ministro,

Tenho a honra de remeter a Vossa Excelência, em anexo, o exemplar do “*British Survey*”, deste mês, dedicado ao Brasil

Trata-se de uma publicação mensal da *British association for international understanding*, que é presidida pelo *Earl Baldwin of Bewdley, K.G.*, antigo primeiro ministro da Grã-Bretanha.

Rogo vênia para chamar a atenção de Vossa Excelência que a aludida sociedade, havendo já editado cerca de quarenta estudos sobre diferentes países, com o número incluso, pela primeira vez, voltou suas vistas para um país da América Latina.

Aproveito o ensejo para reiterar a Vossa Excelência os protestos da minha respeitosa consideração.

Moniz de Aragão

A Sua Excelência o Senhor Embaixador Osvaldo Aranha
Ministro de Estado das Relações Exteriores

[Anexo: “The United states of Brazil is a world in itself”. *British Survey*, Londres, February 6th, 1942.]

v

TELEGRAMA • 20 FEV. 1942 • AHI 30/1/2

Índice: Encomenda de explosivos na Inglaterra.

Secretaria de Estado das Relações Exteriores
À Embaixada em Londres

50 – 20 FEVEREIRO 1942 – A pedido urgente⁸ do Ministério da Guerra, rogo a Vossa Excelência declarar às autoridades britânicas que a partida de vinte toneladas de amilol (Diamil- phtalate), encomendada pela Casa Mayrink Veiga S. A. à Chemia Products Ltd. Central House, em Finsbury Square, é destinada exclusivamente à produção de pólvora para o Exército brasileiro. Informa o importador que o material está pronto para embarcar, dependendo apenas da intercessão dessa embaixada. EXTERIORES

⁸ Tachado no original.

Expedido em 20 de fevereiro de 1942 via Western.

v

OFÍCIO • 20 FEV. 1942 • AHI 28/2/7

[Índice:]

N. 110

Embaixada dos Estados Unidos do Brasil
Londres, 20 de fevereiro de 1942.

Senhor Ministro,

Tenho a honra de levar ao conhecimento de Vossa Excelência que, em obediência ao telegrama nº 39, de 6 do corrente dessa secretaria, esta embaixada já encerrou os serviços de proteção dos interesses italianos. A 19 do corrente tive comunicação do ministro da Suíça, de que a sua legação havia assumido esse encargo na Grã-Bretanha, pelo que somente hoje foi feita a entrega do edifício da embaixada italiana e dos arquivos da divisão especial da embaixada e do consulado geral em Londres, relativos a esses serviços, à nova potência protetora, tendo sido tomadas providências junto aos demais consulado para que entreguem aos consulados suíços os arquivos dos consulados italianos, que lhes haviam sido confiados.

Para facilidade de referência, conforme o desejo expresso pelo *foreign office* e para referida legação foram emprestadas cópias da nossa correspondência com a embaixada pelo Brasil em Roma e com as autoridades do governo britânico, as quais serão devolvidas quando deixarem de ser necessárias, não havendo, aliás, assuntos de natureza confidencial nem reservada, que não conviesse das conhecimento à legação da suíça. Passei-lhe também o saldo dos fundos de assistência recebidos do governo italiano e as somas resultantes da venda de cinco automóveis pertencentes a membros da antiga embaixada italiana.

Logo que terminar os últimos pagamentos, prestarei contas detalhadas a essa secretaria, colhendo o saldo à casa Rothschild, na conta da delegacia do tesouro.

Remeto a Vossa Excelência cópias dos relatórios que me apresentou o senhor Joaquim de Sousa Leão sobre os trabalhos agrícolas dos prisioneiros italianos e sobre as últimas visitas feitas por mim e pelos representantes da embaixada a diversos campos desses prisioneiros, confirme em tempo foi Vossa Excelência informado pelo telégrafo, os quais são detalhados depois de 28 de janeiro último, quando cessou o encargo da proteção dos interesses italianos. Entreguei cópias dos mesmos à legação suíça para que fossem levados ao conhecimento do governo italiano.

Aproveito o ensejo para reiterar a Vossa Excelência os protestos da minha respeitosa consideração.

Moniz de Aragão

A Sua Excelência o Senhor Embaixador Osvaldo Aranha
Ministro de Estado das Relações Exteriores

v

TELEGRAMA • 24 FEV.1942 • AHI 29/5/5

Índice: Bases de submarinos do Eixo na Guiana, Martinica e Dacar.

Embaixada em Londres
À Secretaria de Estado das Relações Exteriores

80 – TERÇA-FEIRA – 16h.30 – Alta patente da Marinha inglesa disse-me hoje, autorizando-me a informar Vossa Excelência confidencialmente, que o almirantado inglês acredita que os submarinos alemães que estão atualmente operando no mar das Antilhas, visando impedir as comunicações marítimas entre a América do Sul e os Estados Unidos da América, estão usando bases na Martinica, na Guiana francesa e em Dacar para abastecimento. MONIZ DE ARAGÃO

OFÍCIO • 24 FEV. 1942 • AHI 28/2/7

[Índice:] Invasão do Timor

N. 113

Embaixada dos Estados Unidos do Brasil
Londres, 24 de fevereiro de 1942.

Senhor Ministro,

Tenho a honra de levar ao conhecimento de Vossa Excelência que, nesta data, o *Times*, em editorial, analisando a atual invasão da colônia portuguesa de Timor por tropas japonesas, refere-se à coincidência de, na mesma época, “o grande país de língua portuguesa, que é o Brasil, ser também vítima dos ataques destruidores do Eixo”

No corrente incluso, o articulista do *Times* defende a não beligerância do nosso país e vê, no recente torpedeamento de dois navios brasileiros, uma represália à atitude assumida pelo Brasil na última conferência Pan-Americana, que foi defendida pelo Presidente Vargas.

Aproveito o ensejo para reiterar a Vossa Excelência os protestos da minha respeitosa consideração.

Moniz de Aragão

A Sua Excelência o Senhor Embaixador Osvaldo Aranha
Ministro de Estado das Relações Exteriores

v

[Anexo: “Portugal and Japan”. *The Times*, Londres, 24 de fevereiro de 1942.]

OFÍCIO • 24 FEV. 1942 • AHI 28/2/7

[Índice:] Reconstrução da Europa

N. 115

Embaixada dos Estados Unidos do Brasil

Londres, 24 de fevereiro de 1942.

Senhor Ministro,

Tenho a honra de remeter a Vossa Excelência, em anexo, a entrevista concedida pelo doutor Eduardo Benes, presidente da República Tchecoslovaquia, ao jornalista Valentine Heywood, e publicado no *Sunday Times*, de 22 do corrente, sobre a reconstrução da Europa depois da guerra.

O doutor Benes é de opinião que os principais problemas políticos da Europa, além da união tcheco-polonesa, serão os seguintes: solidariedade franco-britânica, situação futura da Alemanha e da Itália, manutenção do equilíbrio escandinavo e a formação de um bloco balcânico.

Abordando o problema da França após a guerra, julga necessária a colaboração desse país, por muito dever-lhe a civilização. Acha que, a respeito da França, não deve ser repetido o erro que afastou, nestes últimos vinte anos, a Rússia do cenário político europeu, porque tal procedimento seria prejudicial aos interesses da humanidade.

Aproveito o ensejo para reiterar a Vossa Excelência os protestos da minha respeitosa consideração.

Moniz de Aragão

A Sua Excelência o Senhor Embaixador Osvaldo Aranha

Ministro de Estado das Relações Exteriores

V

OFÍCIO • 25 FEV. 1942 • AHI 28/2/7

[Índice:]

N. 116

Embaixada dos Estados Unidos do Brasil

Londres, 25 de fevereiro de 1942.

Senhor Ministro,

Tenho a honra de remeter a Vossa Excelência, em anexo, o texto oficial do acordo assinado, e 23 do corrente, entre os governos dos Estados Unidos da América e da Grã-Bretanha, “de assistência recíproca para o prosseguimento da guerra contra a agressão”

No fim da guerra – estabelece o artigo 5º do acordo – todo aquele material fornecido pelos Estados Unidos da América, desde que não tenha sido destruído, perdido ou gasto, deverá a eles ser devolvido.

Uma das principais disposições do presente tratado refere-se às vantagens que os Estados Unidos podem receber da Grã-Bretanha, como retribuição de sua ajuda, dada tão generosamente, tornando-se em consideração “toda propriedade, serviços, informações, facilidades e outros benefícios” fornecidos pelo governo da Grã-Bretanha, depois da assinatura do *lend e lease act*, a 1º de março de 1941.

Também é de grande significação a parte do acordo que providencia para depois da guerra, as condições de assistência recíproca não venham sobrecarregar o comércio entre os dois países, desse modo resguardando também a restauração econômica do mundo.

Para que este objetivo consiga sua plena realização, os dois governos enviarão esforços afim de que todos os países possam participar das vantagens estatuídas na “Carta do Atlântico”, que visam “a expansão por medidas apropriadas de caráter internacional ou doméstico, da produção, do trabalho, troca e consumo de mercadorias que são, por sua vez, as bases da liberdade e do bem estar de todos os povos”.

Aproveito o ensejo para reiterar a Vossa Excelência os protestos da minha respeitosa consideração.

Moniz de Aragão

A Sua Excelência o Senhor Embaixador Osvaldo Aranha

Ministro de Estado das Relações Exteriores

OFÍCIO • 26 FEV. 1942 • AHI 28/2/7

[Índice:]

N. 180

Embaixada dos Estados Unidos do Brasil

Londres, 26 de fevereiro de 1942.

Senhor Ministro,

O general Chang Kai Chek acaba de passar três semanas nas Índias e durante esse tempo examinou, tanto com as mais altas autoridades britânicas, civis e militares, quanto com os dirigentes hindus, o estabelecimento de planos comuns de resistência contra a agressão japonesa.

Um dos resultados dessas conversas já foi dado a conhecer por um comunicado do governo de Chungking anunciando a celebração de um acordo entre a Índia e a China para a utilização de uma estrada subsidiária destinada ao abastecimento do exército chinês.

No caso da rodovia de Burma ficar interrompida ou destruída o tráfego para a China poderá ser desviado pelo caminho de Bangala atualmente em construção adiantada.

A Índia seria ao mesmo tempo um dos arsenais da China e o centro do trânsito do material de guerra fornecido pela Grã-Bretanha e pelos Estados Unidos. Pelo seu lado a China se compromete a defender, ao lado das tropas britânicas e hindus o bastião birmano.

Esses são os resultados os mais visíveis do momento no terreno militar mas as conversações do generalíssimo chinês ultrapassaram o quadro puramente técnico. Tinham também por fim despertar os hindus, na massa popular como nos seus dirigentes, o sentimento real do perigo que ameaça o império e das responsabilidades que a situação acarreta para todos os que estão ameaçados pelos japoneses.

Na mensagem que o general Chang Kai Chek dirigiu a nação hindu, resumindo as suas conferências, declarou que a China e as Índias têm não somente interesses idênticos mas também o mesmo destino, pois devem neste momento, sem hesitar, tomar posição

ao lado dos países que lutam contra os países agressores e acrescentou que esperava que os povos hindus tomem espontaneamente a parte que lhes cabe nessa cruzada.

Essa linguagem não deixa lugar a dúvidas e já passou o tempo em que as Índias podiam se isolar, dar ou recusar sua colaboração.

A opinião universal, observou justamente o general, tem uma profunda simpatia pelas aspirações de liberdade da Índia mas não poderá compreender que esse império se abstenha de participar materialmente da luta em curso entre os países livres contra os agressores.

A extensão da guerra ao Pacífico, por vontade de dominação japonesa, mudou as condições e os próprios métodos de guerra dos povos asiáticos para sua independência.

Parece, lendo as declarações do Pandit Nehru, que se avistou frequentemente com o chefe do governo chinês, que os dirigentes hindus não foram insensíveis aos argumentos do generalíssimo.

Pandit Nehru previne seus compatriotas contra a propaganda germano-nipônica fazendo sentir que somente pela própria força do povo hindu poderá ser obtida a independência, devendo todo o império ficar fiel a esse ideal e suceda o que suceder as Índias não se deixarão dominar pelo invasor.

Convém salientar que no final da sua mensagem o general Chang Kai Chek exprimiu a sua “confiante esperança” que o governo britânico saberia das as Índias “tão rapidamente quanto possível um poder político real”.

A decisão tomada recentemente pelo governo de Londres de convidar a Índia a tomar assento no conselho do Pacífico, a resposta favorável do senhor Churchill às personalidades hindus que lhe pediram atender às justas reivindicações de sua pátria, a reorganização ministerial do gabinete inglês são fatos considerados aqui como indícios de uma clarificação e de sua consolidação das relações de toda sorte entre a Grã-Bretanha e as Índias.

Aproveito o ensejo para reiterar a Vossa Excelência os protestos da minha respeitosa consideração.

Moniz de Aragão

A Sua Excelência o Senhor Embaixador Osvaldo Aranha
Ministro de Estado das Relações Exteriores

OFÍCIO • 2 MAR. 1942 • AHI 28/2/7

[Índice:] Mês político nº 3

N. 125

Embaixada dos Estados Unidos do Brasil

Senhor Ministro,

A Sua Excelência o Senhor Secretário de Estado das Relações Exteriores, o Embaixador do Brasil em Londres apresenta seus respeitosos cumprimentos e tem a honra de enviar, em anexo, o relatório político nº 3, relativo ao mês de fevereiro próximo passado.

Londres, em 2 de março de 1942.

[Anexo]

Mês político nº 3

A queda de Singapura (a 14 de fevereiro), no panorama da história, tem a aparência de um golpe tão profundo como a perda das colônias americanas, disse o *Times*, num editorial de 28 de fevereiro. Num sentido, acrescentou o jornal, é igualmente irremediável: o domínio britânico no Oriente não será mais restaurado sob o mesmo aspecto, mas, como no caso da independência americana, servirá de ponto inicial para uma readaptação às novas condições, se é que a Grã-Bretanha há de continuar a ser uma grande potência. No futuro, prossegue o *Times*, não haverá mais lugar para a Grã-Bretanha do passado. Ela terá que fazer essa readaptação. Esse editorial ressoa quase como uma oração fúnebre. Já o correspondente em Batavia, referindo-se à perda de

Malaca, considerou-a como o sinal súbito e dramático de uma época na história colonial do império. Está, pois, bem definido o desafio que para a administração colonial britânica significam as vitórias japonesas na Ásia. Esses problemas tornaram-se prementes sobretudo em relação à China e à Índia, as duas grandes nações, que, sozinhas, contém quase a metade da população do globo, e que no passado constituíram frutíferos campos para o espírito empreendedor dos ingleses. Ninguém poderá negar que o imperialismo britânico tenha sido civilizador, humano e construtivo. A integridade da sua administração civil será reconhecida pela história. Já a opinião pública inglesa admitia que o regime atual com relação à China e a Índia estava exigindo uma revisão. Essa necessidade já fora expressa nas declarações políticas dos homens de Estado, bem como nos debates parlamentares. Mas a transformação dessas aspirações não se traduzia senão de maneira lenta e relutante em programa governamental, sobretudo quanto à Índia. Falta de imaginação, pouca flexibilidade, demasiado tradicionalismo e apego aos interesses criados, impediram uma reorientação suficientemente corajosa para enfrentar o temporal que desencadeou no Pacífico o aparecimento de outra grande potência imperialista como o Japão. O esforço guerreiro que a Índia vem fazendo, com o seu exército de uma milhão de homens, o grande desenvolvimento da sua indústria bélica, vão-lhe assegurar depois da guerra uma posição de considerável importância. O recente intercâmbio dos ministros plenipotenciários com os Estados Unidos e as suas relações especiais com a China já deixam entrever qual será o seu status internacional.

A herança dos tratados onerosos do século XIX só não perturbavam as boas relações da Grã-Bretanha com a China porque esses tratados já haviam caducado com a invasão japonesa desde 1937. Salta aos olhos que depois da guerra eles não serão mais mantidos e isso já tem sido indicado em mais de uma declaração oficial britânica nestes últimos anos. A posição conquistada pela China nos conselhos de guerras assegura-lhe a uma situação de perfeita igualdade na conferência da paz. Os interesses econômicos dos dois países terão que ser resolvidos sob outro critério, numa colaboração bilateral sem exclusão ou privilégios. O destino de Hong Kong liberada será determinado segundo os desejos de uma China vitoriosa e emancipada.

As relações da China com a Índia progrediram consideravelmente com a visita do general Chiang Kai Shek a Deli. Somente no caso da Índia apresentam-se obstáculos que não existem no da China, cuja unidade nacional foi agora soldada permanentemente no cadinho da guerra, durante quatro anos e meio, sozinha, na defesa da sua independência. Na Índia o caso complica-se com o problema de defesa do império, enquanto durar a

guerra e agrava-se com divisões e rivalidades intestinais, que dificultam a expansão lógica das aspirações políticas daquela nação. São essas dificuldades que tem protelado a solução do problema. Perderam-se diversas oportunidades – a última quando da proclamação da carta do Atlântico – e, agora que o inimigo está às portas, o tempo urge. De um lado, o partido do congresso a insistir pela supremacia da maioria, do outro a liga islâmica exercendo o papel de minoria obstrucionista (os dois mais importantes partidos), impediram a elaboração de uma constituição, assim como o funcionamento representativo do conselho vice-real, primeiro passo dado pelo governo britânico para a consecução gradual daquele objetivo. Desse impasse Londres não tem culpa, sendo genuíno o propósito de chegar a um entendimento, em bases de igualdade, a ser concretizado depois da guerra. Por ser esse o desejo da opinião pública aqui, novos homens certamente substituirão os atuais dirigentes (vice-rei e secretário da Índia) menos empedernidos pela tradição, mais representativos de novo espírito que penetra as esferas governamentais, com a entrada para o gabinete de sir Stafford Cripps. Boa vontade de parte a parte e a eliminação do impasse político fortaleceriam a resistência espiritual da Índia. Faz-se portanto, mister de liderança patriótica entre os hindus e de sagacidade entre os homens de estado ingleses para melhor organizar a defesa dessa pretenciosa unidade do império. Como disse o *Times* no referido editorial, seria fatal que as dificuldades atuais servissem de escusa para diferir a ação. A ameaça japonesa é reconhecida pela imprensa hindu, não só como uma ameaça para a Índia senão também para a sua independência futura. A solução seria a constituição de um governo nacional interino com a participação dos partidos, de modo a que o poder possa ser transferido já às mãos dos hindus, sem prejuízo das prestações constitucionais dos ditos partidos, o que equivaleria a um status de domínio efetivo. Acredita-se na Índia que, se o governo britânico fizer tal gesto, será possível obviar os problemas das pastas da defesa, abrindo-lhes uma exceção temporária.

O desastre de Singapura – Dunquerque australiano – revela que os ingleses ainda estão cometendo os mesmos erros que os franceses em 1940. A confiança depositada na linha Maginot, como a naquela base naval, prejudicou o espírito de preparação militar. Houve a mesma falha na apreciação do potencial militar do inimigo. Esta deficiência ainda foi exemplificada por ocasião da passagem pelo canal da Mancha da esquadra alemã (12 de fevereiro). A vigilância normalmente mantida pelos ingleses teria bastado para fazer frente a um couraçado protegido por uns quantos aviões, mas revelou-se escandalosamente inadequada para uma esquadra escoltada por mil aeroplanos. As

guarnições de Malaca e Singapura foram sobrepujadas por um inimigo bem mais numeroso e melhor equipado mecânica e aereamente.

Como na linha Maginot, não se previu por que um lado viria o ataque. Faltou aos dirigentes franceses e agora ingleses a visão da realidade geográfica. Contava-se com o inimigo por um lado e ele apareceu pelo outro. E se o acesso por terra, tivesse sido bem protegido, o ataque viria pelo ar. A estratégia do japonês é igual à do alemão: impedir que o inimigo se bata. A esquadra inglesa não pode entrar em ação na Mancha. Os 60.000 homens de Singapura rederam-se sem combate. Foram paralisados por circunstâncias não militares. A esquadra americana em Pearl Harbour tão pouco pode ir ao encontro do adversário. No Timor português a guarnição australiana de 700 homens retirou-se também sem ferir combate. Houve uma só escaramuça, em que foi morto um único soldado japonês. A esperança dos alemães é que o exército de três milhões de homens estacionado nas ilhas britânicas, não tenha ocasião de combater. Nos próprios meios militares aqui já se pilheria sobre os três milhões de prisioneiros ingleses de Hitler.

Essa série de insucessos acentua a inquietação com que a opinião pública assiste ao desenvolvimento da guerra. A liderança de Churchill não é posta em cheque, já porque não há outro nome nacional que possa substituir, já porque a sua coragem e determinação continuam inabaláveis. O que ela estava exigindo é que a sua tarefa fosse aliviada.

A reconstituição do gabinete de guerra, reduzido de nove para sete membros, foi oficialmente anunciada a 19 de fevereiro. *Sir* Stafford Cripps foi nomeado *lord* do selo primado e líder na Casa dos Comuns e o senhor Oliver Lytton, ministro de Estado, no lugar de Lord Beaverbrook.

A reconstrução do governo ainda não foi de todo completada. A 22 de fevereiro foi iniciada uma drástica reconstrução. Foram substituídos cinco ministros, os senhores Greenwood, Margesson, Morre-Brabazon e os *lords* Reith e Moyne. Entraram para a pasta da guerra, o secretário geral desse departamento, *sir* James Grigg; para o ministério de obras públicas; *lord* Portal; para o da guerra econômica, *lord* Wolner; para o da produção. Coronel Llewellyn; para o *board of trade*, Hugh Dalton; para o das colônias, *lord* Cranborne. O senhor Attlee substituiu *lord* Cranborne na secretaria de estado para os domínios, a vista do fracasso da política de conciliação na Índia.

A saída do governo de *lord* Beaverbrook foi a maior surpresa. Em parte deixou-o porque o seu estado de saúde dificilmente lhe permitia manter a sua usual atividade mas principalmente pelas inúmeras críticas que lhe vinham fazendo as altas patentes dos departamentos militares. Terá uma missão em Washington. Dada a sua recente nomeação

para uma nova pasta criada unicamente para esse grande amigo de Churchill - o da produção de guerra – com funções definidas por decreto, tal reviravolta em menos de quinze dias só se explica por uma imposição das classes armadas.

Já tive ocasião em ofícios anteriores de analisar a significação política dessas modificações ministeriais, da qual sem dúvida a mais importante foi a inclusão de *sir* Stafford Cripps, com o objetivo de aliviar o trabalho do primeiro ministro de uma das suas atividades que mais tempo lhe tomavam.

Em geral foram elas bem recebidas, sobretudo a entrada de Cripps, que é, sem dúvida, o *comming man*, o provável sucessor de Churchill, caso a estrela deste venha algum dia a empalidecer.

Apenas de volta a Rússia, Cripps iniciou uma campanha em que ecoa o clamor público por que se imprima maior eficiência e atividade total na produção bélica, a exemplo do que faz a Rússia, postos de lado os interesses seccionais e a salvaguarda de concepções do tempo de paz. Os seus discursos batem duas teclas: continuação em máxima escala do auxílio à Rússia, para a consecução da vitória e colaboração com a Rússia na reconstrução do mundo, após a vitória.

Londres, em 2 de março de 1942

Moniz de Aragão

Redação do ministro

Joaquim de Sousa Leão

OFÍCIO • 02 MAR. 1942 • AHI 28/2/7

[Índice:] Mês econômico nº 2. Fevereiro de 1942.

N. 126

Embaixada dos Estados Unidos do Brasil

A Sua Excelência o Senhor Ministro de Estado das Relações Exteriores, o Embaixador do Brasil em Londres apresenta respeitosos cumprimentos e tem a honra de remeter, em anexo, o relatório econômico nº 2, relativo ao mês de fevereiro de 1942, feito pelos serviços comerciais desta embaixada

Londres, 2 de março de 1942.

V

[*Anexo*]

Nº 2.

Mês econômico de fevereiro de 1942

Com o alastramento de guerra ao extremo oriente o problema do transporte marítimo, já bem grave antes, tornou-se angustioso. As autoridades britânicas estão procurando por todos os meios reduzir as importações de artigos não essenciais para a guerra ao mínimo possível, com o intuito de economizar a praça disponível. O ministério da alimentação, por exemplo, tem sob exame vários processos de compressão de gêneros alimentícios ou de transporte em porões comuns de produtos que costumam ser carregados em câmaras frigoríficas.

Assim, segundo foi divulgado em princípios de fevereiro, realizou certas experiências, no tocante à importação de bacon em navios não refrigerados. Um carregamento de algumas centenas de toneladas de bacon ligeiramente defumado, adequado ao gosto britânico, foi preparado nos Estados Unidos e mandado, em carros com forro isolante, para um porto, onde foi congelado a uma temperatura de 0° (Fahrenheit). Esse produto foi, em seguida, colocado no porão de um navio, cujo isolamento foi conseguido pela disposição, em cima e em baixo, de caixas de banha refrigerada, como forro. O porão foi hermeticamente fechado com papel pardo, não permitindo a entrada de ar nem de luz, e selado pela colocação, na parte superior, de mais três camadas de banha refrigerada. O carregamento chegou ao destino em perfeitas condições. O objetivo da experiência foi ver se o bacon congelado antes do embarque, se conservaria em estado refrigerado até o fim da viagem.

Aliás, o aumento verificado neste ano nas compras de carne em conserva realizadas pelo ministério da alimentação, comparativamente com o produto frigorificado, pe consequência igualmente desse objetivo, de economia de praça.

Em artigo editorial, o *South American Journal* de 21 de fevereiro, fez um interessante estudo das grandes perspectivas que se oferecem à indústria brasileira da borracha, não somente num futuro próximo, devido à ocupação das plantações do extremo oriente pelos japoneses, como também para depois da guerra, numa base permanente. Disse o jornal que a produção de borracha no nosso país dispõe, mesmo em tempos normais, de fortes meios de concorrência com a do extremo oriente. O custo da mão de obra no Brasil é relativamente mais baixo e os trabalhadores são mais capazes e tem mais instrução que os daquela região. Além disso, no nosso caso a distância dos mercados mais importantes é mais ou menos a metade da que separa o extremo oriente desses mesmos mercados. Existe assim – acrescentou o jornal – um grande futuro para a borracha do Brasil, cujas plantações deverão abastecer não só o mercado interno, mas ainda, e em escala cada vez maior, os Estados Unidos e a Grã-Bretanha, que não voltarão certamente a colocar-se em posição de inteira dependência dos seringais do extremo oriente, para as suas necessidades de borracha natural.

O *international tea committee* resolveu elevar para 125% da produção standard a quota de exportação de chá, para o próximo período de um ano, a começar em 1º de abril de 1942. A nova cifra represente um aumento de 15% sobre os 110% em vigor até o dia 31 de março. Essa medida visou facilitar, tanto quanto possível, o aumento da produção de chá, tendo em vista os acontecimentos do extremo oriente.

O ministério da alimentação expediu uma ordem (*rice (control) order*, 1942) proibindo, a partir de 1º de maio de 1942, a venda de arroz moído, pelo comercio varejista, e a utilização de qualquer espécie de arroz ou produtos de arroz em certas manufaturas. Essa ordem também proibiu, a partir da mesma data, a compra ou venda de arroz ou produtos de arroz, para a manufatura de produtos de carne.

Segundo notícias publicadas pela imprensa, em meados de fevereiro, o governo das Índias orientais holandesas teria proibido a produção de chá em Sumatra. Em certas plantações situadas nos lugares mais expostos já cessara produção. Embora a percentagem de chá proveniente de Sumatra fosse relativamente pequena, comparada, por exemplo, com a de Java, assim mesmo os acontecimentos bélicos do extremo oriente já estavam começando a afetar o abastecimento deste país, o qual certamente terá dentro em pouco que reduzir a ração desse produto concedida a população. Como resultado, não é

impossível que o ministério da alimentação resolva aumentar a importação de café, o que, direta ou indiretamente, beneficiará o Brasil.

A partir do dia 9 de fevereiro, o sistema do racionamento foi aplicado a quase todas as espécies de sabão. A Grã-Bretanha, foi dito, possuía ainda grandes estoques desse produto e das matérias necessárias para a sua fabricação. O racionamento, determinado pelo ministério da alimentação, não tinha, assim por objetivo senão economizar certos óleos e gorduras, com o fim de facilitar praça para o transporte de manteiga, banha e margarina. O referido ministério concedia antes aos fabricantes de sabão, por ano, umas 309.000 toneladas de gorduras, que podiam, na maior parte, servir para alimentação. Impondo a medida em questão, esse departamento contava reduzir de uns 80% o consumo doméstico de sabão, o qual representava, mais ou menos, uns 82% do consumo total. As necessidades industriais não seriam afetadas pela mesma medida.

Progressivamente e num ritmo acelerado a vida econômica e comercial da Grã-Bretanha está ficando sujeita a um controle cada vez mais severo e extenso, embora longe ainda de atingir a rigorosidade das medidas em vigor na Alemanha e, bem assim, na Itália já muito antes do início do atual conflito internacional.

v

TELEGRAMA • 06 MAR. 1942 • AHI 30/1/2

Índice: Retirada de brasileiros da Europa.

Secretaria de Estado das Relações Exteriores
À Embaixada em Londres

58 – 6 MARÇO 1942 – Resposta seu telegrama n. 74, V. Exa. está autorizado a sacar £60, para retirada de brasileiros da Europa, por conta do crédito do Decreto-lei n. 4.052. EXTERIORES

v

TELEGRAMA • 07 MAR. 1942 • AHI 30/1/2

Índice: Licença de exportação, na Grã-Bretanha, de materiais necessários à defesa nacional.

Secretaria de Estado das Relações Exteriores
À Embaixada em Londres

59 – 7 MARÇO 1942 – Rogo a Vossa Excelência procurar obter desse governo licença de exportação para uma aparelhagem espectrográfica do fabricante Adam Hilger Ltd. Dessa capital, encomendada pelo Departamento Federal de Compras à firma Lutz, Ferrario & Cia. Ltda. E destinada aos serviços do Departamento Nacional de Produção Mineral. EXTERIORES

v

TELEGRAMA • 11 MAR.1942 • AHI29/5/5

Índice: Rompimento das relações entre o Brasil e a Romênia.

Embaixada em Londres
À Secretaria de Estado das Relações Exteriores

92 – QUARTA-FEIRA – 12h.30 – Alguns telegramas do Rio de Janeiro anunciam o rompimento de relações entre o Brasil e a Romênia, outros desmentiram. A agência de publicidade daqui pede confirmação. Agradeceria informações a respeito. MONIZ DE ARAGÃO

v

TELEGRAMA • 11 MAR. 1942 • AHI 30/1/2

Índice: Rompimento de relações diplomáticas entre o Brasil e a Romênia.

Secretaria de Estado das Relações Exteriores
À Embaixada em Londres

61 – 11 MARÇO 1942 – Respondo afirmativamente ao seu telegrama n. 92. O governo romeno comunicou a 6 do corrente à nossa legação em Bucareste que, por dever de solidariedade para com os países do Eixo, se via na contingência de romper relações diplomáticas com o Brasil. EXTERIORES

Expedido em 11 de março de 1942 via Western.

v

TELEGRAMA • 13 MAR.1942 • AHI 29/5/5

Índice: Situação do Império britânico em face do desenvolvimento da guerra na Ásia. A situação da Índia.

Embaixada em Londres
À Secretaria de Estado das Relações Exteriores

95 – QUINTA-FEIRA – 17h.30 – O revés em Java, a ameaça contra a Índia e a Austrália, decorrentes da rendição de Singapura e Rangoon, e o desembarque japonês na Nova Guiné constituem motivo para a imprensa exigir enérgica e imediatamente, o abandono da guerra puramente defensiva e um esforço máximo de todo o país, conjuntamente com os Estados Unidos da América e a Rússia, para impedir que os japoneses possam ocupar novas posições vitais britânicas na Ásia e na África. As declarações do primeiro-ministro sobre a situação, não obstante, nada revelaram sobre a resolução do Gabinete de Guerra britânico, informando que o ministro Stafford Crips seguirá imediatamente para a Índia, a fim de combinar com os chefes dos partidos a aceitação de um plano para o novo governo da Índia. O sr. Churchill explicou que o sr. Crips leva plenos poderes, confiando na liberalidade do plano, que tem todas as condições de ser aceito. A publicação antecipada do referido projeto poderia suscitar discussões inoportunas, mormente quando o inimigo se aproxima das fronteiras. Nos círculos bem informados acredita-se num plano concedendo a Índia, praticamente, todas as vantagens e liberdades de que gozam os Domínios e permitindo a todos os partidos que se reunam em franca colaboração, para a defesa do país neste trágico momento. MONIZ DE ARAGÃO

v

TELEGRAMA • 13 MAR.1942 • AHI 29/5/5

Índice: Atividades quinta coluna na América do Sul.

Embaixada em Londres
À Secretaria de Estado das Relações Exteriores

96 – QUINTA-FEIRA – 17h.30 – CONFIDENCIAL. Informações de fonte autorizada indicam que estão sendo feitas, secretamente, importantes transferências de fundos da Suíça e da Suécia, por ordem da Alemanha e da Itália, sob pretexto comercial para a Argentina, a fim de realmente alimentar a campanha da quinta coluna na América do Sul.
MONIZ DE ARAGÃO

v

TELEGRAMA • 17 MAR.1942 • AHI 29/5/5

Índice: Relatório do delegado do Brasil ao Conselho Internacional do Açúcar.
Acordo internacional de açúcar.

Embaixada em Londres
À Secretaria de Estado das Relações Exteriores

100 – TERÇA-FEIRA – 17h.30 – Referência ao ofício n.771 de 18 de outubro de 1941. O delegado brasileiro ao Conselho Internacional de Açúcar muito agradecerá conhecer o ponto de vista de Vossa Excelência relativamente à renovação do Acordo Internacional de Açúcar. O assunto será debatido na reunião oficial do Conselho, a 25 do corrente. O Conselho Internacional informou que a Embaixada inglesa aí transmitirá o projeto do protocolo, objeto do ofício acima referido. MONIZ DE ARAGÃO

OFÍCIO • 17 MAR. 1942 • AHI 28/2/7

[Índice:] Recortes de jornais sobre as represálias tomadas pelo Brasil contra o torpedeamento de navios mercantes.

N. 151

Embaixada dos Estados Unidos do Brasil

Londres, 17 de março de 1942.

Senhor Ministro,

O Times de hoje publicou o incluso editorial intitulado Brazilian Precautions a propósito das medidas de cooperação econômica e militar com os Estados Unidos, bem como o confisco de parte da fortuna de súditos e companhias do Eixo em represália ao torpedeamento de quatro dos nossos navios mercantes.

2. Estas últimas medidas e as relativas aos diplomatas japoneses tiveram pela imprensa britânica a mais ampla publicidade, como Vossa Excelência poderá ver dos recortes anexos, publicidade esta que veio logo a seguir ao noticiário extenso sobre os acordos assinados pelo ministro da fazenda em Washington e aos artigos na National Review, que foram objeto de outros ofícios desta Embaixada.

Aproveito o ensejo para reiterar a Vossa Excelência os protestos da minha respeitosa consideração.

Moniz de Aragão

A Sua Excelência o Senhor Embaixador Osvaldo Aranha
Ministro de Estado das Relações Exteriores

v

TELEGRAMA • 23 MAR.1942 • AHI 29/5/5

Índice: Plano militar japonês no Brasil.

Embaixada em Londres
À Secretaria de Estado das Relações Exteriores

105 – SEGUNDA-FEIRA – 12h.30 – A imprensa inglesa dá grande publicidade à notícia, proveniente do Rio de Janeiro, sobre planos militares japoneses no Brasil, principalmente do correspondente aí do Daily Mail, Henry Aspinall. MONIZ DE ARAGÃO

v

OFÍCIO • 30 MAR. 1942 • AHI 28/2/7

[Índice:] Strategic products of the brazilian empire. Artigo do Financial News.

N. 175

Embaixada dos Estados Unidos do Brasil
Londres, 30 de março de 1942.

Senhor Ministro,

Com o título Strategic Products of the brazilian empire o Financial News de hoje publicou longo artigo sobre os recursos econômicos do Brasil, cuja importância fez com que o jornal denominasse de império a região geográfica ocupada pela nação brasileira. Não deixa de ser bastante significativo haver um órgão do valor indiscutível do Financial News reconhecido, de tal modo, o potencial econômico do Brasil.

2. O artigo é baseado, em grande parte, sobre um dos boletins periódicos publicados pela Câmara de comércio britânica de São Paulo, organização cujas informações são de grande utilidade para a disseminação de conhecimento sobre o Brasil entre os círculos comerciais e financeiros deste país.

3. Salienta o Financial News o desenvolvimento verificado em 1941, no tocante à produção e exportação de matérias-primas, grupo de mercadorias que conquistou a primazia sobre o dos gêneros alimentícios, antes o mais importante.

4. Examina o artigo ainda as relações comerciais entre o Brasil e os Estados Unidos, o auxílio em capitais a nós fornecido por este último país, o nosso comércio de exportação para o Extremo Oriente, as potencialidades da borracha brasileira, e finalmente, as consequências do estabelecimento no Brasil da indústria siderúrgica.

Aproveito o ensejo para reiterar a Vossa Excelência os protestos da minha respeitosa consideração.

Moniz de Aragão

A Sua Excelência o Senhor Embaixador Osvaldo Aranha
Ministro de Estado das Relações Exteriores

v

TELEGRAMA • 01 ABR.1942 • AHI 29/5/5

Índice: Delegado da França-Livre no Brasil.

Embaixada em Londres
À Secretaria de Estado das Relações Exteriores

111 – QUARTA-FEIRA – 17h.00 – O general de Gaulle volta a falar-me sobre o assunto a que me referi no meu telegrama n.337 do ano passado, dizendo que estimaria obter a aquiescência do Brasil para enviar ao Rio de Janeiro um delegado, sem caráter oficial, tal como os existentes nos Estados Unidos da América, Argentina, Uruguai e México. Repeti-lhe a resposta contida no telegrama de Vossa Excelência n.181, mas general pediu-me para explicar não querer enviar um agente oculto, e que desejava esclarecer não se tratar absolutamente de pedido de qualquer forma de reconhecimento do Comitê Nacional francês, de Londres, e que o seu delegado teria instruções formais de não se ocupar de assuntos políticos de Vichy e, sobretudo, não criar de qualquer forma dificuldades entre o governo brasileiro e a Embaixada francesa. O objetivo do seu novo pedido é de permitir ao seu delegado combinar com Vossa Excelência a melhor maneira de defender os interesses dos sírios-libaneses residentes no Brasil, privados de proteção,

pois estão confiados à França-livre; outrossim, conversar sobre assuntos comerciais interessando o nosso país e a África francesa governada pelo Comitê de Londres, além de outras questões que estão surgindo, decorrentes do tráfego de aviões, procedentes dos Estados Unidos da América, via Pará e Natal, que utilizam bases africanas sob jurisdição do referido Comitê, cuja autoridade o governo americano acaba de reconhecer. Acrescentou que, caso Vossa Excelência preferir, o referido legado viajaria com o passaporte diplomático inglês. Limitei-me a ouvi-lo e prometi transmitir o antes mencionado pedido de instruções. MONIZ DE ARAGÃO

v

OFÍCIO • 01 ABR. 1942 • AHI 28/2/7

[Índice:] Mês político n.4

N. 185

Embaixada dos Estados Unidos do Brasil

Londres, 1º de abril de 1942.

A Sua Excelência o senhor secretário de Estado das Relações Exteriores, o embaixador do Brasil em Londres apresenta seus respeitosos cumprimentos e tem a honra de enviar, em anexo, o Relatório Político n.4, relativo ao mês de março próximo passado.

[Anexo]

Com a entrada da primavera e segundo os precedentes de 1940 e 1941, a ofensiva alemã deve estar iminente. Nas frentes central e norte, da Rússia, o degelo retardará qualquer movimento ainda por um mês, mas a estação está mais adiantada no Mar Negro e na região do Donetz e, quanto aos rumores sobre a Grécia e a Iugoslávia começou a 6 de abril. A visita do rei da Bulgária ao chanceler Hitler admite toda sorte de interpretações. Correm os boatos usuais de preparação aérea e concentração de forças,

desta vez sobre a Rússia Meridional, a Turquia e o Levante. Os objetivos óbvios são o Egito, Chipre, a Síria, o Iraque, a Pérsia e o Cáucaso. Esses prognósticos diferem dos que se fazia até pouco. Terão sido ditados pela circunstância de que o esforço britânico de auxiliar a Rússia, não lhe permitiu reforçar consideravelmente o Oriente Médio. Outro fator é a ofensiva japonesa sobre a Índia, que se vai desenvolvendo claramente: Rangoon, Ilhas Andaman, Ceilão. Os ingleses contavam antes, para a defesa de Líbia e da Pérsia, com os efetivos levantados na Índia. Agora os japoneses alteraram a posição. A Índia tem que voltar-se para o outro lado, na sua própria defesa. O que há pouco parecia inverossímil, diante da dificuldade do problema de comunicações, já surge como uma ameaça a ser tomada em consideração. Ceilão possui magnífico estaleiro. Seus aeródromos controlam o Golfo de Bengala. Se os japoneses lograssem desembarcar e conquista-los, o Mar Índico ficaria intransitável para os ingleses. Ao mesmo tempo, invadindo por terra, com o seu exército bem protegido pela aviação e sincronizando com a ofensiva alemã sobre Cairo, Bagdad e Basra, o Japão poria em cheque todo o poderio britânico na Ásia e isolaria os chineses. Posto que algo visionários, tais cálculos estratégicos não devem ser considerados como fora das possibilidades. Os antecedentes são de ordem a não permitir otimismo fáceis. Recentes medidas tomadas pela Inglaterra em Ceilão vêm confirmar que essas suposições estão sendo estudadas. Um almirante foi posto no comando da base naval de Colombo e o general Pownall no das tropas que aí estão sendo concentradas. Falando a 26 de março, Churchill declarou que a Índia estava ameaçada, mas a missão de *sir* Stafford Cripps, resolvida no princípio do mês, a fim de tentar a remoção dos obstáculos que impediram até agora o progresso constitucional da Índia, visa criar uma atmosfera, ainda que tardiamente, favorável a uma suprema resistência ao invasor. Cripps teve uma missão extremamente delicada, embora as propostas, que levou, sejam suficientemente amplas e generosas permitindo um certo otimismo sobre o resultado final. Ele chegou a Delhi a 24 e começou logo as conferências com os leaders políticos convidados.

A fundamental cisão de opiniões é entre as duas principais nações que constituem a Índia, agravada por outras menores dentro delas. A maioria dos hindus apoia a aspiração de independência propugnada pelo Partido do Congresso, enquanto que os mais moderados desejam reter o vínculo britânico. A maioria dos maometanos receia a supremacia hindu e por isso ancia pela separação dos Estados maometanos, sendo contrários à independência sob um governo unitário e de minoria. O órgão representativo desta facção é a Liga Islâmica, havendo porém outros grupos, em que se fraciona essa

comunidade. Alguns desses grupos têm afiliações indiretas com o Partido do Congresso e os primeiros-ministros islâmicos de Bengala e Sind não são membros da Liga e seus governos são apoiados por elementos hindus. Estes favorecem uma ação moderada que coincide com o ponto de vista dos não afiliados aos partidos. Também o primeiro-ministro do Punjab é favorável a uma transação entre a Liga e o Partido. Se a Grã-Bretanha está resolvida a dividir o poder com os indianos, as suas consultas com os leaders políticos poderão facilitar um acordo, assegurando a unidade sob uma base de equidade para um maior esforço bélico.

No dia 30 foi dada publicidade ao plano levado pelo senhor Cripps e no dia seguinte ele expôs pelo rádio ao povo da Índia em que o mesmo consiste. O plano realiza uma promessa do passado e coloca a decisão sobre o futuro do país, sem restrições, nas mãos dos hindus. Logo depois da guerra será convocada uma Assembleia Constituinte para determinar a forma do governo da futura União Índica, que dosará do status de um domínio, como definido na Declaração Balfour. O direito de secessão das atuais províncias é reconhecido, mediante decisão livre dos habitantes. A guerra naturalmente impede a aplicação imediata do plano. É interesse comum da Grã-Bretanha como da Índia repelir o perigo iminente de invasão das suas fronteiras, não sendo praticável transferir durante as hostilidades a responsabilidade da defesa, ficando entretanto assegurada a participação dos leaders dos países nos Conselhos da Indian Commonwealth e dos aliados.

Não há dúvida de que o documento é uma contribuição construtiva para resolver as presentes dificuldades, de parte dos senhores Churchill e Cripps, que foram ao extremo das concessões compatíveis. Não só a liberdade, como a unidade da Índia, criada durante mais de 150 anos de domínio britânico, estão em jogo, e o fator mais significativo para a sua aceitação é que esse plano representa uma tentativa de alcançar a liberdade pela unidade e esta por consenso geral.

Os comentários da imprensa britânica mantêm-se lacônicos e reservados, mas sua recepção pelos partidos na Índia não está sendo a que era augurada. O partido do Congresso, segundo o voto do Comité Executivo, e o comitê Sikh declararam-se contrários, sem perda de tempo, o primeiro por exigir a nomeação de um ministro da Defesa hindu e o segundo porque o plano admite a possibilidade de um Estado islâmico separado (Paquistão), repudiando eles a secessão do Punjab, porque existe aí uma maioria maometana. Também o Partido nacionalista manifesta-se pela rejeição das propostas e os Liberais são igualmente pela participação direta na Índia na defesa militar. Todos, porém, consideram que seria uma tragédia o fracasso da missão Cripps, pelo que cada qual

promete submeter contra propostas. Os senhores Gandhi e Pandit Nehru estão redigindo o texto da resolução a ser dirigida em resposta. Cripps parece inclinado a aceitar a nomeação de um ministro da Defesa hindu, que presidirá, o Conselho de Defesa, do qual seria membro o general Wavell, comandante em chefe, na esperança de que afastada a objeção do Partido do Congresso, o plano britânico possa ser aceito.

A 25 terminaram os debates de dois dias sobre as funções do novo ministro da produção nomeado a 12 de março. A principal contribuição para os mesmos foi a declaração do senhor Lyttelton sobre a estratégia da produção. A discriminação de função, como publicada no White Paper, quando da nomeação de lord Beaverbrook, poucas semanas antes, foi posta de lado. Segundo definiu-as o novo ministro, elas consistem numa autoridade suprema sobre os três elementos fundamentais: matérias-primas, maquinismos e mão-de-obra, sem imediata responsabilidade, porém, sobre os mesmos. O departamento de matérias-primas continua sob o Ministério do suprimento, mas sob a dependência do ministro da produção quanto à seleção e ao controle da respectiva importação e produção no Império colonial. O processo industrial da sua conversão em artigos semi-manufaturados fica sob a direção do ministro do suprimento. Uma vez passados por essa fase, o ministro da produção determinará quais manufaturas bélicas deverão recebe-los segundo a política estratégica decidida pelo governo. O mesmo se aplica aos utensílios de fabricação, o ministro da produção decidirá quais deverão ser fabricados e a quais seções da indústria de guerra se destinarão. O problema da mão-de-obra é mais complexo e está subordinado aos de salários, alojamento, transporte e saúde, que dizem respeito ao Ministério do Trabalho. O primeiro se dirigirá ao segundo para obter os braços e disporá sobre as prioridades entre as diferentes indústrias sendo necessária uma constante colaboração e harmonia entre os senhores Lyttelton e Bevin dentro do Gabinete de guerra, que funcionará como arbitro em casos de divergência. Os laços entre o novo ministro e as forças armadas serão facilitados pela criação de um Estado Maior da produção bélica que concentrará todos os departamentos de cada uma das armas, associando-os com a suprema direção estratégica das operações de terra, mar e ar, sob a presidência do senhor Walter Layton, assistido pelos subchefes dos três Estados Maiores e pelos seus técnicos auxiliares. O grupo planejador da Produção da Guerra Unida, trabalhará sob a sua direção e consistirá de oficiais dos três serviços e dos diretores de produção do mesmo Ministério.

Este mês foram anunciadas diversas restrições nos artigos de consumo. Vai ser suprimido o pão branco da mesa de refeições. A abolição da quota básica de gasolina

entrará em vigor a 1º de julho. Desaparecerão das estradas os automóveis particulares não utilizados para fins de guerra. Restrições nas reuniões desportivas, tais como partidas de box, corridas de cavalo e de cães. Outras medidas contra o desperdício e mais severa fiscalização contra o mercado negro e contra os estabelecimentos de luxo, demonstram o propósito do governo de agir drasticamente de modo a impor uma maior frugalidade na vida diária e a disciplinar a população para o mais amplo sacrifício que a continuação da guerra vai tornar imperativo. Mas se a ação do governo é coercitiva, ela não faz na verdade senão vir ao encontro da opinião pública que estava a clamar por esses sacrifícios. A sucessão de derrotas veio sombriamente robustecer essa resolução. A população inglesa nunca trabalho[u] tanto como agora, com uma determinação que a adversidade só veio incitar, e está produzindo em escala cada vez maior e sem precedentes, consciente do perigo que corre a nação, revoltada e fustigada pelas atrocidades perpetradas pelo inimigo em Hong Kong, anunciadas ao mundo pelo senhor Eden, e que se repetiriam aqui caso fossem invadidas as Ilhas Britânicas.

A 19 foi anunciada a nomeação do senhor Richard G. Casey para ministro de Estado e membro do Gabinete de guerra, substituindo o senhor Lyttelton no Cairo. O senhor Casey era o ministro da Austrália nos Estados Unidos. A notícia foi irradiada nessa noite pela British Broadcastin Corporation. Logo depois o senhor Curtin, primeiro-ministro australiano, declarou que embora não quisesse se opor a uma decisão pessoal do senhor Casey, sua substituição criaria embaraços ao governo e a sua falta em Washington, onde tinha uma situação invejável, seria muito sensível. Surpreendido com essa declaração, Churchill, que havia concordado, aliás, na única condição imposta pelo governo australiano – de que aquele ministro aguardasse a visita do doutor Evatt, o ministro dos Negócios Estrangeiros, à capital americana – pediu uma explicação para essa atitude insólita, ao que o senhor Curtin retrucou que só soubera da decisão final pela British Broadcasting Corporation. Churchill alegou que lhe comunicara imediatamente a aceitação do senhor Casey e que só por um atraso do telégrafo, o senhor Curtin não recebera com antecedência o aviso do primeiro-ministro britânico. Os dois chefes de governo acharam oportuno publicar por extenso e sem perda de tempo os telegramas trocados entre si nos jornais do dia 23, a fim de desfazer, mediante uma exposição franca e sem reservas, o mal-estar criado por esse visível desentendimento entre ambos. Essa nomeação foi bem recebida aqui e o senhor Churchill foi felicitado pelo fato de que a escolha do senhor Casey era o expresso reconhecimento do interesse australiano numa zona em que está em jogo o futuro da Commonwealth, a prova da preocupação que

desperta no governo de Londres a segurança da Austrália, à parte de ter sido uma seleção feliz de um homem de rara habilidade, como o pudera constatar o primeiro-ministro britânico à sua passagem por Washington.

Foi anunciado no dia 9 que os governos britânico e norte-americano haviam nomeado uma comissão conjunta para servir de órgão consultivo sobre os problemas que são comuns a Jamaica, Trinidad e Porto Rico. O presidente da Comissão britânica é *sir* Frank Stockdale, será o tesoureiro o senhor C.W. Tanssis, um dos primitivos Brains Trust, e o presidente americano. Já no começo de 1940, o Parlamento aprovava um importante subsídio.

Sir Kingsley Wood pediu a aprovação de um orçamento suplementar de £250.000.000 para o dito ano. Nestes últimos tempos a despesa diária do governo subiu a 14 e meio milhões por dia, dos quais 9 e meio milhões com as forças armadas, prevendo-se um provável aumento para o futuro, esta cifra excede de muito as mais altas atingidas na guerra passada, sem mesmo incluir os fornecimentos por conta da lei americana de empréstimo e arrendamento. O Chancellor of the Exchequer mostrou em compensação o quanto tinha subido a receita e o contínuo progresso do movimento de National Savings, mas foi enfático em que era preciso eliminar todo o desperdício e extravagâncias a fim de evitar a inflação.

Raramente um ministro da coroa terá feito condenação mais veemente que a do senhor Eden nos Comuns, 10 do mês passado, a propósito do tratamento dos civis e prisioneiros de guerra pelos japoneses depois da capitulação de Hong Kong, quando estes foram incitados a cometer atrocidades que transformam o antigo código de cavalaria dos samurai – Bushido – em nauseante hipocrisia. A proclamação desses fatos provocou indignação geral. A responsabilidade do governo de Tóquio foi invocada, tanto mais quanto esse governo recursou permissão aos representantes argentinos, encarregados da defesa dos interesses britânicos no Japão, para que visitassem Hong Kong, como tão pouco ao Comitê da Cruz Vermelha Internacional. Se a convenção de Genebra de 1929 não foi ratificada, quanto aos prisioneiros de guerra, a convenção da Cruz Vermelha de 1934 o foi.

Aproveito o ensejo para reiterar a Vossa Excelência os protestos da minha respeitosa consideração.

Moniz de Aragão

A Sua Excelência o Senhor Embaixador Osvaldo Aranha
Ministro de Estado das Relações Exteriores

v

OFÍCIO • 15 ABR. 1942 • AHI 28/2/7

[Índice:] Censura das autoridades postais norte-americanas na correspondência oficial dessa Embaixada.

N. 202

Embaixada dos Estados Unidos do Brasil
Londres, 15 de abril de 1942.

Senhor Ministro,

Tendo ultimamente chegado do Rio de Janeiro, censuradas, diversas cartas particulares dirigidas a minha senhora e a diversos funcionários desta Embaixada, como o revelam os rótulos em inglês que as fecharam, pedi para o fato a atenção do Foreign Office. Em resposta, fui informado de que dessas cartas somente uma havia sido aberta pela censura britânica, devendo-se presumir que as restantes o tivessem sido pela norte-americana.

2. Todas essas cartas eram claramente endereçadas à Embaixada, como se poderá ver dos inclusos envelopes, pelo que levo esse fato ao conhecimento de Vossa Excelência para que esse ministério tome as providências que julgar acertadas.

Aproveito o ensejo para reiterar a Vossa Excelência os protestos da minha respeitosa consideração.

Moniz de Aragão

A Sua Excelência o Senhor Embaixador Osvaldo Aranha

Ministro de Estado das Relações Exteriores

v

OFÍCIO • 17 ABR. 1942 • AHI 28/2/7

[Índice:] Editorial do Times sobre liderança na América do Sul.

N. 206

Embaixada dos Estados Unidos do Brasil

Londres, 17 de abril de 1942.

Senhor Ministro,

Tenho a honra de remeter a Vossa Excelência, em anexo, um artigo publicado nesta data, na coluna dos editoriais do Times, intitulado Leadership in South America, em que é dado o devido relevo ao Brasil assim como ao nosso governo, pela atitude assumida neste grave instante do mundo.

2. Durante a Conferência Pan-americana, esta Embaixada teve ocasião de mostrar certa estranheza ao Times, pelo fato de publicar somente, a respeito dos acontecimentos de alta significação internacional que se realizavam no Rio de Janeiro, telegramas vindos de Washington e Buenos Aires. Pondo-se em contato com o Foreign Editor, do Times, foi então informada de que esse jornal não tem no momento nenhum correspondente na capital brasileira, e por tal motivo se via obrigado a utilizar o material que lhe chegava dos seus correspondentes nas capitais dos Estados Unidos e da Argentina.

3. Ponderou o aludido redator que se tratava de uma falha capaz de ser reparável, sugerindo mesmo a possibilidade da designação de um representante brasileiro.

4. A fim de conversar sobre o assunto, um dos secretários desta Embaixada convidou o senhor R. Deakin, Foreign Editor do Times, para um almoço, no decurso do qual foi amplamente discutido o meio de ter o importante jornal londrino um representante no Rio de Janeiro. O senhor Deakin, que já esteve no Brasil, fazendo parte da comitiva do príncipe de Gales, inquiriu a respeito da presente situação político econômica do nosso país, assim como da ação desenvolvida pelo presidente Getúlio Vargas, com reflexo no

continente sul-americano, interessando-se vivamente pela legislação que, desde 1937, obstou a propagação de ideias e partidos fascistas no Brasil.

5. O senhor Deakin teve oportunidade de frizar que era um de seus propósitos colocar o Brasil no cartaz, devotando ao nosso país e ao nosso governo, sempre que lhe fosse possível e com o máximo de frequência, as colunas do Times.

6. Quanto à escolha de um representante no Rio de Janeiro, aceitava o alvitre desta Embaixada de ser feita pela Associação Brasileira da Imprensa, a quem, em tempo oportuno, encaminharia seu pedido.

7. Pode-se considerar o artigo incluso, publicado dois dias após o almoço acima referido, ser já o primeiro resultado dessa entrevista.

[*Anexo*]

“The Times”

”Leadership in South America”

The rapid extension of the theatres of naval warfare in recent months has stirred even the most complacent observers in the still unravaged portions of the earth. South America, in particular, cannot be said to have remained even physically untouched. There have been sinking's of Brazilian, Chilean, and other vessels of the continent in or near its waters; the West Indian island of Aruba – almost in sight of Venezuela – has been shelled and acts of sabotage have been committed on the soil of some of the republics by agents of the Axis. As the Peruvian Government organ recently remarked in comment upon some of these occurrences, “the totalitarian States have demonstrated” to South America that to be neutral it “does not suffice to wish to be so: it is” necessary to succeed in being so”. That is indeed the lesson of the events in or around the South American continent. Only the unimaginative can suppose of more direct menaces to its peace and security.

Now that the threat of universal tyranny can be discerned in its full magnitude there are, in South America as elsewhere, those who face it with renewed resolution, and those who relapse into more or less timid caution. In the conduct of Brazilian policy President Vargas shows the bluff vigor that trials always arouse in him. The intrigues of that part of the German population which has broken faith with the land of its adoption are being resolutely exposed and the chief plotters extirpated together with their Asiatic

accomplices. Some of those arrested have proved to be Japanese officers of rank. It has fallen to the President's lot to symbolize, above the stress of factions, his country's consciousness of what the war signifies for the whole continent. The smaller republics, proceeding in the paths of their own traditions, have arrived at similar conclusions. This country, which has old associations with most of them, has not found it necessary to indulge in any spectacular campaign of propaganda. The simplest presentation of the war news, with the frankest admission of all that has gone ill for us, has proved capable of inspiring more sympathy than any disingenuous optimism.

It would be futile none the less to overlook the encouragement offered by our losses and setbacks in the East to the enemies of South American collaboration with the United Nations, and the reason given to the governments of some of the republics to pause in their advance towards its full realization. The United Nations desire the help and collaboration of the republics, already abundantly forth coming from many of them, in the light of a full understanding of their own interests; and this includes an understanding of the risks, external and internal to which each new step would expose them. The leadership of such South American statesmen as President Prado of Peru points in the direction of security on the further side of peril. Therein lies its truly progressive character. By contrast those who, at the Rio Conference, endeavored to break up the unity of the continent, are left without any principle in the name of which they could rally their own fellow citizens and without the power to give leadership to neighboring nations.

Aproveito o ensejo para reiterar a Vossa Excelência os protestos da minha respeitosa consideração.

Moniz de Aragão

A Sua Excelência o Senhor Embaixador Osvaldo Aranha
Ministro de Estado das Relações Exteriores

[Índice:] Propaganda Brasil. Programa British Broadcasting Corporation.

N. 214

Embaixada dos Estados Unidos do Brasil

Londres, 22 de abril de 1942.

Senhor Ministro,

em aditamento ao meu telegrama n.68, de 18 de fevereiro último, tenho a honra de levar ao conhecimento de Vossa Excelência que se realizou, a 21 do corrente, o programa radiofônico, organizado pela British Broadcasting Corporation, em homenagem ao nosso país e intitulado Pageant of Brazil.

2. Raras vezes um país latino-americano mereceu, por parte da emissora inglesa, a distinção de ocupar quarenta e cinco minutos de um dos seus dois programas diários, para um público calculado em mais de quinze milhões de ouvintes.

3. A direção do programa foi entregue ao famoso ator Robert Speaight, que também escreveu o entrecho, sendo este uma síntese de nossa história, desde a descoberta até a época atual.

4. A British Broadcasting Corporation não economizou esforços no sentido de que Pageant of Brazil fosse, como foi, um êxito artístico, para ele contribuindo um conjunto de atores conhecidos, assim como um coro de vozes e um belo conjunto orquestral, sob a direção do maestro George Walters, da London Philhamornic.

5. Houve, em todo a irradiação a preocupação de realçar perante os ingleses as nossas qualidades, os nossos feitos no passado e no presente, sublinhados habilmente com composições musicais brasileiras.

6. Essa dramatização radiofônica valeu como uma lição da nossa história, terminando com uma evocação do Brasil atual sob o governo do presidente Getúlio Vargas.

7. Em anexo, passo às mãos de Vossa Excelência recortes da imprensa anunciando a transmissão em apreço.

8. Cumpre-me também informar Vossa Excelência que esta embaixada colocou à disposição da British Broadcasting Corporation todos os elementos necessários, tendo o senhor Paschoal Carlos Magno colaborado na confecção desse programa.

Aproveito o ensejo para reiterar a Vossa Excelência os protestos da minha respeitosa consideração.

Moniz de Aragão

A Sua Excelência o Senhor Embaixador Osvaldo Aranha
Ministro de Estado das Relações Exteriores

v

TELEGRAMA • 27 ABR. 1942 • AHI 30/1/2

Índice: Delegado da França-Livre no Brasil.

Secretaria de Estado das Relações Exteriores
À Embaixada em Londres

84 – 27 ABRIL 1942 – Resposta ao telegrama 135. Rogo a Vossa Excelência dizer ao general de Gaulle que, não obstante a simpatia que nos liga à causa que ele e seus partidários propugnam, não podemos reconhecer qualquer delegado seu sem provocar protestos do governo de Vichy com o qual mantemos relações. Entretanto consideraremos bons para o Brasil os passaportes ingleses concedidos aos seus partidários que satisfaçam os demais requisitos legais. Situação dos Estados Unidos, país em guerra, é bem diferente da nossa, no caso. EXTERIORES

Expedido em 27 de abril de 1942 via Western.

Exteriores

v

OFÍCIO • 28 ABR. 1942 • AHI 28/2/7

[Índice:] O último discurso do chanceler Hitler.

N. 221

Londres, 28 de abril de 1942.

Senhor Ministro,

A impressão geral aqui dominante sobre o discurso pronunciado pelo chanceler Hitler no domingo passado perante o Reichstag, é que presentemente na Alemanha deve existir uma grave crise política não somente de ordem externa mas também interna.

2. Jamais um discurso do *fuehrer* pareceu tão vazio até o momento em que anunciou exigir a obediência incondicional da nação para agir com crescente e inconcebível rigor tornando-se de fato o senhor absoluto de todos os alemães, com direito de vida e morte, suprimindo os raros empecilhos jurídicos ou morais que ainda poderiam se opor à sua vontade absoluta.
3. A impressão ao ser anunciada a imprevista reunião do Reichstag foi que o chanceler alemão faria declarações sensacionais sobre política internacional, tal como anúncio de um projeto de união europeia, ou de um acordo selado com Vichy.
4. Nada nesse gênero foi revelado pelo *fuehrer* e deve ser notada a visível falta de ligação existente entre a introdução do seu discurso anunciando em termos bombásticos o “início de um novo capítulo da história”, “inauguração de uma nova era” e a parte principal contendo simplesmente o pedido de poderes que fez objeto da resolução adotada docilmente pelos membros do Reichstag, todos incapazes de opor a menor resistência sem assim justificar as suas iniciais asseverações.
5. A passagem mais importante da oração repete as acusações habituais contra a Grã-Bretanha, sua política de dominação, a responsabilidade dos judeus e bolchevistas na presente guerra, tudo no diapasão do Mein Kampf, e conforme o texto dos manuais de propaganda em uso nos colégios e escolas da Alemanha e nos centros nazis do estrangeiro.
6. O *fuehrer* se absteve por completo de aludir a qualquer acordo internacional ou ao preparo de futuras negociações políticas e não se refere às operações militares senão para afirmar que uma decisão foi obtida no último inverno na frente russa e que o desastre ameaçado foi para sempre afastado.
7. O orador não fez alusão à possibilidades de uma segunda frente de batalha limitando-se a ridicularizar os ataques dos Comandos britânicos e silenciou por completo sobre a ofensiva aérea britânica em pleno desenvolvimento contra as indústrias de guerra e bases militares aéreas e navais do Reich não perdendo porém o ensejo de ameaçar a Grã-Bretanha com severas represálias no caso de bombardeios aéreos como se estivéssemos em face de um fato ainda em projeto.
8. O discurso foi considerado como desprovido de interesse político, diplomático ou militar e cuja justificação está baseada na resolução proposta pelo marechal Goering.
9. Nos termos dessa decisão Hitler não reconhece nenhuma lei, nenhum privilégio ou direito e nenhuma autoridade senão a sua própria vontade que assim pode exigir a

incondicional obediência de todos os alemães ou cidadãos dos países ocupados na execução de suas ordens.

10. É o pleno despotismo que aqui procuram justificar pela declaração desesperada feita pelo *fuehrer* que “se perdemos esta guerra isso significaria o fim de todos os alemães.”

11. Quando Hitler em dezembro assumiu o comando em chefe dos exércitos alemães e dispensou o general Von Brauchitsch, dominou a impressão da existência de um profundo desacordo entre o chanceler e o alto comando militar.

12. O decreto imposto ontem pelo *fuehrer* à nação alemã confirma aquela suposição e faz prever adoção de medidas de uma violência sem limites talvez um novo “banho de sangue” no gênero do ocorrido em 1934.

13. Nessas condições não é somente na Europa ocupada que Hitler precisa fortalecer o seu domínio vacilante mas também na própria Alemanha, entre seus generais, o seu poder parece gravemente ameaçado e daí a necessidade urgente de medidas tais como as que vai aplicar fazendo imperar o terror para sua própria segurança.

Aproveito o ensejo para reiterar a Vossa Excelência os protestos da minha respeitosa consideração.

Moniz de Aragão

A Sua Excelência o Senhor Embaixador Osvaldo Aranha

Ministro de Estado das Relações Exteriores

v

TELEGRAMA • 29 ABR.1942 • AHI 29/5/5

Índice: Bombardeio de cidades inglesas pela aviação alemã.

Embaixada em Londres
À Secretaria de Estado das Relações Exteriores

143 – QUARTA-FEIRA – 12h.45 – A aviação militar alemã desde alguns dias está bombardeando cidades históricas inglesas, visando apenas a destruição de monumentos de grande valor artístico, pois Bath, York e Norwich são unicamente centros culturais. Foram causados grandes prejuízos, havendo elevado número de vítimas. Entretanto, os

aviões britânicos prosseguem na ofensiva devastadora das bases militares, aéreas e navais da Alemanha e dos países ocupados. MONIZ DE ARAGÃO

v

TELEGRAMA • 29 ABR. 1942 • AHI 30/1/2

Índice: Circular n. 1574. Vistos em passaportes diplomáticos e especiais.

Secretaria de Estado das Relações Exteriores
À Embaixada em Londres

87 – 29 ABRIL 1942 – Vossa Excelência fica autorizado a informar esse governo de que o governo do Brasil, desejoso de cooperar em tudo quanto estiver a seu alcance para facilitar a ação do Império Britânico na atual guerra, resolveu permitir que os membros das forças armadas terrestres, marítimas e aéreas do Império, bem como seus funcionários civis, em missão oficial, transitem por via aérea pelo território brasileiro, em suas viagens de ida ou de regresso às zonas de guerra, livres de quaisquer exigências relacionadas com vistos de entrada no país, desde que passem em viagem contínua, usando o mesmo avião ou outro a ele conexo, de tal forma que não seja demorada a escala em território nacional. Os militares em serviço ativo deverão estar sempre uniformizados e munidos de seus cartões de identidade, contendo a fotografia e a impressão digital do portador, e os funcionários civis providos, sempre, dos respectivos passaportes. Idênticas facilidades serão concedidas, nas mesmas condições, aos militares e funcionários civis dos Estados Unidos da América. EXTERIORES

Espedido em 29 de abril de 1942 via Western.

v

OFÍCIO • 29 ABR. 1942 • AHI 28/2/7

[Índice:] Propostas alemãs de paz.

N. 232

Londres, 29 de abril de 1942.

Senhor Ministro,

Uma vez mais, como geralmente acontece antes do *fuehrer* empreender uma qualquer militar de excepcional importância, circulam boatos, aliás com algum fundamento, de que a Alemanha teria feito desde março último três tentativas para entrar em negociações para uma paz de compromisso com os Estados Unidos e o Império britânico, visando ter os mares livres para suas operações a este da Europa.

2. A primeira dessas tentativas, segundo é afirmado, foi feita por intermédio do governo turco, a pedido do embaixador Von Pappen; a segunda pelo governo suíço e a terceira pelo rei da Suécia, por interferência direta da Wilhelmstrasse.

3. Essas sucessivas propostas coincidem todas nas suas grandes linhas, sendo mais conhecido o texto do memorandum atribuído ao marechal Goering, que foi entregue em Estocolmo pelo ministro alemão no começo do corrente mês para ser submetido aos governos britânico e americano.

4. O referido memorandum espõe em nove páginas datilografadas as condições e as propostas do Reich que são as seguintes:

a) a Grã-Bretanha e os Estados Unidos reconhecem o controle alemão na Europa e o Reich tomará em consideração as sugestões de Londres e Washington referentes à Nova Ordem europeia.

b) o Reich anexará os territórios russos que julgar necessário para completar o seu esforço vital europeu e garantir sua defesa.

c) o Reich reivindica uma parte das colônias francesas, belgas e holandesas.

5. Essas três condições fundamentais, uma vez aceitas, o governo alemão se comprometeria a reconhecer o Império britânico sob sua forma atual; a reconhecer o controle político e econômico dos Estados Unidos sobre o México, América Central e do Sul, reservando porém certas facilidades para o seu comércio, principalmente no que se refere a certas matérias-primas e a colaborar para a organização de um sistema de livre câmbio entre os três Impérios alemão, americano e britânico.

6. O último parágrafo do memorandum de Goering contém uma alusão ao auxílio que o Reich estaria pronto a dar aos países anglo-saxões para obrigar o Japão se manter dentro dos seus limites asiáticos naturais.

7. Os meios diplomáticos julgam que a violência das medidas solicitadas pelo *fuehrer* no seu último discurso e os insultos dirigidos contra a Grã-Bretanha e os Estados Unidos manifestam claramente a decepção sentida por Berlim diante da recusa formal que foi dada às propostas acima referidas.

Aproveito o ensejo para reiterar a Vossa Excelência os protestos da minha respeitosa consideração.

Moniz de Aragão

A Sua Excelência o Senhor Embaixador Osvaldo Aranha
Ministro de Estado das Relações Exteriores

v

TELEGRAMA • 30 ABR.1942 • AHI 29/5/5

Índice: Comentários da imprensa sobre o afastamento do senhor Mussolini.

Embaixada em Londres
À Secretaria de Estado das Relações Exteriores

148 – QUINTA-FEIRA – 16h.00 – A imprensa desta capital, inclusive o Times, desde há dois dias está comentando largamente as notícias provenientes de países neutros, principalmente de Buenos Aires, sobre um movimento político na Itália, chegando a afirmar a possibilidade do afastamento do senhor Mussolini e iminente crise no regime fascista. Alto funcionário do Foreign Office desse que essas informações devem ser acolhidas com reservas, pois, porquanto seja sabido existir grande descontentamento geral na Itália, nada ainda autoriza a crer que esse mal-estar possa produzir movimento tão grave quanto os jornais induzem a fazer crer. Acrescentou que a dominação alemã na Itália é tão forte, que dificilmente poderá permitir um movimento revolucionário, a não ser que o povo italiano possa contar com o auxílio externo, o que ainda não existe e só futuramente poderá ser feito. MONIZ DE ARAGÃO

v

OFÍCIO • 01 MAI 1942 • AHI 28-2-8

[Índice:] Mês político.

N. 239

Embaixada dos Estados Unidos do Brasil

Londres, em 01 de maio de 1942

Sua Excelência o Senhor Secretário de Estado das Relações Exteriores, o embaixador do Brasil em Londres apresenta seus respeitosos cumprimentos e tem a honra de enviar, em anexo, o relatório político nº 5, relativo ao mês de abril próximo passado.

Londres, 1º de maio de 1941

[*Anexo*]

Mês político nº 5

Esse mês de abril, assistimos, com a melhoria do tempo, a um intenso recrudescimento da ofensiva aérea britânica sobre pontos vitais da produção bélica alemã, de, como dos ataques diurnos sobre o norte da França, com o objetivo de obrigar os alemães a retém no Ocidente uma parte dos seus aviões de caça.

Continuaram os bombardeios sobre aeródromos e bases de submarinos ao longo da costa francesa e dos Países Baixos, assim como Kiel, Esse, Hamburgo até Trondheim. As bombas mais possantes, os mais novos aviões da Royal Air Force, os Halifaxes, Lancasters e Manchesters, têm sido empregados em ataques intensos sobre os portos do Báltico – Lübeck e Rostock – para destruir as fábricas Heinkel e os centros de suprimento do front russo. Sobre Lübeck um desses ataques foi empreendido por 300 aviões de bombardeio. Essas operações atingem senão ultrapassam os bombardeios alemães sobre a Inglaterra de 1940. A fábrica de motores diesel de Augsburg foi também bombardeada por esquadrilhas, que atingiram o alvo com resultados estratégicos considerados satisfatórios, mesmo com o sacrifício de mais de metade dos custosos aparelhos empregados.

Está em discussão, porém, o valor militar dessa política estratégica. Até há pouco, a opinião pública, através do Parlamento e da imprensa, limitou-se a exigir a reconstituição do gabinete de Guerra e a infusão de sangue novo nos diversos ministérios,

sem prestar maior atenção à direção tática da guerra. Começa-se duvidar que a causa dos desastres militares do passado tenha sido somente à incompetência ou falta de energia dos comandantes e das tropas. À própria direção estratégica do gabinete de Guerra tem sido atribuída a causa desses insucessos por alguns críticos militares eminentes.

No seu discurso de 29 de janeiro, nos Comuns, o senhor Churchill recebeu uma moção unanime de apoio à decisão que havia tomado de concentrar na Líbia o material disponível, de preferência à defesa do Oriente. Segundo esses comentadores, foi tal *veredictum* baseado em uma análise incompleta da situação, por ter sido omitido o intervalo de tempo. A campanha da Líbia podia e devia ter sido iniciada antes, de modo a que estivesse concluída em novembro de 1941. Nesse caso a remoção das forças, daí liberadas, para a Malaia teria sido possível antes de desencadeado o ataque japonês. A oportunidade para atacar o exército de Rommel teve lugar durante o mais forte da campanha militar na Rússia, quando não era possível aos alemães desviar tanques ou aviões para a Líbia, como a marinha devia ter atacado a esquerda italiana, vulnerável aos seus ataques e aos da Royal Air Force, as quais permaneceram inativa a primeira e a segunda empenha em atacar Berlim e outros objetivos na Alemanha. Não fosse a esquadra italiana, Rommel não teria recebido os reforços que lhe permitiram reconquistar Benghazi, pelo que atribui-se a deterioração da posição militar britânica nos últimos seis meses, em parte, ao fato da esquadra italiana não ter sido destruída. Se em agosto passado, o primeiro ministro podia declarar com o inimigo, não há escusa, insistem esses críticos, para essa inatividade contra a esquadra italiana, desde Matapan. Tivesse esta sido eliminada no outono de 1941, o Japão talvez deixasse de entrar na guerra, dizem eles. Em vez de concentração no Mediterrâneo, adotou-se uma tática de dispersão, sem a necessidade de proteção aérea, de que resultou o sacrifício inútil do *Prince of Wales* e do *Repulse* no mar da China.

A 30 de dezembro último, em Ottawa, o senhor Churchill afirmava que o bombardeio intenso da Alemanha permanecia um dos principais meios com que se levaria a guerra a cabo. Donde se podia deduzir que o papel ofensivo da Marinha e do Exército passavam a posição subordinada. Daí a falta de suporte aéreo de que se queixam a Marinha e o Exército. Ora o episódio do Gneisenau e Scharnhorst, em Brest, revela a pouca eficiência dos bombardeios aéreos de um objetivo determinado.

Assim, encabeçada pelos *lords* Winterton e Trenchard, foi lançado um desafio a atual política de bombardeio, para que seja restituída à Marinha e ao Exército a ofensiva tática.

Por outro lado, os que apoiam a política da ofensiva aérea atribuem a inação alemã em abril, em contraste com as famosas ofensivas da primavera de 1940 e 1941, aos ataques contínuos da Royal Air Force durante a última quinzena, favorecidos pelo tempo e pelas noites de luar. A destruição infligida por esses bombardeios noturnos já são de natureza a influenciar o curso da guerra. Não se trata de preparativos para uma ofensiva, senão que de uma ofensiva em grande escala, para ajudar os russos, criando uma frente aérea. E como a capacidade aérea da Grã-Bretanha, e a ajuda norte-americana, ainda não atingiram o máximo, pode-se antecipar que esses ataques são apenas o prelúdio do há de vir num futuro próximo.

A 22 de abril foi publicado um decreto explicando com o ministro da Defesa colaborará com os Estados Maiores das três armas no novo Grande Estado Maior, sob o único chefe, composto de oficiais que trabalham em conjunto, não como membros de unidades separadas assistindo-se uma a outra, mas como uma só entidade animada pelos mesmo espírito. Os detalhes de cooperação dos diversos órgãos existentes são expostos num gráfico apenso ao decreto.

Lord Louis Mountbatten sucessor de *sir Roger Keyes*, na chefia dos Comandos, com o título de chefe de Operações Combinadas, possui patentes nas três armas para dirigir um organismo que é menor escala, aquilo que como o Grande Estado Maior se visa criar, isto é, a concepção e a execução de planos em comum, segundo as ideias expostas por *sir Edward Grigge*, nas colunas do *Times* (artigo remetido e essa Secretaria).

Na Câmara dos Comuns, o senhor Eden, poucos dias antes (16 de abril) fizera referência às discussões anglo-americanas sobre a estratégia e fornecimentos, entre o primeiro ministro e os americanos senhor Harry Hopkins e general Marshall, que, numa visita de quinze dias, entrevistaram-se com as autoridades competentes do governo britânico e com os ministros dos governos aliados em Londres. O objetivo desses entendimentos é decidir quando e onde poderão os Aliados atacar o flanco inimigo este ano – o decisivo – bem como estabelecer a unidade de comando, pela qual tanto se empenha o senhor Roosevelt.

Nada transpirou sobre as decisões tomadas nessas conversas, que foram, aliás, continuadas em Washington, para onde seguiu o primeiro *lord* do Almirantado, acompanhando os dois representantes americanos, embora boatos corressem sobre mais de um plano de ofensiva conjunta na Europa e na Oceania. Em princípio, pode-se dizer que ficou assente que os diversos teatros de guerra receberão munições dos arsenais mais próximos. Discutiu-se também a questão dos suprimentos à Rússia, para que não sofram

interrupção por causa das grandes remessas que estão sendo feitas para o Mediterrâneo e o Oriente.

A 11 de abril, *sir* Stafford Cripps, em longo discurso pelo rádio de Délhi, explicou aos hindus qual foi o objetivo da sua fracassada missão e, nas vésperas da partida, dirigiu-lhes um apelo para que se unissem contra o iminente ataque japonês. Da correspondência por ele trocada com os chefes dos diversos partidos, resulta que o Congresso rejeitou as propostas britânicas para a independência da Índia devido a uma exigência de última hora por esse partido, de que a constituição da Índia fosse agora modificada de modo a ser o governo entregue a um Ministério hindu com plenos poderes. Como fez ver Cripps, tal exigência implicava a constituição de um gabinete sem responsabilidade perante quem quer que fosse ou uma ditadura absoluta da maioria, que seria rejeitada por todas as minorias na Índia, e inconsistente com os compromissos assumidos pelo governo britânico de proteger os direitos desta. *Sir* Stafford acrescentou que as propostas por ele apresentadas tinham ido tão longe quanto o permitiam as circunstâncias do momento e assim era obrigado a dar como finda a sua missão.

O fracasso desta causou aqui profundo desapontamento. *Sir* Stafford tudo fez para chegar a uma fórmula conciliatória. Os hindus teriam, depois da guerra, toda a liberdade para adotar a forma de governo que mais lhes conviesse, com a possibilidade mesmo de se separarem do Império. A única limitação a de que a que a Assembleia Constituinte não se reuniria durante a guerra. Com o inimigo às portas e o compromisso formal de todos os chefes de partido representados no governo britânico, a Índia, aceitando, só tinha a ganhar e nada a perder.

Se se considerar, porém que as raças hindus, que habitam os vales do Ganges e do Jumma, são das menos belicosas do mundo e que são as maometanas, com exceção dos Sikhs e Rajputs, as únicas guerreiras da península, o apelo ao alistamento não está na dependência da sabotagem congressista. E o mundo em geral pode convencer-se dos propósitos sinceros dos ingleses. Na verdade, os *leaders* das comunidades da Índia recusaram assumir a responsabilidade de uma decisão, difícil em vista do conflito entre hindus e maometanos, que a Grã-Bretanha nada fez para acentuar, salvo acenar-lhes com a possibilidade de um governo representativo. É mais fácil para aqueles continuarem na mesma senda, sem procurar chegar a um acordo, para não correrem o risco de perder a popularidade.

Não foi, pois, propriamente a preponderância da influência de Gandhi sobre e de Pandit Nehru, senão que a sua filosofia serviu de pretexto para os que desejam acima de

tudo evitar o sentido da responsabilidade. Foi esse *defeatism*, na verdade, que tornou desde o princípio impossível e êxito da missão de sir Stafford Cripps.

A 29 teve lugar uma sessão nos Comuns sobre a política do governo na Índia. *Sir* Stafford Cripps repetiu as declarações já conhecidas. Os debates revelaram que os membros do Parlamento não consideram que a missão Cripps tenha sido uma perda de tempo. Acreditaram mesmo que a atmosfera tenha sido esclarecida [sic].

A 23 de abril realizou-se nos Comuns uma sessão secreta sobre a situação, tendo sido ouvido o senhor Churchill. Ficou decidido que não haverá outro debate sobre a guerra por algum tempo. Entretanto, haverá oportunidades para discussão da proposta criação do Grande Estado Maior para todas as decisões estratégicas das três Armas.

O projeto de racionamento dos combustíveis e luz apresentado por *lord* Woolton, segundo as sugestões de Sir William Beveridge, está encontrando considerável oposição parlamentar. Não pode ser comparado aos demais esquemas em vigor de racionamento visto estes dizerem respeito a mercadorias importadas, justificado pela economia de praça marítima. O carvão é produção nacional e existe em abundância. As dificuldades atuais provem da falta de previdência na formação de reservas que enfrentassem o intento consumo para a fabricação de guerra. As autoridades militares teriam que liberar muitos dos mineiros engajados, para retornarem a sua profissão o que não é razoável no momento em que se consideram diversos planos de ofensiva militar. Por outro lado, há o perigo, para o espírito da população, que a falta de luz e calor sempre constituem, o qual deve ser evitado, a menos de grave necessidade.

Londres, em 1º de maio, de 1942

Moniz de Aragão

Redação do Ministro

Joaquim de Souza Leão.

v

OFÍCIO • 02 MAI 1942 • AHI 28-2-8

[*Índice:*] As necessidades do mercado brasileiro e seu abastecimento pelos Estados Unidos e o Reino Unido.

N. 241

Embaixada dos Estados Unidos do Brasil

Londres, em 02 de maio de 1942

Senhor Ministro,

A firma John Miller & Co., de Liverpool, dirigiu-nos, em 24 de abril último, a carta junta por cópia, para a qual paço a peço a atenção de Vossa Excelência, em que examina certos aspectos do intercâmbio comercial entre o Brasil e o Reino Unido, com relação, sobretudo, aos efeitos do *Lease and Lend Act* sobre o mesmo.

2. Afirmam os senhores John Miller & Co., que a interpretação dada pelas autoridades americanas ao convenio do *Lease and Lend Act* resulta num compromisso por parte da Grã-Bretanha pelo qual os artigos que puderam ser fornecidos à América Latina pelos Estados Unidos não serão exportados pela Grã-Bretanha para aquele continente.

3. Essa afirmação parece corresponder aos fatos, pois, como Vossa Excelência terá verificado de numerosas comunicações desta missão à Secretaria de Estado, que tratam de licenças de exportação para mercadorias britânicas ao Brasil, as autoridades inglesas, quando recusam tal licença, invocam, na maioria das vezes, suas obrigações decorrentes do *Lease and Lend Act*.

4. Ora – diz a firma John Miller & Co., - para muitos artigos o governo britânico, antes de conceder ou negar a licença de exportação, consulta as autoridades em Washington, afim de saber se os mesmos podem ser fornecidos pelos Estados Unidos. Essas autoridades, por força, baseiam sua opinião sobre dados facilitados pelos fabricantes americanos. Esses dados, no julgamento dos senhores John Miller & Co. podem ser muitas vezes errôneos e o governo britânico recusará assim licenças de exportação para artigos que os fabricantes americanos ou não fabricam ou não produzem em quantidades suficientes. Isto, evidentemente, além de afetar os exportadores brasileiros que, hoje, praticamente só pode[m] recorrer aos Estados Unidos e à Grã-Bretanha para a maioria de artigos manufaturados.

5. A firma John Miller & Co. alvitra assim um acordo pelo qual o fornecimento das mercadorias necessitadas pela América Latina fosse repartido entre os Estados Unidos e o Reino Unido e que em tal acordo tivessem voz os países importadores dessas mercadorias, isto é, os consumidores que têm de sofrer as consequências do estado atual de coisas.

6. Acredito que as ideias exportas pelos senhores John Miller & Co. são dignas de atenção. Esse propósito peço vênua para lembrar o ponto de vista exposto no relatório do secretário J. de Alencar que acompanhou meu ofício nº 570 de 27 de julho de 1941, sobre a renovação do acordo de pagamentos anglo-brasileiros. O dito relatório continha a sugestão de que seria de conveniência para nós obter de parte deste governo algum compromisso no sentido de reservar para o Brasil uma proporção equitativa da produção industrial britânica disponível para exportação. Acredito que seria de interesse para nós tratar de obter um compromisso dessa ordem. Já que estamos fornecendo à Inglaterra vários produtos de que necessita, sobretudo carnes frigorificadas e em conserva, e que só pode adquirir alhures com crescente dificuldade ou apenas em quantidade insuficientes, temos um direito em reclamar uma parte das mercadorias de consumo ou das máquinas e outro equipamento industrial que este país está ainda em condições de produzir. Atualmente, segundo os dados estatísticos recebidos, o Brasil tem um grande saldo em libras esterlinas para apreciar se nos convêm ter um saldo dessa importância (507.424 contos em 1941) afim de cobrir pagamentos da nossa dívida externa e outros, relacionados com o capital britânico invertido no Brasil. Ocorre-nos, entretanto, que o saldo possa ser, ou chegar a ser, superior a essas necessidades – mesmo tendo em conta a possível amortização de títulos de dívida brasileira e a compra de empresas britânicas em nosso país. Nesse caso ficaríamos com libras bloqueadas ou congeladas na Conta Especial. Por todos esses motivos julgo que as sugestões contidas na carta dos senhores John Miller & Co. e bem assim no relatório aludido merecem exame no presente momento.

7. Mencionarei, finalmente, que, com relação a determinados produtos, o Board of Trade não limita a sua atividade à concessão das licenças eventualmente solicitadas, mas reparte o total da produção entre os diversos mercados externos. Assim procede, por exemplo, no concernente aos tecidos de lã.

Aproveito o ensejo para reiterar a Vossa Excelência os protestos de minha respeitosa consideração.

Moniz de Aragão

A Sua Excelência o Senhor Embaixador Osvaldo Aranha
Ministro de Estado das Relações Exteriores

OFÍCIO • 06 MAI 1942 • AHI 28-2-8

[Índice:] Notícias sobre as condições econômicas e financeiras do Brasil. Proposta de *The Banker*.

N. 254

Embaixada dos Estados Unidos do Brasil
Londres, em 06 de maio de 1942

Senhor Ministro,

Pelo ofício nº 138, de 27 de abril de 1940, transmiti a Vossa Excelência uma proposta apresentada a esta embaixada pelo barão Stackelberg, redator estrangeiro de várias revistas financeiras deste país, no sentido de serem publicadas em *The Banker* notícias diversas sobre as condições econômicas e financeiras do Brasil.

2. Recentemente, essa revista, tendo tido conhecimentos de que se está cuidando da formação, em Londres, de uma Câmara de Comércio Brasileira, se dirigiu de novo a esta missão, reiterando a citada proposta, cujos detalhes se encontram nas cartas, anexas por cópia, que nos dirigiu em 18 e 24 de abril último.

3. Muito agradeceria a Vossa Excelência a bondade de habilitar-me a responder à proposta em questão.

Aproveito o ensejo para reiterar a Vossa Excelência os protestos de minha respeitosa consideração.

Moniz de Aragão

A Sua Excelência o Senhor Embaixador Osvaldo Aranha
Ministro de Estado das Relações Exteriores

v

TELEGRAMA • 08 MAIO.1942 • AHI 29/5/5

Índice: Desastre automóvel presidente Getúlio Vargas.

Embaixada em Londres
À Secretaria de Estado das Relações Exteriores

156 – SEXTA-FEIRA – 13h.00 – Referência às circulares relativas ao acidente do nosso presidente. Despertou aqui vivo interesse a sua saúde, tendo o Foreign Office pedido notícias e o *lord* Mayor de Londres exprimido votos de pronto restabelecimento.
MONIZ DE ARAGÃO

v

OFÍCIO • 08 MAI 1942 • AHI 28-2-8

[*Índice:*] Decreto sobre matança de gado.

N. 256

Embaixada dos Estados Unidos do Brasil
Londres, em 08 de maio de 1942

Senhor Ministro,

Com referência ao telegrama que dirigi a Vossa Excelência em 14 de abril último, sobre um decreto do nosso governo limitando a matança de vacas, cabe-me enviar-lhe, em anexo, cópia da correspondência, a respeito do assunto, trocada pelo 1º secretario J. de Alencar, na sua qualidade de delegado brasileiro à Conferencia da carne, com o Ministério da Alimentação e, bem assim, os representantes, nesta capital, das empresas frigoríficas *Armour, Anglo, Swift e Wilson*.

2. Logo que recebeu a carta do Ministério da Alimentação constante do nº I do anexo, o senhor Alencar solicitou aos representantes das referidas empresas verificassem das suas matrizes no Brasil se, e até que ponto, o decreto afetaria a produção da carne em conserva contratada com este governo. Como se pode verificar da correspondência anexa, a *Armour* e a *Swift* declararam poder cumprir o contrato, embora com alguma dificuldade. *Wilson* e *Anglo*, pelo contrário, afirmaram que o decreto impossibilitaria o cumprimento da sua parte do contrato total de 69,000 toneladas. *Wilson*, em seguida, obteve novas informações e assegurou ao Ministério que forneceria a sua parte. A empresa *Vestey* (Frigorífico *Anglo*) continuo a dizer-se impossibilitada

de produzir o que contratualmente lhe cabia. A sua porcentagem era a mais importante, alcançando 24,000 toneladas, de modo que a falta de cumprimento por parte dessa firma ia ser especialmente prejudicial para o contrato global. Ora, a execução integral do contrato brasileiro é da maior importância para nós, pois, evidentemente, qualquer omissão será explorada por nossos concorrentes. Vossa Excelência sabe que, neste ano, pela primeira vez, conquistamos o primeiro lugar no fornecimento de carne em conserva, batendo a Argentina, cujo contrato original só alcançou 50.000 toneladas.

3. Nessas condições julguei conveniente transmitir a Vossa Excelência, no citado telegrama, a sugestão da empresa *Vestey*, de que o decreto de que se trata fosse modificado, reduzindo a proporção das charqueadas da atual proporção de 70% para 60% e voltando os frigoríficos de 15%, atual porcentagem, à antiga de 25%. Segundo declarou o interessado, tal modificação, possibilitando o cumprimento do contrato em questão, não afetaria, por outro lado, a criação de gado. Faltam-nos, já se vê, os dados necessários para julgar se tal afirmação corresponde aos fatos. Caso não prejudique interesses superiores do Brasil, é essencial seja o decreto modificado, de modo a que possamos cumprir o contrato, sem o que ficaremos tolhidos nas futuras negociações com o Ministério da Alimentação, o qual, muito compreensivelmente, não poderá deixar de ter dúvidas com relação às ofertas brasileiras.

4. Permito-me chamar a atenção de Vossa Excelência para o trecho final da carta do Ministério da Alimentação (nº 14 do anexo), nos seguintes termos:

I cannot over emphasize the serious view that the ministry would take of any reduction in deliveries against their purchase of 69,000 tons”.

5. Muito agradecerá assim o especial interesse de Vossa Excelência para esse caso de importância relevante para a economia nacional.

Aproveito o ensejo para reiterar a Vossa Excelência os protestos de minha respeitosa consideração.

Moniz de Aragão

A Sua Excelência o Senhor Embaixador Osvaldo Aranha
Ministro de Estado das Relações Exteriores

TELEGRAMA • 11 MAIO 1942 • AHI 30/1/2

Índice: Fornecimento de carnes à Grã-Bretanha. Restrições à matança de gado no Brasil.

Secretaria de Estado das Relações Exteriores
À Embaixada em Londres

95 – 11 MAIO 1942 – Em resposta ao seu telegrama n. 130. Informa o Ministério da Agricultura que as restrições da matança de vacas visaram a defesa do rebanho bovino nacional, tendo-se, entretanto, fixado adequada percentagem de matança para os estabelecimentos industriais de carnes, como o prova o fato de os Frigoríficos Armour, Swift e Wilson estarem habilitados a cumprir os seus compromissos. A quota do Frigorífico Anglo foi elevada agora de 15% para 22%, habilitando-o assim a garantir os fornecimentos para a Grã-Bretanha. EXTERIORES

Expedido em 11 de maio de 1942 via Western.

v

OFÍCIO • 11 MAI 1942 • AHI 28-2-8

[Índice:] O discurso do senhor Churchill.

N. 257

Embaixada dos Estados Unidos do Brasil
Londres, em 11 de maio de 1942

Senhor Ministro,

O primeiro ministro dirigiu-se ontem a noite pelo rádio ao povo britânico por motivo do segundo aniversário de sua elevação ao poder e aproveitando o ensejo procurou demonstrar o verdadeiro estado atual da situação política e milita da Grã-Bretanha e de seus aliados, concluindo com uma impressão de franco otimismo sobre o futuro.

2. O grande estadista que se encarregou, em 10 de maio de 1940, do passado encargo da direção da guerra, que incarnou a vontade decidida do povo britânico, na hora em que devia, absolutamente só, defender o Império britânico e a civilização universal tem o direito de falar como fez, com um legítimo orgulho, sobre o imenso esforço então feito pelo seu governo.
3. Pode ser dito em uma só frase que entre os meses de junho de 1940 e de 1941, a nação britânica e o seu chefe salvaram o mundo da escravidão e do barbarismo.
4. O senhor Churchill recorda oportunamente que quando o führer atirou os seus exércitos contra a Rússia a decisão imediata do governo e do povo britânico desfez a manobra hitleriana na sua simulada tentativa de formar uma coalisão de povos contra o governo de Moscou podendo apurar esse golpe com o auxílio dos aliados da Grã-Bretanha.
5. A agressão japonesa contra os Estados Unidos completou essa reunião de nações livres que lutam conjuntamente pelo restabelecimento da liberdade e pela defesa de nossa civilização.
6. A presente situação a despeito dos reveses sofridos no Pacífico permite as maiores esperanças.
7. O primeiro ministro justificou esse modo de pensar aludindo aos erros graves cometidos pelo senhor Hitler, suas dificuldades atuais, suas fraquezas e elevadas perdas em homens e material sofridas pelos alemães na Rússia onde caíram em dez meses tantos soldados do Reich quanto os que a nação alemã perdeu durante os quatro anos de precedente guerra.
8. Para ainda mais justificar o seu alegado, o senhor Churchill fez referência à força crescente da Royal Air Force cujo poder de destruição aumenta sem cessar à fragilidade dos êxitos obtidos pelos alemães e japoneses e em comparação com os Estados Unidos e a Grã-Bretanha, à mediocridade dos recursos de que dispõem os nipônicos.
9. Isso no que se refere ao passado e quanto ao futuro o orador está cheio de um robusto otimismo.
10. A Alemanha conhecerá praticamente todas as devastações de que é capaz a arma aérea dos britânicos e dos americanos e se Hitler empregar a guerra química em qualquer frente terá logo a resposta, pois, o senhor Churchill deixou claramente estabelecido que imediatamente aplicaria os gases contra a Alemanha estando para isso bem preparada a aviação britânica.

11. Deixou também evidenciado que poderá vir a ser formado uma segunda frente terrestre e referindo-se de passagem a esse assunto felicitou-se do espirito ofensivo que já se está manifestando nos dois lados do Atlantico.

12. Sem dúvida o heroísmo dos franceses que em St. Nazaire se gruparam ao lado das tropas britânicas impressionou particularmente o primeiro ministro como representante a manifestação da vontade de liberação que anima a França e a Europa contra os seus opressores.

13. Com a emoção afetuosa que domina o senhor Churchill sempre que se refere aos franceses não deixou de lhes tributar uma calorosa homenagem asseverando que “a França de St. Nazaire compreende a nação francesa heroica cuja restauração entre as grandes potencias mundiais é indispensável ao futuro e segurança da Europa”.

14. O discurso do senhor Churchill que está tendo a mais franca acolhida tanto aqui como nos Estados Unidos é sem dúvida uma das suas mais importantes orações e pode ser considerado ao Império britânico e ao mundo, confirmada pela sua convicção de que “nada mais nos resta para vencer senão aguentar firme como temos feito e perserverar”.

15. Junto remeto o texto completo do referido discurso.¹

Aproveito o ensejo para reiterar a Vossa Excelência os protestos de minha respeitosa consideração.

Moniz de Aragão

A Sua Excelência o Senhor Embaixador Osvaldo Aranha
Ministro de Estado das Relações Exteriores

v

OFÍCIO • 13 MAI 1942 • AHI 28-2-8

[Índice:] Missões navais sul-americanas.

N. 260

Embaixada dos Estados Unidos do Brasil
Londres, em 13 de maio de 1942

Senhor Ministro,

Acabam de chegar a Londres diversas missões navais sul-americanas especialmente convidadas pelo governo britânico para visitarem os estabelecimentos da sua Marinha de Guerra e conhecer detalhes sobre a organização e funcionamento da mesma em tempo de guerra.

2. Os oficiais chegados são chilenos, argentinos, peruanos, equatorianos, e uruguaios e os meios navais ingleses tem expressado o seu sentimento pelo fato de que somente a Marina de Guerra brasileira não esteja representada não tendo o nosso governo podido aceitar o convite que em tempo lhe foi feito pela embaixada britânica no Rio de Janeiro.

3. Os membros das aludidas missões já foram recebidos por oficiais do Almirantado que os têm acompanhado em suas visitas.

4. O ministro da Marinha ofereceu-lhes uma grande recepção com assistência das representações diplomáticas dos países a que eles pertencem.

5. Durante a permanência na Grã-Bretanha os aludidos oficiais farão alguns cursos rápidos e terão a ocasião de estudar os serviços de guerra e o funcionamento dos dispositivos da defesa naval britânica.

6. A primeira visita dos oficiais sul-americanos foi reservada à Escola Naval de Greenwich, considerando que as tradições da Marinha britânica, universalmente conhecidas e admiradas, alcançam em tempo de guerra sua máxima expressão.

7. Os visitantes terão agora ocasião de ver de perto seus camaradas britânicos na dura faina que permite à Grã-Bretanha manter incólume seu poder naval.

8. Precisamente o dia da chegada a Londres dos officias coincidiu com o recebimento das notícias do grande encontro naval no mar do Coral em que as frotas britânica e americana conseguiram grande vitória sobre os japoneses, infligindo-lhes graves perdas.

9. Essa atuação de esquadras aliadas que constitui a única garantia da liberdade dos povos ameaçados por ataques e agressões é unicamente possível graças ao mecanismo adotado pelas almirantados das nações unidas e cujo funcionamento em tudo que fôr possível poderá ser estudado pelos officias referidos.

10. O poder marítimo está baseado no espírito de disciplina, de iniciativa, de responsabilidade individual que caracteriza os marinheiros ingleses e mostrar como essas forças espirituais são aplicadas e se desenvolvem em pelo serviço de guerra tanto a bordo das unidades de combate como nos navios auxiliares e nas organizações de terra, é o que a Grã-Bretanha tem e o intuito de fazer ver aos seus visitantes.

11. Os técnicos navais sul-americanos competentes para julgar os verdadeiros valores da Marinha deste país levarão para suas pátrias, depois da presente visita, a sensação exata do poder naval britânico e poderão medir exatamente a extensão do esforço gigantesco que está fazendo a nação britânica para manter graças á sua esquadra a hegemonia mundial dos princípios de liberdade comum a todos os povos que não se resignam a ser escravos.

12. A organização naval continua a ser base vital desta potência marítima por excelência e que fez da virtude de seus marinheiros o grande segredo de sua força.

13. Ao mostra-la em pleno desenvolvimento da luta aos delegados dos países de nosso continente a Grã-Bretanha tem em vista exhibir o que acredita possuir de melhor para sua defesa e de mais perfeito como organização militar.

Aproveito o ensejo para reiterar a Vossa Excelência os protestos de minha respeitosa consideração.

Moniz de Aragão

A Sua Excelência o Senhor Embaixador Osvaldo Aranha
Ministro de Estado das Relações Exteriores

v

OFÍCIO • 13 MAI 1942 • AHI 28-2-8

[Índice:] Licença de exportação. Material para a Estrada de Ferro Noroeste do Brasil.

N. 262

Embaixada dos Estados Unidos do Brasil
Londres, em 13 de maio de 1942

Senhor Ministro,

A título de informação, tenho a honra de remeter a Vossa Excelência cópia de correspondência trocada entre esta embaixada e o *Board of Trade*, em virtude de um pedido que nos foi dirigido pela firma *Thomas Bell & Co.*, de Liverpool, no sentido de

ser obtida do governo britânico licença para a exportação de maçaricos (*burners*) Bray encomendados à mesma firma pela Estrada de Ferro Noroeste do Brasil.

2. O *Board of Trade*, como Vossa Excelência, verá, informou que a licença não podia ser concedida, em vista do conterem alguns maçaricos uns 25% de latão e outros uns 80%, estando, portanto, dentro dos termos do *Lend-Lease White Paper*.

Aproveito o ensejo para reiterar a Vossa Excelência os protestos de minha respeitosa consideração.

Moniz de Aragão

A Sua Excelência o Senhor Embaixador Osvaldo Aranha
Ministro de Estado das Relações Exteriores

v

TELEGRAMA • 14 MAIO.1942 • AHI 29/5/5

Índice: Eventuais compras de produtos brasileiros pelo governo norueguês.

CONFIDENCIAL

Embaixada em Londres
À Secretaria de Estado das Relações Exteriores

164 – QUINTA-FEIRA – 17h.00 – Muito agradeceria a Vossa Excelência habilitar-me, telegraficamente, a responder ao pedido de informações constante do telegrama n.120. MONIZ DE ARAGÃO

v

OFÍCIO • 19 MAI 1942 • AHI 28-2-8

[Índice:] A campanha da Rússia.

Embaixada dos Estados Unidos do Brasil

Londres, em 19 de maio de 1942

Senhor Ministro,

Nos primeiros dias do mês de maio os diplomatas e militares alemães, nos Balcãs e na Turquia, interpretando uma passagem do último discurso do *führer*, anunciaram que o objetivo da ofensiva germânica para este ano seria estabelecer uma frente sólida indo de Archangel até Astrakan para formar uma barreira de aço contra os remanescentes do exército russo.

2. Todos devem estar lembrados que o chanceler alemão disse na referida ocasião que derrubaria o colosso moscovita este verão e que o encerraria dentro de suas fronteiras definitivas, fazendo com que a Europa por ele roubada alcançasse as cercanias dos montes Urais.

3. O tema do *führer* foi também adotado pelo general francês Duval o qual recentemente, no jornal Debate, expos o plano da vitória de Hitler pelo qual os alemães poderiam avançar até uma linha indo do mar Branco até o Cáspio cortando assim todas as comunicações entre os russos e os seus aliados britânicos e americanos. Nesse caso os exércitos nazistas venceriam sem ter necessidade de exterminar as amadas soviéticas.

4. Assim, pois, é baseado nessas manifestações de propaganda, onde a expressão dos desejos está ligada a indicações correspondentes aos planos estabelecidos, que devemos examinar o valor das batalhas em curso.

5. Nos dois casos tanto do lado alemão como do russo estamos em face de operações preventivas destinadas principalmente a desorganizar os preparativos do adversário, a perturbar seus planos e possivelmente destruir as possibilidades de execuções.

6. Os alemães buscavam garantir o seu flanco direito contra um ataque de través por parte dos russos, estabelecidos na península de Kertch, vindo da Crimeia no momento em que buscassem esmagar os exércitos de marechal Timochenko, de Taganrog aa Koursk e os russos, por seu lado, atacando inesperadamente tratam de evitar o avanço alemão em direção a Stalingrad[o] e a Saratov.

7. O ataque do general von Manstein, iniciando com elementos principalmente aéreos, teve por resultado levar os seus soldados e seus auxiliares rumaicos até Kertch

mas parece que ainda resta muito para conquistas toda a península e essa ação é tanto mais difícil quanto se torna eficaz a proteção da Marinha de Guerra russa, que domina o mar Negro, e também devido ao fato de que os exércitos alemães da Ucrânia estão impossibilitados de avançar e mesmo já se retiram sob o impulso da ofensiva do general Timochenko.

8. Diferentemente da operação contra Kertch que não se estender, o avanço russo em direção a Kharkoff oferece possibilidades de desenvolvimentos extremamente interessantes e pode ter consequências graves para tolos os exércitos alemães do sul.

9. Desde já os observadores militares balcânicos e suecos, mais em contato com a realidade alemã, julgam que a ofensiva russa foi iniciada em um ponto e no momento mais perigoso para o Alto Comando alemão, que tinha concentrado nessa região a maior parte de suas tropas de reserva e do material com o qual se preparava a despachar o golpe na hora marcada e prevista pelo plano da vitória, referido pelo general Duval.

10. Parece incontestável que Hitler se acha presentemente incapacitado de tentar, fora da frente russa, uma diversão notável e assim nos Balcãs os soldados alemães estão partindo e estão sendo substituídos por italianos e búlgaros e sem dúvida é na Rússia que ele deve empreender a ação decisiva que os russos anteciparam.

11. Os técnicos militares mais competentes julgam que a atual operação do general Timochenko se for bem sucedida poderá talvez prejudicar qualquer ulterior veleidade de ofensiva alemã, pois, o seu impulso está sendo operado contra o pleno centro do principal dispositivo de ataque do Reich do qual Kharkoff é o ponto vital o que poderá acarretar uma completa desorganização dos planos alemães com grande perda de material e de pessoal o que teria consequências incalculáveis no desenvolvimento da guerra

Aproveito o ensejo para reiterar a Vossa Excelência os protestos de minha respeitosa consideração.

Moniz de Aragão

A Sua Excelência o Senhor Embaixador Osvaldo Aranha
Ministro de Estado das Relações Exteriores

OFÍCIO • 20 MAI 1942 • AHI 28-2-8

[Índice:] Cooperação do Brasil na guerra.

N. 268

Embaixada dos Estados Unidos do Brasil

Londres, em 20 de maio de 1942

Senhor Ministro,

Confirmando o meu telegrama nº 149, de 30 de abril último, tenho a honra de passar as mãos de Vossa Excelência cópia da nota que dirigi ao Foreign Office para comunicar a dispensa das exigências para visto de trânsito nos passaportes de oficiais das Forças Armadas britânicas e de funcionários civis em missão oficial,

2. O secretário de Estado dos Negócios Estrangeiros pede-nos novamente que faça chegar ao governo brasileiro os agradecimentos do governo de Sua Majestade britânica por essa medida, como Vossa Excelência poderá depreender da cópia que incluo igualmente.

Aproveito o ensejo para reiterar a Vossa Excelência os protestos de minha respeitosa consideração.

Moniz de Aragão

A Sua Excelência o Senhor Embaixador Osvaldo Aranha

Ministro de Estado das Relações Exteriores

[Anexo I]

Nº 44

Londres, em 30 de abril de 1942

Senhor Secretário de Estado,

Tenho a honra de levar ao conhecimento de Vossa Excelência que o governo brasileiro, desejoso de cooperar, no que está ao seu alcance, para facilitar a ação do Império britânico na guerra, resolveu permitir que os oficiais das suas Forças Armadas e seus funcionários civis, quando, em missão oficial, transmitem o território nacional, por via aérea, em qualquer direção, para zonas de guerra, sejam dispensados de exigências relacionadas com o visto de entrada no país, sempre que se trate de viagem continua pelo mesmo avião ou por outro a ele conexo, de modo que a escala em território nacional não seja demorada. Os militares em serviço ativo deverão estar sempre uniformizados e munidos de seus cartões de identidade, contendo fotografia e impressões digitais, e os funcionários civis deverão apresentar seus passaportes. Idênticas facilidades serão concedidas aos militares e funcionários civis norte-americanos.

Aproveito o ensejo para reiterar a Vossa Excelência os protestos de minha respeitosa consideração.

(a) Moniz de Aragão

A Sua Excelência The Right Honourable Anthony Eden, M.P., M. C.,
Principal Secretário de Estado de Sua Majestade britânica dos Negócios Estrangeiros

[*Anexo II*]

No. T 4544/ 4542/378.

Foreign Office, S.W.1.

18th May, 1942

Your Excellency,

On the 30th april you were good enough to hand me a note informing me of the decision of the brazilian government to grant to members of His Majesty's Forces and to British civilian officials exemption, on certain conditions, from brazilian visa regulations.

2 I have the honour to request that Your Excellency will be so goof to convey to the brazilian government the sincere thanks of His Majesty's government for their generous action.

I have the honour to be, with the highest consideration,

Your Excellency's obediente Servant,

(For the Secretary of State)

(a) R. Dunbar

His Excellency Senhor J. J. Moniz de Aragão, C.B.E.,

Etc., etc., etc.;

54, Mount Street.

Mayfair, W.1.

v

TELEGRAMA • 20 MAIO.1942 • AHI 29/5/5

Índice: Comentários, na Grã-Bretanha, sobre a atitude países americanos em face campanha submarina do Eixo.

Embaixada em Londres
À Secretaria de Estado das Relações Exteriores

172 – QUARTA-FEIRA – 16h.45 – A imprensa officiosa julga que a atitude do México, devido ao recente torpedeamento de uma unidade de sua Marinha mercante, constitui sintoma de agravação da situação na região das Caraibas e no Golfo do México, determinando a ação dos Estados Unidos referente à Martinica e à Guiana francesa, cada vez mais suspeitadas de bases dos submarinos do Eixo. Nos círculos diplomáticos, ligados ao Foreign Office, acredita-se que os governos mexicano e americano chegaram à conclusão de que a atual situação deve ser esclarecida por uma solução definitiva. Julga-se também que o Brasil, a Venezuela e a Colômbia, diretamente interessados no assunto, assumirão, oportunamente, atitude de acordo com as exigências do problema, tomando medidas adequadas, sendo que, quanto ao Brasil são salientadas a grande energia e atividade desenvolvidas pelo nosso governo para assegurar a ordem interna, nas circunstâncias atuais, desorganizando a vasta rede de espionagem e a ação dos centros clandestinos nipônicos e nazistas, que deviam por o país em grave perigo, facilitando o trabalho do inimigo. Um alto funcionário do Foreign Office disse-me acreditar que as manifestações de solidariedade panamericana deverão se concentradas em medidas práticas, de caráter conjunto, para a defesa do Continente americano. Acrescentou que

aqui se tem a impressão de que esse aspecto da situação está sendo um pouco esquecida na forma pela qual está sendo tratada a questão da Martinica pelos Estados Unidos da América. MONIZ DE ARAGÃO

V

OFÍCIO • 20 MAI 1942 • AHI 28-2-8

[Índice:] A ação alemã na África.

N. 269

Embaixada dos Estados Unidos do Brasil
Londres, em 20 de maio de 1942

Senhor Ministro,

As notícias ultimamente aqui recebidas oriundas de fontes autorizadas indicam a presença de novas comissões de oficiais alemães ao largo das costas do Marrocos e francês e segundo informações, essas comissões dedicam-se principalmente à instalação e melhoramento de bases aéreas não somente no Mediterrâneo, mas também ao lado do oceano Atlântico.

2. A recente entrevista do general Nagues com o ministro Laval teria sido motivada por essa intervenção alemã na África que se mostra sempre mais intensa até o extremo de poder ser considerada como uma espécie de ocupação invisível.

3. Existem indícios de que uma grande parte do Exército francês naquela região considera impossível seguir ignorando esse estado de coisas que se apresenta como uma invasão mansa de oficiais e agentes técnicos alemães que se vão apoderando subrepticiamente dos elementos de mando com assentimento tácito de Vichy.

4. No dia em que os alemães apoiando-se nos nacionalistas muçulmanos com a colaboração dos italianos e espanhóis resolveram dar um golpe na África o Exército francês ficará manietado e incapaz de cumprir o seu dever.

5. A ideia de que os homens de Vichy obriguem os soldados franceses a lutar em Madagascar, defendendo a honra da França, e no mesmo momento os obriga a cerrar os

olhos em face do risco da penetração nazista em territórios, cuja guarda lhes foi confiada, irrita os militares verdadeiramente patriotas, obrigados a contemplar de braços cruzados os agentes alemães no seu trabalho sistemático para destruir o império colonial francês na África.

6. Desde Túnis, Argélia e Marrocos até a costa Atlântica a ação alemã vai socavando o poder francês valendo-se tanto dos italianos como dos espanhóis e assim enquanto os primeiros ajudam as manobras nazistas na Tunísia os segundos colaboram na Argélia.

7. O movimento geral anti-francês está sendo fomentado por Berlim por todos os meios e a propaganda alemã sustenta órgãos de opinião nacionalista em Oran e já se anuncia a próxima publicação de um novo diário análogo ao que foi criado pelos agentes nazistas em Tanger.

8. No Marrocos o quartel general da penetração alemã que antes se achava instalado na zona espanhola foi transferido ostensivamente para a região francesa e o general von Faupel é o diretor desse movimento estratégico a ali age como se estivesse em território conquistado.

9. O referido general foi, como V. E. sabe, chefe da missão militar alemã na Bolívia, esteve muitos anos na Argentina onde colaborou na revolução que derrubou o presidente Irigoyen, foi embaixador alemão na Espanha junto ao general Franco durante a guerra civil e depois exerceu durante vários anos o cargo de presidente do Instituto Ibero-Americano d Berlim.

10. A costa Atlântica, conforme aqui me asseveram, já se acha praticamente sob o controle alemão tendo Agadir sido convertida em um grande centro de penetração hitleriana.

11. No momento mais propicio os alemães poderão criar uma situação catastrófica para a França em todo o norte da África e essa ação ao largo da costa ocidental tende a principalmente alcançar o oceano Atlântico.

12. A ameaça sobre Dakar e, portanto, para o Brasil e países da América do Sul torna-se assim mais iminente e positiva.

13. Não é possível considerar-se como inverossímil que ação britânica em Madagascar possa induzir os alemães a buscas compensações em Dakar e os italianos na Tunísia como aliás já está sendo notado.

14. A principal preocupação de Berlim parece ser a de assegurar estrategicamente a rota aérea ao longo da costa ocidental da África e possivelmente estende-la até a América do Sul utilizando a Argentina como ponto terminal.

15. Para calmar a desconfiança dos indígenas africanos, Vichy e os alemães estão adotando uma mesma política dúbia fazendo crer aos mesmos que a sua ação política não tem por finalidade apoderar-se dos territórios em que se está desenvolvendo mais que o verdadeiro objetivo está do outro lado do Atlântico.

16. Essas informações tendo sido, como disse, colhidas, em fontes dignas de crédito pareceu-me dever transmiti-las a Vossa Excelência sem demora.

Aproveito o ensejo para reiterar a Vossa Excelência os protestos de minha respeitosa consideração.

Moniz de Aragão

A Sua Excelência o Senhor Embaixador Osvaldo Aranha
Ministro de Estado das Relações Exteriores

v

OFÍCIO • 22 MAI 1942 • AHI 28-2-8

[Índice:] Reforço de tropas americanas

N. 271

Embaixada dos Estados Unidos do Brasil
Londres, em 22 de maio de 1942

Senhor Ministro,

Acaba de chegar a um porto da Irlanda do Norte um numeroso comboio transportando um importante contingente de tropas americanas que vem se juntar aos anteriores desembarcados na Grã-Bretanha.

2. A chegada desse novo comboio mostra não somente que o governo dos Estados Unidos decidiu desenvolver-se não só a sua ajuda material, mas deseja contribuir com pessoal para participar efetivamente das operações militares ao mesmo tempo que demonstra a necessidade de prosseguir no desenvolvimento da política dita de guerra Atlântica.

3. Os alemães tentaram modificar o ritmo desfavorável que a presente guerra está tomando contra eles iniciando ações imediatas dirigidas contra o centro do comércio dos Estados Unidos nas águas do Atlântico médio e o sul.
4. Essa tática para agir de surpresa deu-lhes alguns êxitos ao mesmo tempo que originou graves inconvenientes pelas reações que provocou principalmente no Brasil e no México.
5. Sob o ponto de vista puramente militar pode ser observado que até agora o movimento de comboios anglo-americanos tem sido bastante regular na direção sul-norte Atlântico e entre o Pacífico e a Europa ocidental.
6. Esse serviço alternado resultou das decisões decorrentes das conversas entre os Estados Maiores relativos a necessidade imediatas e mais urgentes mas deve ser notado que nos meios bem informados de Londres não existe o desejo de que se forme uma impressão de que os novos contingentes de tropas que acabam de chegar dos Estados Unidos venham simplesmente aumentar o número já elevado que aqui existe da mesma procedência.
7. Em geral predomina a ideia de que esses contingentes são destinados a substituir as tropas que tem sido enviadas para diferentes teatros da guerra tais como Austrália, África do Sul, Madagascar, Egito, Índias e etc.
8. Efetivamente nos últimos meses os ingleses reforçaram sensivelmente os seus exércitos operando nas Índias e tiveram que fazer face à expedição contra Madagascar.
9. Resta agora saber em que forma esse útil esclarecimento impressionaria os adeptos da abertura de uma segunda frente como tanto desejam os russos e que está sendo objeto de vivos debates na Câmara dos Comuns.

Aproveito o ensejo para reiterar a Vossa Excelência os protestos de minha respeitosa consideração.

Moniz de Aragão

A Sua Excelência o Senhor Embaixador Osvaldo Aranha
Ministro de Estado das Relações Exteriores

TELEGRAMA • 25 MAIO.1942 • AHI 29/5/5

Índice: Informações do embaixador na Grã-Bretanha sobre conversações entre os governos britânico e russo.

CONFIDENCIAL

Embaixada em Londres
À Secretaria de Estado das Relações Exteriores

180 – SEGUNDA-FEIRA – 12h.45 – Transmito a Vossa Excelência uma informação estritamente confidencial, de fonte autorizada, pedindo não divulgá-la antes do governo britânico dar publicidade. O comissário dos negócios estrangeiros, senhor Molotov, chegou à Grã-Bretanha, há três dias, em segredo, para continuar e ultimar as conversações iniciadas pelo ministro Eden em Moscou. Os governos britânico e russo procuram estabelecer relações políticas e diplomáticas sobre bases mais positivas e eficientes, num tratado, indicando a firme determinação de prosseguir a guerra até a vitória completa e estabelecer em sólidos fundamentos a cooperação política e econômica na reconstrução mundial depois da guerra. As conversações, que estão sendo mantidas em absoluto segredo, estariam encontrando certa dificuldade, mormente na parte relativa às fronteiras russas, de acordo com as suas pretensões na Polônia e Romênia e no futuro estatuto dos países bálticos as quais parecem infringir os dispositivos da carta do Atlântico. Também está sendo discutida a abertura de uma segunda frente de batalha. Reina otimismo, devendo ser publicado comunicado somente depois da conclusão das entrevistas. MONIZ DE ARAGÃO

V

OFÍCIO • 25 MAI 1942 • AHI 28-2-8

[Índice:] Declarações do senhor J. M. Keynes.

N. 276

Embaixada dos Estados Unidos do Brasil

Londres, em 25 de maio de 1942

Senhor Ministro,

Tratando-se de um economista da importância do senhor J. M. Keynes hoje membro da diretoria do Banco da Inglaterra e autor do célebre livro *The Economic Consequences of the Peace*, são de interesse algumas declarações feitas pelo mesmo, quanto ao comércio de exportação do Reino Unido depois da guerra, em discurso pronunciado quando recebeu o título de doutor em direito honoris causa da Universidade de Manchester.

2. Declarou o senhor Keynes que a futura prosperidade da Grã-Bretanha dependia de uma grande expansão no seu comércio de exportação, devendo o mesmo ser aumentado de pelo menos 50% sobre o nível do ano de 1938. Tal aumento significaria um valor equivalente à exportação de 1929. Para conseguí-lo era, contudo, indispensável a cooperação da indústria têxtil de Lancashire e da indústria de máquinas, parecendo que nos círculos têxteis reinava, disse o senhor Keynes, certo pessimismo quanto à possibilidade de exportar seus produtos em quantidades importantes;

3. Acredita o senhor Keynes que o Reino Unido precisará de três anos para refazer-se dos efeitos da guerra e que durante esse período será necessário submeter o país a uma disciplina ainda bastante severa, mesmo que não o seja tanto quanto durante a guerra. Depois desse período podia-se esperar um nível de prosperidade e saúde mais elevado do que antes de tinha atingido.

4. O senhor Keynes encara, portanto, a continuação do controle governamental da economia do país depois da guerra por um espaço de pelo menos três anos, [

Aproveito o ensejo para reiterar a Vossa Excelência os protestos de minha respeitosa consideração.

Moniz de Aragão

A Sua Excelência o Senhor Embaixador Osvaldo Aranha
Ministro de Estado das Relações Exteriores

TELEGRAMA • 27 MAIO 1942 • AHI 29/5/5

Índice: Informações complementares do embaixador na Grã-Bretanha sobre conversações entre os governos britânico e russo.

CONFIDENCIAL

Embaixada em Londres
À Secretaria de Estado das Relações Exteriores

181 – SEXTA-FEIRA – 12h.00 – Aditamento ao telegrama n.180. O assunto continua sendo mantido em segredo absoluto. As conversas abrangeram, além da questão indicada, a participação direta dos Estados Unidos da América na aliança militar anglo-russa e o aumento de volume do fornecimento de material bélico para a Rússia, principalmente por parte do governo americano, cujas entregas não alcançaram ainda o limite prometido. A futura situação política dos países do Báltico, que Moscou deseja absorver, é outra questão com a qual o governo russo deseja que os Estados Unidos concordem e à qual ligam grande importância. Já começaram conversas paralelas, em Washington, para onde é provável que o senhor Molotov siga nos próximos dias, levando consigo uma alta personalidade britânica, que, logo que seja possível, identificarei, para continuar com o presidente Roosevelt as conversações aqui iniciadas. MONIZ DE ARAGÃO

V

OFÍCIO • 27 MAI 1942 • AHI 28-2-8

[Índice:] Comércio dos países sul-americanos. Artigo do "Financial Times".

N. 280

Embaixada dos Estados Unidos do Brasil
Londres, em 27 de maio de 1942

Senhor Ministro,

O *Financial Times* tem publicado ultimamente uma coluna intitulada *International Banking Review*, que trata especialmente de assuntos econômicos e comerciais, relativos a países estrangeiros.

2. Na publicação n.º TV dessa coluna, a 22 do corrente, apareceu o incluso artigo sobre a América do Sul. Refere-se esse trabalho ao aumento que se está verificando no comércio dos países sul-americanos e, bem assim, aos créditos abertos pelos Estados Unidos para a defesa dos mesmos e para o desenvolvimento da sua estrutura econômica.

Aproveito o ensejo para reiterar a Vossa Excelência os protestos de minha respeitosa consideração.

Moniz de Aragão

A Sua Excelência o Senhor Embaixador Osvaldo Aranha
Ministro de Estado das Relações Exteriores

[Anexoⁱⁱ

Financial Times -

International Banking Review – IV

Quickening commercial development
of South American countries

(....)

Developing Brazil

This war-time acceleration of productive capacity points, indeed, to the early broadening of the basis of South America's economy, particularly where such basis has been unnecessarily restricted in the past to one or two staple products. In other words, hitherto practically untapped resources are being laid wide open so as to serve the war effort of the Allied Nations. This is markedly the case in Brazil, which, under an agreement signed with the U.S.A., will be lent up to about \$220,000,000 for the supply of defence material, the stimulation of Brazilian exports of strategic materials northwards,

the development of Amazon rubber production and, finally, new construction on the Victoria-Minas Railway and the exploitation of Itabira iron-ore.

The British government is understood to be a party to the agreement for the later scheme, whereby the capital of the British-owned Itabira Iron Ore Company will be acquired.

A parallel development is the creation of the Brazilian Aluminium Company to develop the bauxite deposits at Poços de Caldas in the state of Minas Gerais, and eventually to manufacture aluminium, Brazil's reserves of bauxite are estimated at 150 million tons.

While internal conditions in South America are generally prosperous, there is some evidence of inflationary tendencies. Moreover, in many cases, the Budget position is far from satisfactory – a condition which is being intensified by the loss of Customs duties due to lower imports. This calls for strict fiscal economy, especially in view of large defence expenditures.

With regard to the Sterling Exchange position, Latin American rates are now virtually fixed under the various Payments Agreements between Britain and all Latin American countries, which canalise payments at established official rates. Under these arrangements, there can be little doubt that substantial amounts of Sterling have accumulated in the Special Accounts in London. This applies in particular to Argentina and Brazil, and already some portion of the "blocked" Sterling balances in London has been utilised to repatriate part of Argentina national debt.

With imports now diminished through supply and shipping difficulties, and exports to Britain controlled by the ministry of Supply, banking earnings in respect of the financing of overseas trade are restricted, but, on the other hand, these are probably more than compensated by increased business turnover in internal and Pan-American trade.

V

TELEGRAMA • 29 MAIO 1942 • AHI 29/5/5

Índice: Informações complementares do embaixador da Grã-Bretanha sobre conversações entre os governos britânico e russo.

CONFIDENCIAL

Embaixada em Londres
À Secretaria de Estado das Relações Exteriores

185 – SEXTA-FEIRA – 13h.30 – Aditamento ao meu telegrama n.181. O senhor Molotov partiu, ontem, por via aérea para os Estados Unidos da América. Antes do embarque, teria assinado com o governo britânico uma aliança militar por vinte anos, importando na integral cooperação na guerra, como depois, na paz. O pacto implicaria na abertura de nova frente de batalha logo que seja possível. Com referência à futura fronteira russa, o assunto ficou adiado para ser resolvido conjuntamente com os Estados Unidos da América. O comissário do povo russo vai negociar com o governo americano uma aliança militar idêntica e de intensificação militar. MONIZ DE ARAGÃO

v

TELEGRAMA • 30 MAIO 1942 • AHI 29/5/5

Índice: Comentários da imprensa londrina sobre a atitude do México e do Brasil.

Embaixada em Londres
À Secretaria de Estado das Relações Exteriores

186 – SÁBADO – 12h.00 – A declaração de guerra do México causou viva impressão e satisfação. O Times, comentando o acontecimento, fez referência lisonjeiras à firme atitude do governo brasileiro na defesa da nossa soberania em face dos ataques dos submarinos do Eixo. As recentes ações dos nossos aviadores mereceram comentários especiais da imprensa. MONIZ DE ARAGÃO

v

OFÍCIO • 01 JUN 1942 • AHI 28-2-8

[Índice:] Mês político nº 6

N. 284

A Sua Excelência o senhor Secretário de Estado das Relações Exteriores, o Embaixador do Brasil em Londres apresenta seus respeitosos cumprimentos e tem a honra de enviar, em anexo, o relatório político nº 6, relativo ao mês de maio próximo passado.

Londres, 1º de junho de 1942.

[Anexo]

Mês político nº 6

A 10 de maio, segundo aniversário de sua subida à chefia do Governo, o senhor Winston Churchill falou à nação pelo rádio. Ele pôde usar nessa ocasião de uma linguagem de maior otimismo, mesmo em relação aos teatros menos favoráveis da guerra. A salvação do exército cercado na Birmânia, a ofensiva aérea australiana e americana no Mar do Coral são indícios de que a onda de conquistas pelos japoneses pôde ser contida. Na Europa, a possibilidade da abertura de uma nova frente foi admitida. Reservas de homens, suficiência de armamentos, superioridade aérea, já não são mais privilégios do inimigo.

O primeiro Ministro passou em revista as diferentes fases da guerra. A primeira, da falsa confiança e esforços parciais, que terminou na calamidade de Bordéus, deixou sozinho o Império Britânico na luta. Na segunda a Inglaterra e os Domínios contiveram as ofensivas do inimigo sobre o Egito e sobre as Ilhas Britânicas. Poucos tiveram meios de compreender o perigo mortal por que passou o país, quando começaram os ataques da Luftwaffe, como poucos se deram conta da grandeza da vitória então alcançada. O êxito do General Wavell na Líbia e na Abissínia foi seguido de revezes na Grécia e em Greta, demonstrando a desigualdade em que ainda estavam os contendores nessa altura. A terceira é a que Churchill denominou da "glória russa". Foi a propósito dessa fase que o Primeiro Ministro aludiu à sofreguidão pública por que fosse efetuado um desembarque no continente europeu. Os méritos, os objetivos e a época para o empreendimento dessa expedição não podem naturalmente ser divulgados, mas é sintomático de bom augúrio, após quase três anos de guerra, o espírito público mostre-se ansioso por que se trave um embate contra o inimigo. De qualquer modo a ofensiva aérea inglesa intensifica-se cada vez mais sobre os centros de produção da Alemanha e da França ocupada, constituindo esta a quarta fase, iniciada com a declaração de guerra pelo Japão. Se não age sobre o

espírito de Hitler, a lição aproveitará aos que se dão conta dos horrores desfechados pelos alemães sobre a humanidade. Por mais de cem anos vem sendo a tradição do militarismo alemão que a guerra é exercida fora das fronteiras do país sem que a de devastação atinja o seu solo. Pela primeira vez, o povo alemão contempla a destruição das suas fábricas, portos e edifícios civis. A 30 de maio a Rhenânia industrial sofreu os maiores bombardeios da guerra quando mais de mil aviões por duas vezes atiraram milhares de toneladas de explosivo sobre alvos compactos e populosos. O regime hitlerista assiste à mesma miséria e a ruína na própria casa com que ele pensava esmagar o inimigo.

O discurso do senhor Curtin em Sydney, e a irradiação do doutor Evatt em Londres, no dia 17 de maio, vieram dissipar qualquer impressão de que a Austrália, antes o perigo japonês, estivesse deixando afrouxarem-se os laços que a prendem à metrópole e às outras nações de raça ou tradição britânicas. Os que conhecem bem a Austrália não se inquietam com as dissidências e queixas já pouco manifestadas. Os fatores geográficos e militares indicavam ser os Estados Unidos o aliado melhor situado para prestar-lhes auxílio rápido e eficaz, o que naturalmente acarreta uma maior aproximação nas relações entre os dois países, fenômeno, aliás, que se verifica com outros Domínios e com a própria Grã-Bretanha.

O primeiro Ministro declarou que "as relações da Austrália guardam o supremo objetivo de manter o país como parte integrante da comunidade britânica de nações." O admirável discurso do Ministro das relações exteriores é uma declaração não menos categórica. Seu objetivo foi o de apresentar claramente à opinião pública britânica a iminência e a gravidade do perigo que pende sobre a Austrália, de modo que o auxílio de que ela precisa não seja mandado tarde demais. Disse ele que se o perigo japonês tivesse sido devidamente apreendido, os socorros não teriam sido tão insignificantes nem tão morosos. Ao enumerar as conquistas japonesas em menos de cinco meses, advertiu aos seus ouvintes que se mais fosse perdido tudo estaria perdido, pois, que os progressos japoneses põem em perigo a causa aliada nos demais teatros da guerra. A Austrália e a Nova Zelândia são bases essenciais para a futura contraofensiva aliada. Ambas esperam que não se considere o Pacífico como uma frente secundária, senão que uma das mais importantes da guerra.

Durante as férias parlamentares de Pentecostes, o gabinete estudou uma nova solução para resolver o urgente problema da economia no consumo de carvão e luz, de modo a atender à considerável oposição das câmaras ao racionamento do plano Dalton-Beveridge, considerado de difícil execução e perigoso, só justificável em caso de extrema

necessidade. Além do mais, para a execução deste novo racionamento, teria sido necessário um exército de funcionários, sendo portanto preferível liberar uns quantos milheiros de mineiros das fileiras. Posto que a necessidade de economia seja premente, o Governo concordou que o mesmo resultado poderia ser obtido por outros processos que não o da compulsória. Esta foi, portanto, adiada, enquanto se procura resolver o problema mediante o racionamento voluntário e uma concentração de esforços para conseguir-se um aumento na produção do carvão. Foi introduzido por decreto do fim do mês um esquema pelo qual o Governo assume o controle, sobre as minas de carvão durante a guerra. Foi criado um Ministério dos Combustíveis, para o qual entrou o senhor Gwilym Lloyd George. A Federação dos Mineiros já aprovou a medida, prometendo a sua colaboração no inquérito a que se vai proceder sobre a questão do aumento dos salários. Espera-se assim que a mesma receba a aprovação do Parlamento.

A situação política na Inglaterra é complexa. Uma longa série de críticas no Parlamento, o fracasso de candidatos governamentais em algumas eleições individuais e a des satisfação demonstrada na conferência do Partido Trabalhista, tudo indica que o país vai se tornando politicamente inquieto. Tal inquietação é antes saudável e nada tem ver com a guerra propriamente dita. Nem os comunistas nem os fascistas contam com apoio.

A opinião pública vinha-se mantendo até à guerra apática. O rompimento das hostilidades modificou esse estado de coisas. As más notícias da guerra no começo do ano, despertou-a dessa complacência e da otimística atitude em relação à união nacional. Os críticos de primeira hora: Shinwell, comunista, ou lord[e] Winterton, da extrema direita, Hoje-Belisha, ex-ministro desacreditado, ou Clemente Davis, responsável pela queda de Chamberlain, foram fazendo prosélitos, fora e dentro da Câmara. Se não fosse a popularidade de Churchill e a falta de liderança entre os oposicionistas, o Governo teria talvez caído meses atrás. Em cartas publicadas no "Times", que tiveram eco, sir Edward Griggs, ex-oficial de Estado Maior na guerra passada, bem como em discursos na Câmara, fez críticas fundadas à estratégia do Gabinete de Guerra. Sir John Wardlaw Milne foi outro crítico de prestígio, cuja voz tem sido ouvid[o] com atenção nos círculos parlamentares.

Uma das mais importantes figuras na Câmara é hoje a do coronel Oliver Stanley (filho de lord[e] Derby). Já foi Ministro no gabinete Chamberlain e é oficial de Estado maior. Bom orador, homem de caráter e inteligência, tem força para reunir ao redor de si um grupo poderoso. Na retaguarda da maioria governamental, há diversos parlamentares novos e de futuro, que ultimamente tem revelado certa independência e que só aguardam

o desenvolvimento das presentes operações estratégicas para tomarem atitude. Se os acontecimentos se processarem favoravelmente, como tudo faz crer, a posição do Governo se fortalecerá. No caso contrário é bem provável que o mesmo não sobreviverá.

O senhor Lloyd George mantém-se à espreita. Embora idoso, ainda é um hábil político, e, se uma crise séria se verificasse, a sua voz poderia ser ouvida. Dentro do gabinete há três homens de prestígio e que estão também atentos. Sir Stafford Cripps, intelectualmente mais conservador do que parece, procura o apoio da esquerda. O senhor Anthony Eden, em bons termos com os Esquerdistas moderados, aproxima-se dos moderados da direita. Dizem seus amigos que se vagar a direção do Partido Conservador, no futuro próximo, ele seria um candidato provável. A oposição ao seu nome ainda é grande, por isso ele cuidadosamente está aplainando o terreno. O terceiro é o senhor Lyttelton, ambicioso, independente e com excelentes relações nos meios financeiros e de negócios. Go[z]a de prestígio na Câmara, posto que seja mau [sic]elocutor. São três possíveis rivais à sucessão de Churchill.

A conferência do Partido Laborista foi seguida pela imprensa com grande atenção e publicidade. Ela encerrou seus trabalhos dia 29 de maio. Por pequena maioria o partido pronunciou-se contra a interdição a proibição aos membros do Partido de colaborar com os comunistas, por 1.899.000 votos contra 132.000. Este aparente paradoxo tem uma explicação o respeito ardoroso pela liberdade de imprensa. Outro paradoxo é o revelado pelas votações sobre a trégua eleitoral: no dia da abertura da Conferência foi decidida por uma maioria de 2.319.000 contra 160.000; entretanto, ao terminar, dirigiu uma mensagem calorosa de lealdade a Churchill, apoiado pelo Partido como o homem cuja determinação conduzirá à vitória, sendo afinal a votação em favor da trégua de 1.275.000 contra 1.209.000. Isto quer dizer que o movimento laborista apoia o Governo e seu chefe, mas resigna-se de mal grado a sustentar todo e qualquer candidato que os conservadores apresentem à sucessão de circunscrições já representadas por conservadores.

Londres, 1º de junho de 1942

Moniz de Aragão

Redação do senhor Ministro

Joaquim de Sousa-Leão

v

TELEGRAMA • 04 JUN.1942 • AHI 29/5/5

Índice: Cessação de exportação de açúcar do Brasil, em consequência da seca no nordeste.

Embaixada em Londres
À Secretaria de Estado das Relações Exteriores

191 – QUINTA-FEIRA – 17h.00 – O delegado brasileiro no Conselho Internacional do Açúcar recebeu pedido de confirmação da notícia, aqui divulgada, dizendo que, em consequência da seca no nordeste do Brasil, a safra total do açúcar brasileiro será muito inferior a 1.240.000 toneladas orçadas, acarretando, como resultado, a cessação da exportação desse produto. Muito agradeceria informações a esse respeito. J. MONIZ DE ARAGÃO

v

TELEGRAMA • 04 MAIO 1942 • AHI 29/5/5

Índice: Informações complementares do embaixador na Grã-Bretanha sobre conversações entre os governos britânico, russo e americano.

CONFIDENCIAL

Embaixada em Londres
À Secretaria de Estado das Relações Exteriores

192 – QUINTA-FEIRA – 18h.15 – Confirmo meu telegrama n.185. O assunto continua sendo mantido em segredo absoluto. A viagem aos Estados Unidos do capitão Littleton e do almirante Mountbaten está ligada às conversas que está tendo o senhor Molotov em Washington. A declaração de guerra dos Estados Unidos à Romênia, Bulgária e Hungria faz parte da cooperação militar anglo-russo-norte-americana. O comunicado oficial sobre as conversações do ministro das Relações Exteriores da Rússia em Londres e Washington só será publicado depois do seu regresso a Moscou. MONIZ DE ARAGÃO

OFÍCIO • 04 JUN 1942 • AHI 28-2-8

[Índice:] .

N. 290

Embaixada dos Estados Unidos do Brasil

Londres, em 04 de junho de 1942

Senhor Ministro,

Entre a série de artigos financeiros anuais publicados pelo “Financial News” sob o nome de “Annual Banking Reviews” saiu no número de hoje o incluso, intitulado “War Boom in South American Exports”. O jornal estampa a esse propósito dois gráficos, um relativo ao Brasil e outro à Argentina, mostrando o movimento respectivo do comércio exterior e a exportação de alguns grandes produtos nos anos 1938 a 1940.

Segundo esse artigo o Brasil esta lucrando mais do que qualquer outro país sul-americano, como resultado da procura constante, por parte dos Estado Unidos, de matérias primas. Refere-se o artigo aos acordos assinados entre o Brasil e vários países aliados para o fornecimento de minérios de ferro, manganês, borracha, etc., e alude à industrialização do Brasil, que vai progredindo de modo extraordinário.

Examinando a posição geral dos países sul-americanos e notando a existência em quase todos de importantes saldos em esterlinos e dólares, diz o “Financial News” que esses não podem servir para a sua função normal, isto é, de pagar por maiores importações de mercadorias. Assim, esses saldos poderiam ser, na opinião do jornal, utilizados para “...regularize the bonded debt position vis-à-vis foreign creditors”, sendo necessário, contudo, ter em mente, a esse propósito, que a maior parte de tais saldos consiste em dólares.

Aproveito o ensejo para reiterar a Vossa Excelência os protestos da minha respeitosa consideração.

Moniz de Aragão

A Sua Excelência o Senhor Embaixador Osvaldo Aranha
Ministro de Estado das Relações Exteriores

[*Anexo*: “War boom in South American exports. *Financial News*, Londres, 4 de junho de 1942.]

v

TELEGRAMA • 06 JUN. 1942 • AHI 29/5/5

Índice: Visita do embaixador Moniz de Aragão a estabelecimento industriais e militares ingleses. Batismo avião Bandeirante.

Embaixada em Londres
À Secretaria de Estado das Relações Exteriores

193 – SÁBADO – 13h.00 – Estarei ausente de Londres entre 9 e 12 do corrente mês, a fim de visitar, acompanhado do adido militar, os principais estabelecimentos industriais, militares e aeronáuticos, especialmente convidado pelo governo britânico. Serei recebido, como hóspede oficial, em Birmingham e Liverpool. Durante a excursão batizarei, a pedido do ministro da Aviação, um aparelho Spitfire, produto da subscrição feita em São Paulo, e denominado Bandeirante. MONIZ DE ARAGÃO

v

OFÍCIO • 12 JUN 1942 • AHI 28-2-8

[Índice:]

N. 297

Embaixada dos Estados Unidos do Brasil

Londres, em 12 de junho de 1942

Senhor Ministro,

O senhor Antony Eden anunciou ontem na Câmara dos Comuns que que no dia 26 de maio último, foi assinado entre a Grã-Bretanha e a Rússia, um tratado confirmando a aliança existente entre os dois países na presente guerra contra a Alemanha.

O ministro dos negócios estrangeiros, no decurso de sua declaração, afirmou ter sido realizado entre as duas partes um perfeito entendimento visando a criação de uma segunda frente na Europa no ano em curso.

Ficou assim firmada uma aliança formal entre a Grã-Bretanha e a União Soviética constituindo o ato diplomático mais importante que foi concluído desde o início da presente guerra.

Trata-se de um ato que confirma e completa o acordo de guerra anglo-russo de junho de 1941, como aludi acima, servindo-me da própria declaração do ministro Eden.

No presente tratado negociado, secretamente, no decorrer do mês de maio, durante a visita a Londres do comissário Molotov, estão incluídos os diferentes elementos contidos na carta do Atlântico a qual a Rússia aderiu em setembro do ano findo e constante da declaração anglo-russa, de 9 de dezembro último, e da formulada pelas Nações Unidas e 1º de janeiro deste ano.

O presente tratado distingue-se, porém, dos instrumentos anteriores pela precisão e extensão dos compromissos assumidos tanto para a atual guerra como para depois da paz.

Desde logo os dois países ficarão aliados na paz como na guerra e deverão socorrer um ao outro com todas as suas forças e recursos no caso de um ataque por parte da Alemanha, dos seus aliados ou associados.

É a primeira vez na história que a Grã-Bretanha conclui uma aliança dessa espécie que constitui, segundo a terminologia moderna um acordo de assistência militar mútua com a execução automática e imediata de todas as suas obrigações.

O acordo ultrapassa o quadro da colaboração militar no caso extremo de uma agressão, pois, prevê logo que terminem as hostilidades a colaboração da Grã-Bretanha e da Rússia para a adoção de medidas próprias a impedir a repetição de um ataque alemão e contem também um compromisso de assistência econômica.

A aliança foi concluída pelo espaço de vinte anos o que deixa aos dois signatários um período razoável para organizar um sistema permanente e geral de segurança e que permita garantir o desenvolvimento da prosperidade econômica da Europa e das Nações Unidas.

Enquanto durara a guerra não será possível aos países contratantes negociarem separadamente qualquer acordo de paz com a Alemanha.

No mesmo momento em que foi divulgada a conclusão do tratado em questão o governo americano fez publicar em Washington u comunicado oficial sobre as conversas do presidente Roosevelt com o senhor Molotov que também chegaram a firmar um completo entendimento do domínio da colaboração, devendo se mencionado, que tal como se referiu o senhor Eden, os governos de Londres, Moscou e Wasington estão de acordo a respeito das operações urgentes que deverão ser empreendidas tendo em vista a criação de uma segunda frente na Europa em 1942.

Essa última informação como a da conclusão da aliança anglo-russa de pleno acordo com os Estados Unidos confirmará a toda a Europa oprimida a certeza da vitória das nações aliadas e a colaboração dos três grandes países na guerra e na paz é a maior garantia da futura ressurreição europeia.

Junto remeto a vossa excelência o livro branco distribuído pelo *foreign office* e contendo o texto oficial da aliança assinada.

Tive grande satisfação em poder antecipar a vossa excelência, telegraficamente, certos detalhes sobre as negociações que foram mantidas em absoluto segredo e que foram marcadas pela presença do comissário russo Molotov primeiramente em Londres, logo depois em Washington, e novamente nesta capital quando do se regresso a Moscou.

As bases do presente tratado foram estabelecidas durante a visita do ministro Eden à Rússia em dezembro de 1941, da qual em tempo informai devidamente.

A impressão produzida em todo o império britânico foi extremamente favorável causando a mais viva satisfação, sendo objetos de calorosos comentários por parte da

imprensa, aumentando a confiança dos círculos militares e políticos e reforçando o inquebrantável espírito de resistência do povo britânico, pois, o presente tratado aumenta os meios de ação das Nações Unidas tanto para o prosseguimento da guerra como para defender o mundo depois da paz.

Aproveito o ensejo para reiterar a Vossa Excelência os protestos da minha respeitosa consideração.

[*Anexo I: Treaty for na aliança in the war against hitlerite Germany and her associates in Europe and provinding akso for collaboration and mutual assitance thereafter, London, May 26, 1942.*]

A Sua Excelência o Senhor Embaixador Osvaldo Aranha
Ministro de Estado das Relações Exteriores

v

TELEGRAMA • 13 JUN.1942 • AHI 29/5/5

Índice: Visita do embaixador Moniz de Aragão a estabelecimentos industriais e militares ingleses. Batismo avião Bandeirante.

Embaixada em Londres
À Secretaria de Estado das Relações Exteriores

197 – SÁBADO – 12h.00 – Regressei ontem da visita referida em meu telegrama n.193. Fiquei profundamente impressionado com o esforço de guerra britânico e com os recursos militares de que agora dispõe este país. Fui hóspede de Liverpool, birmingham, Sheffield e Cambridge, além de diversos estabelecimentos militares e bases aéreas, sendo em toda a parte acolhido com extrema gentileza e o nosso país saudado com grande entusiasmo. Onte, ao terminar a excursão, recebido com todas as honras, batizei um aparelho Spitfire, doação de subscritores de São Paulo, revestindo-se o ato de manifestações de extrema cordialidade para com o Brasil. MONIZ DE ARAGÃO

TELEGRAMA • 13 JUN.1942 • AHI 29/5/5

Índice: Aliança militar anglo-russa.

CONFIDENCIAL

Embaixada em Londres
À Secretaria de Estado das Relações Exteriores

198 – SÁBADO – 13h.00 – A opinião pública e a imprensa estão muito satisfeitas com o novo tratado anglo-soviético, feito de acordo com os Estados Unidos e cuja negociação secreta aqui e em Washington anunciei em tempo. Esse acontecimento histórico marcou os pontos principais de completa colaboração, durante a presente guerra, a futura paz e o período de reconstrução; cooperação para impedir a repetição da agressão pelos países do Eixo e mútua assistência contra-ataques, pela duração de vinte anos do tratado, como antecipei. As questões territoriais russas não foram objeto de discussão, apesar do desejo de Moscou. Importantes problemas militares foram examinados tanto aqui como em Washignton com o ministro Molotov, mormente os relativos ao abastecimento de material bélico. O comunicado oficial declara o inteiro entendimento sobre a abertura de nova frente de batalha na Europa, em 1942, estando a isso ligada a chegada às águas inglesas de importante esquadra americana e de contínuos reforços de tropas canadenses e americanas. MONIZ DE ARAGÃO

OFÍCIO • 13 JUN 1942 • AHI 28-2-8

[Índice:]

Embaixada dos Estados Unidos do Brasil

Londres, em 13 de junho de 1942

Senhor Ministro,

No mesmo dia em que foi divulgada a notícia da conclusão da aliança anglo-russa e o resultado dos entendimentos entre o presidente Roosevelt e o senhor Molotov, a Rússia assinou em Washington o acordo tipo de “empréstimo e locação” que o governo americano se propõe oferecer sucessivamente a todas as nações unidas.

Dois dias antes os senhores Roosevelt e Churchill tenham anunciado a criação de novos organismos interaliados.

Esses atos constituem fatos importantes, talvez capitais, tanto para o prosseguimento da guerra como para a preparação e organização da paz futura.

O acordo anglo-americano de 23 de fevereiro de 1942, que serve de modelo aos novos acordos, precisa a interpretação e define os princípios de aplicação da lei do empréstimo e locação, que transformou os Estados Unidos em arsenal das democracias.

É sabido que por engenhosa disposição a lei americana suprime a liquidação financeira das dívidas contraídas entre os Estados Unidos e os países aliados para o fornecimento de material de guerra ou outros serviços prestados e substitui por pagamento em espécie na base de reciprocidade.

O acordo de aplicação de 23 de fevereiro ultteriores com os demais países aliados devisa contribuir a estimular relações econômicas vantajosas para todos e melhorar as relações internacionais.

Assim não somente os meios para a colaboração interaliada serão mais amplos e liberados de quaisquer discussões sobre questões financeiras mas a lei em questão, que serviu para armar nações em guerra, torna-se a base da restauração econômica e industrial do mundo.

As nações unidas, que participam do acordo de empréstimo e locação se comprometem a trabalhar em conjunto para o desenvolvimento da prosperidade geral.

Visto sob este aspecto o acordo referido aparece como o anexo econômico da carta do Atlântico a qual já aderiram as nações unidas e que nos seus artigos 4 e 5 prevê a igualdade de tratamento comercial, o livre acesso a matérias primas, a colaboração e mais completa visando assegurar melhores condições de trabalho, de progresso e de segurança social.

Podemos ter a impressão de estar lendo certos parágrafos do artigo 23 do pacto das sociedades das nações. Assim como, quando examinamos os textos referentes à criação dos conselhos mistos, anglo-americanos, um para a produção de guerra e ou outro para o abastecimento, não podemos deixar de recordar os acordos de novembro [de] 1939, instituindo nos mesmos domínios a colaboração franco-britânica sob a forma de um comitê de coordenação e de sub-comitê de armamento, do abastecimento de matérias primas, etc.

O pensamento e o fim se mantem iguais.

Trata-se de construir o mecanismo da aliança de 1939, entre a Grã-Bretanha e as Nações Unidas. Todos os recursos de produção tendo sido postos em comum para a continuação da guerra os produtos serão utilizados e repartidos da melhor forma para o interesse geral pelo conselho de produção.

Da mesma forma o conselho de abastecimento dará sua opinião sobre a produção, repartição e transporte dos recursos alimentares de todas a Nações Unidas.

Podem ser alimentadas esperanças que esse erro não será, desta vez, repellido, pois, seis meses depois da entrada em guerra dos Estados Unidos as Nações Unidas grupadas em torno da Grã-Bretanha, da Rússia e do governo de Washington logo concordaram com uma carta sobre seus princípios de aplicação de forma que os órgãos de colaboração foram logo constituídos e sem demora começaram a funcionar.

Dessa situação resultou a aliança anglo-russa que prevê a ação comum e concertada desses dois países com os Estados Unidos para a reconstrução da guerra sem perda de tempo.

Aproveito o ensejo para reiterar a Vossa Excelência os protestos da minha respeitosa consideração.

Moniz de Aragão

A Sua Excelência o Senhor Embaixador Osvaldo Aranha

Ministro de Estado das Relações Exteriores

TELEGRAMA • 17 JUN.1942 • AHI 29/5/5

Índice: Informações do embaixador na Grã-Bretanha sobre as conversações do ministro Serrano Suñer em Roma.

CONFIDENCIAL

Embaixada em Londres
À Secretaria de Estado das Relações Exteriores

201 – QUARTA-FEIRA – 15h.15 – Informações fornecidas por fontes autorizadas indicam que, entre os assuntos que o ministro das Relações Exteriores espanhol deve tratar em Roma, figura, em primeiro lugar, a recente declaração alemã estendendo o bloqueio às águas americanas, sem respeito aos direitos dos neutros. O ministro Serrano Suñer fará sentir aos governos do Eixo as dificuldades em que ficará colocada a Espanha se continuar apoiando com todas as suas forças a atual política argentina de neutralidade favorável ao Eixo e de afastamento do bloco americano, caso o comércio marítimo argentino e espanhol com os Estados Unidos seja prejudicado. O referido ministro fará uma sugestão à Alemanha e à Itália para tomarem compromisso secreto de não afundar navios argentinos, espanhóis e chilenos. Os vapores argentinos abandonariam o Atlântico, seguindo para os Estados Unidos via Pacífico, o que facilitaria o comércio do Chile e impediria o Brasil de, eventualmente, utilizá-los no seu interesse comercial. MONIZ DE ARAGÃO

TELEGRAMA • 18 JUN.1942 • AHI 29/5/5

Índice: Fornecimento de carnes à Grã-Bretanha. Restrições à matança de gado no Brasil.

Embaixada em Londres
À Secretaria de Estado das Relações Exteriores

205 – QUINTA-FEIRA – 18h.30 – Em aditamento às 45.000 toneladas de carne frigorificada comprada este ano pelo Ministério da Alimentação, conforme informação anterior, vendemos mais 10.000 toneladas de carne de vaca, sem osso, podendo os frigoríficos optar quanto à proporção de carne de qualidade resfriada e de qualidade congelada. O preço continua idêntico aos estabelecidos no contrato global deste ano. O delegado do Brasil à Conferência Internacional da Carne informa de que essa venda não afetará a conservação do rebanho nacional, tendo-se antes de realizá-la de tomar em consideração o decreto citado no telegrama n.130 desta Embaixada em resposta ao telegrama n.95 de Vossa Excelência. MONIZ DE ARAGÃO

TELEGRAMA • 19 JUN.1942 • AHI 29/5/5

Índice: Viagem do primeiro-ministro britânico aos Estados Unidos.

Embaixada em Londres
À Secretaria de Estado das Relações Exteriores

206 – SEXTA-FEIRA – 12h.30 – O primeiro-ministro chegou a Washington acompanhado do chefe do Estado Maior do Exército e do general em chefe do Ministério da Defesa. A viagem do primeiro-ministro Churchill causou grande surpresa e desperta vivo interesse nos círculos militares e diplomáticos, principalmente por ter sido realizada quando a situação da Líbia atravessa um período crítico. Assim, acredita-se que a viagem foi motivada por razões extremamente urgentes, ligadas a decisões imediatas a serem tomadas, decorrentes do tratado anglo-russo e das conversas de Molotov com o presidente Roosevelt, mormente sobre a questão militar de abertura da segunda frente europeia, cada vez mais exigida pelos russos e com a qual os Estados Unidos concordaram. Os problemas dos transportes marítimos e do abastecimento da Rússia e do exército em operações na África, além da situação no Mediterrâneo, também constituem importantes assuntos das atuais conversas, considerando-se que os ataques cada vez mais severos dos submarinos inimigos, diminuindo a tonelagem aliada, constituem um fator extremamente importante

a atender urgentemente, dominando o conjunto da estratégia de guerra aliada. As conversações também devem tratar do recente acordo concluído sobre a íntima colaboração e coordenação para a melhor utilização da totalidade dos recursos, da produção anglo-americana. o primeiro-ministro Churchill não fará discursos durante a sua permanência nos Estados Unidos, devendo fazer declarações na Câmara dos Comuns logo ao chegar. MONIZ DE ARAGÃO

OFÍCIO • 19 JUN 1942 • AHI 28-2-8

[Índice:] .

N. 303

Embaixada dos Estados Unidos do Brasil
Londres, em 19 de junho de 1942

Senhor Ministro,

Os meios autorizados britânicos têm guardado uma extrema reserva a respeito da recente viagem do ministro dos negócios estrangeiros de Espanha a Roma mais isso não significa de nenhuma forma que o assunto não seja de natureza a interessar extremamente o *foreign office* e isso pode ser apreciado pelos comentários da imprensa.

A tendência tem sido de considerar as negociações ítalo-espanholas como tendo tido por principal preocupação os assuntos franceses.

Algumas informações procedentes de Madrid e recebidas por elementos de responsabilidade neste país não puderam até agora esclarecer devidamente a questão sobre este ponto.

Nota-se contudo que a entrevista Suner-Ciano não poderá deixar de encarar os diversos aspectos da presente situação política mundial e principalmente o curso que vão tendo os acontecimentos na Líbia e as consequências das operações navais no Mediterrâneo que vêm desde algum tempo enfraquecendo o poder da esquadra italiana.

No caso de ser exato, como pretendem os círculos políticos e militares londrinos, que essas ações tiveram entre outros efeitos transferir da Itália para a França a superioridade naval no Mediterrâneo isso será bastante para que o exame das questões francesas coloque desde logo as mesmas em lugar de destaque na troca de vistas que está sendo realizada em Roma.

Outras informações sobre o programa das negociações mencionaram a liquidação da dívida espanhola com a Itália, contraída por ocasião da guerra civil, assunto que é agitado constantemente durante qualquer discussão política entre Roma e Madrid.

Finalmente os negócios da América do Sul, principalmente afetando a Argentina e o Chile, teriam também sido objeto de conversas, pois, o senhor Suner julga que as últimas ligações conservadas pelo Eixo no nosso continente devem ser mantidas e riscariam de serem rotas se os navios daquelas duas nações, únicas neutras, fossem torpedeados.

Esse assunto teria sido ventilado a propósito da recente declaração de Berlim de estender o bloqueio às águas americanas sem respeito aos direitos dos neutros no tráfego marítimo com os Estados Unidos.

A Espanha que encara o desenvolvimento de sua influência política e comercial com a Argentina como essencial teria manifestado ao conde Ciano o seu receio sobre as consequências de ataques de submarinos alemães ou italianos sem discriminação.

O senhor Suner teria sugerido ao governo Italiano obter de Berlim ser feita uma declaração secreta, estabelecendo o compromisso de não serem atacados os navios mercantes espanhóis, argentinos e chilenos quando em viagens comerciais do interesse desses três países. Outro sim, para facilitar essa combinação os navios argentinos navegariam pelo Pacífico tomando a rota oriental dos Estados Unidos ou seguindo para Nova Orleans via canal do Panamá e não transportariam nada que possa ser utilizado pelo governo americano na atual guerra contra o Eixo.

Nessas condições os vapores argentinos deixariam de tocar em portos brasileiros ou uruguaios para carregar ou desembarcar produtos desses países ou de proveniência americana.

Desde logo a atitude da Espanha teria sido extremamente firme em defesa dos seus direitos e dos que dizem respeito à Argentina e Chile.

Ainda nada foi sabido sobre o resultado prático dessas conversas mas os jornais desta manhã anunciam que notícias oficiais recebidas de Buenos Aires indicam que o

governo de Berlim teria apresentado desculpas pelo torpedeamento do tanque argentino “Victoria” e teria prometido indenizar os prejuízos causados.

Isso demonstraria que a ação do senhor Suner já estaria produzindo efeitos determinando uma atitude conciliante do Eixo para conservar boas relações com a Argentina e aqui acreditam que isso certamente virá reforçar a posição de neutralidade benevolente para o Eixo do governo argentino no momento em que os debates sobre política estrangeira deviam ter início no congresso em Buenos Aires.

Sobre esta parte do presente ofício julguei dever telegrafar logo a Vossa Excelência uma vez que as informações que obtive provinham de fonte segura e pareceram-se dever interessar o nosso governo.

Aproveito o ensejo para reiterar a Vossa Excelência os protestos da minha respeitosa consideração.

Moniz de Aragão

A Sua Excelência o Senhor Embaixador Osvaldo Aranha
Ministro de Estado das Relações Exteriores

OFÍCIO • 23 JUN 1942 • AHI 28-2-8

[Índice:] .

N. 308

Embaixada dos Estados Unidos do Brasil

Londres, em 23 de junho de 1942

Senhor Ministro,

Na madrugada de anteontem foi sabido nesta capital e em Washington que o Primeiro Ministro britânico tenha inesperadamente voado para os Estados Unidos afim

de conferenciar com o presidente Roosevelt sobre o desenvolvimento das operações de guerra e sobre a forma de melhor e mais rapidamente assegurar a vitória dos aliados.

Desde logo foi afirmado que o senhor Churchill viajou para Washington para combinar em forma segura entre outras coisas a abertura de uma segunda frente europeia.

Essa terceira viagem do Primeiro Ministro à América do Norte foi resolvida em poucas horas e sob o mais absoluto segredo e apenas os membros do gabinete de guerra foram prevenidos mais ainda assim na mesma noite tive conhecimento do assunto e na manhã de 19 do corrente telegrafei a Vossa Excelência informando detalhadamente.

O senhor Churchill foi acompanhado pelo general sir Alan Brooke, chefe do estado maior do exército britânico, dos generais sir Hastings Ismay e Sterwart, do conselho de defesa e de dois outros oficiais de menor importância e que empresta a viagem um caráter essencialmente militar.

Entre os outros assuntos a serem discutidos com o presidente Roosevelt e como aludi no meu referido telegrama figuram em primeiro plano: a) a abertura de uma segunda frente europeia; b) a situação da marina mercante em face dos ataques inimigo. c) a estratégia no próximo e médio oriente e d) o abastecimento de material de guerra à Rússia e à China.

A chegada do primeiro ministro em Washington e as declarações feitas no mesmo dia em Moscou pelo ministro Molotov, demonstram claramente a importância decisiva do período que agora se inicia assim como o espírito de resolução que anima as Nações Unidas e os seus chefes.

Nunca desde dois anos a situação em conjunto, tanto estratégica como política, se apresentou tão propícia a decisões que favoreçam a sorte dos aliados e a despeito de certos pontos fracos tais como a presente ação na Líbia.

As Nações Unidas sentem cada dia crescer sua força e principalmente nos Estados Unidos está tomando um tal desenvolvimento que pode ser dito sem exagero que se trata do milagre da produção americana como antes ocorrera na Grã-Bretanha.

Esta força já vai se expandindo para todos os pontos do mundo onde sua presença é necessária e útil. Os japoneses e alemães no Mediterrâneo e no Pacífico já sentiram os seus efeitos recebendo severos golpes.

No mesmo instante as potências unidas encontraram a base de um perfeito acordo e estabeleceram a fórmula de uma perfeita cooperação.

O discurso pronunciado pelo senhor Molotov sublinhou com força o significado exato do tratado anglo-russo de 26 de maio último, e da declaração de Washington de 11

do corrente mês que contêm os princípios fundamentais da colaboração da União Soviética, da Grã-Bretanha e dos Estados Unidos. Ele também insistiu sobre o completo acordo entre Moscou, Londres e Washington no que se refere à formação de uma segunda frente em 1942.

Os telegramas recebidos de Washington salientam o cordial acolhimento dispensado ao senhor Churchill e confirmam as suposições aqui feitas sobre o verdadeiro objetivo da presente viagem que, seguindo de perto a que fez o senhor Molotov à Londres e à capital americana, demonstra que a guerra vai entrar em uma nova fase de grande atividade animada agora de um espírito ofensivo por parte dos aliados.

Aproveito o ensejo para reiterar a Vossa Excelência os protestos da minha respeitosa consideração.

Moniz de Aragão

A Sua Excelência o Senhor Embaixador Osvaldo Aranha
Ministro de Estado das Relações Exteriores

OFÍCIO • 24 JUN 1942 • AHI 28-2-8

[Índice:] .

N. 314

Embaixada dos Estados Unidos do Brasil
Londres, em 24 de junho de 1942

Senhor Ministro,

O comunicado publicado ontem sobre a entrevista Roosevelt-Churchil não deve ser considerado senão como um documento a inspirar uma maior confiança nos esforços

anglo-americanos, não constituindo um instrumento diplomático e muito menos uma peça de eloquência.

Ninguém encontrará na referida declaração franca[s] e lea[is] frases pomposas mas na sua clareza e brevidade percebe-se bem a firme decisão dos governos aliados na sua ação comum contra o inimigo constituído sem dúvida uma peça de grande importância política.

O presidente Roosevelt e o senhor Churchill mostram em forma precisa a atual situação no seu conjunto revelando tanto quanto foi possível a direção dos esforços e o plano de ação traçado pelos chefes responsáveis.

Os dois homens de Estado demonstraram também considerarem devidamente todos os aspectos favoráveis a desfavoráveis e que não menosprezam a importância da tarefa de que estão incumbidos, tendo pleno conhecimento da força e dos recursos do inimigo.

Examinando a situação tal como se apresentava no momento em que o presidente americano e o primeiro ministro britânico se reuniram, vemos que o estado da produção do material de guerra de todas as categorias é satisfatório, sendo as atuais cifras índice seguro de que se aproxima rapidamente dos limites máximos previamente fixados.

O problema dos transportes que desempenha um papel capital nos presente momentos não está resolvido, pois, as perdas de tonelagem têm sido elevadas embora as construções navais estejam sendo intensificadas todos os meses existindo uma maior esperança na luta contra os submarinos, cuja eficácia aumenta as probabilidades de solução da questão.

A Rússia que suporta o peso máximo da guerra resiste magnificamente como a China.

Nessas condições, considerando as forças e os recursos do inimigo, o resultado final parece dever ser favorável aos aliados.

O principal esforço das Nações Unidas, especialmente da Grã-Bretanha e dos Estados Unidos, deve ser concentrado na solução do problema dos transportes por meio do aumento da tonelagem em consequência da intensificação das construções navais pelo reforço dos meios de proteção e de luta contra os submarinos do Eixo e decisões nesse sentido foram tomadas tal como se deduz do comunicado em apreço.

Quanto ao plano de ação as grandes linhas ressaltam nitidamente da redação do mesmo documento. Somente, com exceção do Atlântico, foram mencionados os teatros de operações na Europa oriental e no extremo oriente mas enquanto no que se refere a

este á apenas indicado que métodos foram adotados para combater o Japão e auxiliar a China, para o outro o comunicado diz que as próximas operações distrairão forças alemães dos ataques contra a Rússia.

Pode assim ser observada a omissão do Mediterrâneo, da Líbia e do próximo oriente.

Parece-me que seria falso concluir que os senhores Roosevelt e Churchill não tenham prestado atenção a esse outro centro da luta que neste momento está dando tantas preocupações ao estado maior britânico.

É, porém, lícito pensar que a seus olhos a Rússia permanece como sendo o principal teatro onde poderia produzir-se a decisão e que assim tornaram pública a manobra alemã tendente a impor o avanço de uma segunda frente europeia.

O Egito e o Mediterrâneo formam parte de um complexo estratégico do qual a frente russa é o elemento essencial e assim o presidente e o primeiro ministro reservaram a faculdade de opor uma diversão a outra em desenvolvimento.

Nessas condições o quadro é mais favorável com os preparativos de ação concertada e simultânea em vista de apoderar-se da iniciativa por meio de uam próxima resposta e é como se apresenta o resultado da última entrevista presidencial que durou uma semana e que se realizou em Washington como em tempo tratei pelo telégrafo

Aproveito o ensejo para reiterar a Vossa Excelência os protestos da minha respeitosa consideração.

Moniz de Aragão

A Sua Excelência o Senhor Embaixador Osvaldo Aranha
Ministro de Estado das Relações Exteriores

TELEGRAMA • 26 JUN.1942 • AHI 29/5/5

Índice: Perspectiva de crise no governo britânico consequência situação militar na África

Embaixada em Londres
À Secretaria de Estado das Relações Exteriores

217 – SEXTA-FEIRA – 13h.00 – O primeiro ministro está sendo esperado para, possivelmente, abrir os debates parlamentares, na próxima semana. Apresentada ontem, a moção de desconfiança apenas conseguiu 21 assinaturas. A Câmara dos Comuns permanece ansiosa por conhecer a explicação do Primeiro Ministro diante da gravidade da situação na Líbia e no Egito. O governo deverá enfrentar tremendas críticas e a exigência urgente de drásticas medidas para corrigir os erros cometidos e para uma ação decisiva para recompor a situação, mas a moção de desconfiança será rejeitada por grande maioria. Nos círculos políticos ligados ao governo julga-se que a referida moção permitirá à Câmara mostrar as verdadeiras forças que apoiam o primeiro ministro e com as quais pode contar para prosseguimento de sua política neste momento. O Partido Trabalhista, na reunião de ontem, quase por unanimidade, resolveu não apoiar a moção de desconfiança. A imprensa, mais calma, aguarda o resultado da luta no Egito em pleno desenvolvimento, sem emitir opinião, reinando, porém, certa ansiedade. MONIZ DE ARAGÃO

TELEGRAMA • 27 JUN. 1942 • AHI 30/1/2

Índice: Situação do Consulado do Brasil em Calcutá.

Secretaria de Estado das Relações Exteriores
À Embaixada em Londres

118 – 27 JUNHO 1942 – O nosso cônsul em Calcutá em resposta ao telegrama com o qual lhe autorizamos se transferisse para Delhi, acompanhando o seu colega dos Estados Unidos da América e outros, forçados a deixar Calcutá em consequência da situação militar, respondeu-nos que o governo das Índias lhe objetava não poder ele ali receber reconhecimento, concedido somente aos cônsules dos países que têm tratados especiais com a Grã-Bretanha.⁹ Rogo Vossência fazer sentir a esse governo a situação difícil em que se encontra o nosso único cônsul nas Índias por motivo de força maior ocasionada pela situação militar e diante da atitude do governo das Índias.¹⁰ Se ao nosso cônsul em uma situação como a atual não for possível estender o mesmo tratamento usado para com o seu colega americano e demais¹¹ seremos forçados a fechar o consulado em Calcutá¹² cujo movimento tem demonstrado ser de maior vantagem para o comércio das Índias e o Brasil.¹³ EXTERIORES

Expedido em 27 de junho de 1942 via Western.

⁹ Tachado no original; acima foi anotado à lápis: “o mesmo governo”.

¹⁰ Tachado no original; acima foi anotado à lápis: “ai”.

¹¹ Tachado no original; acima foi anotado à lápis: “ser oficialmente reconhecido em Delhi”.

¹² Tachado no original.

¹³ Tachado no original; acima foi anotado à lápis: “para”.

OFÍCIO • 27 JUN 1942 • AHI 28-2-8

[Índice:]

N. 315

Embaixada dos Estados Unidos do Brasil

Londres, em 27 de junho de 1942

Senhor Ministro,

Acaba de ser divulgado um comunicado sobre os resultados preliminares das conversações que estão tendo lugar em Washington entre o primeiro ministro britânico e o presidente Roosevelt.

O referido comunicado define o objetivo das conferências na Casa Branca especificando que se trata essencialmente de promover a máxima concentração de força no futuro mais próximo da potência de guerra dos aliados entra o inimigo comum e de combinar todas as medidas de forma a desenvolver e sustentar o esforço das Nações Unidas.

Essa Declaração veio a propósito para [a]calmar a impaciência de um certo número de políticos e tranquilizar outros, servindo para restabelecer a perspectiva exata dos acontecimentos e responde aos desejos da opinião pública tanto aqui como nos Estados Unidos nas presentes circunstâncias.

Nas críticas tanto mais vivas quanto gerais que a imprensa anglo-americana apresentou a respeito da rendição de Tobruk transparece o desejo de um franco exame da situação e percebe-se também a preocupação de não ser tomada nenhuma decisão precipitada que possa comprometer o equilíbrio geral das forças ou que seja suscetível de romper a coordenação do esforço geral.

O comunicado de ontem mostra que o presidente Roosevelt e o senhor Churchill também estão dominados por essa preocupação, que estão resolvidos a respeitá-la e não se desviarão do caminho que traçaram no desenvolvimento da política de íntima colaboração entre Londres e Washington.

A inesperada queda de Tobruk que surpreendeu aos próprios alemães e tão grave tenha se tornado devido a isso a posição do exército britânico na Líbia, não impede perder de vista o conjunto da situação que, apesar do revés sofrido em uma frente, parece permanecer favorável comparando com a existente na mesma época do ano passado.

A relação das forças imediatamente disponíveis entre as Nações Unidas e seus inimigos, modifica-se quase diariamente com vantagem para as primeiras e o potencial, a força absoluta dos aliados não cessa de aumentar como me foi dado observar na minha recente visita aos centros industriais britânicos, enquanto que desde alguns meses as possibilidades de desenvolvimento e as faculdades de recuperação da tríplice parecem ter atingido o seu limite se não estiver, como alguns opinam, em franco declínio.

No Pacífico como na frente russa e no Atlântico alguns fatos recentes confirmariam essa asseveração.

Na batalha aeronaval de Midway, como na do Mar de Coral, os americanos dominaram francamente os japoneses os quais prudentemente abandonaram o Oceano Índico; no Chekiang os chineses duramente atacados, enfrentam resolutamente o inimigo e muitas vezes o tem obrigado a bater em retirada.

No Atlântico ao longo das costas americanas os submarinos alemães já vão dando provas de menor atividade diante da energia e da eficácia dos ataques por parte da marinha de guerra e da aviação dos Estados Unidos.

Finalmente na frente russa as primeiras batalhas da primavera demonstram a potência de cheque e a força de resistência dos moscovitas e parece estar determinando um certo esmorecimento no ímpeto e na potência de penetração dos alemães.

As notícias aqui chegadas de Berlim indicam que ali todos continuam a perguntar quando Hitler decidirá a tomar a anunciada ofensiva e alguns já duvidam que ele possa empreender uma dessas ações grandiosas e espetaculares como assistimos no verão de 1941.

Parece que a atenção do alto comando alemão está presentemente concentrado nos preparativos defensivos das costas desde Narvik até Baiona na previsão de um possível e próximo ataque por parte dos aliados.

Assim o problema atual não é o de fazer face a uma situação imprevista mas simplesmente organizar e assegurar uma repartição dos recursos em material e homens entre os diversos teatros de operações tal que permita, segundo o lugares, aumentar ou atacar com o máximo de força e de probabilidade de êxito.

Aproveito o ensejo para reiterar a Vossa Excelência os protestos da minha respeitosa consideração.

Moniz de Aragão

A Sua Excelência o Senhor Embaixador Osvaldo Aranha
Ministro de Estado das Relações Exteriores

OFÍCIO • 30 JUN 1942 • AHI 28-2-8

[Índice:] .

N. 318

Embaixada dos Estados Unidos do Brasil
Londres, em 30 de junho de 1942

Senhor Ministro,

Tenho a honra de acusar o recebimento do ofício PE/50/312.4, de 10 do corrente, com o qual Vossa Excelência me remeteu cópia do telegrama recebido do *foreign office* pela embaixada britânica aí sobre o assunto do telegrama nº 106, dessa secretaria, que muito agradeço.

Cabe-me, em resposta, confirmar cabalmente tudo quanto disse no meu telegrama nº 188, de 3 do corrente.

Devo acrescentar que, não tendo naquele altura conhecimento do pedido de retirada do consul Tavares, não podia ter manifestado o desejo dessa secretaria ou desta

embaixada pela sua permanência, como se infere do telegrama do *foreign office*. O que o conselheiro desta embaixada disse ao senhor Dunbar, chefe do departamento de tratados, foi que, independentemente do seu modo de pensar, o cônsul do Brasil em Glasgow seria incapaz de qualquer incorreção no cumprimento dos seus deveres. Estas palavras, que visavam apenas cobrir um funcionário brasileiro em serviço neste país, foram evidentemente mal interpretadas pelo senhor Dunbar ou por quem redigiu o telegrama à embaixada britânica. Assim, quando o senhor Sousa Leão voltou ao *foreign office* para comunicar a futura remoção do senhor Tavares, de acordo com as instruções do telegrama nº 106, o senhor Dunbar pediu-lhe desculpas pelo mal entendido e mostrou-se satisfeito com a solução dada, considerando resolvido o incidente, como tive ocasião de informar a Vossa Excelência em meu telegrama.

Aproveito o ensejo para reiterar a Vossa Excelência os protestos da minha respeitosa consideração.

Moniz de Aragão

A Sua Excelência o Senhor Embaixador Osvaldo Aranha
Ministro de Estado das Relações Exteriores

OFÍCIO • 30 JUN 1942 • AHI 28-2-8

[Índice:] .

N. 320

Embaixada dos Estados Unidos do Brasil
Londres, em 30 de junho de 1942

Senhor Ministro,

Tenho a honra de remeter a Vossa Excelência, no incluso recorte, um artigo publicado pelo *Financial Times*, de 8 do corrente, sobre as matérias primas de valor estratégico, que se encontram no Brasil.

Trata-se de um estudo dos nossos recursos nesse particular e do nosso desenvolvimento industrial, assim como da nossa situação econômica.

Aproveito o ensejo para reiterar a Vossa Excelência os protestos da minha respeitosa consideração.

Moniz de Aragão

A Sua Excelência o Senhor Embaixador Osvaldo Aranha
Ministro de Estado das Relações Exteriores

[Anexo: “Brazil’s strategic raw materials”. *Financial Times*, Londres, 8 de junho de 1942.]

OFÍCIO • 30 JUN 1942 • AHI 28-2-8

[Índice:] .

confidencial

N. 321

Embaixada dos Estados Unidos do Brasil

Londres, em 30 de junho de 1942

Senhor Ministro,

Desde algum tempo correm aqui rumores de que o novo embaixador argentino, senhor Miguel Angel Carcano, recebera de seu governo a incumbência de revigorar o tratado comercial assinado entre os dois países em 1º de dezembro de 1936.

A vigência prevista no referido convênio era até 31 de dezembro de 1939. Como até aquela data nenhuma das duas partes contratantes tinha notificado à outra de sua intenção de dá-lo por findo, o acordo permaneceu em vigor até agora e continuará a vigorar até seis meses depois de ser notificada a terminação por um dos governos.

Nessas circunstâncias - se é que os rumores são exatos - a tarefa do representante argentino só pode ser a de dar um prazo de vida adicional definitivo ao convênio que atualmente rege as relações econômicas e comerciais entre os dois países.

É de acreditar que o governo argentino deve almejar a revigoração do tratado pois este lhe assegura uma série de vantagens excepcionais e coloca a Argentina em posição privilegiada no seu comércio com este país, não somente em relação a outras nações estrangeiras como até em comparação com alguns domínios.

Por outro lado é difícil supor que o governo britânico no atual momento internacional esteja disposto a ligar-se por um período de anos a Argentina na mesma base do estabelecido pelo tratado de 1936. É antes possível que este governo se utilize do fato de ser o convênio agora denunciável a qualquer momento para exercer uma pressão sobre Buenos Aires, no que se refere a atitude da Casa Rosada no conflito internacional. É verdade, entretanto, que a Inglaterra dificilmente poderia dispensar os fornecimentos de carne daquele país, de longe o maior fornecedor desse produto, e assim o governo argentino, por sua vez, talvez esteja insistindo no sentido da renovação do acordo, em troca de uma modificação de sua política de neutralidade. A aproximação econômica resultante do acordo comercial concluído entre os Estados Unidos e a Argentina no ano passado provavelmente também entra em jogo no cálculo dos fatores que devem ser tomados em consideração nesse problema.

Pelo dito tratado a Inglaterra concedeu a Argentina - como já disse - vantagens excepcionais, sobretudo no tocante a importação de carnes. Estamos assim diretamente interessados no assunto e não podemos ver, com bons olhos, a prorrogação, por um prazo fixo, das concessões que obtiveram os negociadores argentinos em 1936. Nessas condições julguei conveniente que o tratado fosse novamente examinado e incumbi o secretário J. de Alencar de processar a esse exame. Da informação que vai anexa, preparada pelo referido funcionário, constam certas conclusões importantes para as quais

permito-me chamar a atenção especial de Vossa Excelência, certo de que interessará ao governo brasileiro.

Parece haver indícios de que as conversas que eventualmente tenha tido o embaixador argentino deverão ser ativadas, pois a imprensa noticiou recentemente que o senhor Ancelmo Viacava, delegado daquele país a conferência internacional de carnes, que estava em férias em Buenos Aires, regressará proximamente a Londres, tendo dado uma entrevista da qual se deduz o propósito do seu governo de prosseguir negociando afim de assegurar as vantagens concedidas pelo acordo em vigor.

Aproveito o ensejo para reiterar a Vossa Excelência os protestos da minha respeitosa consideração.

Moniz de Aragão

A Sua Excelência o Senhor Embaixador Osvaldo Aranha
Ministro de Estado das Relações Exteriores

[*Anexo*]

TELEGRAMA • 01JUL.1942 • AHI 29/5/5

Índice: Atividades nazistas no Brasil

Embaixada em Londres
À Secretaria de Estado das Relações Exteriores

223 – QUARTA-FEIRA – 17h.30 – Soube, por fonte segura, que existem aqui suspeitas de que a ligação entre os chefes nazistas, atualmente na Argentina, com os elementos que ainda ocultamente estão no Brasil, estaria sendo feita por intermédio da Representação diplomática e consular espanhola, principalmente por membros da Falange. Por esse meio, seriam transferidos recursos e fornecidas instruções destinadas a facilitar as atividades subversivas no nosso país. J.J. MONIZ DE ARAGÃO

OFÍCIO • 01 JUL 1942 • AHI 28-2-8

[Índice:] Mês político nº 7.

N. 325

Embaixada dos Estados Unidos do Brasil

Londres, em 01 de julho de 1942.

A Sua Excelência o senhor secretário de Estado das Relações Exteriores, o embaixador do Brasil em Londres apresenta seus respeitosos cumprimentos e tem a honra de enviar, em anexo, o relatório político nº 7, relativo ao mês de junho próximo passado.

[Anexo]

Emb. Londres/325/1942/anexo.

Mês político nº 7.

O anúncio a 11 de junho de que a Grã-Bretanha e a Rússia haviam celebrado um tratado de mútua assistência para a prosequção da guerra e para a criação de um novo sistema de segurança europeu, para depois da vitória, e de colaboração na reconstrução económica, marca o final de prolongadas negociações encetadas em dezembro de 1941 em Moscou pelo senhor Eden e pelo general Nye, do Estado Maior, e converte o acordo de apoio mútuo contra a Alemanha hitlerista, de 18 de julho de 1941, em um tratado formal de aliança. Ao mesmo tempo, o senhor Eden declarou que havia perfeito acordo entre os dois governos quanto à necessidade urgente de criar uma segunda frente na Europa em 1942.

O novo tratado é o primeiro passo na realização dos artigos 6 e 8 da Carta do Atlântico, quando diz que a paz a ser estabelecida deve oferecer a todos segurança dentro de suas fronteiras e que a força deve ser abolida como instrumento de política internacional.

Foi expressamente declarado que não há cláusulas secretas no tratado, o que veio tranquilizar a Polónia e a Turquia. Ficou provado que os russos afinal puseram de lado as antigas suspeitas sobre as intenções britânicas, em consequência da prontidão e volume do auxílio material prestado pela Grã-Bretanha.

O tratado permanecerá em força 20 anos.

Disse o *Times*, em editorial do dia 27, que as causas para os desastres da Líbia podem ser reduzidas a duas: falta de imaginação e incapacidade para a inovação, causas, aliás, estritamente entrelaçadas. A falta de imaginação, que induziu os estrategistas a suporem todas as vezes que o inimigo se contentaria com repetir as manobras e empregar as mesmas armas da última campanha, impedindo que se pusessem em execução planos e se fabricassem novos armamentos capazes de enfrentá-las. Os tanks e as táticas agora empregadas na Líbia teriam bastado para derrotar Rommel em 1941. Mas não é consolação saber-se que os métodos e o equipamento de 1943 bastarão para bater o inimigo de 1942. "Impõe-se, diz o jornal, que planejemos adiantamente a ele e que produzamos com ascendência sobre ele em qualidade ainda mais que em quantidade". Observam-se sintomas de ultra-organização e adesão à métodos convencionais, e, ainda mais, resistência à introdução de sangue novo e ideias novas na conduta da guerra. A falha nos problemas da guerra mecanizada e da cooperação aérea é consequente de táticas e treinamento obsoletos. O clamor que se ouve em favor de um Estado Maior combinado provem da crença de que a estratégia só possa ser planejada por indivíduos que não estejam presos a uma determinada arma, mas acostumados a pensarem em termos de ar, mar e terra simultaneamente, bem como da convicção de que chefes mais jovens sejam mais *tank* ou *air-minded*.

Já no dia 24 (Tobruk havia caído a 20), o mesmo jornal afirmara que nas batalhas de ano passado, as tropas britânicas estavam usando, segundo os padrões alemães, armas obsoletas; e na semana passada o equipamento continuava não menos obsoleto. Os novos canhões "Six pounders" (57 mm.) teriam bastado para deter os tanks alemães, mas o general Auchinleck não os tinha em número suficiente, nem tanks do tipo pesado americano "General Grant", destruídos quase todos na armadilha alemã que, no dia 13, foi a ação decisiva que, por assim dizer, liquidou com o 8º exército britânico.

Pela primeira vez desde a formação do governo nacional, o Primeiro Ministro e o seu gabinete foram enfrentados por uma moção de censura. Em ocasiões anteriores o governo pediu e obteve votos de confiança, mas desta feita a iniciativa partiu da oposição. Sir John Wardlaw-Milne, seu porta-voz, apresentou a seguinte moção: "Conquanto esta Câmara renda tributo ao heroísmo e resistência das forças armadas da Coroa em circunstâncias de excepcional dificuldade, ela não tem confiança na direção central da guerra".

Os debates terão lugar por ocasião da próxima reunião dos Comuns, marcada para os primeiros dias do mês entrante. Falará no início o senhor Oliver Lyttelton, e o senhor Churchill concluirá a discussão.

A moção não atraiu muitas assinaturas. Depois de dois dias de apresentada só continha 21 nomes, dos quais dois foram ainda retirados. Os 19 restantes são membros que têm demonstrado ativamente as suas críticas à política estratégica do gabinete de guerra. Sete são conservadores, outros tantos trabalhistas, quatro independentes e um liberal. Dentre os opositores de mais evidência, não assinaram Lord Winterton e o comunista Shinwell. Os trabalhistas já tinham apostado seus nomes quando o Partido recusou-se a apoiar o voto de censura. Este deverá reunir-se antes da abertura dos debates, para decidir sobre um pedido de inquérito sobre as causas da derrota na Líbia, mas espera-se que aguardará a declaração do Primeiro Ministro para manifestar-se em definitiva.

A grande maioria considera a moção um erro. O que a todos preocupa é a derrota militar, exigindo que se investigue as razões da mesma, bem como que o governo dê uma garantia de que procurará eliminá-las, pelo que prevê-se uma vitória considerável para o senhor Churchill.

A câmara dos Lordes também discutirá uma moção de lord Addison sobre a conduta da guerra, com especial referencia à África do Norte e à decisão de defender Tobruk.

Os recentes acontecimentos põem em destaque a questão da suprema direção da guerra. É significativo, que, por ocasião do desastre na Líbia, o Primeiro Ministro, que também é o Ministro da Defesa, bem como o Chefe do Estado Maior Imperial, ao mesmo tempo presidente do Comitê de Chefes dos Estados Maiores, encontravam-se em Washington. Isto reforça a asserção de que o Primeiro Ministro não deve ser o Ministro da Defesa. Em fevereiro o gabinete foi reconstruído e nomeado um substituto para o Primeiro Ministro, mas o senhor Churchill insistiu em acumular os dois cargos. Quase toda a imprensa é agora de opinião que o Ministério da Defesa, é um cargo que requer as atividades de um só homem, que lhe possa consagrar toda a sua atenção. O que o Parlamento pensa a respeito será revelado nos próximos debates e como o senhor Churchill é um bom parlamentar, ele terá o cuidado de bem auscultá-lo.

O senhor Churchill regressou de Washington no dia 27, onde esteve em conferências com o presidente Roosevelt desde o dia 19, tendo feito duas viagens pela via aérea, para discutir, entre outros, o problema da segunda frente no continente europeu. A notícia da sua ida aos Estados Unidos foi aqui bem recebida. Sendo este um ano de

decisões supremas, a presença na capital americana do general sir Alan Brookem chefe do Estado Maior Imperial, confirma a declaração meio ambígua do secretário privado de Roosevelt, que a chegada contínua de mais forças americanas em grande número às Ilhas Britânicas já deixa supor. Uma das razões porque a campanha da África correu desastrosa para os ingleses foi justamente a divisão de esforço. A acumulação de reservas nas Ilhas Britânicas prossegue com aquele objetivo em vista, isto é a criação de uma segunda frente para aliviar a pressão sobre a Rússia. A necessidade da realização desse programa foi agora compreendida e oficialmente aceita e é evidente que grandes efetivos aéreos e terrestres, bem como reservas de navios, estão sendo retidos para tal fim. A ocasião e o local naturalmente são mantidos no máximo segredo, como também sobre se contam com suficiente quantidade de ambos para pô-la em execução.

A posição política e militar do governo britânico, como aliás a do americano, agora, é a de levar por diante este plano continental no mais breve prazo possível. Não tivesse ocorrido o desastre da África e o problema da tonelagem marítima que provavelmente já teria tido início. Os americanos estão desenvolvendo esforços máximos para que o segundo obstáculo desapareça, de modo a permitir que as forças americanas na Inglaterra não permaneçam inativas por um tempo indeterminado e para justificar tal concentração por uma ação decisiva contra os parceiros europeus do Eixo, antes de se concentrar sobre o Japão.

Segundo a declaração conjunta dos chefes dos dois governos, publicada em Washington no dia 22 de junho, o objeto das conferências, a que assistiram altas autoridades navais, militares e aéreas, é a concentração do poder bélico aliado sobre o inimigo e a revisão das medidas já adotadas no sentido de desenvolver o esforço das Nações Unidas. Existe completa harmonia entre todos no encarar os problemas que a guerra levante, tendo sido ajustados detalhes técnicos que seria difícil fazer por correspondência.

Pode-se talvez interpretar esta declaração como sendo uma modificação da frase adotada em Londres por ocasião das conversas de Eden com Molotoff sobre a necessidade urgente de criar uma segunda frente na Europa.

Mas, não terá sido porque Roosevelt esteja menos que Churchill ansioso por abrir essa frente. Pessoalmente, teria ele concordado no frascado acima, mas Washington não tem ainda a experiência prática de Londres sobre o que significa um desembarque transatlântico da magnitude prevista, e assim não estaria quiçá pronto a engajar-se a fundo nesta questão.

Prevêm-se modificações no governo da Índia. O Conselho Executivo do vice-rei será reconstruído e circulam rumores de que o senhor Gandhi, dentro do partido do Congresso, está maquinando planos para unificar o partido segundo as linhas da sua teoria anti-guerreira.

Os jornais nacionalistas professam não se interessarem em qualquer reorganização do Conselho que não seja acompanhada de transferência de maiores poderes das mãos dos ingleses, o que não impede que imprensa discuta os méritos dos vários candidatos em consideração para as novas pastas. O objetivo dessa reconstrução é ainda o de integrar ou intensificar as atividades de guerra do Governo Central, que tá teve início com a criação do Comitê de Recursos Bélicos, sugestão da missão técnica americana.

A campanha do senhor Gandhi visa a retirada da Índia de ingleses e americanos o preocupa, por isso, os membros do Comitê Executivo do partido que não querem ver o país envolvido numa desobediência civil visto como havia afirmado a sir Stafford Cripps a sua disposição de colaborarem na prosequção da guerra se as suas exigências de ordem política fossem atendidas.

A opinião pública é contrária à política de Gandhi. O partido está agora dividido entre os que seguem a Gandhi, contrário a qualquer esforço pela guerra, a Pandit Nehru, que favorece a resistência aos agressores do Eixo, mas debaixo de um sistema do governo diferente e a Rajagopalachari, que propugna por um acordo hindu-islâmico como medida preliminar para assegurar as pais o apoio à guerra sob uma direção hindu.

Moniz de Aragão

Redação do senhor ministro Joaquim de Sousa Leão.

Ministro de Estado das Relações Exteriores

TELEGRAMA • 02 JUL.1942 • AHI 29/5/5

Índice: Encerramento debates parlamentares. Discurso do primeiro ministro Churchill.
Situação militar na África.

Embaixada em Londres
À Secretaria de Estado das Relações Exteriores

227 – QUINTA-FEIRA – 18h.15 – O discurso do primeiro ministro, encerrando os debates, causou boa impressão, pela franqueza em não esconder a situação gravíssima mas indicando mostrar confiança na vitória final. Na Câmara dos Comuns a moção de desconfiança foi rejeitada por 475 votos contra 25, representando uma vitória completa. Houve ovações entusiásticas. Durante os debates parlamentares, críticas severas demonstraram que a opinião pública e o Parlamento concordam em que a direção militar deve ser mais eficaz e o Gabinete mais forte e mais responsável pela situação. MONIZ DE ARAGÃO

OFÍCIO • 03 JUL 1942 • AHI 28-2-

[Índice:] Debates parlamentares.

N. 329

Embaixada dos Estados Unidos do Brasil

Londres, em 3 de julho de 1942.

Senhor Ministro,

Ontem a tarde o ministro Churchill encerrou os debates parlamentares sobre a conduta da guerra tendo as discussões ocorrido de acordo com as velhas tradições políticas do país.

2. Durante dois dias consecutivos e quase sem interrupção os oradores se sucederam na tribuna fazendo as mais severas críticas refletindo a inquietação da opinião pública em face da contínua série de desastres militares.

3. Finalmente foi votada a moção de desconfiança subscrita por dezenove membros da Câmara dos Comuns a qual foi rejeitada, como era previsto, por uma esmagadora maioria de 475 votos contra 25, tendo 30 deputados feito abstenção de voto.

4. O país, porém, não tem ilusões sobre a questão e as discussões por vezes violentas que acabam de ter lugar na Câmara dos Comuns serviram para esclarecer o povo sobre a real situação e todos confiam que determinem medidas que corrijam as faltas e erros cometidos, pois, atos e não palavras decidirão a guerra e o destino do Império Britânico

que presentemente está enfrentando acontecimentos de enorme importância e extremamente graves.

5. O perigo para o Egito é real e todo o país concentra sua tenção no que está ali ocorrendo.

6. O senhor Churchill usando uma vez mais de sua habilidade política saiu vencedor e em forma brilhante mas a sua responsabilidade é agora redobrada.

7. O Primeiro Ministro no seu discurso que durou hora e meia fez uma exposição de todos os fatos referentes à campanha da Líbia, com uma franqueza quase brutal, fazendo recordar algumas de suas anteriores declarações nas épocas dos desastres britânicos nos Bálcãs, na Grécia e no Iraque na passada primavera.

8. Descreveu em forma impressionante o esforço de guerra britânico, todos os preparativos feitos que deviam assegurar ao seu exército uma superioridade quantitativa no Próximo Oriente tanto em efetivo como em material.

9. Nessas condições, disse o Primeiro Ministro, era lícito supor que a campanha da Cirenaica e da Líbia seria coroada de êxito mas devido a uma má sorte inconcebível ocorreu exatamente o contrário.

10. O exército britânico foi batido e Tobruk abandonado quando todos esperavam que pudesse resistir uma vez mais.

11. Perdas consideráveis foram infringidas ao inimigo mas não pode ser negado que a presente derrota pode ter graves repercussões no Próximo Oriente e no Mediterrâneo.

12. A esperança de um próximo fim da luta se afasta e as perspectivas tornam-se sombrias e essa é a realidade.

13. O senhor Churchill, porém, mostra que isso é apenas um dos aspectos da situação, pois, não considera que a luta esteja terminada. A batalha do Nilo está em curso e os reforços chegam.

14. Acresce que se for considerada a situação no Pacífico, diz ainda o Primeiro Ministro, deve ser constatado que ali foi operada uma verdadeira composição quer se trate da Austrália ou das Índias e isso graças às brilhantes vitórias da esquadra americana que conquistou a supremacia naval dos aliados do Pacífico e os exércitos russos na Europa que já infligiram tantas perdas aos alemães e preparam outras surpresas.

15. Tendo assim restabelecido as proporções e as perspectivas entre os diversos acontecimentos nos diferentes teatros da guerra o senhor Churchill concluiu com a afirmativa de que apesar das derrotas e das perdas devia a nação estar confiante no final

da guerra que está garantido pelos recursos ilimitados, pela força crescente, pela união indissolúvel e pela resolução inquebrantável de vencer que domina as Nações Unidas.

16. Junto remeto a Vossa Excelência cópia do texto da declaração do Primeiro Ministro de que se ocupa o presente ofício.

Aproveito o ensejo para reiterar a Vossa Excelência os protestos da minha respeitosa consideração.

Moniz de Aragão

A Sua Excelência o Senhor Embaixador Osvaldo Aranha
Ministro de Estado das Relações Exteriores

[*Anexo*]: *The Times*: "Parliament. Mr. Churchill faces his critics. Defence of War Direction." Londres, em 3 de julho de 1942.

TELEGRAMA • 06 JUL. 1942 • AHI 30/1/2

Índice: Correspondência telegráfica em cifra com a legação do Brasil no Cairo.

CONFIDENCIAL

Secretaria de Estado das Relações Exteriores
À Embaixada em Londres

126 – 06 JULHO 1942 – A legação do Brasil no Cairo não pode corresponder-se em cifra com a Secretaria de Estado por ordem das autoridades britânicas, segundo foi informado o nosso ministro naquela capital pelo subsecretário de Estado dos Negócios Estrangeiros. Como não se trata de medida de ordem geral afetando igualmente todas as missões diplomáticas acreditadas no Cairo, pois as legações suíça e americana estão excluídas daquela proibição, não podemos aceitar, e até estranhamos, que se aplique ao Brasil, cuja posição ao lado dos países aliados deve ser considerada como garantia suficiente, semelhante medida de exceção. Rogo, portanto, a Vossa Excelência levar o que precede ao conhecimento desse governo, guardando reserva quanto à fonte de informação relativa à situação de privilégio da Suíça e dos Estados Unidos da América, mas instando por que se nos conceda o tratamento a que temos direito pela a atitude que assumimos de completa solidariedade com a causa aliada. EXTERIORES

Expedido em 7 de julho de 1942 via Western.

Exteriores

OFÍCIO • 06 JUL 1942 • AHI 28-2-8

[Índice:] Carnes em conserva.

N. 332

Embaixada dos Estados Unidos do Brasil

Londres, em 6 de julho de 1942.

Senhor Ministro,

O delegado do Brasil à Conferência Internacional de Carnes, o qual, tem, desde a guerra, negociado com o Ministério da Alimentação deste país os contratos de carnes refrigerantes e em conserva de procedência brasileira, acaba de receber do referido departamento britânico a carta junta por cópia, relativa à compra de carnes em conserva.

2. Informa o Ministério da Alimentação que acaba de ser feito um acordo entre o governo britânico e o de Washington, segundo o qual no futuro, todas as compras de carnes em conserva de origem sul-americana, destinadas ao consumo no Reino Unido e nos Estados Unidos, serão feitas pelo governo britânico, por intermédio do dito ministério.

3. Diz a carta que o fim do acordo é "coordenar ainda mais o esforço de guerra e obter uma utilização planejada e rápida dos recursos em alimentos e transporte das Nações Unidas, incumbindo da aquisição de cada mercadoria o país mais interessado na mesma.

4. Opina o nosso representante que, embora seja esse em parte o objetivo do acordo, o mesmo almeja sobretudo impedir a concorrência de preços entre os Estados Unidos e o Reino Unido. Desde a assinatura do acordo comercial entre os Estados e a Argentina, esta última tem aumentado suas vendas de carnes em conserva à nação norte-americana. Por ocasião das negociações do último contrato a Argentina utilizou-se dos preços pagos nos Estados Unidos para fazer pressão sobre o Ministério da Alimentação. Isto evidentemente também nos beneficiou. Em consequência dos acontecimentos bélicos no Extremo Oriente a Austrália e a Nova Zelândia foram até certo ponto eliminadas como

fornecedores de carnes e assim tornou-se ainda mais importante para o Reino Unido, principal comprador, impedir a competição entre os Estados Unidos e este país, para os fornecimentos ainda disponíveis, isto é, as carnes sul-americanas.

5. Na parte final da carta o Ministério informa que nos futuros contratos serão incluídas as necessidades dos Estados Unidos e de "outras Nações Aliadas". Deste modo os governos de vários países aliados à Inglaterra e aqui localizados desde a ocupação dos seus territórios pelo inimigo, não poderão, de futuro, negociar separadamente as suas compras. Lembro a esse propósito as consultas feitas pelo governo de Noruega (telegrama de 9 de abril último). Por outro lado, diz o nosso delegado, é possível que, no tocante ao Brasil, fique assim aberta a porta a empresas e frigoríficos brasileiros que até agora foram excluídas dos contratos em consequência da posição de que gozam aqui as companhias Armout, Swift, Wilson e Vestey. Estas, entretanto, hão de fazer o impossível para estender seu raio de ação a todos os eventuais mercados representados pelos mencionados países.

6. No tocante às compras destinadas a territórios fora da "área esterlina", o pagamento será, conforme a comunicação do Ministério da Alimentação, em dólares americanos.

7. Do acordo, diz o Ministério da Alimentação, já foi o governo brasileiro informado pelas missões diplomáticas americana e britânica no Rio de Janeiro.

Aproveito o ensejo para reiterar a Vossa Excelência os protestos de minha respeitosa consideração.

Moniz de Aragão

A Sua Excelência o Senhor Embaixador Osvaldo Aranha
Ministro de Estado das Relações Exteriores.

OFÍCIO • 08 JUL 1942 • AHI 28-2-

[Índice:] A grande ofensiva.

N. 334

Embaixada dos Estados Unidos do Brasil

Londres, em 8 de julho de 1942.

Senhor Ministro,

A batalha do Egito continua em pleno desenvolvimento e as informações recebidas em Londres nas últimas quarenta e oito horas são francamente mais favoráveis do que as precedentemente conhecidas e indicariam que a luta está apresentando uma feição satisfatória e que os aliados teriam retomado a iniciativa naquele teatro de guerra.

2. A propaganda de Berlim, de Roma e de Vichy constitui uma afirmação dessa suposição, pois, baixou o tom de sua publicidade e isso poderia indicar que está preparando a opinião pública tanto na Alemanha como na Itália para uma paralisação das operações ou talvez mesmo para um recuo dos exércitos do general Rommel.

3. Foi nesse momento que o Fuehrer lançou o seu ataque contra as forças do general Timoshenko, a mais potente ofensiva tentada desde o início deste ano.

4. Ele procedeu lentamente como que a contragosto, seja porque os seus preparativos fossem mais difíceis e mais longos que supunha; seja porque os seus planos tenham sido perturbados pelo ataque imprevisto do referido general russo; seja ainda porque as primeiras batalhas do fim da primavera nas regiões de Kertch, Sebastopol e Kharkoff tenham sido mais difíceis e longas causando aos alemães custosas perdas e assim não tenham trazido o que tinha previsto e finalmente talvez porque o Fuehrer tenha hesitado em face das opiniões contraditórias dos seus conselheiros militares.

5. Como é sabido uns sugeriam não mais empreender ofensivas dispendiosas em homem e material na frente russa e de concentrar o maior esforço na África e no Levante e outros preconizavam ao contrário um esforço supremo tendo em vista não esmagar definitivamente os exércitos russos mas destinado a se apoderar das posições estratégicas que colocariam os soldados alemães ao abrigo de uma contra ofensiva e onde poderiam, tal como foi prometido pelo Fuehrer, passar o próximo inverno em condições mais confortáveis uma vez que tenham podido alcançar os campos petrolíferos do Cáucaso.

6. Hitler parece ter adotado este último alvitre e assim a batalha de Kursk, iniciada em 28 de junho, está se estendendo e aumenta cada dia de intensidade e de violência e aos poucos está se transformando em uma grande ofensiva, a maior talvez da presente guerra, como diz Berlim.

7. O Alto Comando alemão está empregando todas suas melhores forças em ações limitadas a alguns setores onde pode assegurar previamente uma superioridade numérica considerável.

8. A tática russa de oposição consiste em defender o terreno metro a metro para evitar rupturas nas suas linhas e recuar quando o perigo é ameaçador. Consiste ainda em contra-ataques sobre os flancos sempre ameaçados do general von Bock.

9. Trata-se de uma defensiva conjugada com uma ofensiva para retardar o avanço inimigo infligindo-lhe pesadas perdas ou seja uma manobra decisiva contra a tática de exterminação e essa parece ser a fórmula empregada na batalha que se está violentamente travando na Ucrânia.

10. Os exércitos russos enfrentam o inimigo com uma completa confiança na sua própria força, com um espírito de sacrifício total e com a certeza de poder dominar a avalanche de aço e de fogo que lhes atiram os alemães continuamente.

11. A opinião aqui está confiante na resistência russa e tudo está sendo feito para serem socorridos da melhor forma possível.

Aproveito o ensejo para reiterar a Vossa Excelência os protestos de minha respeitosa consideração.

Moniz de Aragão

A Sua Excelência o Senhor Embaixador Osvaldo Aranha
Ministro de Estado das Relações Exteriores

TELEGRAMA • 09 JUL.1942 • AHI 29/5/5

Índice: Representação governo dos Estados Unidos da América junto ao general De Gaulle

Embaixada em Londres
À Secretaria de Estado das Relações Exteriores

234 – QUINTA-FEIRA – 16h.15 – Estou informado de que o governo americano, nos próximos dias, divulgará a notícia da nomeação de uma delegação em caráter diplomático, para servir junto ao general De Gaulle, considerando a posição dos

combatentes Franceses Livres, no momento atual, que representam o verdadeiro sentimento do povo francês. MONIZ DE ARAGÃO

OFÍCIO • 10 JUL 1942 • AHI 28-2-8

[Índice:] Os Estados Unidos e a França livre.

N. 338

Embaixada dos Estados Unidos do Brasil

Londres, em 10 de julho de 1942.

Senhor Ministro,

Conforme telegrafei ontem a Vossa Excelência o Departamento de Estado, em Washington, divulgou a decisão do governo americano pela qual o Contra Almirante Stark e o general de brigada Charles Boite foram designados como representantes naval e militar dos Estados Unidos para todas as questões relativas à conduta da guerra junto ao Comitê Nacional francês.

2. O anúncio dessa deliberação foi acompanhada da publicação de um memorandum dirigido ao general de Gaulle o qual em conversas disse-me ontem estar satisfeito com os termos desse documento e que tinha acolhido calorosamente a decisão do presidente Roosevelt.

3. O referido memorandum estabelece entre outras coisas que o governo dos Estados Unidos reconhece a contribuição do general de Gaulle e os esforços do Comitê Nacional francês a fim de manter o espírito tradicional da França e de suas instituições e julga que os fins militares necessários para prosseguir eficazmente a guerra e conseqüentemente determinar a realização dos objetivos comuns serão mais facilmente atingidos prestando toda a assistência militar e todo o apoio possível ao Comitê Nacional francês como um símbolo da resistência francesa em geral contra as potências do Eixo. O governo americano compartilha sem reserva das vistas do governo britânico, que são também as do Comitê francês, no que diz respeito aos destinos e a organização política da França, os quais devem em última análise ser determinados pela livre expressão da vontade do povo francês nas condições que lhe darão a liberdade de exprimir seus desejos sem ser influenciado por nenhuma medida de coerção. Prosseguindo no objetivo comum de

guerra o governo dos Estados Unidos continuará a tratar com os funcionários franceses livres nos seus respectivos territórios, em toda a parte, onde for incontestável que eles exerçam efetivamente o poder e consciente da necessidade de coordenar os esforços comuns os Estados Unidos julgam ser de toda vantagem centralizar a discussão dos negócios referentes ao prosseguimento da guerra com o Comitê Nacional de Londres. Acrescenta o memorandum que um dos principais fins da política seguida pelo governo americano no domínio da colaboração é o de prestar assistência às forças militares e navais da França livre de acordo com os termos da declaração do presidente Roosevelt de 11 de novembro de 1941 a qual fez ressaltar que a defesa dos territórios sob o domínio das forças francesas livres é vital para a própria defesa dos Estados Unidos.

4. Assim a decisão do governo americano está ligada às anteriores por ela adotadas as quais definem os princípios básicos de sua política a respeito da França e toma medidas de aplicação necessárias no que se refere ao Comitê Nacional francês de Londres.

5. O governo dos Estados Unidos pela sua comunicação de 28 de fevereiro do corrente ano declarou ser favorável à manutenção da integridade da França e do Império francês e da restauração final de sua independência, afirmando sua intenção de ajudar a resistência do povo francês contra as forças de agressão, anunciando seu propósito de colaborar com as autoridades locais francesas que se esforçam de proteger seu território contra a dominação do inimigo comum.

6. Nessas condições produziu-se o reconhecimento pelo governo americano do Comitê Nacional Francês como sendo a verdadeira autoridade exercendo o controle efetivo sobre as possessões francesas do Pacífico e sobre os territórios franceses da África Equatorial e do Cameron.

7. Restava, pois, estender a colaboração assim estabelecida às possessões francesas sob o governo do Comitê, entre este organismo e o governo americano, no esforço de guerra comum considerado sob o aspecto militar propriamente dito.

8. O presidente Roosevelt que já tinha colocado o Comitê Nacional francês na situação de beneficiar da lei de empréstimo e locação toma agora as medidas necessárias para estabelecer a consulta permanente entre as autoridades americanas e os seus colegas da França livre “sobre todos os assuntos relativos à conduta da guerra”.

9. Ao tomar a presente decisão o governo americano não teve somente em vista prestar uma homenagem eloquente a todos os franceses que responderam ao apelo do general de Gaulle, em junho de 1940, salvando a honra de sua pátria prosseguindo na luta

ao lado das nações aliadas, mas quis também manifestar a importância que liga a resistência geral da nação francesa contra o invasor.

10. O memorandum dirigido ao general de Gaulle diz claramente que o governo americano considera esse chefe militar como um símbolo dessa resistência.

11. Sobre o futuro da França e o seu regime político, o governo de Washington reafirma, como acima aludi, sua posição tantas vezes definida pelo presidente Roosevelt o qual entende dever deixar ao povo Frances o cuidado de determinar a sua forma de governo depois da paz.

12. O *memorandum* foi aqui recebido com especial agrado, merecendo elogiosos comentários por parte da imprensa a qual em geral julga que todos os franceses, os que estão exilados como os que se acham na terra natal sob o jugo dos exércitos de ocupação, devem estar satisfeitos com a declaração americana que reconhece o alto valor moral da resistência francesa e de ter prestado uma comovedora homenagem de sua admiração aos soldados, aos aviadores e aos marinheiros da Síria e da África e sobretudo pelo heroísmo que revelaram os defensores de Bir-Hakein.

13. Incluo o texto da declaração do general de Gaulle que acompanhou o *memorandum* do presidente dos Estados Unidos.

Aproveito o ensejo para reiterar a Vossa Excelência os protestos de minha respeitosa consideração.

Moniz de Aragão

A Sua Excelência o Senhor Embaixador Osvaldo Aranha

Ministro de Estado das Relações Exteriores

OFÍCIO • 14 JUL 1942 • AHI 28-2-8

[Índice:] A luta na Rússia.

N. 345

Embaixada dos Estados Unidos do Brasil

Londres, em 14 de julho de 1942.

Senhor Ministro,

O Alto Comando Alemão no dia 14 do mês corrente divulgou um comunicado especial sobre a batalha empenhada no setor de Kursk e do Don.

2. Essa operação, que teve início no dia 28 de junho, deveria estar terminada segundo os prognósticos alemães no dia 9 do corrente.

3. Apesar do exagero com que está redigido o referido comunicado, não pode ser negado que a situação na frente russa é presentemente grave e a única nota favorável é que, segundo parece, o marechal Timochenko teria conseguido salvar a maior parte de suas tropas seguindo a tática habitual russa e a que me referi no meu ofício nº 334, de 8 do corrente.

4. Permanece no entretanto algum ceticismo sobre o que se refere ao material pesado do seu exército.

5. A situação é muito fluida para que possamos julgá-la em todos seus detalhes mas desde logo parece certo que neste momento o objetivo principal do general Von Bock é o de apoderar-se de Rostoff.

6. Nesse sentido o êxito alemão mais perigoso é a tomada de Kantemirovka e de Lisichansk admitida pelos próprios russos.

7. O avanço alemão que até agora se efetuava na direção este inclina-se presentemente para o sul.

8. Essa manobra não constitui somente uma grande ameaça para o centro industrial de Voroshilovgrad mas também para o flanco de todo o exército Timochenko o qual ao longo do Mar de Azov e ao norte de Rostoff está se preparando para receber o choque de um ataque iminente contra aquela cidade extremamente importante sob o ponto de vista estratégico.

9. No caso do avanço sobre Lisichansk e Kantemirovka não poder ser detido a tempo deve ser previsto que o marechal Timochenko será obrigado a recuar, estabelecendo suas defesas a uma certa distância de Rostoff para evitar o cerco por parte dos alemães.

10. A batalha em torno a Voronezh e na própria cidade continua em pleno desenvolvimento e extremamente violenta.

11. A explicação do mistério desta cidade, que os alemães pretendiam ter tomado no dia 7 de julho, e que os russos afirmam ainda ocupar, parece ser que uma pequena coluna motorizada inimiga conseguiu penetrar em Voronezh mas sendo repelida teve que retirar-se prosseguindo os combates nos subúrbios ou nas vizinhanças da referida cidade.

12. Os alemães confirmam que o contra ataque russo de Orel continua violento mas em geral os críticos militares não têm a impressão que essa manobra possa exercer uma influência decisiva sobre as operações no setor sul.

13. Paralelamente os grandes êxitos anunciados pelos alemães na região de Rezhev parecem pertencer a uma ofensiva que desde seu início tinha por único objetivo ligar às suas posições o maior número possível de tropas colocadas sob as ordens do general Zhukov a fim que este não possa enviar reforços ao marechal Timochenko. Na verdade neste setor as atividades alemãs não parecem ser as mais perigosas.

14. Apesar de tudo a imprensa e os círculos oficiais britânicos continuam a confiar no espírito combativo dos russos e principalmente nos recursos de que dispõem e que lhes permitirá resistir até o inverno dando tempo aos britânicos e americanos de prepararem a grande ofensiva contra o continente que está sendo ativamente organizada.

Aproveito o ensejo para reiterar a Vossa Excelência os protestos de minha respeitosa consideração.

Moniz de Aragão

A Sua Excelência o Senhor Embaixador Osvaldo Aranha
Ministro de Estado das Relações Exteriores

TELEGRAMA • 18 JUL. 1942 • AHI 30/1/2

Índice: Acordo Internacional do Açúcar. Londres. 1937.

Secretaria de Estado das Relações Exteriores
À Embaixada em Londres

134 – 18 JULHO 1942 – O governo brasileiro concordou com a proposta britânica relativa à prorrogação por mais dois anos do Acordo de Londres¹⁴ sobre produção e comércio do açúcar ~~de Londres, de 1937.~~¹⁵ Vossa Excelência está autorizado a assinar o respectivo protocolo. EXTERIORES

¹⁴ Intervenção à caneta: “, de 1937,”.

¹⁵ Tachado no original.

OFÍCIO • 20 JUL 1942 • AHI 28-2-8

[Índice:] O grande esforço alemão.

N. 351

Embaixada dos Estados Unidos do Brasil
Londres, em 20 de julho de 1942.

Senhor Ministro,

Da mesma forma que no ano passado, em idêntica época, tudo desaparece diante da importância dos acontecimentos que se estão desenrolando na frente russa e tudo está submetido ao resultado dessas operações.

2. Todos sentem que esses terríveis choques de armas e essas potentes massas de homens devem exercer uma influência quase decisiva senão decisiva sobre a guerra no decurso do presente ano.
3. A imprensa britânica e russa não esconde a gravidade da situação, manifestando porém tal como o Alto Comando soviético uma decidida confiança na coragem, decisão e força dos exércitos moscovitas.
4. “A pátria está em perigo”, é a fórmula que domina hoje em toda a União Soviética, indicando a cada cidadão russo qual o seu dever então graves circunstâncias.
5. Os alemães não sentem menos do que os aliados a importância da partida formidável que está sendo jogada nas margens do Don.
6. Neste outono, escrevia há dias a “Gazeta de Franfort”, a sorte será lançada e nos próximos meses a guerra estará senão acabada pelo menos decidida.
7. Essa afirmação que significa um encorajamento encerra uma explicação muito clara da tática seguida pelo Alto Comando alemão e dos resultados que o Fuehrer espera obter.

8. Ele lança na batalha todas as forças de que pode dispor em material e homens, formando um bloco poderoso para esmagar os exércitos do marechal Timochenko e isolá-los com a esperança de aniquilar a potência militar da Rússia e principalmente a sua força ofensiva que se mantém firme e se apresenta como a mais terrível ameaça para os alemães.

9. Esse almejado resultado que Hitler há um ano tenta obter e que sempre lhe escapou até agora, deve ser obtido antes da chegada do novo inverno cuja perspectiva infunde pavor aos soldados alemães recordando tudo o que sofreram no começo do corrente ano.

10. Faltando apenas pouco mais de três meses o Alto Comando alemão, com uma pressa febril, ataca furiosamente para obter a vitória a qualquer preço sem a menor consideração pelo sacrifício de vidas.

11. No artigo acima referido a “Gazeta de Frankfurt” diz ainda: “Nós não subestimamos o valor da produção americana mas antes que o material manufaturado possa chegar à frente de batalha a resistência do inimigo deverá estar quebrada”.

12. Assim, como o Fuehrer declarou, em 26 de abril último, no Reichstag, os alemães sabem que esta nova campanha será dura e desde já nutrem poucas esperanças de um resultado decisivo e a ambição dos militares nazistas parece estar limitada, como dizia há poucos dias, um comentador italiano, a paralisar a potência militar russa antes do inverno e antes que recebam em grandes quantidades o material bélico anglo-americano.

13. Parece-me que deve ser notada essa dupla preocupação do chanceler Hitler e sobretudo da modéstia, que a todos surpreende, de suas presentes pretensões e objetivos.

14. Ninguém pode fazer previsões mas aqui domina, como disse, o sentimento de confiança no valor militar russo.

15. O marechal Timochenko, que não foi surpreendido pelo ataque alemão, opõe à tática de Von Bock uma ação defensiva em profundidade e os generais nazis sabem que no lugar escolhido pelo marechal russo, eles encontrarão um novo exército já instalado, há muito tempo, em posições solidamente preparadas pelo Estado Maior moscovita.

16. Nessas condições não parece que Hitler esteja prestes a lograr a decisão definitiva que ele novamente se empenha, freneticamente, em conseguir mesmo ao preço de perdas irreparáveis.

Aproveito o ensejo para reiterar a Vossa Excelência os protestos de minha respeitosa consideração.

Moniz de Aragão

A Sua Excelência o Senhor Embaixador Osvaldo Aranha
Ministro de Estado das Relações Exteriores

v

TELEGRAMA • 27 JUL. 1942 • AHI 30/1/2

Índice: Sobrevoos do território da Guiana inglesa por dois aviões da FAB.

Secretaria de Estado das Relações Exteriores
À Embaixada em Londres

139 – 27 JULHO 1942 – Queira Vossa Excelência solicitar do governo desse país permissão para o sobrevoos da Guiana inglesa, na segunda quinzena do mês de agosto próximo, por dois aviões marca Grumman, anfíbios, bimotores, recentemente adquiridos para a Força Aérea Brasileira. Os referidos aparelhos não transportarão armamentos nem máquinas fotográficas e observarão o seguinte itinerário: Georgetown e Hyde Park. É a seguinte a relação nominal das equipagens: tenente-coronel aviador Ary de Albuquerque Lima, major aviador Estevan Leite de Rezende, primeiro-tenente aviador João Baptista de Miranda Junior e suboficial Jerônimo Ferreira do Amaral. Rogo comunicar diretamente à embaixada do Brasil em Washington a autorização para sobrevoos.
EXTERIORES

v

OFÍCIO • 27 JUL 1942 • AHI 28-2-8

[Índice:] Dívida externa brasileira.

N. 357

Embaixada dos Estados Unidos do Brasil
Londres, em 27 de julho de 1942.

Senhor Ministro,

Terminando, em março próximo, o esquema provisório que modificou o chamado “Plano Aranha”, para o pagamento da dívida externa brasileira, julgo de interesse manter essa secretaria de Estado ao par das opiniões manifestadas pela imprensa desta capital, a respeito da solução que, no parecer dos círculos financeiros britânicos, deverá ser dada, naquela data, a esse problema.

2. Remeto, assim, em anexo, um recorte do “Financial Times”, de 27 do corrente, contendo o texto de uma carta de um senhor A. C. Boorman, que trata, sobretudo, dos títulos brasileiros classificados na 8ª categoria do dito plano.

Aproveito o ensejo para reiterar a Vossa Excelência os protestos de minha respeitosa consideração.

Moniz de Aragão

A Sua Excelência o Senhor Embaixador Osvaldo Aranha
Ministro de Estado das Relações Exteriores

v

TELEGRAMA • 07JUL.1942 • AHI 29/5/5

Índice: Restabelecimento senhor presidente república. Congratulações embaixada e consulados Grã-Bretanha

Embaixada em Londres
À Secretaria de Estado das Relações Exteriores

256 – TERÇA-FEIRA – 20h.30 – No meu nome e no do pessoal da embaixada e dos consulados, exprimimos viva satisfação pelas favoráveis notícias sobre a saúde do senhor presidente da República, a quem pedimos expressar nossas respeitosas congratulações pelo seu restabelecimento. MONIZ DE ARAGÃO

v

TELEGRAMA • 28 JUL 1942 • AHI 29/5/5

Índice: Situação militar na Rússia. Atividade da aviação alemã sobre a Grã-Bretanha

Embaixada em Londres
À Secretaria de Estado das Relações Exteriores

257 – SEXTA-FEIRA – 18h.00 – Os centros militares julgam a situação gravíssima no sul da Rússia. Apesar da resistência russa, o avanço alemão está ameaçando cortar as comunicações vitais, isolando Moscou de Cáucaso e privando a Rússia de vasto território de culturas essenciais. Permanece a confiança em ulterior batalha que permitirá ao exército soviético futura contra-ofensiva. Os Estados Maiores anglo-americano e aliados continuam as conferências secretas para a preparação da segunda frente, reclamada pela Rússia e pela opinião pública aliada, mas os técnicos se opõem à sua criação prematura. A aviação, nos últimos dias, está mais ativa sobre a Grã-Bretanha, chegando aos subúrbios londrinos, onde foram jogadas algumas bombas, atacando cidades marítimas e a região de Birmingham sem grandes estragos. MONIZ DE ARAGÃO

v

OFÍCIO • 28 JUL 1942 • AHI 28-2-

[Índice:] Atrocidades japonesas.

N. 358

Embaixada dos Estados Unidos do Brasil

Londres, em 28 de julho de 1942.

Senhor Ministro,

A título de informação, tenho a honra de passar às mãos de Vossa Excelência o incluso recorte do “Times” de hoje, em que aparece um longo telegrama do Lourenço Marques confirmando as atrocidades cometidas pelos japoneses nos seus campos de internamento e prisão.

2. O correspondente do “Times” relata também as privações e vexames porque passou o Corpo Diplomático e Consular da Grã-Bretanha e dos países americanos,

dizendo que todos os protestos foram ignorados até que o Brasil tomou medidas de represália contra os funcionários japoneses no Rio de Janeiro, quando foram os sul-americanos transferidos de suas residências, onde eram mantidos incomunicáveis, para cidades de vilegiatura.

Aproveito o ensejo para reiterar a Vossa Excelência os protestos de minha respeitosa consideração.

Moniz de Aragão

A Sua Excelência o Senhor Embaixador Osvaldo Aranha
Ministro de Estado das Relações Exteriores

OFÍCIO • 29 JUL 1942 • AHI 28-2-8

[Índice:] A organização da paz.

N. 359

Embaixada dos Estados Unidos do Brasil
Londres, em 29 de julho de 1942.

Senhor Ministro,

A opinião pública tem por meses manifestado na Grã-Bretanha e nos Estados Unidos uma certa impaciência diante da recusa, aliás justificada, dos governos de Londres e de Washington em publicar uma completa exposição sobre os reais objetivos da guerra ou mesmo apenas uma interpretação exata da “Carta do Atlântico”.

2. O discurso do senhor Cordell Hull é com efeito um comentário autorizado a margem da “Carta do Atlântico”, e tendo sido preferido depois de certas declarações do Presidente Roosevelt, do vice-presidente Wallace e do senhor Summer Wells, para citar apenas os dirigentes americanos, não parece conter ideias novas nem querer fazer revelações.

3. O senhor Cordell Hull, porém, em forma concisa, exprime a parte essencial do pensamento dos homens de Estado americanos sobre a conduta da guerra e a futura construção da paz.

4. O discurso referido, que aqui causou grande impressão, foi muito comentado, pois claramente indica que de fato a guerra teve início em 1931 quando o Japão atacou a China, o que então foi considerado indiferentemente pelos que obstinavam em acreditar nos sentimentos pacíficos dos países do Eixo, em vez de reagirem contra a política de agressão que se inaugurou naquela época.

5. Isso naturalmente provocou aqui uma grande reação constituindo uma real reprovação às diplomacias britânica e francesa de temporização com a Alemanha e que prevaleceu até a guerra de 1939, permitindo que se preparasse para a guerra.

6. Por uma feliz coincidência, que deve ser salientada, o ministro senhor Anthony Eden falando aqui no mesmo dia em que o secretário de Estado americano fazia suas declarações usava da mesma linguagem, em termos quase idênticos, definindo a atual política do governo britânico no que se refere à futura organização da paz.

7. “Nós perdemos a última paz”, disse o senhor Eden, “porque as nações não trabalharam para conserva-la com a mesma energia que tinham desenvolvido durante a guerra. Desta vez nós não cometeremos os mesmos erros e a respeito da Alemanha nós trataremos de não mais correr os riscos a que nos expusemos confiando demasiadamente nas suas declarações de amor ao pacifismo”.

8. Tal como o senhor Cordell Hull o ministro dos negócios estrangeiros britânico declarou-se em favor da criação de uma organização internacional no seio da qual a Grã-Bretanha, trará ao lado dos Estados Unidos, da Rússia e da China a sua decidida contribuição para o desenvolvimento de uma grande civilização universal.

9. Assim, pois, pouco a pouco vão sendo elaborados a doutrina e os métodos de aplicação da paz que a vitória das Nações Unidas trará ao mundo para garantir uma era de segurança e de prosperidade.

Aproveito o ensejo para reiterar a Vossa Excelência os protestos de minha respeitosa consideração.

Moniz de Aragão

A Sua Excelência o Senhor Embaixador Osvaldo Aranha

Ministro de Estado das Relações Exteriores

OFÍCIO • 29 JUL 1942 • AHI 28-2-8

[Índice:] O Eixo e a segunda frente.

N. 363

Embaixada dos Estados Unidos do Brasil

Londres, em 29 de julho de 1942.

Senhor Ministro,

A atitude de Berlim e de Roma a respeito de uma segunda frente de batalha é deveras interessante.

2. A propaganda do Eixo tratando dessa eventualidade evoluiu sensivelmente nos últimos oito meses.

3. Primeiramente e durante muito tempo o senhor Goebbels tinha ridicularizado a ideia e afirmado com energia que a muralha levantada a oeste pela organização Posdt sob a imediata inspeção do Fuehrer constituía um obstáculo inexpugnável.

4. Ainda não há muito a imprensa alemã estava cheia de artigos e de declarações de técnicos nazistas desafiando os ingleses ao ataque do continente.

5. A aludida propaganda ainda não cessou de todo de explorar esse tema, mas desde algumas semanas o seu tom tornou-se mais grave e está apresentando novos argumentos.

6. A Alemanha e a Itália já estão agora encarando a possibilidade da abertura de uma segunda frente pelos aliados e a transição do desprezo ao receio no espírito dos dirigentes do Eixo e na forma de sua propaganda coincidiu, no começo deste ano, com a aparição dos “Comandos” britânicos operando também nas costas da Europa ocidental, com o aumento dos bombardeios da Real Força Aérea, com a chegada contínua de tropas americanas na Grã-Bretanha assim como com o reforço e a generalização da resistência passiva e ativa das populações da Noruega, Países-Baixos, Bélgica e França.

7. A nomeação em 15 de abril último, do marechal Von Rundstedt para exercer o comando em chefe dos trabalhos de defesa e das eventuais operações na Europa ocidental, marcou a primeira fase dessa modificação de atitude.

8. Posteriormente foi sabido que o marechal referido estava ativamente fazendo preparar as fortificações defensivas contra os anunciados ataques dos aliados mormente na costa franco-belga, holandesa e na Noruega.

9. Há poucos dias foi publicado em Berlim um comunicado oficial anunciando a terminação das manobras executadas pelas forças alemãs de terra e mar no norte da França.

10. As viagens do ministro Molotov a Londres e Washington, o acordo firmado nessa ocasião entre a Rússia, a Grã-Bretanha e os Estados Unidos sobre as “tarefas urgentes a serem empreendidas visando a criação de uma segunda frente na Europa”, o comunicado de 27 de junho último, publicado por motivo da entrevista Churchill-Roosevelt anunciando que “as próximas operações desviarão forças alemãs da frente russa”, marcaram o começo da terceira etapa.

11. Desde então a propaganda alemã e italiana se esforça tanto em anunciar o certo desastre de uma tal empresa devido principalmente às perdas marítimas causadas pelos submarinos quanto inútil em face da fraqueza crescente da potência militar russa e nessas condições os aliados chegariam demasiadamente tarde e com meios insuficientes para lograr um êxito eficaz.

12. Por outro lado a mesma propaganda ameaça abertamente com as mais severas represálias as populações dos países ocupados no caso em que procurem ajudar os invasores.

13. Nessas condições a formidável ofensiva do Cáucaso mostra a sua verdadeira razão.

14. A Alemanha tenta desesperadamente reduzir a Rússia, aniquilando o seu poder militar, para poder se instalar a este em uma posição defensiva e voltar-se para oeste antes que se constitua a segunda frente e que a torrente de produção americana chegue a Europa para onde já está sendo encaminhada.

15. Permanece, apesar da gravidade da situação na frente russa, uma grande esperança e mesmo confiança de que os russos possam aguentar com a sua força militar intacta até o próximo inverno, o que seria extremamente grave para os alemães e permitiria aos aliados desenvolverem a sua ação com mais segurança e preparo.

Aproveito o ensejo para reiterar a Vossa Excelência os protestos da minha respeitosa consideração.

Moniz de Aragão

A Sua Excelência o Senhor Embaixador Osvaldo Aranha
Ministro de Estado das Relações Exteriores

v

OFÍCIO • 29 JUL 1942 • AHI 28-2-8

[Índice:] O Eixo e a segunda frente.

N. 363

Embaixada dos Estados Unidos do Brasil
Londres, em 29 de julho de 1942.

Senhor Ministro,

A atitude de Berlim e de Roma a respeito de uma segunda frente de batalha é deveras interessante.

2. A propaganda do Eixo tratando dessa eventualidade evoluiu sensivelmente nos últimos oito meses.
3. Primeiramente e durante muito tempo o senhor Goebbels tinha ridicularizado a ideia e afirmado com energia que a muralha levantada a oeste pela organização Posdt sob a imediata inspeção do Fuehrer constituía um obstáculo inexpugnável.
4. Ainda não há muito a imprensa alemã estava cheia de artigos e de declarações de técnicos nazistas desafiando os ingleses ao ataque do continente.
5. A aludida propaganda ainda não cessou de todo de explorar esse tema, mas desde algumas semanas o seu tom tornou-se mais grave e está apresentando novos argumentos.
6. A Alemanha e a Itália já estão agora encarando a possibilidade da abertura de uma segunda frente pelos aliados e a transição do desprezo ao receio no espírito dos dirigentes do Eixo e na forma de sua propaganda coincidiu, no começo deste ano, com a aparição dos “Comandos” britânicos operando também nas costas da Europa ocidental, com o aumento dos bombardeios da Real Força Aérea, com a chegada contínua de tropas

americanas na Grã-Bretanha assim como com o reforço e a generalização da resistência passiva e ativa das populações da Noruega, Países-Baixos, Bélgica e França.

7. A nomeação em 15 de abril último, do marechal Von Rundstedt para exercer o comando em chefe dos trabalhos de defesa e das eventuais operações na Europa ocidental, marcou a primeira fase dessa modificação de atitude.

8. Posteriormente foi sabido que o marechal referido estava ativamente fazendo preparar as fortificações defensivas contra os anunciados ataques dos aliados mormente na costa franco-belga, holandesa e na Noruega.

9. Há poucos dias foi publicado em Berlim um comunicado oficial anunciando a terminação das manobras executadas pelas forças alemãs de terra e mar no norte da França.

10. As viagens do ministro Molotov a Londres e Washington, o acordo firmado nessa ocasião entre a Rússia, a Grã-Bretanha e os Estados Unidos sobre as “tarefas urgentes a serem empreendidas visando a criação de uma segunda frente na Europa”, o comunicado de 27 de junho último, publicado por motivo da entrevista Churchill-Roosevelt anunciando que “as próximas operações desviarão forças alemãs da frente russa”, marcaram o começo da terceira etapa.

11. Desde então a propaganda alemã e italiana se esforça tanto em anunciar o certo desastre de uma tal empresa devido principalmente às perdas marítimas causadas pelos submarinos quanto inútil em face da fraqueza crescente da potência militar russa e nessas condições os aliados chegariam demasiadamente tarde e com meios insuficientes para lograr um êxito eficaz.

12. Por outro lado a mesma propaganda ameaça abertamente com as mais severas represálias as populações dos países ocupados no caso em que procurem ajudar os invasores.

13. Nessas condições a formidável ofensiva do Cáucaso mostra a sua verdadeira razão.

14. A Alemanha tenta desesperadamente reduzir a Rússia, aniquilando o seu poder militar, para poder se instalar a este em uma posição defensiva e voltar-se para oeste antes que se constitua a segunda frente e que a torrente de produção americana chegue a Europa para onde já está sendo encaminhada.

15. Permanece, apesar da gravidade da situação na frente russa, uma grande esperança e mesmo confiança de que os russos possam aguentar com a sua força militar intacta até o

próximo inverno, o que seria extremamente grave para os alemães e permitiria aos aliados desenvolverem a sua ação com mais segurança e preparo.

Aproveito o ensejo para reiterar a Vossa Excelência os protestos da minha respeitosa consideração.

Moniz de Aragão

A Sua Excelência o Senhor Embaixador Osvaldo Aranha
Ministro de Estado das Relações Exteriores

OFÍCIO • 30 JUL 1942 • AHI 28-2-8

[Índice:] A ofensiva aérea britânica.

N. 364

Embaixada dos Estados Unidos do Brasil
Londres, em 30 de julho de 1942.

Senhor Ministro,

O marechal do Ar, sir Arthur Harris, irradiou ontem um importante aviso aos alemães dizendo claramente que a guerra aérea entrou na sua fase de pleno desenvolvimento com um ritmo acelerado e que os aliados entendiam causar o máximo de destruição na Alemanha não deixando a menor tranquilidade ao senhor Hitler.

2. Sir Arthur Harris relembrou os feitos criminosos da Luftwaffe contra as populações civis; os noventa e dois bombardeios de Londres; os ataques incendiários contra Coventry, Plymouth, Liverpool, Southampton e em outras cidades britânicas operações que custaram a vida de 45.000 homens, mulheres e crianças.

3. Agora, porém, é a Real Força Aérea que bombardeia a Alemanha apesar das seguranças dadas pelo Marechal Goering, no começo da guerra.

4. Em Colônia, durante uma única noite, mil aviões de bombardeio destruíram uma terça parte da cidade.

5. Incursões aéreas gigantescas foram efetuadas na Rhur, na Rhenania, em Rostock e no porto de Emden.
6. Hamburgo, já várias vezes atacado pelos aviões britânicos, acaba de sofrer, durante três dias, consecutivos bombardeios terríveis.
7. Todas ES expedições diárias e noturnas dos ingleses acarretaram perdas materiais relativamente reduzidas não alcançando cinco por cento dos aparelhos utilizados.
8. O marechal do Ar acrescentou que esses fatos constituem apenas o começo das grandes operações que vão ser empreendidas, pois, as forças aéreas americanas estão afluindo na Grã-Bretanha e entrarão sem demora em ação, cooperando com a aviação britânica.
9. Dentro em breve, acrescentou o marechal Harris, nós iremos diariamente durante o dia e durante a noite, em qualquer tempo, destruir os centros vitais da Alemanha e iremos castigar o Reich pelos seus crimes, praticados não somente aqui como os que cometeram na Bélgica, Polônia, Iugoslávia e Noruega.
10. O Primeiro Ministro, senhor Churchill, almoçando nesta embaixada há dois dias, declarou-me que os alemães, tendo afirmado em 1940 o seu propósito de arrasar a Grã-Bretanha, cabe agora às Nações Unidas e principalmente a Real Força Aérea britânica, hoje forte e poderosa, destruir, como já vai fazendo, os principais centros industriais, militares, navais e aéreos do Reich.
11. Assim se prepara a gigantesca ofensiva aérea dos aliados que sem dúvida poderá ajudar de modo eficaz a Rússia e provoca uma desorganização e mesmo enfraquecimento da potência militar alemã com agravação d situação interna do Reich, habituado até agora a não sentir os rigores da guerra no seu solo.

Aproveito o ensejo para reiterar a Vossa Excelência os protestos de minha respeitosa consideração.

Moniz de Aragão

A Sua Excelência o Senhor Embaixador Osvaldo Aranha
Ministro de Estado das Relações Exteriores

OFÍCIO • 30 JUL 1942 • AHI 28-2-8

[Índice:] As operações militares na Rússia.

Embaixada dos Estados Unidos do Brasil

Londres, em 30 de julho de 1942.

Senhor Ministro,

A situação na frente russa agravou-se nas últimas quarenta e oito horas.

2. Apesar da feroz oposição dos exércitos vermelhos e graças à sua enorme superioridade em material e com o desprezo absoluto de perdas humanas os alemães conseguiram atravessar o baixo Don em vários lugares.
3. Para o desenvolvimento ulterior das operações, essa travessia do rio indicado poderá se tornar mais perigosa do que a perda do Rostov.
4. Não resta dúvida que na parte superior e média do Don, principalmente na região de Voronezh, o marechal imochenko conserva uma completa iniciativa e domina a situação e nas cercanias de Briansk e de Kalinine o general Zukhoff continua atacando os alemães com marcadas êxitos.
5. A "terra negra" e a bacia industrial do Donetz parecem momentaneamente perdidas; o Cáucaso e o Volga estão ameaçados tal como as comunicações da Rússia central, pondo em perigo o abastecimento em trigo, petróleo para o povo e para a indústria soviética.
6. Os russos continuam a salientar a superiores numérica em soldados em material dos alemães o que permite pensar que o marechal Timochenko não está ainda pronto e não se julga por enquanto preparado a travar uma batalha, reservando os seus reforços e suas possibilidades de manobra para o momento e local que julgue preferível e que tenha escolhido.
7. Acresce que o avanço alemão está obtido a custa de perdas enormes e se tomarmos por base as informações de origem russa as baixas verificadas entre os alemães no período compreendido entre 15 de maio último e 15 do corrente, atiniriam a cerca de 400.000 mortos.
8. O artigo do doutor Goebbels, que acaba de ser publicado no jornal "*Das Reich*", não deixa dúvida a respeito dessas perdas.
9. Retomando o tema das duas frentes, tratado pela primeira vez no dia 20 de junho último, pelo marechal Goering no discurso mais pessimista até agora pronunciado depois da declaração do Fuehrer de 26 de abril do corente ano feita no Reichstag, o senhor

Goebbels compara a psicologia e o moral da frente de batalha propriamente dita e os da retaguarda.

10. Ele falou aos soldados da frente e ficou surpreso de ver que eles ainda confiam na vitória completa e "se a frente combativa começar a duvidar tudo estará perdido".

11. O senhor Goebbels acrescentou "na frente a vitória aparece como uma necessidade política de caráter nacional. A frente de batalha conhece o inimigo e sabe qual o destino que nos ameaça".

12. Goebbels reconhece que a "concepção radical" que o soldado forma "da guerra, das suas origens, dos seus efeitos e dos seus fins provoca atritos na retaguarda".

13. É sob uma ameaça apenas velada que o artigo termina dizendo: "O olhar penetrante da frente nos observa e o vemos tanto nos olhos do soldado ferido como no do licenciado. Não devemos ver mais este olhar, pois, nele a grande guerra nos julga; a guerra que decidirá do nosso destino".

14. A maior das grandes batalhas da presente luta, como é chamada em Berlim, é a que von Bock está travando neste momento e constitui o esforço supremo e desesperado da Alemanha.

15. O tom do Ministro da Propaganda do Reich ao dirigir-se ao povo alemão não permite duvidar.

Aproveito o ensejo para reiterar a Vossa Excelência os protestos de minha respeitosa consideração.

Moniz de Aragão

A Sua Excelência o Senhor Embaixador Osvaldo Aranha
Ministro de Estado das Relações Exteriores

OFÍCIO • 01 AGO 1942 • AHI 28-2-8

[Índice:] Mês político nº 8

N. 374

Embaixada dos Estados Unidos do Brasil

Londres, em 01 de agosto de 1942.

Senhor Ministro,

A Sua Excelência o senhor secretário de Estado das Relações Exteriores, o embaixador do Brasil em Londres apresenta seus respeitosos cumprimentos e tem a honra de enviar, em anexo, o Relatório Político nº 8, relativo ao mês de julho, próximo passado.

Aproveito o ensejo para reiterar a Vossa Excelência os protestos de minha respeitosa consideração.

Moniz de Aragão

A Sua Excelência o Senhor Embaixador Osvaldo Aranha
Ministro de Estado das Relações Exteriores

[*Anexo*]

Emb. Londres/374/1942/anexo.

Mês político nº 8.

A situação militar das Nações Unidas é mais grave agora que em qualquer outra ocasião desde o verão de 1940, disse o "*Times*" em editorial de 29 de julho. Caiu Rostov e os exércitos alemães avançam sobre Stalingrad e o Volga. A campanha é vital não só para a Rússia, como para a causa das Nações Unidas. O atraso na ofensiva, que em vez de primavera foi de verão, não lhe diminuiu a intensidade.

Mas, não há razão para sermos demasiados pessimistas, disse em almoço, nesta embaixada (29 de julho), o senhor Winston Churchill.

A máquina militar alemã é ainda senão mais que nunca formidável. Devíamos contar com esta ofensiva em grande escala sobre a Rússia e que ela havia de alcançar grande avanço territorial, mas o fato de que ela está concentrada sobre um só ponto e que Moscou não seja visada é um sintoma favorável, quando se compara a posição deste ano com a do ano passado em que a ofensiva era sobre toda a frente e os alemães avançavam

sobre a capital, Leningrad e o Cáucaso. Há um ano ninguém acreditava, nenhum dos técnicos militares do governo admitia, que os russos pudessem resistir até o inverno e sobretudo havia o receio do colapso do governo ou da submissão da população. Hoje, como orgulhosamente manifestou Molotoff ao Primeiro Ministro, na sua recente visita a Londres, o patriotismo admirável dos russos, defendendo aferradamente o território nacional tinha sido uma inspiração para o governo, dando-lhe uma coragem e uma determinação a resistir a todo o transe o que não tinha acontecido, na guerra contra a Finlândia e até a última, conforme observou o senhor Churchill. No passado a Rússia jamais resistiu sozinha contra a Alemanha. Neste segundo ano de guerra ela estava lutando com mais entusiasmo que nunca, mas evidentemente as perdas territoriais e industriais pesavam sobre a eficiência do seu fator bélico. Assim, o Primeiro Ministro é agora de opinião que a guerra vai durar, bem mais que a passada, infelizmente. Embora o ataque não fosse tão temível quanto o ano passado, a máquina de guerra alemã nada perdeu da sua força, nem ele acredita que a Alemanha se renda da mesma maneira que então. Haverá, pois, que contar com uma guerra prolongada e feroz. As Nações Unidas, porém, haveriam de conduzi-la à vitória final, quaisquer que fossem as vitórias alemães e que a Inglaterra haveria de conduzi a ofensiva ao continente. Três anos de preparação aqui, graças ao erro de Hitler de marchar sobre a Rússia, e a contribuição cada dia mais poderosa dos Estados Unidos eram a garantia de que aquelas esmagarão finalmente o inimigo. Já a luta está travada no ar. A ofensiva aérea britânica, declarou o senhor Churchill, prosseguirá com crescente intensidade, e agora sem a precaução até há pouco mantida de poupar a população civil, exatamente como se exprimiu Air Marshall Harris no seu discurso do dia 28 ao povo alemão, pelo que estava certo de que os alemães, logo que puderem, voltarão a bombardear Londres e outras cidades inglesas com a mesma ferocidade do outono de 1940. Destas palavras se conclui que Churchill está convencido de que antes do inverno a Alemanha poderá transferir para este lado a intensidade do seu esforço militar. O Primeiro Ministro fez críticas severas à atitude da Finlândia cuja permanência na guerra não mais se justificava, pelo erro dos seus chefes militares, fascistas de coração, os quais impuseram sua vontade sobre o governo civil e democrático, e colocarão o país, malgrado as simpatias que a sua causa tivera entre os ingleses, em 1940, na barra dos criminosos.

Segundo se ouve dizer, altos chefes militares americanos e ingleses estão tendo conferências diárias com o senhor Churchill, inclusive o senhor William Bullitt, representante especial do Secretário da Marinha Frank Knox, para discutir problemas de

suprimentos à Rússia pela via do Mar Ártico, onde os comboios britânicos estão sendo insistentemente atacados por aviões e unidades navais alemãs. Outro tópico dessas conferências deve ser a "segunda frente" ou uma diversão que obrigue os alemães a desviarem forças do Oriente para o Ocidente. Não há dúvida sobre o anseio nacional pela segunda frente, anseio acolhido pelo Primeiro Ministro como "evidência do espírito militante e agressivo do país".

Mas há outros problemas que requerem solução. Acredita-se que seja eminente um ataque japonês sobre a Sibéria, calculando de modo a atacar a Rússia pelas costas, no momento em que a pressão alemã se tornar mais decisiva. Há dois meios, menos perigosos, em que as forças anglo-americanas podem auxiliar a Rússia em tal emergência. Como o ataque dos japoneses será desferido das ilhas Aleutias, recentemente conquistadas, o golpe Aliado deverá dirigir-se sobre elas para desalojá-los. O outro meio é suprir os chineses com mais aviões, que, em colaboração com a aviação estacionada na Índia, poderiam forçar o Japão a desviar sua força aérea.

O debate sobre a condução da guerra na Câmara dos Comuns foi pouco satisfatório, não tendo as discussões conduzido a resultados práticos, nem trazido à luz dos fatos ou indicações construtivos. As críticas não foram senão a repetição das anteriores. O Primeiro Ministro conseguiu esmagadora maioria, repetindo também argumentos conhecidos. O debate teve lugar porque uns quantos membros de todos os partidos não gostam de Churchill e opõem-se à sua liderança. Além desse antagonismo pessoal, a onda de emoção que a queda de Tobruk provocou em todo o país, obrigou os parlamentares a tomarem posição.

Sir John Wardlaw-Milne, que já tem tido discussões com o Primeiro Ministro como presidente do Comitê da Despesa Pública, julgou dever interpretar a inquietação nacional. Como a campanha no Egito ainda prosseguia indecisa, o voto foi prematuro e a ocasião mal escolhida. A queda de Tobruk não foi senão um incidente. Ninguém podia saber o que viria depois. Tão pouco o governo. O Primeiro Ministro e os membros do gabinete achavam-se tão ansiosos quanto os parlamentares. Assim, a votação em favor do senhor Churchill podia ter sido ditada por considerações de solidariedade, num momento em que a gravidade da situação impunha a união nacional. Na verdade, o governo cometeu erros e o senhor Churchill os confessa. Mas nenhum resultado teria tido sobre o resultado da batalha a decisão do Parlamento. Os críticos do Primeiro Ministro procuraram transferi-las de Tobruk para a questão da produção. Infelizmente o senhor Oliver Lyttelton não esteve à altura do momento e o senhor Churchill teve que admitir

com franqueza diversas falhas, mas indicou com habilidade a mesquinhez desses ataques, acusando-os de minarem a estabilidade do gabinete, em matéria de somenos relevância.

Segundo estatísticas recentes, os últimos acontecimentos diminuíram a confiança popular no governo, bem como sobre a pessoa do senhor Churchill. Sua popularidade baixou de 90% para 70%. Metade da população, segundo essas cifras, está dissatisfeita com a condução da guerra.

A situação na Índia passou por mais uma transformação, que, para melhor compreensão, requer uma recapitulação. Entre as duas guerras mundiais, foram feitas tentativas para resolver o problema hindu: as duas "Round Table Conferences" em Londres, a Comissão Simon, a promessa britânica da concessão do "status" de Domínio e o Decreto de 1935, que é um começo de realização dessa promessa. Finalmente, sir Stafford Cripps foi mandado à Índia para submeter propostas que eram a um tempo práticas e liberais, tendo empregado para o seu êxito grandes esforços e exemplar paciência. Tudo foi em vão. Os políticos hindus mantiveram-se aferrados às suas dissensões e a proposta fracassou: a responsabilidade não pode mais ser atribuída ao governo britânico. Como disse, na Câmara dos Lords, no dia 30, Lord Hardinge, antigo Vice-Rei, "quem conhece a Índia sabe que um acordo entre as diferentes raças e credos será impossível por muitos anos ainda". A proposta foi abandonada, mas o governo deixou a porta aberta para futuras tentativas de solução.

Nesta altura entre em cena o senhor Gandhi com uma proposta tragi-cômica. A instigações suas, o Comitê Executivo do Partido do Congresso adotou, a 14 de julho, *ad referendum* do seu "All India Committee", uma resolução exigindo a imediata retirada do domínio britânico da Índia, sob ameaça de um movimento de desobediência civil, autêntica sabotagem, caso não seja atendida. Isso quando o conquistador inimigo está às portas e que a posição da Inglaterra é a mais embaraçosa. Gandhi pensa poder afastar esse perigo mediante um apelo aos japoneses e, quanto aos dois outros parceiros do Eixo, acredita que com o despacho de missões a Berlim e Roma, obterá a paz. Não há na história da diplomacia passagem de maior ingenuidade. Pandit nehru, meio perplexo ante essa negação de bom senso, saiu-se do embaraço atacando as propostas de Cripps. A única explicação inteligível para o plano de Gandhi, é o seu transparente maquiavelismo para impor a vontade da maioria sobre os partidos dissidentes num país essencialmente de minorias. Da sua adoção resultaria a anarquia para a Índia e um inesperado serviço para os inimigos da liberdade, a que a Índia aspira. Como declarou o senhor Amery, secretário

da Índia, nos Comuns, afirmando o ponto de vista do governo, em resposta ao senhor Gandhi, "não se pode conceber maior desserviço à causa porque se batem as Nações Unidas e todo o mundo tem que repelir essa catástrofe, num dos teatros da guerra mais vitais". Assim, assegurou ele que "o governo da Índia não hesitará um minuto em tomar as medidas que a situação exigir", reiterando que o governo de Sua Majestade continua ligado às propostas transmitidas por Cripps.

A Liga Islâmica não deixou passar a ocasião sem repelir em linguagem enérgica o desafio que representa essa resolução do Congresso. O senhor Jinnah, presidente da Liga, declarou que a proposta do senhor Gandhi de modo algum poderia ser aceita, pois não passa de uma manobra para eliminar o projeto de Federação (Paquistão) pelo qual se bate o seu partido.

Depois de umas poucas sessões o Parlamento vai entrar nas férias de verão pelo espaço de um mês. Alguns membros quiseram propor a redução do prazo, mas o governo não é favorável a essa sugestão e o Primeiro Ministro julgou não dever fazer uma nova declaração sobre o progresso da guerra, recusando-se a discutir a situação militar mesmo em sessão secreta.

O Partido Laborista vai reunir-se nos primeiros dias de agosto para discutir a cisão criada pelo voto de 47 dos seus representantes na Câmara, sobre o recente aumento de meia coroa na pensão da velhice, em desobediência ao *leader*, senhor Greenwood, que havia aceito a promessa dada pelo ministro Bevin de estudar um possível suplemente na próxima legislatura. Foi esta uma rebelião, que embora não signifique uma deslealdade para com o governo ou para com os chefes do Partido, é, entretanto, uma quebra perigosa de disciplina, que está sendo fortemente criticada pela imprensa conservadora.

Moniz de Aragão

Redação do senhor ministro J. de Sousa Leão.

Índice: Partida do senhor Churchill para Moscou. Declarações vice-primeiro Ministro à Câmara dos Comuns.

Embaixada em Londres
À Secretaria de Estado das Relações Exteriores

263 – QUARTA – FEIRA – 16h.30 – Informo confidencialmente estar informado, de fonte autorizada, que o Primeiro Ministro deve ter partido anteontem de avião, secretamente, para Moscou, onde estaria em conferência de muita importância com Stalin, sobre assuntos militares, requerendo decisão imediata, sobre a abertura da segunda frente e a organização do comando militar único e sobre a situação na Índia. As declarações que deviam ser feitas pelo senhor Churchill, ontem, na Câmara dos Comuns, reunida inesperadamente em sessão secreta, foram prestadas pelo vice-primeiro Ministro que pediu à Câmara dos Comuns paciência até o regresso do Primeiro Ministro. O assunto está sendo mantido em segredo absoluto, esperando-se um comunicado oficial dentro em poucos dias. J.J. MONIZ DE ARAGÃO

v

OFÍCIO • 05 AGO 1942 • AHI 28-2-8

[Índice:] Renúncia britânica dos acordos de Munich.

N. 383

Embaixada dos Estados Unidos do Brasil
Londres, em 5 de agosto de 1942.

Senhor Ministro,

O senhor Anthony Eden, ministro dos Negócios Estrangeiros, anunciou ontem na Câmara dos Comuns ter procedido a uma troca de notas diplomáticas com o governo

tchecoslovaco instalado nesta capital e por esse ato oficial o acordo assinado em Munique em 30 de setembro de 1938 perdeu todo o seu valor tanto para a Grã-Bretanha como para a Tchecoslováquia.

2. Do texto dessas notas, que fazem objeto do Livro Branco hoje distribuído, e do qual junto dois exemplares, também se verifica que a regularização futura das fronteiras da República tchecoslovaca não ficará subordinada de qualquer forma ao acordo que acaba de ser anulado e de outros que a ele estavam ligados tal como o de Viena, concluído entre o Reich e a Itália.

3. Ao tomar essa decisão o governo britânico não faz senão chegar a uma conclusão lógica, determinada pela política seguida nos últimos dois anos em reação à Tchecoslováquia.

4. O senhor Eden, na nota dirigida ao Ministro dos Negócios Estrangeiros senhor J. Masaryk, recorda que em 18 de julho de 1940, o governo britânico reconheceu o Comitê Nacional tchecoslovaco como sendo de fato o governo provisório desse país e o senhor Eduard Benes na qualidade de presidente da República.

5. Dois meses mais tarde, em 30 de setembro, na ocasião do segundo aniversário do acordo de Munique o primeiro ministro britânico, em uma mensagem dirigida à Nação tchecoslovaca, depois de ter lembrado “o trágico sacrifício consentido então pela Tchecoslováquia no interesse da paz europeia”, constatava que os alemães tinham, eles próprios, destruído o acordo e acrescentou que “a Grã-Bretanha tinha adotado como um dos seus principais objetivos desta guerra o restabelecimento das liberdades do povo tchecoslovaco e a independência desse país”.

6. Assim, ficou preparado o terreno para a anulação prática do acordo de 30 de setembro de 1938, que fez objeto da correspondência trocada no dia 5 deste mês.

7. No intervalo o governo e o povo tchecoslovaco forneceram múltiplas provas de sua dedicação à causa comum e do seu amor aos princípios da colaboração internacional e da segurança coletiva.

8. No dia 11 de novembro de 1940, o governo tchecoslovaco concluía com a Polônia um acordo que liquidava um período de rivalidade e profundamente inamistoso e que abriu o caminho para uma íntima cooperação entre os dois Estados vizinhos igualmente vítimas do pan-germanismo hitleriano.

9. Em junho de 1941, o presidente Benes foi um dos primeiros a responder ao apelo que o senhor Churchill tinha dirigido a todos os aliados na noite da agressão alemã contra

a Rússia e no dia 18 de julho o governo soviético reatava as suas relações diplomáticas com o governo tchecoslovaco de Londres.

10. É também conhecida a parte que os aviadores e soldados tchecoslovacos têm tido na luta comum.

11. Quanto ao povo da Tchecoslováquia ele ocupou logo um lugar de honra no martírio que tem sido imposto pelos alemães às nações oprimidas e ontem na Câmara dos Comuns o senhor Eden também prestou uma sincera homenagem em nome do mundo civilizado ao seu heroísmo e tenacidade na defesa de sua liberdade.

12. Na resposta ao Ministro dos Negócios Estrangeiros britânico o senhor Masaryk enaltece a decisão tomada pelo Foreign Office considerando-a como um ato de justiça pelo qual foi anulada a sentença de morte proferida em Munique contra a Tchecoslováquia e assim agindo o governo britânico praticou um ato salutar.

13. Era necessário que o terreno da vitória e da paz dos aliados fosse purificado e que não permanecesse nenhum traço das concessões feitas em uma hora de ilusão e de fraqueza em face do nazismo agressivo então em marcha acelerada para obter o domínio universal.

14. A opinião pública britânica e a imprensa comentam com entusiasmo a decisão do governo britânico que adotam unanimemente julgando apenas alguns jornais que ela deveria ter sido tomada desde o ano de 1939, quando os alemães ocuparam Praga.

15. Como em tempo informei, por ofício e pelo telégrafo, o governo tchecoslovaco já foi reconhecido por todas as Nações Unidas e entre os países americanos figuram o México, Cuba e Uruguai além dos Estados Unidos.

16. Todas essas nações mantêm representações diplomáticas aqui em Londres junto ao governo do doutor Benes e como já tive ensejo de referir em outras ocasiões existe um grande desejo por parte desse Presidente de que o Brasil também acredite um seu representante, o que logo seria retribuído.

Aproveito o ensejo para reiterar a Vossa Excelência os protestos de minha respeitosa consideração.

Moniz de Aragão

A Sua Excelência o Senhor Embaixador Osvaldo Aranha
Ministro de Estado das Relações Exteriores

TELEGRAMA • 07 AGO.1942 • AHI 29/5/5

Índice: Conversações anglo-russo-americanas em Moscou. Impressão nos círculos políticos da Grã-Bretanha

Embaixada em Londres
À Secretaria de Estado das Relações Exteriores

270 – SEXTA-FEIRA – 16h.00 – Em aditamento ao meu telegrama nº 263. O assunto continua mantido em segredo absoluto, mas os círculos políticos estão ansiosos por conhecer o resultado das conversações em Moscou de que também participam os embaixadores americano aqui e o inglês, além de atlas patentes da marinha e do exército dos Estados Unidos da América e da Grã-Bretanha. A forma rápida de intensificar o auxílio militar a Rússia constitui uma das principais preocupações do senhor Churchill e do presidente Roosevelt, considerando-se que o recente e rápido êxito obtido pelos alemães na ala direita da frente russa torna grave a situação dos aliados, com o presente desenvolvimento das operações ameaçando a área ao norte do Cáucaso. Nestas condições, tornou-se de máxima importância a urgente e íntima colaboração e consulta pessoal entre Staline e o senhor Churchill e os técnicos militares responsáveis pela tática e estratégia a serem combinadas sem demora entre o Supremo Conselho de Guerra em Moscou e as autoridades responsáveis pela direção militar anglo-americana. Da conferência resultará, certamente, a decisão sobre a oportunidade e a possibilidade da abertura de segunda frente, o que a Rússia deseja imediatamente e os aliados preferem seja na próxima primavera. MONIZ DE ARAGÃO

TELEGRAMA • 08 AGO.1942 • AHI 29/5/5

Índice: Operação embaixador Moniz de Aragão.

Embaixada em Londres
À Secretaria de Estado das Relações Exteriores

272 – SEGUNDA-FEIRA – 12h.00 – Atacado de crise de apendicite, fui operado em condições satisfatórias. MONIZ DE ARAGÃO

OFÍCIO • 10 AGO 1942 • AHI 28-2-8

[Índice:] Dívida externa brasileira.

N. 392

Embaixada dos Estados Unidos do Brasil

Londres, em 10 de agosto de 1942.

Senhor Ministro,

Em aditamento ao ofício nº 357, de 27 de julho último, tenho a honra de remeter a Vossa Excelência, nos inclusos recortes, mais dois artigos, sendo um editorial, publicados pelo *Financial Times*¹⁶, a respeito da dívida externa brasileira.

Aproveito o ensejo para reiterar a Vossa Excelência os protestos de minha respeitosa consideração.

Moniz de Aragão

A Sua Excelência o Senhor Embaixador Osvaldo Aranha

Ministro de Estado das Relações Exteriores

OFÍCIO • 10 AGO 1942 • AHI 28-2-8

¹⁶ Recorte não fotografado.

[Índice:] Artigo do *Times* sobre a América Latina.

N. 397

Embaixada dos Estados Unidos do Brasil
Londres, em 10 de agosto de 1942.

Senhor Ministro,

A título de informação e em aditamento ao meu ofício nº 340, tenho a honra de passar às mãos de Vossa Excelência o interessante artigo, aparecido hoje, do correspondente do *Times* em Buenos Aires, intitulado "Latin America since Rio", em que a atitude da Argentina e do Chile e os perigos de isolamento são examinados à luz dos últimos acontecimentos.

2. No mesmo número, apareceu um editorial sobre a Argentina, a propósito das desculpas apresentadas pela Câmara de Deputados argentina pelo assalto de que foi vítima o senhor Waldo Frank em Buenos Aires, em que o *Times* diz que, embora as simpatias do povo argentino sejam pelas Nações Unidas, o governo hesita entre os azares da guerra e as vantagens de uma precária neutralidade, tornada cada vez mais difícil por atos dos próprios países do Eixo.

Aproveito o ensejo para reiterar a Vossa Excelência os protestos de minha respeitosa consideração.

Moniz de Aragão

A Sua Excelência o Senhor Embaixador Osvaldo Aranha
Ministro de Estado das Relações Exteriores

[Anexo]: Recorte do *Times*. "Latin America Since Rio". 10/08/1942.

v

TELEGRAMA • 12 AGO. 1942 • AHI 30/1/2

Índice: Utilização, pelo Brasil, de libras esterlinas da conta do Banco de Inglaterra para compra [*de*] produtos argentinos.

Secretaria de Estado das Relações Exteriores
À Embaixada em Londres

150 – 12 AGOSTO 1942 – Resposta ao telegrama n. 253. O governo argentino, que é hoje devedor de regular soma ao do Brasil, resultante do intercâmbio comercial, propor verbalmente pagar parte da dívida em esterlinas. O assunto está em estudos no Ministério da fazenda. Vossa Excelência será informado do andamento das negociações.
EXTERIORES

v

TELEGRAMA • 17 AGO 1942 • AHI 29/5/5

Índice: Proibição exportação carnes brasileiras.

Embaixada em Londres
À Secretaria de Estado das Relações Exteriores

279 – SEGUNDA-FEIRA – 12h.30 – Agradeceria confirmação urgente das notícias aqui divulgadas sobre o Decreto federal proibindo a produção de carne frigorificada e carne em conserva para exportação durante 60 dias, a começar de 1º de setembro. Fomos consultados sobre se a medida afetar a exportação das nossas mercadorias já prontas para embarque. J.J. MONIZ DE ARAGÃO

v

TELEGRAMA¹⁷ • 17 AGO. 1942 • AHI 30/1/2

Índice: Troca de funcionários diplomáticos e consulares.

EM CIFRA

Secretaria de Estado das Relações Exteriores

¹⁷ Anotação à caneta na margem superior esquerda: “Para expedir sem falta. P. h. V.”

À Embaixada em Londres

156 – 17 AGOSTO 1942 – URGENTE – Os vapores *Cuiabá* e o *Bagé* estão prontos para partir para Lisboa levando os ex-embaixadores alemão e italiano e o ministro húngaro, o restante dos funcionários que aqui permaneceram e particulares todos munidos com salvo-conduto das autoridades britânicas e norte-americanas. Entretanto ambos os embaixadores se recusam terminantemente a embarcarem se os governos britânico e americano não concederem o salvo-conduto para os navios nas mesmas condições em que foram dados para o *Siqueira Campos* e *Bagé* na viagem com que levaram, em maio último, a Lisboa os primeiros grupos de funcionários alemães e italianos. Rogo Vossência explicar a esse governo que o único obstáculo que opõe a partida é a recusa da embaixada britânica aqui em conceder esse documento que a embaixada norte-americana aqui já concordou em facilitar, bem como a única razão de nosso interesse é de liberar o embaixador brasileiro retido em Baden-Baden e o encarregado de Negócios em Roma. Rogo Vossência se empenhar com toda a urgência em demover esse governo da sua decisão, assegurando ser esta a última partida em tais condições. EXTERIORES

v

OFÍCIO • 17 AGO 1942 • AHI 28-2-8

[Índice:] Agentes nazistas na América.

N. 405

Embaixada dos Estados Unidos do Brasil
Londres, em 17 de agosto de 1942.

Senhor Ministro,

O *Times* de hoje publicou uma correspondência de Washington sobre a campanha de sabotagem e espionagem nazista na América. O "Federal Bureau of Investigation" já prendeu 10.000 estrangeiros, a metade dos quais japoneses, um terço alemães e o resto italianos, pelo que não têm havido maiores depredações pela Quinta Coluna, mas o problema dos submarinos continua a preocupar, acreditando-se que estes recebam informações de terra. A propósito, diz o correspondente, a imprensa brasileira tem alegado que alguns portos, na Martinica e na Guiana Francesa, estão sendo frequentados pelos submarinos. Menciona ainda, em corroboração, a organização chefiada por um

George Gough, comerciante nas Honduras britânicas, "bootlegger", que empregava dez veleiros rápidos no suprimento clandestino dos submarinos no Mar Caribe, como foi contatado pelo serviço de contra-espionagem americano.

2. Comentando as revelações deste artigo, o referido jornal, em editorial que incluiu juntamente com o artigo do correspondente, diz que o desapontamento dos alemães na América Latina não tem sido menor do que na América do Norte, com a "German-American Bund". Desde a subida ao poder o partido Nazista procurou arregimentar a comunidade alemã no Brasil e o plano tinha tido êxito até a intervenção magistral do Presidente Vargas, que soube fazer impor a unidade e a independência da maior das repúblicas sul-americanas. Até a colônia italiana voltou-se contra o fascismo, como se constata da imponente demonstração dos Italianos Livres, em Montevideú, prestando colaboração ainda menos apreciável que a Falange Espanhola. Felizmente, conclui o *Times*, em mais de um país surgiram estadistas de energia e clarividência suficientes para perceberem a transitoriedade dos presentes triunfos alemães.

Aproveito o ensejo para reiterar a Vossa Excelência os protestos de minha respeitosa consideração.

Moniz de Aragão

A Sua Excelência o Senhor Embaixador Osvaldo Aranha
Ministro de Estado das Relações Exteriores

v

TELEGRAMA • 18 AGO 1942 • AHI 29/5/5

Índice: Proibição exportação carnes brasileiras

À Embaixada em Londres
À Secretaria de Estado das Relações Exteriores

285 – TERÇA-FEIRA – 17h.15 – Em aditamento ao meu telegrama nº 279. O Ministério da Alimentação espera que se não ignorará, no decreto em questão, a

exportação, durante setembro, de carnes preparadas anteriormente a 1º de setembro. Informa que reservou praça, no próximo mês para 2.637 toneladas de carne frigorificada e 11.000 de carnes em conserva a serem embarcadas em Santos e no Rio de Janeiro. Lembro que as mencionadas quantidades são parte integrante do contrato global deste ano com aquele Ministério. "Wilson" e, bem assim, o "Frigorífico Anglo" julgam que a medida desarticulará a distribuição normal do gado apropriado, disponível, para a execução do contrato, a qual permita-me ponderar, é essencial para o prestígio do Brasil e a manutenção da posição adquirida, desde a guerra, neste mercado, relativamente à carne. EXTERIORES

TELEGRAMA • 19 AGO. 1942 • AHI 29/5/5

Índice: Proibição exportação carnes brasileiras

Embaixada em Londres
À Secretaria de Estado das Relações Exteriores

285 – TERÇA-FEIRA – 17h.15 – Em aditamento ao meu telegrama nº 279. O ministério da alimentação espera que se não ignorará, no decreto em questão, a exportação, durante setembro, de carnes preparadas anteriormente a 1º de setembro. Informa que reservou praça, no próximo mês, para 2.637 toneladas de carne frigorificada e 11.000 de carnes em conserva a serem embarcadas em Santos e no Rio de Janeiro. Lembro que as mencionadas quantidades são parte integrantes do contrato global deste ano com aquele Ministério. "Wilson" e, bem assim, o "Frigorífico Anglo" julgam que a medida desarticulará a distribuição normal do gado apropriado, disponível, para a execução do contrato, a qual permita-me ponderar, é essencial para o prestígio do Brasil e a manutenção da posição adquirida, desde a guerra, neste mercado, relativamente à carne. MONIZ DE ARAGÃO

TELEGRAMA • 19 AGO 1942 • AHI 29/5/5

Índice: Conversações anglo-russo-americanas em Moscou. Comunicado inglês.

Embaixada em Londres
À Secretaria de Estado das Relações Exteriores

283 – TERÇA-FEIRA – 18h.00 – Aditamento ao meu telegrama nº 270. Foi divulgado o comunicado sobre a Conferência de Moscou com a participação do senhor Churchill, conforme já comuniquei. O senhor Churchill passou pelo Egito, a fim de conferenciar com os chefes militares e o general De Gaulle. As conversações do chefe do governo abrangeram todos os aspectos da presente guerra. O comunicado indica que foram obtidos diversos acordos relativamente à estratégia a ser adotada contra os países do Eixo. Foi reiterada a firme deliberação dos governos aliados no prosseguimento da luta, com todos os elementos de que dispõem, até a completa destruição do inimigo. Toda a imprensa salienta o perfeito entendimento anglo-russo-americano, julgando que as medidas adotadas marcarão grande passo para a futura direção da guerra, reforçando a resistência das Nações aliadas e permitindo mais energia por parte das unidades de comando, principalmente na fase atual, considerada crítica, devendo durar algum tempo. A abertura da segunda frente e a intensificação imediata do auxílio à Rússia foram as matérias principais discutidas. MONIZ DE ARAGÃO

TELEGRAMA • 19 AGO. 1942 • AHI 30/1/2

Índice: Proibição de exportação de carnes brasileiras.

Secretaria de Estado das Relações Exteriores
À Embaixada em Londres

159 – 19 AGOSTO 1942 – Resposta aos seus telegramas números 279 e 285. Há dois decretos sobre o assunto: um, que proíbe a frigorificação ou a industrialização da carne de bovino, para fins de exportação, pelos estabelecimentos situados apenas nos estados do Rio de Janeiro e São Paulo, dentro do prazo de 60 dias que, entretanto, a critério do governo, poderá ser prorrogado ou reduzido; outro, que obriga os estabelecimentos industriais de abatimento de gado para exportação, em todo o país, a atender às requisições de carne que lhes forem feitas pelas prefeituras para consumo local. As medidas em ambos previstas entrarão em vigor a partir de 1º de setembro próximo, visam assegurar o abastecimento de carne à população do país e não afetam a exportação das mercadorias já prontas para embarque até 30 do corrente. O governo do Brasil tratará de acautelar os interesses do comércio exterior brasileiro, limitando-lhe ao mínimo possível os prejuízos que, porventura, se tornarem necessários. EXTERIORES

Expedido em 19 de agosto de 1942 via Western.

TELEGRAMA • 20 AGO. 1942 • AHI 29/5/5

Índice: Torpedeamento navios brasileiros. Condolências governo britânico.

Embaixada em Londres
À Secretaria de Estado das Relações Exteriores

289 – QUINTA FEIRA – 18h.00 – O ministro das relações exteriores convocou-me ao Foreign Office. Por estar retido na clínica, compareceu o conselheiro da embaixada, dele recebendo os pêsames do governo britânico pelo afundamento dos navios e perdas de vidas brasileiras. MONIZ DE ARAGÃO

TELEGRAMA • 20 AGO 1942 • AHI 29/5/5

Índice: Proibição exportação carnes brasileiras

Embaixada em Londres
À Secretaria de Estado das Relações Exteriores

290 – QUINTA-FEIRA – 19h.15 – Aditamento ao meu telegrama nº 285 e referência ao telegrama de vossa Excelência nº 159. Os representantes aqui das firmas "Wilson", "Anglo" e "Amour" acabam de enviar-nos uma carta coletiva, salientando que, a não ser que sofram modificações, os decretos afetarão seriamente o cumprimento do contrato com o Ministério da Alimentação. Esclarecem que, embora o prazo nominal para a terminação do contrato seja a 31 de agosto, na prática sobra sempre uma quantidade que é preparada e embarcada depois. No corrente ano, o saldo da carne ainda não preparada e que não estará pronto antes do fim do mês, será substancial. A falta integral da execução do contrato acarretará, na sua opinião, grandes prejuízos aos Brasil, agora e para o futuro. Referiam-se ao vulto das praças reservadas para setembro. Rogo a vossa Excelência que procure obter, com urgência, o reexame da questão, afim de salvaguardar o cumprimento total do contrato, assegurando reservas para os saldos, que serão especificados pelos frigoríficos, sob pena de ficar o nosso país em posição insustentável para negociações

futuras e exposto a explorações fáceis por parte dos países concurrentes. MONIZ DE ARAGÃO

OFÍCIO • 20 AGO 1942 • AHI 28-2-8

[Índice:]A Conferência de Moscou.

N. 414

Embaixada dos Estados Unidos do Brasil
Londres, em 20 de agosto de 1942.

Senhor Ministro,

O encontro entre os senhores Churchill e Stalin constitui um acontecimento histórico.

2. Por duas vezes o Ministro dos Negócios Estrangeiros da Grã-Bretanha, senhor Eden, tinha visitado Moscou depois do ataque alemão.

3. É porém a primeira vez que o Primeiro Ministro pessoalmente vai à Rússia e no momento em que os aliados resolveram dar uma solução concreta aos problemas de coordenação de seus esforços e de sua ação na atual luta.

4. Nesse sentido a presença do senhor Churchill para participar das conversas de Moscou, além de um representante pessoal do Presidente Roosevelt, constitui uma resposta à visita que o Vice- Presidente do Conselho dos Comissários russo tinha feito ao senhor Churchill e ao presidente americano no mês de maio último.

5. Naquela ocasião foi assinada em Londres a aliança anglo-russa e foi divulgado o comunicado anglo-russo-americano de Washington referente à abertura de uma segunda frente em 1942.

6. A significação da presença do senhor Churchill nas conversas de Moscou é tão evidente que não permite fazer mistérios a respeito.

7. A tarefa urgente de criar uma segunda frente em 1942 foi reconhecida anteriormente e evidentemente uma questão dessa importância e gravidade deve ser submetida a uma discussão e exame completo, franco e livre entre as potências unidas.

8. A Rússia é tanto ou quase diretamente interessada quanto os britânicos e americanos, sendo essencial para ela como para a Grã-Bretanha e para os Estados Unidos que no momento da abertura de uma segunda frente exista um máximo de força, de eficácia e de probabilidade de êxito.
9. É evidente que o assalto devia ser realizado no momento mais oportuno e não vir tarde ou muito cedo.
10. Por mais grave que seja atualmente a situação na Rússia do sul, trata-se entretanto de uma ofensiva secundária com objetivos relativamente limitados.
11. Os alemães não estão empregando senão uma parte de sua força e os russos conservam o grosso dos seus exércitos intacto devendo ser acrescentado que a maneira pela qual os russos afrentaram em Voronezh e Stalingrad mostra que a ofensiva alemã é longe de poder ser considerada como total.
12. O senhor Churchill naturalmente discutiu todos esses assuntos com Stalin e os termos do comunicado final demonstram que o acordo foi completo e que os aliados decidiram passar à ação sem perda de tempo.
13. A participação nas conversas Churchill-Herriman-Stalin, dos generais Wavell e Alan Brooke e do general Voroshilov marca o caráter militar das questões tratadas no decurso dessa memorável conferência que de fato deve ser considerada como um verdadeiro conselho de guerra anglo-americano-russo.
14. Certas informações lançadas tendenciosamente pela propaganda de Berlim tentavam desde algum tempo fazer crer que as relações entre Londres e Washington com Moscou atravessavam uma crise e que os governos americano e britânico recuavam diante dos seus compromissos com a União Soviética.
15. As entrevistas realizadas agora e os termos do comunicado oficial demonstram, como disse, ter sido realizado o mais completo acordo.
16. Há três semanas o ministro Lyttelton falava dos oitenta dias de lutas decisivas e de dificuldades que os aliados deviam enfrentar.
17. Hoje Hitler dispõe apenas de dois meses para alcançar os resultados decisivos que ambiciona.
18. O mundo inteiro e os próprios alemães já verificaram que o exército russo está intacto que suas reservas estratégicas não foram ainda utilizadas. Os ingleses e os americanos por seu lado estão apenas no começo do seu esforço bélico e o Alto Comando alemão busca em vão adivinhar o momento e o local onde se produzirá a ofensiva aliada.

19. As notícias sobre a Conferência aqui divulgadas causaram grande satisfação sendo unanimemente comentada pela imprensa com entusiasmo.

20. Os observadores políticos acham particularmente encorajante a afirmação contida no comunidade de que "os três governos, britânico, russo e americano, estão decididos a combater com toda a força, toda a energia, até a completa destruição do hitlerismo".

21. A confiança geral foi reforçada e todos estão certos que as decisões tomadas pelos senhores Churchill e Stalin permitirão alcançar tais objetivos.

22. Em tempo informei a Vossa Excelência pelo telégrafo logo que me foi dado saber da partida secreta do senhor Churchill para Moscou.

Aproveito o ensejo para reiterar a Vossa Excelência os protestos de minha respeitosa consideração.

Moniz de Aragão

A Sua Excelência o Senhor Embaixador Osvaldo Aranha
Ministro de Estado das Relações Exteriores

OFÍCIO • 20 AGO 1942 • AHI 28-2-8

[Índice:] Exposição propaganda Brasil.

N.

Embaixada dos Estados Unidos do Brasil
Londres, em 20 de agosto de 1942.

Senhor Ministro,

Tenho a honra de informar Vossa Excelência que o *British Council* resolveu organizar e patrocinar, nesta capital, uma exposição referente a artes e coisas do Brasil, nomeando o senhor Eric Church, da Sociedade Brasileira de Cultura Inglesa, no Rio de Janeiro, como seu representante encarregado de conseguir, das instituições e dos artistas brasileiros, o material destinado ao referido certamen.

2. Muito agradecerá Vossa Excelência a gentileza de mandar por à disposição do senhor Eric Church o material que essa Secretaria de Estado puder fornecer para o melhor êxito de sua missão, que visa de perto os interesses de propaganda do nosso país.

3. Dada a importância que terá essa exposição, parece-me que seria de bom alvitra que essa Secretaria angariasse a colaboração, por todos os títulos valiosa, do Departamento de Imprensa e Propaganda.

Aproveito o ensejo para reiterar a Vossa Excelência os protestos de minha respeitosa consideração.

Moniz de Aragão

A Sua Excelência o Senhor Embaixador Osvaldo Aranha
Ministro de Estado das Relações Exteriores

TELEGRAMA • 21 AGO. 1942 • AHI 29/5/5

Índice: Proibição exportação carnes brasileiras

Embaixada em Londres
À Secretaria de Estado das Relações Exteriores

290 – QUINTA FEIRA – 19h.15 – Aditamento ao meu telegrama nº 285 e referência ao telegrama de vossa Excelência nº 159. Os representantes aqui das firmas "Wilson", "Anglo" e "Amour" acabam de enviar-nos uma carta coletiva, salientando que, a não ser que sofram modificações, os decretos afetarão seriamente o cumprimento do contrato com o Ministério da Alimentação. Esclarecem que, embora o prazo nominal para a terminação do contrato seja a 31 de agosto, na prática sobra sempre uma quantidade que é preparada e embarcada depois. No corrente ano, o saldo da carne ainda não preparada e que não estará pronto antes do fim do mês, será substancial. A falta integral da execução do contrato acarretará, na sua opinião, grandes prejuízos aos Brasil, agora e para o futuro. Referiam-se ao vulto das praças reservadas para setembro. Rogo a vossa Excelência que procure obter, com urgência, o reexame da questão, afim de salvaguardar o cumprimento total do contrato, assegurando reservas para os saldos, que serão especificados pelos frigoríficos, sob pena de ficar o nosso país em posição insustentável para negociações futuras e exposto a explorações fáceis por parte dos países concorrentes. MONIZ DE ARAGÃO

TELEGRAMA • 23 AGO 1942 • AHI 29/5/5

Índice: Declaração estado guerra do Brasil com Alemanha e Itália - Solidariedade funcionários diplomáticos e consulares na Inglaterra.

Embaixada em Londres
À Secretaria de Estado das Relações Exteriores

291 – DOMINGO – 12h.15 – Rogo a Vossa Excelência transmitir ao senhor presidente da República e aceitar pessoalmente os protestos de solidariedade que fazemos, o pessoal desta embaixada e dos consulados neste país, em face dos graves momentos que estamos atrevesando. Pedimos todos ao Governo brasileiro dispor dos nossos empréstimos incondicionalmente, como melhor julgar, para a defesa da Pátria. J.J. MONIZ DE ARAGÃO

TELEGRAMA • 23 AGO. 1942 • AHI 29/5/5

Índice: Comentários imprensa e rádio Grã-Bretanha sobre declaração estado guerra do Brasil com Alemanha e Itália

Embaixada em Londres
À Secretaria de Estado das Relações Exteriores

292 – DOMINGO – 12h.30 – Todos os jornais desta manhã e as irradiações das últimas 24 horas tratam longamente da decisão do Governo do Brasil em aceitar o estado de guerra com a Alemanha e a Itália, repelindo a agressão à soberania brasileira. A atitude corajosa e espontânea do nosso Governo produziu profunda impressão em todos os círculos, sendo objeto de elogiosos comentários do porta-voz da colaboração do Brasil no esforço de guerra com os aliados e a repercussão extraordinária que terá nossa atitude em todo o Continente americano. J.J. MONIZ DE ARAGÃO

Exteriores

TELEGRAMA • 23 AGO. 1942 • AHI 29/5/5

Índice: Comunicação do Brasil ao governo inglês sobre a declaração estado de guerra com Alemanha e Itália

Embaixada em Londres
À Secretaria de Estado das Relações Exteriores

293 - DOMINGO - 20h.00 – A nota, de acordo com a circular nº 1646, foi entregue hoje de tarde ao sub secretário de Estado na ausência do secretário de Estado que me manifestou a grande satisfação deste governo pela resposta ativa que o governo brasileiro

deu à agressão não provocada, aceitando os riscos da beligerância e não faltando com as suas tradições. Apreciou a colaboração que o Brasil vem prestando à causa das nações aliadas, certo de que esta será da máxima relevância para a vitória final. MONIZ DE ARAGÃO

OFÍCIO • 26 AGO 1942 • AHI 28-2-8

[Índice:] Repercussão declaração guerra Brasil imprensa inglesa.

N. 422

Embaixada dos Estados Unidos do Brasil
Londres, em 26 de agosto de 1942.

Senhor Ministro,

Tenho a honra de levar ao conhecimento de Vossa Excelência que a declaração de guerra do Brasil contra a Alemanha e a Itália tem repercutido entusiasticamente em todos os círculos sociais ingleses.

2. Toda a imprensa, através de artigos elogiosos, vem aplaudindo a atitude do governo brasileiro que reafirmou as tradições de dignidade e de coragem do nosso país.
3. Passo às mãos de Vossa Excelência, em anexo, alguns dos artigos mais interessantes aparecidos nestes últimos dias¹⁸.

Aproveito o ensejo para reiterar a Vossa Excelência os protestos de minha respeitosa consideração.

Moniz de Aragão

A Sua Excelência o Senhor Embaixador Osvaldo Aranha
Ministro de Estado das Relações Exteriores

¹⁸ Anexos não fotografados.

ⁱ O ofício não traz o anexo citado.

ⁱⁱ Só foi transcrito um trecho do recorte de jornal.